

ALICE A. BAILEY

MIRAGEM: UM PROBLEMA MUNDIAL

Título do original em inglês:
Glamour: a World Problem

Tradução: Núcleo Aquariano Brasil

1ª edição digital em português, julho de 2024

ÍNDICE

Nota dos Editores	2
Esclarecimentos Preliminares	2
Capítulo 1 – A Natureza da Miragem	16
Capítulo 2 – As Causas da Miragem	50
Capítulo 3 – O Fim da Miragem	84
Capítulo 4 – A Técnica da Fusão	137
Tabela Aspectos da Miragem	141
Tabela das páginas 59-60	142

NOTA DOS EDITORES

No livro *Discipulado na Nova Era*, Volumes I e II, determinadas instruções pessoais dadas pelo Tibetano a um grupo de discípulos foram levadas a público. Referidas instruções, ao lado de certos ensinamentos esotéricos, foram publicadas por Alice A. Bailey, com a autorização dos discípulos envolvidos, em 1944.

Manuscritos inéditos contendo instruções adicionais e ensinamentos esotéricos concluídos pela Sra. Bailey estão agora disponíveis. Este texto foi escrito gradualmente durante um período de nove anos, de 1935 a 1944.

O texto do *Miragem: Um Problema Mundial* faz referências, em várias partes, a este mesmo grupo de discípulos.

O presente volume inclui certas formas de trabalho de grupo em meditação devido ao seu valor informativo e porque ilustram o valor prático do ensinamento ministrado. Contudo, o leitor deveria reconhecer que meditações adequadas para propósitos grupais especiais de maneira geral não são tão eficazes quando usadas como exercício individual.

A potência de um grupo integrado composto por discípulos que têm uma visão comum e um propósito grupal estabelecido é muito grande e pode ser de real serviço à humanidade. As recentes técnicas aquarianas incluem essas iniciativas de grupo. Os escritos publicados pelo Tibetano e Alice A. Bailey oferecem informações para experimentação sábia e útil no trabalho de grupo que é empreendido como um serviço espiritual para o mundo e não como um meio de desenvolvimento espiritual do aspirante individual.

Uma ação de grupo desta ordem, na qual se entra voluntariamente, quando não dominada pelo controle de uma chefia autocrática, e se empreendida com a devida humildade e cautela, é muito desejável no tempo presente. Referida ação deve ser reconhecida como empreendimentos experimentais pioneiros.

Grupos desse tipo já apareceram em diversas partes do mundo e podem muito bem contribuir para o êxito do trabalho do Novo Grupo de Servidores do Mundo. Os livros *Tratado sobre a Magia Branca* e *Tratado sobre os Sete Raios*, Volume II contêm informações sobre este grupo mundial de servidores.

FOSTER BAILEY, julho de 1950 ¹

ESCLARECIMENTOS PRELIMINARES

Todos os grupos envolvidos no trabalho esotérico têm seu próprio darma ou dever e todos têm seu objetivo característico. Para que vocês possam visualizar com clareza o que, como aspirantes ao discipulado, têm que fazer, e assim cooperar de maneira inteligente, vou expor o propósito de maneira concisa:

¹ N. do T.: Como explicou o Sr. F. Bailey, muito do exposto neste livro é oriundo de instruções pessoais aos discípulos, depois reunidas no livro *Discipulado na Nova Era*. Para facilitar nossa leitura e não personalizar, optamos por substituir “você” (o estudante específico) por “vocês”, dado o público geral a que esta obra se destina.

Darma significa dever ou obrigação e é sua precisa e específica obrigação desenvolver a intuição. O estudo dos símbolos pode ser o meio ou método de atingir este desenvolvimento.

Pediria a vocês que observassem que uma generalização referente à intuição e tentativas de defini-la são muito comuns, mas uma real apreciação sobre ela é bastante rara.

Médicos e cientistas nos dizem que milhares de células do cérebro humano ainda estão adormecidas e que, em consequência, o ser humano comum usa apenas uma pequena parte do seu instrumental. A região do cérebro que se encontra em torno da glândula pineal é a que está conectada com a intuição, e são essas células que devem ser ativadas para que possa haver uma percepção intuitiva real que, quando desperta, manifestará o controle da alma, a iluminação espiritual, o verdadeiro entendimento psicológico dos semelhantes e um desenvolvimento do real sentido esotérico, que é o objetivo diante de vocês neste momento.

Gostaria de dividir o que tenho a dizer em três partes, e peço com insistência um minucioso estudo das minhas palavras:

I. Procurarei definir a intuição para vocês.

II. Tratarei do modo de desenvolvê-la pelo estudo da simbologia.

III. Encerrarei com instruções específicas sobre um modo prático de proceder.

Se vocês então acharem esses artigos difíceis de entender e reagirem de maneira lenta, devem manter em mente que isso indica a sua necessidade deste estudo e de corroborar o que estou lhes dizendo. Se considerarem seriamente comigo o que a intuição não é, acho que minhas palavras encontrarão uma resposta interna em vocês.

1. DEFINIÇÃO DA INTUIÇÃO

A intuição não é uma emanção de amor para os outros e, portanto, um entendimento que se possa ter deles. Muito do que se chama de intuição é o reconhecimento de semelhanças e a posse de uma mente clara e analítica. As pessoas inteligentes que viveram no mundo um certo tempo, que vivenciaram muito e tiveram contato com muitas outras pessoas podem, de maneira geral, discernir com facilidade os problemas e as disposições dos outros, desde que isso lhes interesse. Porém, não devem confundir essa faculdade com a intuição.

A intuição não tem nenhuma relação com o psiquismo, seja superior ou inferior. Ter uma visão, ouvir a Voz do Silêncio, uma reação prazerosa ao ensinamento de qualquer tipo não significa que a intuição esteja atuando. Não se trata de ver símbolos, pois isto é um tipo especial de percepção e a capacidade de se sintonizar com a Mente Universal naquele estrato de sua atividade que produz as formas-padrão nas quais todos os corpos etéricos se baseiam. Intuição não é psicologia inteligente nem o desejo amoroso de ajudar. Ela emana da interação entre a personalidade, regida por uma forte orientação da alma, e a alma consciente do grupo.

A Intuição é a compreensão sintética, que é prerrogativa da alma, e só se torna possível quando a alma, em seu próprio nível, segue em duas direções: para a Mônada e para a

personalidade integrada e, talvez (ainda que apenas temporariamente) coordenada e unificada. É o primeiro indício de uma profunda unificação subjetiva que chegará à consumação na terceira iniciação.

A intuição é uma captação abrangente do princípio da universalidade; quando está atuando é, pelo menos temporariamente, uma completa perda do sentido de separatividade. Em seu ponto mais elevado, é reconhecida como aquele Amor Universal que não tem relação com sentimento nem com reação afetiva, mas que se identifica com todos os seres. Conhece-se então a verdadeira compaixão; criticar se torna impossível. Somente então se vê o germe divino como latente em todas as formas.

Intuição é a própria luz e, quando está em atuação, vê-se o mundo como luz e os corpos de luz de todas as formas tornam-se gradualmente aparentes. Isto traz consigo a capacidade de entrar em contato com o centro de luz de todas as formas, estabelecendo-se assim também uma relação essencial e o sentido de superioridade e separatividade recuam para segundo plano.

A intuição, portanto, ao surgir, traz três qualidades:

Iluminação. Por iluminação não me refiro à luz na cabeça, que é incidental e fenomênica; muitas pessoas verdadeiramente intuitivas desconhecem por completo esta luz. A luz a que me refiro é aquela que irradia o Caminho. É “a luz do intelecto” que significa realmente o que ilumina a mente e pode se refletir no mecanismo mental quando se mantém “firme na luz”. É a “Luz do Mundo”, uma realidade eternamente existente, mas que só pode ser descoberta quando a luz interna individual é reconhecida como tal. É a “Luz das Eras” que brilha cada vez mais até que o Dia esteja conosco. Intuição, portanto, é reconhecer internamente, por experiência própria e não em teoria, a nossa completa identificação com a Mente Universal, que somos parte integrante da grande Vida do Mundo e que participamos da Existência que persiste eternamente.

Compreensão. Deve ser apreciada em seu sentido literal como aquilo que “é subjacente” à totalidade das formas. Implica na faculdade de se retirar ou de pôr fim à própria prolongada identificação com a vida da forma. Gostaria de assinalar que esta retirada é relativamente fácil para aqueles que têm muito da qualidade de primeiro raio. O problema é se retirar no sentido esotérico do termo, e evitar ao mesmo tempo o sentido de separatividade, de isolamento e de superioridade. Para as pessoas de primeiro raio, é fácil resistir à tendência de se identificar com os outros. Ter verdadeira compreensão implica em possuir crescente capacidade de amar a todos os seres e, ao mesmo tempo, manter o desapego da personalidade. Este desapego pode se basear facilmente em uma incapacidade de amar, em uma preocupação egoísta pelo próprio conforto – físico, mental ou espiritual e, acima de tudo, emocional. As pessoas de primeiro raio temem a emoção e a desprezam, mas às vezes têm que entrar em um estado emotivo para que possam depois usar a sensibilidade emocional da maneira correta.

Compreensão implica em fazer contato com a vida como personalidade integrada, agregando-se a isso a reação da alma aos propósitos e planos de grupo. Significa a unificação alma-personalidade, ampla experiência e uma rápida atividade do princípio crístico interno. A compreensão intuitiva é sempre espontânea. Onde há raciocínio para se chegar à compreensão, não se trata de atividade da intuição.

Amor. Como já foi dito, não se trata de um sentimento afetuoso, nem de possuir uma disposição amorosa; esses aspectos são acessórios e consequentes. Quando se

desenvolve a intuição, tanto o afeto como a exteriorização de um espírito amoroso se expressarão necessariamente na forma mais pura, mas o que produz isto é algo muito mais profundo e abrangente. É aquela captação sintética e inclusiva da vida e das necessidades de todos os seres (escolhi estas duas palavras com toda intenção), que um divino Filho de Deus tem o elevado privilégio de exercer. Neutraliza tudo que ergue barreiras, formula críticas e provoca separação. Não vê nenhuma diferença, mesmo quando se dá conta da necessidade e, naquele que ama como alma, produz uma identificação imediata com o que é amado.

Essas três palavras resumem as três qualidades ou aspectos da intuição e podem ser expressas pela palavra universalidade, ou sentido da Unicidade universal.

Não é algo que todos os aspirantes almejam alcançar? E não é algo que cada um de vocês, como indivíduo, necessita em um sentido próprio? Quando presente, há uma imediata descentralização do "eu" dramático, da capacidade de sempre relacionar todos os acontecimentos, todos os fenômenos, todo o trabalho de grupo a si mesmo, considerando-se como o centro.

Não posso me estender mais sobre o tema da intuição. É muito vasto e muito complexo. O que posso fazer é colocar diante de vocês seus três aspectos e, então, incentivá-los em relação à necessidade de se submeterem a este treinamento e a esta disciplina que se manifestarão na vida de cada um como amor, luz e compreensão. Quando a teoria for compreendida, os devidos ajustes forem feitos e o trabalho necessário estiver cumprido, a personalidade se tornará magnética e as células do cérebro em torno da glândula pineal, até então adormecidas, despertarão e se tornarão vibrantes. O núcleo de cada célula no corpo é um ponto de luz e, quando a luz da intuição for percebida, é esta luz da célula que responderá imediatamente. O influxo contínuo da luz da intuição fará aparecer à luz do dia, falando em termos esotéricos, cada célula que, por sua constituição, reagirá a este fluxo.

2. O MÉTODO DE DESPERTAR A INTUIÇÃO

Há inúmeras maneiras de tornar a intuição ativa. Uma das mais práticas e potentes é o estudo e a interpretação de símbolos.

Os símbolos são formas externas e visíveis das realidades espirituais internas, e quando a capacidade de descobrir a realidade por trás de qualquer forma específica estiver adquirida, este mesmo fato indica o despertar da intuição.

As pessoas de primeiro raio pertencem ao que se chama de "Raio do Destruidor"; o poder do primeiro aspecto, o de pôr fim às coisas, flui através deles. Elas terão a tendência de destruir, mesmo quando constroem, dando uma direção errada à energia, seja por uma ênfase excessiva de energia em certa direção específica, seja pelo uso indevido da energia no trabalho consigo mesmo ou com os outros. Muitas pessoas de primeiro raio tendem a se orgulhar disso e se escondem atrás da alegação de que, sendo de primeiro raio, a tendência destruidora é inevitável. Mas não é assim. Os construtores, como são sempre as pessoas de segundo raio, têm que aprender a destruir, quando movidos pelo amor de grupo e agindo nos termos do aspecto Vontade ou primeiro raio. Os destruidores têm que aprender a construir, atuando sempre sob o impulso do amor de grupo e usando o poder do apego de maneira desapegada. Os dois grupos, construtores e destruidores,

devem sempre trabalhar do ponto de vista da realidade, a partir do núcleo interno da verdade e devem "tomar posição no centro".

O estudo dos símbolos tende a produzir esses efeitos e, quando realizado com dedicação e empenho, produzirá três resultados:

1. Desenvolve a faculdade de penetrar além da forma e chegar à realidade subjetiva.
2. Tende a produzir uma estreita integração entre alma-mente-cérebro e, quando assim é, o influxo da intuição e, em consequência, da iluminação e da verdade, se manifesta mais rapidamente.
3. Exerce uma pressão sobre certas regiões do cérebro ainda adormecidas e põe em atividade as células do cérebro que se encontram ali; trata-se da primeira etapa da experiência do aspirante. O centro entre as sobrancelhas está deperto na maioria dos verdadeiros aspirantes, enquanto que o centro do alto da cabeça vibra muito suavemente, mas ainda não está em plena atividade. Este último centro mais elevado deve estar desperto de maneira mais completa para que os aspirantes possam estar à altura da oportunidade que lhes é oferecida.

No estudo dos símbolos, eu os orientaria para a necessidade de colocar sempre diante de vocês a meta de chegar ao conceito subjacente de qualquer símbolo estudado. Este conceito será sempre sintético. Não será detalhado e não se apresentará por seções. É possível que vocês tenham que chegar a este conceito por meio de um estudo dos detalhes e pela compreensão do significado de várias seções ou partes do símbolo sob exame. Porém, ao término da análise, não se deem por satisfeitos enquanto não tiver resumido o significado do símbolo em uma ideia, ou conceito ou significado ou nome de caráter sintético.

O símbolos devem ser estudados de três maneiras:

- a. *Exotericamente*. Implica no estudo de sua forma como um todo, de suas linhas e, portanto, de seu significado numérico, e também no estudo de suas formas parciais – com o que quero dizer suas disposições, por exemplo, na forma de cubos, triângulos e estrelas e sua mútua interação.
- b. *Conceitualmente*. Implica no fato de chegar à ideia subjacente, que pode ser expressa por seu nome; ao seu significado, à medida que emerge na consciência por meio da meditação; e ao seu significado total ou parcial. Ao fazer isso, é preciso ter em mente que a ideia indica a intenção superior ou abstrata; que o sentido é aquela intenção expressa em termos da mente concreta; e que seu significado comporta mais de uma qualidade emocional e poderia ser tomado pelo tipo de desejo que desperta em você.
- c. *Esotericamente*. Cobriria o efeito da força ou energia sobre vocês e da qualidade da vibração que pode despertar em vocês, talvez em algum centro, talvez em seu corpo astral, ou talvez apenas em sua mente.

Este estudo, empreendido da maneira correta, conduziria ao desenvolvimento da intuição com sua consequente manifestação no plano físico como iluminação, compreensão e amor.

Em primeiro lugar, o objetivo do estudo do simbolismo é capacitar o estudante a perceber sua qualidade e entrar em contato com aquele algo vibrante que está por trás daquele agregado de linhas, cores e formas dos quais o símbolo é composto.

Para certos tipos de pessoas, este estudo é relativamente fácil; para a maioria, não é nada fácil, indicando assim uma lacuna que deve ser suprida pelo uso de certas faculdades atualmente adormecidas. É sempre desagradável despertar as faculdades latentes, pois requer esforço e determinação para resistir às reações da personalidade. Para muitas pessoas, não é facilmente aparente como a penetração no significado de um símbolo pode fornecer um meio de levar à atividade funcional a faculdade búdica ou intuicional adormecida. É uma arte delicada, esta arte de leitura de símbolo, de "leitura espiritual" como a denomina o nosso antigo mestre, Patanjali. Este poder de interpretar símbolos sempre precede a verdadeira revelação. O entendimento de uma verdade que pode ser representada por uma linha ou por uma série de linhas que compõem uma forma simbólica não é tudo o que tem de ser feito. Uma boa memória basta para lembrar que uma série de linhas que formam um triângulo ou uma série de triângulos significa a Trindade, ou qualquer série de formas triplas no âmbito da manifestação macrocósmica ou microcósmica. Mas esta atividade ou precisão da memória não adiantará de nada para despertar as células do cérebro adormecidas nem para ativar a intuição. É preciso lembrar (e neste ponto fica evidente o valor de ter um tanto de conhecimento técnico ou teórico do ocultismo) que o plano em que a intuição se manifesta e em que o estado de consciência intuicional está ativo é o plano búdico ou intuicional. É o plano da correspondência superior ao plano astral ou emocional, o plano da consciência sensível que se exerce pela identificação com o objeto de atenção ou atração. Fica evidente, portanto, que se a faculdade intuicional deve ser posta em atividade através do estudo dos símbolos, o estudante deve sentir, ou de alguma maneira estar identificado com a natureza qualitativa do símbolo, com a natureza daquela realidade que a forma simbólica encobre. É este aspecto da leitura simbólica que vocês são chamados a estudar.

Os alunos devem verificar, portanto, após o devido estudo do aspecto da forma, o que o símbolo está fazendo com eles, que sentimento evoca, que aspirações desperta e quais sonhos, ilusões e reações são registrados conscientemente. Essa etapa é intermediária entre a leitura exotérica de um símbolo e o entendimento conceitual. Posteriormente, há outra etapa intermediária entre o entendimento conceitual e a compreensão e aplicação esotérica. Esta última etapa é chamada de "reconhecimento sintético". Tendo estudado a forma e tomado consciência de seu significado emocional, o indivíduo passa para a fase de apreensão da ideia básica do símbolo, e daí para uma compreensão sintética de sua finalidade. Isso leva ao verdadeiro esotericismo, que é a aplicação prática de seu poder sintético vivo às fontes da vida e da ação individual.

Pediria a vocês que não processassem apenas uma interpretação inteligente do símbolo, mas também um reconhecimento da reação mais sutil de sua natureza sensível em relação ao símbolo como um todo. Estudem um total de quatro símbolos por ano. Primeiro, abordem o símbolo a partir de seu aspecto forma e procurem se familiarizar com seu aspecto externo, com a soma total de linhas, triângulos, quadrados, círculos, cruzes e outras formas das quais ele é composto, e ao fazer esse esforço para compreendê-lo do ponto de vista do intelecto, usem a memória e o conhecimento de que dispõem para compreendê-lo exotericamente.

Em seguida, assim que estiverem bem familiarizados com o símbolo e ele puder ser trazido à mente com pouco esforço, empenhem-se em sentir sua qualidade, entrar em contato com sua vibração e em observar o efeito emocional sobre vocês. Isso pode variar

de dia para dia ou ser sempre o mesmo. Sejam simplesmente honestos na observação da reação astral ao símbolo e vejam para onde tais reações os levam, lembrando sempre de que não são intuicionais, mas que são reações ao sentimento ou corpo astral.

Finalmente, anotem o que descobriram ser, para vocês, a qualidade básica do símbolo e, em seguida, (como no trabalho de meditação) elevem todo o tema para o reino mental, colocando a mente atenta e concentrada sobre ele. Isso o levará ao reino dos conceitos.

Temos, portanto, as seguintes etapas na análise de um símbolo:

1. O exame exotérico: linha, forma e cor.
2. A compreensão no corpo astral ou emocional de sua qualidade, a reação de uma resposta sensível ao impacto de sua natureza qualitativa.
3. A consideração conceitual de sua ideia subjacente, do que pretende ensinar, do significado intelectual que pretende transmitir.
4. A etapa da apreensão sintética do propósito de um símbolo, de seu lugar em um plano de manifestação ordenado, de seu verdadeiro intento unificado.
5. A identificação com a qualidade e o propósito do símbolo, pois ele é iluminado pela mente "mantida firme na luz". Esta etapa final coloca em atividade o cérebro, bem como a mente.

Visto no todo, o estudo de um símbolo compreende três etapas:

Primeiro, a investigação de um símbolo, e o conseqüente progresso do investigador de uma etapa de entendimento claro para outra, até a inclusão gradual de todo o campo coberto pelo símbolo.

Segundo, uma percepção intuitiva dos símbolos que podem ser vistos em toda parte na manifestação divina.

Terceiro, o uso dos símbolos no plano físico, e sua correta adaptação a um propósito percebido e reconhecido, levando à subsequente magnetização do símbolo com a qualidade necessária por meio da qual a ideia pode fazer sentir sua presença, a fim de que a ideia qualificada intuída possa encontrar forma adequada no plano físico.

Portanto, tratem dos símbolos em uma ampla generalização, exotérica, conceitual e esotérica, mas acrescentem a isso uma análise da sua própria sensibilidade e reação à qualidade do símbolo.

Recapitemos por um momento. Antes de mais nada, é importante lembrar que o estudo do símbolo envolve exotericamente o uso do cérebro e da memória. Esforcem-se em estudar linha e forma, número e aspectos externos gerais, sabendo que cada linha tem significado, todos os números têm sua interpretação e todas as formas são símbolos de uma qualidade e vida internas.

O estudo dos símbolos em termos conceituais os transporta de dentro do cérebro para a mente, para o reino das ideias. Impele o mecanismo mental para uma atividade concentrada. Os estudantes então tomam consciência do conceito ou ideia que o signo ou

símbolo incorpora; compreendem o seu significado e o que ele representa. Captam o propósito para o qual a forma foi trazida à manifestação. O estudo do número e da linha propiciou uma rica base de conhecimento no plano objetivo – uma riqueza, neste caso, que depende de sua própria leitura pessoal, instrumental mental e conhecimento. A capacidade dos estudantes de lerem um "significado" em um símbolo dependerá também da riqueza do significado que atribuem aos eventos da vida diária e da capacidade de realmente meditar.

Gostaria de deixar claro para vocês que não há uma interpretação definida de nenhum símbolo, e que para cada ser humano aquele símbolo – seja ele qual for – transmitirá um significado único. O desinteresse por símbolos pressupõe em geral uma falta de interesse pela devida interpretação das formas de vida e de seu significado. Além disso, muito interesse acadêmico pelos símbolos pode pressupor uma mente tortuosa e complicada que ama o design, a linha, a forma e as relações numéricas, mas que não alcança inteiramente a importância do significado. O equilíbrio na mente da forma e do conceito, da expressão e da qualidade, do signo e do significado é vital para o crescimento do discípulo e do aspirante.

A grande necessidade da maioria dos estudantes é chegar ao significado e trabalhar com ideias e conceitos. Essa atividade exigirá o uso da mente para compreender, captar e interpretar. Requer o desenvolvimento daquela sensibilidade mental que capacitará seu possuidor a responder às vibrações do que chamamos de Mente Universal, a Mente de Deus, o Mobilizador do Plano. Pressupõe uma certa capacidade de interpretação e o poder de expressar a ideia subjacente ao símbolo para que outros possam compartilhá-la com você. Este pensamento de serviço e de crescimento da utilidade deve estar sempre presente.

Conseguem ver como esse poder de estudar, interpretar e penetrar no significado promoverá seu crescimento espiritual? Podem acreditar que pelo uso deste método têm como aprender a trabalhar de maneira mais inteligente com o Plano e se tornar um servidor melhor para seus semelhantes?

O que há neste mundo objetivo que não seja o símbolo inadequado de uma ideia divina? O que temos em nossa manifestação externa senão o sinal visível (em alguma etapa do propósito em evolução) do plano da Deidade criadora? O que são vocês mesmos senão a expressão externa de uma ideia divina? Devemos aprender a ver símbolos em tudo que nos circunda e em seguida penetrar por trás do símbolo até a ideia que ele deve expressar.

Há, no entanto, uma técnica de estudo que pode ser útil para vocês ao tentarem chegar a uma ideia e, assim, estudar conceitualmente os muitos símbolos pelos quais estamos cercados. É em grande parte a técnica para a qual a meditação deveria tê-los preparado. A diferença entre essa técnica e o trabalho de meditação é principalmente de polarização e objetivo. No estudo dos símbolos conceitualmente, a consciência está polarizada no corpo mental, e nenhuma tentativa é definitivamente feita para entrar em contato ou envolver a alma ou ego. Neste ponto reside a distinção entre esta segunda etapa da interpretação de símbolos e a meditação comum. Vocês esgotaram o método de se familiarizar com o aspecto da forma do símbolo, e conhecem bem seu contorno externo e exteriorização. Sabem também que uma série especial de linhas (como, por exemplo, as três linhas que formam um triângulo) representam tal ou tal ideia, verdade ou ensinamento. Isso está registrado no cérebro de vocês, aproveitando os recursos da sua memória. O registro de informações e conhecimentos antigos sobre as figuras em um

símbolo serve para puxar a sua consciência para o plano mental e focalizá-la ali, no mundo das ideias ou dos conceitos. Os conceitos já existem nos níveis concretos do plano mental. Eles são seu patrimônio mental e racial e são formas mentais antigas que agora você pode empregar para chegar ao sentido e significado.

Temos aí uma constatação que Plutarco expressa para nós nas palavras bem conhecidas de que "Uma ideia é um Ser incorpóreo, que não tem existência própria, mas dá aparência e forma à matéria amorfa e se torna a causa da manifestação". Vocês registram a aparência e a forma no cérebro e as memorizaram, fazendo o mesmo com a atividade delas no tempo e no espaço, juntamente com a capacidade inata que têm de construir a forma e expressar através dela um conceito ou ideia. À medida que vocês trabalham se interiorizando, também se tornam conscientes da natureza da ideia motivadora por meio do estudo da forma e da atividade que ela demonstra; vocês descobrem o campo de ideias de mesma natureza no qual se encontra a ideia incorporada no símbolo. Este campo de ideias, inter-relacionadas e que se explicam umas e outras, está agora aberto para vocês e assim estarão cada vez mais em posição de atuar neste mundo de conceitos com liberdade. Trabalhar e viver no mundo das ideias agora se torna seu objetivo e principal esforço. Vocês se treinam no reconhecimento de ideias e conceitos que se encontram por trás de cada forma; começam a pensar com clareza sobre eles e a ver a direção em que eles o levam e onde eles se integram dentro do Plano Eterno.

Os aspirantes que:

- a. desenvolvem o poder de visualizar,
- b. treinam a mente para intuir a realidade,
- c. interpretam corretamente aquilo que é percebido,

poderão oferecer um laboratório de demonstração para os Observadores Treinados do mundo.

Uma das coisas que a intuição desenvolvida pode fazer é romper a miragem e a ilusão que invadem a vida. Uma das coisas que pode realizar um grupo de aspirantes cuja interação intuicional esteja estabelecida é ajudar no trabalho de esmagar a miragem mundial. Referido trabalho pode ser feito quando vocês tiverem despertado a intuição e seu entendimento inter-relacionado estiver firme e real. A Hierarquia poderá usar os aspirantes do mundo como instrumento para desfazer a miragem grupal onde quer que se encontre. Refiro-me a esta possibilidade para incentivar todos vocês a um crescimento e esforço mais rápido e constante.

Foi dito a vocês que uma das necessidades diante de todos os aspirantes é chegar ao conhecimento intuicional e à compreensão inteligente da miragem, tanto individual como planetária, o que lhes permitirá trabalhar decisivamente em sua dissipação. Essa compreensão necessariamente será apenas relativa, mas no decorrer dos próximos anos, o conhecimento que tiverem sobre o assunto e os métodos que permitem dissipar a miragem pode aumentar materialmente. Isso deve acontecer se vocês trabalharem o problema de maneira consciente em suas próprias vidas e também procurarem entender a teoria subjacente.

Até o presente, pouco foi escrito ou ensinado sobre o tema da miragem, portanto será de grande interesse considerar este tema e tratar de suas causas, efeitos e também tratarmos da técnica pela qual pode ser dissipada e dispersada. É óbvio que não posso tratar do assunto adequadamente em uma só instrução, e levaremos os próximos dois ou

três anos, portanto, para discutir e estudar esse importante assunto que surge da necessidade do tempo presente e da maior sensibilidade da humanidade a impressões mais sutis. Não foi possível fazer isso até agora, pois o grupo estava incompleto e a coesão interna precisava ser fortalecida. Agora posso fazê-lo, pois os membros do grupo estão atuando juntos com uma relação interna muito maior, e um "espírito de amor" se disseminou entre vocês pela reação do grupo à necessidade um do outro no recente período de miragem.

É minha intenção, portanto, mudar um pouco o trabalho de vocês, mantendo as frases simbólicas como um exercício para o seu insight intuitivo, mas deixando de considerar os símbolos mais formais e visuais. Vocês não obtiveram com essas formas simbólicas o que se esperava, pois a mente concreta da maioria dos membros do grupo simplesmente aumentou o aspecto forma, e o restante não precisava desse método de instrução e desenvolvimento. Vamos mudar o foco da atenção para um estudo profundo da miragem. Aqui estará o seu serviço, pois ao pensarem verdadeiramente e usarem a inteligência iluminada (se conseguirem isso, meus irmãos) poderão ajudar, com o tempo, a fazer duas coisas:

1. Esclarecer a mente do grupo sobre este assunto. Não me refiro aqui ao seu grupo particular, mas à consciência do mundo.
2. Ajudar a destruir a grande ilusão que manteve e ainda mantém os filhos dos homens em escravidão.

Peço, portanto, o serviço de vocês neste sentido, e também peço que dediquem mais atenção no contacto estabelecido comigo no momento de lua cheia. Este grupo deve ter uma aptidão especial para trabalhar ao longo da linha da dissipação da miragem no período da lua cheia. O contato se estabelece nos diferentes planos, de acordo com o foco dos corpos sutis do pessoal do grupo, e esse grupo faz seu contato comigo nos níveis mais elevados do plano astral. Daí a clareza de suas reações e a riqueza de seus registros detalhados. Além disso, aqui estará oportunamente o seu serviço, pois eles podem mais tarde (mas só daqui a muito tempo) utilizar os dias de contato e o "momento de entrada" (como às vezes é chamado) para um trabalho definido na dissipação de uma ilusão do mundo. Primeiro deve vir, porém, a aptidão em dissipá-la na vida pessoal de cada um de vocês.

Outro grupo faz contato comigo em níveis mentais e aí estará seu campo de serviço. Outros grupos estão ainda em fase embrionária, ainda estão incompletos em termos de pessoal e a integração do grupo está apenas em processo de constituição.

Por isso, peço a vocês que intensifiquem o esforço a cada mês no período de lua cheia e procurem fortalecer seu vínculo comigo mesmo e com seus companheiros de grupo. Darei só uma palavra de advertência. O êxito nessa linha trará suas recompensas e também suas dificuldades. Terão que observar com cuidado o estímulo indevido de sua natureza astral ou emocional, com a consequente miragem. Será preciso exercer a mais profunda vigilância no esforço de trabalhar assim no plano astral, mantendo simultaneamente a atitude do Observador no elevado plano da alma. Nenhum trabalho construtivo e nenhum serviço de importância vital podem ser prestados nesta difícil esfera de atividade se não houver uma atitude de desapego e de liberação. Estarão trabalhando em uma das esferas de atividade mais difíceis – talvez a mais difícil para a qual um discípulo pode ser chamado – e, portanto, a pertinência de trabalhar ali em formação do grupo. Não tenho como enfatizar ainda mais que devem trabalhar em grupo e não individualmente.

Três grandes fatos existem hoje na consciência do mundo:

1. O crescimento e o entendimento do trabalho por telepatia.
2. A compreensão e a pesquisa científica sobre a ilusão e a miragem do mundo.
3. Um aumento dos corretos métodos de cura.

Se assim for, podem ver como grupos de discípulos têm potencial para dar uma contribuição à revelação emergente e o quanto o nosso serviço consagrado pode ser útil. Digo “nosso” deliberadamente, porque estou trabalhando de maneira precisa para estes três fins como parte de meu serviço determinado (autodeterminado). Peço a sua cooperação e ajuda. O fim impacto do correto pensamento sobre a consciência humana por grupos de pensadores treinados é o método que se pode aplicar com mais êxito neste momento, e nisso estes grupos podem ajudar profundamente.

Uma das coisas que surgirão definitivamente durante as próximas três ou quatro décadas é o trabalho que os grupos podem fazer em outros níveis que não o físico. O serviço em grupo e o esforço conjunto em prol do bem-estar do grupo há dois séculos são vistos na Terra em todos os campos do esforço humano – político, filantrópico e educacional. O serviço em grupo no plano astral também foi iniciado a partir de 1875, mas o esforço conjunto para dissipar a miragem mundial só agora está em processo de organização e este grupo pode fazer parte do esforço coletivo para este fim, e aumentar o número dos indivíduos comprometidos. Treinem-se, portanto, e aprendam a trabalhar. A sensibilidade telepática é necessariamente o objetivo de todos os grupos de discípulos, mas é o objetivo principal desse grupo que poderíamos chamar de Comunicadores Telepáticos; aqui eles podem prestar um serviço potente. Grupos de sensitivos dessa ordem podem constituir um corpo operante, mediador, e transmitir os novos conhecimentos e ensinamentos para a raça; podem moldar a opinião pública e mudar a corrente dos pensamentos dos homens. Todos os pequenos grupos de pessoas, natural e inevitavelmente, chegam a uma relação telepática entre si e entre o pessoal de grupos semelhantes, e isso deve ser desejado e fomentado e deve aumentar de maneira correta e constante. Mas, à medida que a sensibilidade telepática aumenta, cuidem para que não se desviem do principal objetivo de grupo, que é estudar e entender o significado da miragem e as leis para dissipá-la.

Registrem e anotem todas as atividades e fenômenos telepáticos e aprendam a trabalhar dessa maneira, mas considerem isso como uma questão secundária para vocês neste momento.

Uma das características marcantes do trabalho realizado na época da lua cheia será o grande número de fenômenos observados. Isso é de se esperar, pois esse serviço chama para o trabalho no plano astral. Mas fornecerá um campo para o uso sábio da faculdade da discriminação. Ainda é muito cedo para que trabalhem no problema de separar o real do irreal; a tarefa inicial será de registrar. Mantenham registros detalhados. Preservem a atitude científica de desapego e de reconhecimento e anotem tudo que for sentido, visto ou contatado. Esses registros servirão como base de análise se tudo correr bem, e a partir dessa análise poderemos reunir muitos elementos para ponderar.

O que tenho a dizer com relação ao tema da miragem se enquadra em certas amplas generalizações, como:

I. A Natureza da Miragem.

II. As Causas da Miragem.

III. A Dissipação da Miragem.

À medida que prosseguirmos, dividiremos nosso assunto em maiores detalhes, mas nesta instrução procuro apenas fixar certas linhas gerais em suas mentes para que o tema se enquadre nos lugares certos em seus pensamentos.

Há quatro frases que há muito são difundidas entre os chamados ocultistas e esoteristas. São elas: miragem, ilusão, maya e a expressão morador do umbral. Todas elas representam o mesmo conceito geral ou alguma diferenciação desse conceito. Falando de modo geral, as interpretações têm sido as seguintes, e são apenas interpretações parciais, e são quase da natureza de distorções da verdade real, devido às limitações da consciência humana.

A Miragem tem sido considerada, com frequência, como uma curiosa tentativa das chamadas "forças da escuridão" de enganar e ludibriar aspirantes bem-intencionados. Muitas pessoas de bem se sentem quase lisonjeadas quando são "confrontadas" com algum aspecto da miragem, sentindo que sua demonstração de disciplina tem sido tão boa que as forças da escuridão estão interessadas o suficiente para tentar impedir seu belo trabalho, submergindo-as nas nuvens da miragem. Nada poderia estar mais longe da verdade. Essa ideia em si é parte da miragem dos nossos tempos e tem suas raízes no orgulho e na autossatisfação do homem.

Maya é muitas vezes considerado como sendo da mesma natureza que o conceito promulgado pela Ciência Cristã, de que não existe essa coisa de matéria. Somos convidados a considerar os fenômenos do mundo inteiro como maya e a acreditar que sua existência é simplesmente um erro da mente mortal, e uma forma de autossugestão ou auto-hipnotismo. Por meio dessa crença induzida, nós nos forçamos a um estado mental que reconhece que o tangível e o objetivo são apenas invenções da mente imaginativa do homem. Isso, por sua vez, é também uma farsa da realidade.

A Ilusão é vista da mesma forma, só que (como a definimos) enfatizamos a finitude da mente do homem. O mundo dos fenômenos não é negado, mas consideramos que a mente o interpreta mal e se recusa a vê-lo como ele é na realidade. Consideramos essa interpretação equivocada como parte constituinte da Grande Ilusão.

O Morador do Ubral é considerado em geral como aquele que apresenta o teste final da coragem do homem, e que é da natureza de uma forma-pensamento gigantesca ou fator que tem que ser dissipado, antes de tomar a iniciação. O que é essa forma-pensamento, poucas pessoas sabem, mas a definição inclui a ideia de uma enorme forma elemental que barra o caminho para o portal sagrado, ou a ideia de uma forma fabricada, construída às vezes pelo Mestre do discípulo para testar sua sinceridade. Alguns o consideram como o somatório das faltas de um homem, sua natureza maligna, que impede que ele seja reconhecido como apto a trilhar o Caminho da Santidade. Nenhuma dessas definições, no entanto, dá uma ideia exata da realidade.

Destacaria aqui que (falando em termos gerais) essas quatro expressões são quatro aspectos de uma condição universal que é resultado da atividade – em tempo e espaço – da mente humana. A atividade da MENTES! Reflitam sobre essa frase, pois ela lhes dá uma pista para a verdade.

O *Problema da Ilusão* reside no fato de ser uma atividade da alma e resultado do aspecto mente de todas as almas em manifestação. É a alma que está submersa na ilusão e é a alma que deixa de ver com clareza, até o momento em que aprende a verter sua própria luz na mente e no cérebro.

O *Problema da Miragem* se manifesta quando a ilusão mental é intensificada pelo desejo. Aquilo que os teósofos chamam de “kama-manas” produz a miragem. É a ilusão no plano astral.

O *Problema do Maya* é realmente o mesmo acima, acrescido da intensa atividade produzida quando miragem e ilusão se processam nos níveis etéricos. É aquela “bagunça” emocional, atordoada e vital (sim, irmão de outrora, é essa a palavra que procuro usar) em que a maioria dos seres humanos parece estar sempre vivendo.

O Morador do Umbral é ilusão-miragem-maya, como entendido pelo cérebro físico e reconhecido como aquilo que deve ser superado. É a desconcertante forma-pensamento que o discípulo enfrenta quando procura atravessar a miragem acumulada no transcurso das eras e encontrar seu verdadeiro lar no lugar de luz.

O exposto acima é necessariamente uma generalização, e é também resultado da atividade e da mente analítica, porém serve para formular uma parte do problema em palavras e transmitir às mentes de vocês uma forma-pensamento precisa do que debateremos mais à frente em detalhes.

Com relação às causas desta situação mundial, o que posso dizer, irmão meu, que signifique algo para as mentes de vocês? A causa reside no mais recôndito da consciência dos “Deuses imperfeitos”. Será que esta frase significa realmente alguma coisa para vocês? Temo que muito pouco. Devemos descer ao reino de uma maior praticabilidade e tratar do assunto somente no que diz respeito à humanidade. Mais adiante trataremos brevemente da ilusão planetária, mas o problema imediato diante do homem e a contribuição significativa do discípulo é a dissipação de grande parte da miragem em que a humanidade está imersa e que, durante a futura Era Aquariana, desaparecerá em grande medida no que diz respeito à vida astral da raça. Gostaria de chamar a atenção para o fato de que os pensadores do mundo começarão a abolir a ilusão do mundo pela meditação e pela técnica do controle mental. Daí o crescente interesse pela meditação, à medida que se compreende mais a força da miragem do mundo e, daí, a necessidade vital de compreender corretamente o método de controle da mente.

Outro ponto a observar está em que na cristalização desta era materialista chega a grande oportunidade de desferir um golpe mortal no Morador do Umbral planetário. A reação neste momento, devido à tensão das circunstâncias, está fomentando uma compreensão espiritual maior e uma reorganização dos valores humanos, e isto é parte do processo que também permitirá dissipar uma parte vital da miragem mundial – pudessem todos os homens de boa vontade que se encontram na aura mundial aderir à tarefa que lhes foi designada.

Quando o Buda esteve na Terra e alcançou a iluminação, Ele “fez descer” um fluxo de luz sobre o problema mundial por meio da enunciação das Quatro Nobres Verdades. Seu corpo de discípulos e Seus novecentos arhats ergueram dessas quatro grandes verdades, a estrutura dogmática e doutrinária que – pelo poder do pensamento coletivo – tem ajudado enormemente a atacar a ilusão mundial. O Cristo está empreendendo hoje a mesma grande tarefa e, no significado espiritual de Sua iminente vinda (em linguagem simbólica), Ele e Seus nove mil arhats assestarão um segundo golpe na miragem mundial. É para isto que estamos nos preparando. Somente a intuição pode dispersar a ilusão, daí a necessidade de treinar intuitivos. O serviço que vocês podem prestar a esta causa geral é se oferecer para este treinamento. Se puderem vencer a miragem em suas próprias vidas e, portanto, compreender a natureza da ilusão, ajudarão a:

- a. destruir o morador do umbral,
- b. desvitalizar o maya geral,
- c. dissipar a miragem,
- d. dissipar a ilusão.

É o que têm que fazer em suas próprias vidas e na relação grupal. Então a sua contribuição mais geral ajudará a solucionar os grandes assuntos humanos. Muito será realizado com a agudeza do intelecto e a iluminação da mente, além do amor e da intenção. Para este serviço, reitero meu apelo.

Sugiro que, nos próximos meses, vocês façam três coisas:

1. Definam em suas próprias palavras e como resultado de meditação, o seu entendimento sobre as quatro expressões que acabo de tratar. Peço uma verdadeira análise e não apenas quatro sentenças contendo definições. Antes que eu me estenda no tema, gostaria que vocês organizassem as suas mentes em relação ao assunto, usando as definições como guias para o seu pensamento, mas expondo o problema tal como o veem, e procurando ver as diferenças entre esses quatro aspectos da miragem do mundo.

2. Entoem diariamente, com atenção e reflexão, uma oração muito conhecida, o *Pai Nosso*. Essa oração tem muitos significados, sendo que o significado cristão banal e habitual não é para vocês. Reflitam sobre essa muito antiga fórmula da verdade e a interpretem inteiramente em termos de uma fórmula para a dispersão da ilusão. Redijam uma exegese deste ponto de vista, tomando-o frase a frase e considerando-o como nos dando sete chaves para o segredo da eliminação da miragem. Esta fórmula (que não é essencialmente uma oração) pode se dividir da seguinte maneira:

- a. Invocação ao Senhor solar.
- b. Sete sentenças, que incorporam sete chaves para a dissipar a ilusão.
- c. Uma afirmação final da divindade.

Usem a intuição e apliquem tudo isso ao tema da miragem e vejam a que conhecimento podem chegar. Em seguida, coloquem-no por escrito sob a forma de uma interpretação ou de um artigo, o que poderá ser muito proveitoso.

3. Mantenham uma cópia dos seus registros do momento da lua cheia e, ao término de seis meses, submeta-os a uma cuidadosa análise e vejam o que ganharam com isso. Dividam a análise nos seguintes tópicos e expressem seu entendimento sobre os fenômenos percebidos:

- a. em relação a qualquer contato real.
- b. em relação a qualquer contato com cor ou fenômenos.
- c. em relação a quaisquer outros fenômenos percebidos ou vistos ou ouvidos.

Que todos nós avancemos para maior luz e maior entendimento, e que a luz brilhe no Caminho vertical do discípulo é minha oração e aspiração para vocês.

CAPÍTULO 1

A NATUREZA DA MIRAGEM

Nas páginas precedentes examinamos certas definições para as palavras (muitas vezes usadas de maneira intercambiável) que tratam da ilusão e da miragem. Verificamos que:

1. A *ilusão* é, principalmente, uma qualidade mental e característica da atitude mental das pessoas que são mais intelectuais do que emocionais, as quais transcenderam a miragem, tal como é geralmente interpretada. São culpadas de incompreensão de ideias e de formas-pensamento e de interpretações erradas.
2. A *miragem* é de caráter astral e muito mais potente, nesse momento, do que a ilusão, posto que uma enorme maioria de pessoas atua sempre na natureza astral.
3. O *maya* é de caráter vital, é uma qualidade da força. É essencialmente a energia do ser humano quando entra em atividade mediante a influência subjetiva da ilusão mental ou da miragem astral, ou de uma combinação dos dois.
4. O *Morador do Umbral*, sempre presente, só entra em atividade no Caminho do Discipulado, quando o aspirante se torna ocultamente consciente de si mesmo e das condições induzidas dentro de si como resultado da sua ilusão interna, sua miragem astral e do maya que circundam toda a sua vida. Sendo agora uma personalidade integrada (e ninguém é discípulo, irmão meu, se não é tanto mental como emocional, algo de que o devoto muitas vezes se esquece), estas três condições (com um efeito preponderante em um ou outro dos corpos) são observadas como um todo, e a este todo é aplicado o termo “Morador do Umbral”. Trata-se, de fato, de uma forma-pensamento vitalizada – incorporando força mental, força astral e energia vital.

O problema diante de todos vocês, membros desse grupo, é aprender, primeiramente:

1. A distinguir entre esses três aspectos ilusórios internos.
2. A descobrir que condições no ambiente ou na constituição individual induz a essas situações ou dificuldade.
3. A descobrir que métodos são eficientes para provocar a eliminação das condições desconcertantes e enganosas.

É preciso lembrar também que essas condições nas quais a realidade é deformada e que se encontra em todos vocês, são o meio pelo qual vocês se sintonizam com a miragem e a ilusão do mundo. O ensinamento esotérico acentuou o treinamento e a liberação do aspirante individual, o que certamente é necessário, pois a massa é composta de indivíduos e na liberação gradual do domínio das ilusões internas virá o esclarecimento da

humanidade. Portanto, cada um de vocês deste grupo deve necessariamente trabalhar separadamente sobre si mesmo, e deve aprender a estabelecer as condições de clareza e de verdade que vencerão os antigos ritmos e hábitos profundamente enraizados, desta maneira purificando a aura gradualmente. Mas agora é preciso fazer isso como grupo, e este grupo é um dos primeiros grupos exotéricos com os quais se pretende trabalhar na nova era. Pela atividade de grupos semelhantes a miragem do mundo será dissipada; porém, antes de tudo, o aspirante tem que aprender a tratar da miragem individual e grupal. É preciso se lembrar das três coisas a seguir. Serei breve e técnico no ensinamento a este grupo, pois meu tempo é limitado e vocês têm um conhecimento técnico adequado com o qual compreender o que estou falando.

Primeiro, a união das auras dos membros do grupo determina sempre a condição, a atividade, a utilidade, o problema e a miragem do grupo. Daí a responsabilidade do grupo em si e a utilidade individual. Cada um de vocês entra ou ajuda o grupo, segundo a condição da própria aura que ou está em uma situação de miragem ou ilusão ou está relativamente livre dessas condições.

Segundo, a primeira tarefa de cada um de vocês é determinar o próprio problema particular. Ao lhes dar instruções individuais, indicarei a cada um de vocês qual é a sua tendência particular, se é à miragem, à ilusão ou ao maya que costumam sucumbir. Serei franco, pois testei sua sinceridade e acredito em sua disposição de ouvir a verdade. Quando cada um de vocês tiver determinado a natureza específica do próprio problema, poderá então trabalhar com deliberação em prol da solução – com deliberação, irmão de longa data, sem pressa mas com o devido cuidado e cautela e com o correto entendimento.

Terceiro, devem se lembrar de que quando examino os indivíduos em qualquer um desses grupos posso ao mesmo tempo avaliar a qualidade do próprio grupo como um todo. Vejo a quantidade de luz interna que pode se manifestar e fazer sentir sua presença na aura de vocês, o que me indica a força, a eficácia e também a potência da influência de cada um de vocês no grupo, pois as auras positivas prevalecem sobre as auras negativas. O que se requer é uma combinação de auras positivas, deliberadamente subordinadas ao trabalho grupal. À medida que vocês trabalham sobre a ilusão e liberam suas mentes de seus efeitos, e à medida que dissipam a miragem astral em que todos estão mais ou menos imersos, entrarão em maior liberdade de vida e de serviço. À medida que o maya das correntes de energia mal dirigidas deixar de os conduzir para linhas de atividades indesejáveis, a luz que está em vocês brilhará com mais clareza. Adicionalmente, o Morador do Umbral se desintegrará lenta e seguramente e deixará o seu caminho para o portal da Iniciação livre e desimpedido.

Pessoas de tipo fortemente mental estão sujeitas à ilusão. Esta ilusão é na realidade um estado em que o aspirante se encontra inquestionavelmente dominado por:

1. Uma forma-pensamento de tal potência que faz duas coisas:

a. Domina a atividade ou as realizações da vida.

b. Sintoniza o aspirante com as formas-pensamento da massa que são de natureza semelhante e que são construídas por outras pessoas dominadas por ilusão similar.

Isto, no seu pior aspecto, produz insanidade mental ou ideia fixa, mas no seu resultado menos perigoso e normal produz o fanático. O fanático é, em geral – quer ele o compreenda ou não – um homem desnorteado, com uma ideia potente de um ou outro tipo que ele não consegue integrar na imagem que tem do mundo; não consegue estabelecer os compromissos necessários e muitas vezes inspirados de fonte divina que ajudam profundamente a humanidade nem encontra o tempo e o lugar para as realidades que estão ao seu alcance.

2. Quando um homem é altamente desenvolvido, a ilusão mental se constrói em torno de uma intuição bem precisa e esta intuição é concretizada pela mente até que sua aparência seja tão real que o homem acredita ver aquilo que deveria oferecer ao mundo ou fazer por ele tão claramente que passa o tempo se esforçando, de maneira fanática para que outros o vejam também. Assim, a sua vida escapa nas asas da ilusão e a sua encarnação é relativamente inútil. Em casos raríssimos, esta combinação de intuição e atividade mental produz o gênio em um campo ou outro; neste caso porém, não se trata de ilusão, mas de um pensamento claro, acompanhado de um instrumental treinado naquele determinado campo de atividade.

3. Os tipos mentais mais comuns e mais fracos sucumbem ao campo geral da ilusão e da ilusão da massa. O plano mental manifesta um tipo de distorção diferente em relação ao plano astral e ao etérico. A faculdade de discriminação que está sendo desenvolvida produziu linhas de demarcação mais nítidas, e em vez das densas brumas e névoas do plano astral ou das marés turbulentas e correntes de energia do plano etérico, temos no plano mental massas de formas-pensamento claramente indicadas de uma qualidade, nota e tom particulares, em torno das quais estão agrupadas formas-pensamento menores, criadas por aqueles que respondem a essas formas, e à sua nota, qualidade e tom. Vê-se então que existem similaridades que constituem canais ou vias para o poder de atração magnética das formas-pensamento mais potentes. Teologias antigas em trajes modernos, apresentações fixas de meias verdades, as divagações de vários grupos mundiais e muitas fontes de emanção semelhantes produziram – ao longo das eras – o mundo da ilusão e daqueles estados mentais que mantiveram a humanidade prisioneira de conceitos e pensamentos errados. São tantas essas ilusões geradoras de pensamento que o efeito no mundo de hoje tem sido causar cisões da raça humana em diversas escolas de pensamento (filosofia, ciência, religião, sociologia, etc., etc.), em muitos partidos e, todos eles coloridos por uma ideia análoga, em grupos de idealistas que combatem entre si em nome de seus conceitos favoritos, e em milhares de participantes em atividades mentais de grupo. Hoje estão produzindo inúmeras publicações sobre as quais se baseiam os programas de ação no mundo. É por essa atividade que os líderes mundiais são inspirados; e eles são responsáveis, neste momento, pelo grande número de experiências no campo do governo, da educação e da religião que estão produzindo grande parte da instabilidade do mundo e, em consequência, grande parte da ilusão mundial.

Atualmente são necessários pensadores que se treinem na atitude mental e no unidirecionamento que evitem o perigo de uma receptividade passiva e que respondam, ao mesmo tempo, à inspiração intuicional superior. Precisamos de mediadores que interpretem as ideias e não de médiuns.

As pessoas de tipo emocional respondem com facilidade à miragem do mundo e à sua própria miragem, seja herdada ou autoinduzida. As pessoas são, na maior parte, puramente emocionais, com flashes ocasionais de real compreensão mental e, de maneira geral, nem isso. A miragem tem sido comparada a uma bruma ou névoa em que

o aspirante divaga, distorcendo tudo o que vê e tudo aquilo com que faz contato, impedindo-o de ver clara e realmente a vida ou as condições que o circundam como são essencialmente. O aspirante um tanto avançado tem consciência da miragem e, ocasionalmente, tem um vislumbre da direção em que encontrará a verdade. Então, novamente a miragem se instala, da qual não consegue se libertar nem fazer nada de construtivo. Seu problema se complica devido à conseqüente angústia e ao profundo desgosto consigo mesmo. Caminha sempre entre brumas e não vê as coisas como são. As aparências o enganam e ele se esquece do que ocultam. As reações astrais geradas pelos seres humanos o circundam e através dessa bruma e névoa ele vê um mundo deformado. Essas reações e a aura circundante que elas formam se fundem e misturam com a miragem do mundo, formando assim parte dos miasmas e emanações insalubres pelos quais as massas dos homens, durante milhões de anos, são responsáveis.

Assinalaria para vocês que, nos dias da Lemúria, a miragem e a ilusão eram relativamente desconhecidas do ponto de vista humano. Não havia reações mentais e somente pouca resposta emocional ao ambiente. Os homens eram em grande parte animais instintivos. A miragem começou nos dias da Atlântida, e desde então tem se precipitado constantemente, até hoje, e quando a Hierarquia olha para a humanidade, ela parece estar caminhando em uma atmosfera densa, profunda e em constante mudança de correntes que ocultam e distorcem, que giram em torno dos filhos dos homens e os impedem de ver a LUZ como é. Isto é ainda mais óbvio quando lembramos que os outros reinos da natureza são relativamente isentos de miragem e ilusão. Na nossa raça, a Ariana, a ilusão do mundo está ganhando peso e lentamente sendo reconhecida pela consciência humana, o que constitui um verdadeiro ganho, pois aquilo que é reconhecido pode ser tratado de maneira inteligente, se existir vontade para isso. Hoje a ilusão está tão potente que são poucas as pessoas de mentes de alguma maneira desenvolvidas que não estejam controladas por estas vastas formas-pensamento ilusórias, que têm raízes e extraem a sua vida da vida da personalidade inferior e da natureza do desejo das massas de homens. É interessante lembrar também, em relação à nossa raça ariana, que estas formas-pensamento extraem a sua vitalidade também do reino das ideias, mas de ideias intuídas erradamente e captadas e forçadas a servir aos propósitos egoístas dos homens. As suas formas foram postas em atividade pelo crescente poder criador da humanidade e se subordinaram aos desejos dos homens, por meio do uso da linguagem, com o seu poder de limitar e distorcer. A ilusão também se precipita de maneira mais potente do que seria de outra forma devido ao esforço de muitos homens idealistas devotados para impor essas formas-pensamento distorcidas nos corpos mentais das massas. Trata-se de um dos principais problemas com que a Hierarquia tem de se ocupar hoje em dia; é também um dos primeiros fatores que um Mestre tem de considerar em relação a qualquer aspirante e discípulo.

A miragem, como vimos, é mais antiga e surgiu antes da ilusão. Tem pouco de qualidade mental e é o principal fator que controla a maioria. O objetivo de todo treinamento ministrado no Caminho do Discipulado e até a terceira iniciação é induzir aquele claro pensamento que tornará o discípulo livre da ilusão e que dará a ele aquela estabilidade emocional, aquele equilíbrio que não dá espaço para a entrada de nenhuma miragem do mundo. Estar assim livre só é possível quando não há no aspirante nenhuma miragem pessoal e nenhuma resposta deliberadamente autoinduzida aos fatores determinantes que produziram a miragem ao longo das eras. Trataremos desses fatores mais à frente.

Maya é resultado tanto da miragem como da ilusão. Quando presente, denota uma personalidade integrada e, portanto, a capacidade de se sintonizar com a ilusão mental e com a miragem astral. Quando esta condição está presente, o problema do discípulo é

um dos maiores do mundo. O que constitui a principal dificuldade de qualquer discípulo é o fato de que o campo de batalha da sua vida envolve todos os aspectos da sua natureza. O homem como um todo está envolvido. Tecnicamente, a palavra MAYA só deve ser usada em dois casos:

1. Em referência à miragem-ilusão unidas, às quais responde um homem que é uma personalidade integrada.
2. Ao falar das limitações do Logos planetário do nosso planeta.

Nas observações acima dei para vocês muito material para refletir – não apenas em relação aos seus próprios problemas pessoais (pois todos vocês estão sujeitos a essas condições), como também indiquei qual é a natureza da miragem. Esta palavra é usada em todos os livros e ensinamentos esotéricos para abranger as condições que são diferenciadas de acordo com as palavras maya, ilusão e miragem em si. Posteriormente, darei para vocês algum ensinamento sobre as causas da miragem e os métodos de dissipá-la. Mas já transmiti bastante para o momento, pois é meu desejo que vocês reflitam sobre essas ideias durante os próximos meses e aprendam um pouco do significado destas palavras que usam de maneira tão leviana. Observem-se e observem também a sua vida diária com discriminação, de maneira que aprendam a distinguir entre miragem, ilusão e maya. Vejam se são capazes de descobrir a forma que o seu Morador do Umbral individual mais provavelmente assumirá quando entrarem em conflito com ele; e, se fizerem o mesmo com seus irmãos de grupo e a necessidade imediata do mundo, não perderão mais tempo no trabalho de seu esclarecimento astral e liberação mental.

Peço-lhes que estudem essas instruções com especial cuidado, pois estou dedicando tempo e esforço nestes dias tão atarefados para atender às suas necessidades e trazer o máximo de luz que puder, sem infringir o seu livre-arbítrio, para atender às suas necessidades e desobstruir a sua preparação para o serviço.

Sugiro também que busquem tudo que puderem encontrar sobre o tema tão mal compreendido da aura: procurem o que disse em meus livros e em textos extraídos de qualquer boa biblioteca ocultista. Não se trata de copiar parágrafos, mas de formular o que sabem de maneira a estarem aptos a responder claramente às perguntas que possam ser colocadas. As três perguntas a seguir são fundamentais:

1. O que é a aura e como vem à existência?
2. Como a aura pode ser o meio da luz e como a luz que deveria brilhar por meio dela pode ser intensificada?
3. Já observaram o efeito que a sua aura individual produz no seu ambiente? E como poderiam melhorar esse efeito?

Esta investigação os habilitará a fazer uma aplicação prática do que procuro ensinar a vocês. Não se esqueçam de que quando vocês olham para o mundo e seu ambiente imediato, estão olhando através da sua aura e, portanto, estão lidando com a miragem e a ilusão.

Há três outras perguntas que poderiam se colocar, examinando a questão à luz da sua alma:

1. Estou sujeito principalmente à miragem ou à ilusão?

2. Sei qual é a qualidade ou característica em minha natureza que facilita minha sintonização com a miragem do mundo ou com a ilusão do mundo?
3. Alcancei o ponto em que sou capaz de reconhecer meu Morador do Umbral e dizer a forma que ele toma?

Que vocês possam, de fato, como indivíduos e também como grupo, aprender o significado do verdadeiro autoconhecimento e, assim, aprender a permanecer no ser espiritual, cada vez mais livres da miragem e da ilusão, é a oração do seu amigo e irmão que abriu caminho para uma medida maior de luz.

Nos últimos seis meses, quatro membros deste grupo de estudantes têm lutado contra a miragem em suas vidas, e na maior parte com êxito. Faço referência a isto porque num grupo experimental como este é bom antecipar tal situação; naturalmente haverá lutas, porque somente aquilo que é conhecido experimentalmente se torna um verdadeiro conteúdo no instrumental do discípulo. Já mencionei o fato de que parte do plano da Hierarquia abrange a criação de pequenos grupos como este, que teriam o objetivo definido de fornecer os meios práticos que permitam dissipar a miragem mundial – tão potente e profunda hoje.

Ainda não chegou a hora para tratar da ilusão do mundo em larga escala, pois a raça humana ainda não é suficientemente mental e a ilusão (que é, como já expus, principalmente resultado da má interpretação de ideias) ainda não atingiu seu apogeu. Mas chegou a hora de dar os primeiros passos para dissipar a miragem, e o domínio da miragem sobre a raça deve ser consideravelmente reduzido no futuro. Daí o treinamento prático dado atualmente aos membros deste grupo no que diz respeito às suas próprias vidas; daí também o ensinamento que se pretende dar posteriormente ao grupo – se estiverem à altura da oportunidade – que os habilitará a colaborar no ataque planejado e combinado à miragem do mundo. Portanto, meus irmãos, lutem com seus problemas pessoais de acordo com essas diretrizes, pois dessa forma vocês ganharão facilidade no discernimento, na ação clara e precisa e no fortalecimento do entendimento.

No processo de dissipação da miragem, a ação mais eficaz é compreender a necessidade de atuar estritamente como canal para a energia da alma. Se o discípulo é capaz de fazer um alinhamento correto e o consequente contato com sua alma, os resultados se manifestarão como maior luz. Esta luz é vertida e ilumina não só a mente, mas também a consciência cerebral. O discípulo vê a situação com maior clareza, compreende os fatos comparando-os com suas “vãs imaginações”, e assim a “luz ilumina seu caminho”. Ele ainda não é realmente capaz de ver nas regiões mais amplas de consciência; a miragem grupal e também a miragem do mundo permanecem para ele como um mistério difícil e desconcertante, mas o seu caminho imediato começa a clarear, e ele fica relativamente livre das brumas dos antigos e distorcidos miasmas emocionais. Alinhamento, contato com a alma e também constância, são as notas-chave para o êxito.

Ficará claro então para vocês que pequenos grupos como esse, se estabelecidos em diferentes países e cidades e se forem bem-sucedidos em suas atividades, poderiam exercer um papel dos mais úteis. A atividade desses grupos teria dois aspectos. Teriam que lutar contra a miragem de grupo que inevitavelmente se insinua na vida de grupo por meio dos seus membros. A união das miragens pessoais proporcionam uma porta aberta para a entrada da miragem do grupo. Temos um exemplo disso nesse grupo, quando a miragem entrou por meio de L.T.S-K. e arrastou a I.B.S. em seu vórtice de força. Esta miragem foi superada, felizmente, deixando todos mais ricos e mais unidos em razão da

firme e amorosa atitude adotada pelos outros membros do grupo. Permitam-me lembrar a L.T.S-K. e I.B.S. de seu profundo reconhecimento pelo amor de seus irmãos. O amor do grupo os protegeu. I.B.S. fez longos esforços para se liberar de certos aspectos da miragem. L.T.S-K. também está mais liberado do que era, mas ainda tem muito a trabalhar. A pessoa de terceiro raio tem sempre dificuldade em cultivar a intuição. A sabedoria aparentemente profunda da ciência manipuladora e tortuosa da inteligência inerente à matéria impede muitas vezes a entrada da verdadeira sabedoria da mente iluminada. Há seis meses atrás eu achava que provavelmente seria impossível para L.T.S-K. se liberar da miragem em que caminhava habitualmente. Hoje brilha um pouco mais de luz em seu caminho e ele pode se liberar ainda mais das suas formas-pensamento auto geradas, e alcançar o objetivo necessário.

Quando a miragem grupal estiver um pouco dissipada e o grupo puder percorrer livremente o “Caminho iluminado”, chegará o momento em que será possível treinar o grupo para estabelecer o alinhamento de grupo, o contato de grupo e a constância de grupo. Poderá ser iniciada então a tarefa definida e científica de ataque à miragem mundial. É do interesse deste grupo em particular ser lembrado de que isso é parte da atividade que está sendo agora empreendida por algumas pessoas do Novo Grupo de Servidores do Mundo. Ao acentuar certas ideias básicas, como a boa vontade e a mútua interdependência, muito está sendo feito para dissipar a miragem com que as pessoas do mundo estão caminhando. Não é função de todo servidor formar parte do ataque maciço sobre a miragem mundial que se inicia agora. Cada um deve se ocupar da miragem em sua própria vida pessoal, mas as funções e atividades diferem de pessoa para pessoa. O trabalho de vocês é o de observadores treinados, e referido treinamento toma bastante tempo. No momento presente, muitos de vocês não reconhecem a miragem quando se apresenta e os envolve. É somente por meio de seus efeitos que vocês acabam sabendo o que ela é. Deve chegar a hora em que seus processos de observação estejam tão aguçados que vocês a reconhecerão em sua verdadeira natureza antes que ela os submerja e produza as condições que lhe permitirão dizer mais tarde: "Por que me deixei levar pela miragem? Por que fui tão cego?"

Nesta altura, desejaria fazer duas coisas: desenvolver com ainda mais precisão este debate ou este curto tratado sobre a miragem, de maneira que as nossas ideias possam ser claramente formuladas e vocês disponham de um livro didático para referência futura que servirá de guia para o seu grupo e grupos similares para fins da correta atividade. Em seguida, desejaria recapitular o que já lhes ensinei para enriquecer o seu entendimento sobre as diversas fases da miragem do mundo. A mente analítica tem que diferenciar esta miragem do mundo em fases distintas, denominando-as de Ilusão, Miragem, Maya e a forma-pensamento sintética, encontrada no Caminho do Discipulado, que algumas escolas de esoterismo chamam de Morador do Umbral.

Como podem ver, irmãos, estabelecemos para nós uma grande temática, que deve ser tratada com muito cuidado. Minha tarefa é difícil, porque estou escrevendo para pessoas que ainda se encontram sob o domínio de vários aspectos da miragem e em geral sob o controle da miragem secundária e do maya. A ilusão ainda não exerce de todo o seu papel e o Morador do Umbral raramente é reconhecido de maneira suficiente. Lembraria a vocês um fato oculto importante e lhes peço que se esforcem para compreender do que estou falando. O Morador do Umbral não emerge da névoa da ilusão e da miragem até que o discípulo esteja se aproximando das Portas da Vida. Somente quando ele é capaz de perceber vagamente o Portal da Iniciação e vê um flash ocasional de luz proveniente do Anjo da Presença que permanece perto daquela porta, pode ele enfrentar o princípio da dualidade, para ele encarnado no Morador e no Anjo. Estão entendendo o que quero

dizer? Minhas palavras só indicam para vocês uma situação e um acontecimento futuros, apresentados simbolicamente. Mas dia virá, com certeza, em que se encontrarão, em plena consciência, entre esses símbolos dos pares de opostos, com o Anjo à direita e o Morador à esquerda. Que então recebam a força que lhes permitirá seguir adiante entre esses dois oponentes, que por longas eras travaram uma guerra no campo da sua vida, e possam chegar diante daquela Presença em que os dois são um só e onde não conhecerão nada além de Vida e Divindade.

Resumindo algumas instruções precedentes com relação aos quatro aspectos da miragem, peço que examinem cuidadosamente a tabulação a seguir.

1. Um senso nascente de maya surgiu nos dias da Lemúria, mas não havia nenhuma miragem nem ilusão reais.
2. A miragem surgiu nos primeiros tempos da Atlântida.
3. A ilusão surgiu entre os seres humanos avançados nos dias finais da Atlântida e será um fator controlador em nossa raça ariana.
4. O Morador do Umbral chegará à sua plena potência no final desta raça, a ariana, e nas vidas de todos os iniciados antes de tomarem a terceira iniciação.
5. Os reinos subumanos da natureza desconhecem a miragem e a ilusão, mas estão imersos no maya do mundo.
6. O Buda e Seus 900 arhats assestaram o primeiro golpe na miragem mundial quando Ele proclamou Suas Quatro Nobres Verdades. O Cristo assestou o segundo golpe ao ensinar a natureza da responsabilidade individual e da fraternidade. O próximo golpe será assestado pelo Novo Grupo de Servidores do Mundo, atuando sob a direção do Cristo e Seus discípulos, simbolicamente descritos como "Cristo e Seus 9.000 iniciados"
7. As quatro notas-chave para a solução do problema da miragem são:
Intuição . . . Iluminação . . . Inspiração . . . O Anjo da Presença.

ASPECTOS DA MIRAGEM

Nome	Plano	Oposto	Objetivo	Campo de Batalha	Técnica
Ilusão	Mental	Intuição Percepção espiritual	Dispersão	Caminho de Iniciação Mundo das Ideias	Contemplação pela Alma
Miragem	Astral	Iluminação Lucidez Visão	Dissipação	Caminho do Discipulado	Meditação Manter a mente firme na luz
Maya	Etérico	Inspiração	Desvitalização	Caminho de Provação Purificação	Ocultismo Manipulação da força

Morador do Umbral	Físico Consciência cerebral	Anjo da Presença	Discriminação	Personalidade integrada	Unificação Fim da dualidade
-------------------------	-----------------------------------	---------------------	---------------	----------------------------	-----------------------------------

Chamaria a atenção para o fato de que todo o problema diz respeito ao uso ou ao abuso da força ou da energia, o que ficará claro em suas mentes se compreenderem três coisas:

1. O homem comum, na vida do dia a dia, e o aspirante no Caminho de Provação ou Purificação trabalham com as forças da vida nos três planos do esforço humano, e mais o princípio de vida em si.
2. O discípulo começa a discriminar entre forças e energia. No Caminho do Discipulado ele começa a trabalhar com a energia da alma, a qual, oportunamente, domina as forças.
3. O iniciado trabalha no Caminho da Iniciação, com energia e aprende a distinguir entre a energia da vida, as energias da alma e as forças do mundo fenomênico.

Outro ponto a enfatizar nesta altura é que a natureza dessas forças e energias, assim como o uso e controle sobre elas devem sempre ser compreendidos e realizados em plena consciência no plano físico. A teoria deve se tornar um fato e as batalhas nos níveis sutis do plano astral e do plano mental devem ser claramente compreendidas na consciência do cérebro, pois é ali onde se faz a aplicação. Quando tais entendimentos e atividades internas se tornarem partes práticas da vida do discípulo e suas consequências ficarem claras à sua percepção em plena consciência vigílica, elas formam, com o tempo, parte integrante do seu instrumental de qualidades. Na realidade ele integra e sintetiza experiência nos três mundos e está se tornando um Mestre em razão desse controle consciente. Ele capta o fato de que tudo que aparece e acontece se deve à circulação e à constante mutação de forças. Ele descobre então como essas forças interagem em suas próprias experiências e natureza, e capta o fato fundamental de que apenas aquelas forças que ele próprio pode usar e dominar em sua própria vida como indivíduo podem ser empregadas por ele na atividade grupal e usadas na dissipação da miragem do mundo. A título de ilustração, poderíamos expressar:

1. Por meio do alinhamento e do contato que se segue, a intuição é evocada, despertada e usada. Trata-se do grande agente de dissipação, vertido do plano da intuição (o plano búdico) por meio da alma e do cérebro para o coração do discípulo.
2. Por meio do alinhamento e do contato que se segue, a energia da alma é evocada, despertada e usada. Trata-se do grande agente de dissipação, vertido dos planos da alma (os níveis mais elevados do plano mental) por meio da mente para o cérebro do discípulo, transportando iluminação para o plano astral
3. Esses dois tipos de energia espiritual atuam diferentemente sobre as forças da personalidade e seu objetivo e atividade têm que ser compreendidos na consciência cerebral do discípulo, à medida que trabalha no plano físico.
4. Então e somente então podem a luz da intuição e a luz da alma retornarem para o plano astral pelo esforço consciente e a vontade dinâmica inteligente do discípulo que serve.

Reflitam sobre esses pontos, pois eles indicam o seu caminho e o seu serviço.

Organizei um tanto as nossas ideias e tracei o plano segundo o qual vamos abordar este tema. Já lhes dei certos conceitos básicos e as grandes linhas do tema como um todo. (Consultem o Índice). Hoje começaremos o nosso real estudo. Como sabem, não é minha intenção escrever uma tese longa e pesada sobre este tema. Os livros que serão compilados das instruções oferecidas a esses grupos de discípulos não serão volumes pesados como o Tratado sobre o Fogo Cósmico e o Tratado sobre a Magia Branca. Serão uma série de volumes relativamente curtos e devem, portanto, estar repletos de informações, não sendo de estilo discursivo.

Acima de tudo, meus irmãos, estas instruções *devem* ser de um *valor* especialmente prático, deixando o estudante com a compreensão de que ele entende melhor o mundo sutil das correntes de pensamento e das forças no qual ele habita; e que ele sabe melhor os meios que *deve* empregar e a técnica que *deve* seguir para livrar o seu caminho da escuridão e da confusão e prosseguir até a luz e a harmonia. O nosso estudo também *deve* ser comparativo, e o leitor deve ter em mente que ele não vai ser capaz de distinguir a verdade nem de isolar aquele aspecto do ensinamento que é para ele de importância primordial, a menos que ele aplique aquilo que é útil, e se certifique claramente se ele é vítima de ilusão ou da miragem. Em última instância, ele deve saber onde se encontra, antes que possa dar o próximo passo necessário à frente. O discípulo é a vítima e, esperamos, o dissipador tanto da miragem como da ilusão, advindo daí a complexidade do seu problema e a sutilidade de suas dificuldades. Ele deve ter em mente também (para adquirir mais força e ânimo), que cada porção de miragem dissipada e cada ilusão reconhecida e superada “abre o caminho” para aqueles que os seguem, tornando mais fácil o caminho de seus companheiros de discipulado. Este é o Grande Serviço, por excelência, e é para este aspecto que chamo a sua atenção. Daí a razão do meu esforço para esclarecer este assunto, nestas instruções.

Um dos problemas que se colocam diante do aspirante é saber como reconhecer realmente a miragem quando ela surge e como ser consciente das miragens que obstruem o seu caminho como também as ilusões que erguem um muro entre ele e a luz. Já é muito que vocês tenham reconhecido a existência da miragem e da ilusão. A maioria das pessoas não é consciente da sua presença. Muitas pessoas boas hoje em dia não as veem; elas endeusam suas miragens e consideram suas ilusões como bens valiosos e duramente conquistados.

O próprio reconhecimento, por sua vez, traz consigo seus problemas, pois o discípulo comum é incapaz de se libertar das faculdades de criação de miragem desenvolvidas no passado, e acha muito difícil guardar a devida proporção e um senso adequado de valores em relação às verdades do plano mental. Uma verdade duramente conquistada e um princípio de realidade podem ser apreendidos e, então, em torno deles, o discípulo pode construir as ilusões facilmente formadas pela mente que está apenas começando a se descobrir. As miragens de natureza emocional podem surgir e se reunir em torno do ideal, pois este, ainda não estando claro, tende a atrair para si o que é considerado – emocional e sensivelmente – o que ele crê ser e ter.

Ilustremos este ponto de dois ângulos diferentes, ambos inteiramente da fase do discipulado ou encontrados no Caminho de Provação. Vamos chamá-los de “ilusão de poder” e de “miragem de autoridade.” Estes termos nos mostram que um se encontra no plano astral e o outro no plano mental.

A Miragem de Autoridade é uma miragem de massa na maioria dos casos. Tem raízes na psicologia de massa e é um dos indicativos de que a humanidade ainda está no estágio

infantil, em que os homens são protegidos de si mesmos por determinadas regras, um corpo de leis, algum ditame autoritário, emanado do controle estatal, do governo de uma oligarquia ou da ditadura de algum indivíduo. Com isso reduz a humanidade, até onde se pode julgar, a formas definidas e padroniza as atividades dos homens, regulando de maneira estrita sua vida e seu trabalho. É imposto e ordenado pela exploração do complexo do medo, desenfreado na humanidade neste momento; e esse medo é uma das fontes mais férteis de miragem que temos. Poderíamos talvez, e com razão, considerar o medo como a semente de toda miragem no nosso planeta. O medo esteve na base das condições que viabilizaram a miragem do plano astral, mas não das ilusões dos níveis mentais de consciência.

Quando a miragem da autoridade se transfere para a consciência espiritual do homem, temos um estado de coisas como o período da Inquisição em suas piores formas, de autoridade da Igreja com ênfase na organização, governo e penalidade, ou a autoridade inquestionável de algum instrutor. Em suas formas mais elevadas, temos o reconhecimento de reger do Anjo solar, da Alma ou Ego. Entre esses dois extremos, que expressam a infância da raça e a liberdade que surge quando a humanidade alcança sua maioridade e a liberdade que a alma concede, encontram-se todos os tipos de reações intermediárias. Para ilustrar esse ponto e assim enfatizar o aspecto miragem à medida que afeta o discípulo e o problema com que ele se depara, o que encontramos? O discípulo se liberou um tanto do controle imposto de um instrutor ortodoxo e da autoridade de um instrutor. Ele se torna (até onde ele pode dizer) livre de referido controle. Conhecendo, porém, sua própria fraqueza essencial e a atração da personalidade, ele fica em guarda contra si mesmo e contra as antigas regras de controle, e aprende gradualmente a se manter sobre os próprios pés, a tomar as próprias decisões e a distinguir a verdade por si mesmo. Aprende a escolher seu caminho. Mas, como todas as pessoas que não tomaram algumas das iniciações superiores, ele pode (no devido tempo) se apaixonar por sua liberdade e, automaticamente, cair na miragem de seu ideal de liberdade – um ideal que ele criou. Torna-se prisioneiro da liberdade. Rejeita todas as regras, exceto aquela que ele chama de "regra de sua própria alma", esquecendo-se de que o contato com sua alma ainda é intermitente. Exige o direito de se manter sozinho. Ele se deleita com a nova liberdade que encontrou. Esquece-se de que, tendo renunciado à autoridade de um ensinamento e de um instrutor, ele tem que aprender a aceitar a autoridade da alma e do grupo de almas com o qual está afiliado pelo seu carma, seu tipo de raio, sua escolha e a inevitabilidade dos efeitos da unificação. Tendo renunciado à orientação de outra pessoa no Caminho, e tendo seus olhos parcialmente abertos, ele agora procura trilhar o Caminho para a meta, esquecendo-se, porém, de que trilha o Caminho em uníssono com outros, e que há determinadas "Regras do Caminho" que ele deve aprender e deve aprender em uníssono com outros. Ele colocou a lei individual no lugar da lei de grupo, mas ainda não conhece a lei de grupo como deve ser conhecida. Caminha só, da melhor maneira que pode, glorificando-se por ter atingido a liberdade da autoridade que conseguiu alcançar. Promete a si mesmo que não aceitará nenhuma autoridade ou orientação.

Aqueles de nós que o examinam e estão olhando para ele de um nível em que a visão é mais clara o veem se tornar cada vez mais obscurecido por névoas e por uma miragem que gradualmente vai crescendo ao seu redor, à medida que vai se tornando um "prisioneiro das névoas da liberdade" e se deleita com o que considera ser a realidade da sua independência. Quando sua visão tiver clareado e seu aspecto mental estiver mais desenvolvido e expandido, ele saberá que a Lei do Grupo deve se impor a ele, e vai se impor, e que a regência da natureza inferior só pode ser substituída pela regência da alma, que é a regência de grupo e que atua sob a lei de grupo. Ele lutou para sair da

massa dos que buscam o Caminho até chegar ao próprio Caminho. Portanto, avançou mais do que as massas, mas não está só, mesmo que ache que está. Descobrirá muitos outros que estão percorrendo o mesmo caminho com ele, e seu número cresce sem parar, à medida que ele avança. A regra da interação, da jornada, e do reconhecimento do trabalho e do serviço grupal preponderarão sobre ele, até que descubra que é um membro do Novo Grupo de Servidores do Mundo, trabalhando sob certas condições que são as regras que regem a atividade de grupo. À medida que aprende a trilhar o Caminho com eles, os incentivos e as técnicas que regem seu serviço escolhido penetrarão em sua consciência e ele começará a obedecer automática e naturalmente ao ritmo superior, aderindo às leis que controlam a vida e a consciência de grupo. Finalmente, penetrará nos lugares silenciosos onde os Mestres de Sabedoria habitam, e trabalhará com Eles em ritmo de grupo, obedecendo assim às leis do reino espiritual, que são as leis subjetivas de Deus.

Repetidamente, ao longo do Caminho, o discípulo se rebelará contra o controle e cairá novamente na miragem de sua suposta liberdade. Pode se liberar do controle da personalidade. Há liberdade em relação ao controle das personalidades. Mas nunca há liberdade em relação à Lei do Serviço e à constante interação entre homem e homem, e alma e alma. Ser livre é permanecer na clara e límpida luz da alma, que é básica e intrinsecamente consciência grupal.

Portanto, quando um de vocês for assolado por incertezas e inquietações, desejando e exigindo andar livremente e que nenhuma autoridade lhe seja imposta, que cuide para não se submeter à miragem de um desejo de se libertar dos impactos de seu grupo e certifique-se de que não está buscando – como uma alma sensível – uma via de escape. Estou usando esta frase no sentido da psicologia moderna. Não deixe de fazer a si mesmo a pergunta: O seu conforto e a sua paz de espírito são de importância tão definitiva para você e para os outros que justifiquem o sacrifício da integridade do grupo para tê-los? A sua própria satisfação interior é uma desculpa adequada para adiar o objetivo planejado do grupo? Pois certamente o atrasará. O que quer que decida será, por sua vez, uma decisão de cunho autoritário com todas as reações consequentes sobre o grupo....

O que é essa obediência ocultista, irmãos, da qual tanto ouvimos falar? Não é o que muitos grupos ocultistas fazem parecer. Não é o controle de uma organização externa, dedicada ao chamado trabalho ocultista. Não são as condições impostas por qualquer instrutor de qualquer nível. Não é a troca da prisão de um conjunto de ideias pelas de outro conjunto, talvez com maior alcance ou importância. Uma prisão é uma prisão, seja uma pequena célula ou uma extensa ilha isolada da qual é impossível escapar.

A autoridade à qual nós, os instrutores no plano interno respondemos é dupla por natureza e a ela vocês estão apenas começando (como unidades em um grupo) a responder. A que vocês respondem?

1. Ao entendimento que emerge lentamente da "luz do além", usando essa frase como símbolo. Essa luz é diferente em seu apelo ao indivíduo. No entanto, é UMA LUZ. Reconhecê-la revela novas leis, novas responsabilidades, novos deveres e obrigações e novas relações com os outros, e que constituem um controle autoritário. Ninguém pode escapar a essa autoridade, mas pode desobedecê-la no tempo e no espaço e por um período temporário.

2. À autoridade das Regras do Caminho que são impostas a uma pessoa quando passa do Caminho da Provação para o Caminho do Discipulado. No entanto, trata-se de UM ÚNICO CAMINHO. Nessa "senda estreita como o fio da navalha", a pessoa aprende a andar com disciplina e discrição e com ausência de desejo, o que vivencia em uníssono com seus condiscípulos.

De maneira breve e sucinta, quais são estas regras do Caminho? Vou lhes dar seis entre as mais simples, pedindo com insistência que se lembrem de que elas não são impostas pela autoridade de um Conselho de Diretores arbitrário, tal como um instrutor ou instrutores de grupo (dos quais eu poderia ser um deles, é claro), mas são resultado das condições encontradas no próprio Caminho. Elas têm a garantia da própria alma de um homem e resultam da experiência de milhões de viajantes nesse Caminho.

Vou lhes dar essas seis regras (mesmo já tendo dado para outro aspirante²) na forma antiga e simbólica, traduzindo-as o melhor que possa dos antigos registros, arquivados na Câmara de Sabedoria e disponibilizado a todos os discípulos sérios – como são vocês.

As Seis Regras do Caminho (As Leis da Senda)

I. O caminho é trilhado à plena luz do dia, vertida sobre o Caminho por Aqueles que sabem e dirigem. Nada pode ficar oculto e, em cada curva desse caminho, todo homem dá de frente consigo próprio.

II. Neste caminho, o oculto é revelado. Cada um vê e reconhece a vilania³ do outro. No entanto, mesmo com essa grande revelação, não há volta, não há desprezo pelos outros, não há vacilação nesse caminho. O caminho segue para o dia.

III. Neste caminho, ninguém anda só. Não há pressa, não há urgência. No entanto, não há tempo a perder. Todo peregrino, sabendo disso, adianta os passos e se vê cercado de companheiros. Alguns avançam, ele os segue. Alguns ficam atrás, ele dita o ritmo. Ele não viaja só.

IV. Três coisas o peregrino deve evitar. Usar um capuz, um véu que esconda seu rosto dos outros; carregar uma jarra de água que só contenha o suficiente para as próprias necessidades; portar um cajado sem um gancho de pega.

V. Todo peregrino no caminho deve levar o que ele precisa: um fogareiro para aquecer seus semelhantes; uma lanterna para projetar raios sobre seu coração e assim mostrar aos irmãos a natureza de sua vida oculta; uma bolsa com ouro, que ele não dissipa pelo caminho, mas partilha com os outros; um vaso lacrado no qual carrega toda a sua aspiração para depositar aos pés d'Aquele que espera para acolhê-lo no portal – um vaso lacrado.

VI. O peregrino, ao trilhar o caminho, deve ter o ouvido atento, a mão dadivosa, a língua silenciosa, o coração purificado, a voz de ouro, o pé ligeiro e o olho aberto que vê a luz. Sabe que não viaja só.

² N. do T.: Discipulado na Nova Era, Volume I, para o discípulo H.S.D.

³ Vilania: Não encontro outra palavra para traduzir a antiga frase que signifique estupidez inata, vileza ou crassa ignorância e autointeresse, particularidades que caracterizam o aspirante comum. (Mestre Tibetano)

A Ilusão do Poder é talvez uma das primeiras e mais sérias provas que se apresentam ao aspirante e também um dos melhores exemplos deste “grande erro”; portanto, peço-lhes que considerem como algo contra o qual devem se precaver cuidadosamente. Raras vezes o discípulo escapa aos efeitos deste erro da ilusão, pois se baseia, de forma curiosa, no êxito e na motivação correta. Daí a natureza enganosa do problema, que poderá se expressar da seguinte maneira:

O aspirante consegue fazer contato com sua alma ou ego, por meio do esforço correto. Pela meditação, a boa intenção e a técnica correta, mais o desejo de servir e amar, obtém o alinhamento, tornando-se consciente dos resultados de seu trabalho bem-sucedido. Sua mente se ilumina e um senso de poder flui através de seus veículos. É consciente do Plano, pelo menos temporariamente. A necessidade do mundo e a capacidade da alma de enfrentar essa necessidade invade sua consciência. Sua dedicação, consagração e propósito correto aumentam a afluência de energia espiritual. Ele sabe. Ele ama. Ele procura servir, realizando as três coisas com maior ou menor êxito. O resultado de tudo isso é que o sentido de poder e o papel que deve desempenhar para ajudar a toda a humanidade o absorvem mais do que a compreensão do devido e adequado senso de proporção e de valores espirituais. Superestima a si mesmo e também a sua experiência. Em vez de redobrar esforços e assim estabelecer um contato mais estreito com o reino das almas e amar mais profundamente a todos os seres, começa a fazer alarde de si mesmo, da missão que tem a cumprir e da confiança que o Mestre, e até o Logos Planetário, aparentemente depositam nele. Fala de si mesmo, gesticula e atrai a atenção, exigindo reconhecimento. Assim fazendo, seu alinhamento é gradualmente prejudicado, seu contato diminui, unindo-se aos muitos daqueles que sucumbiram à ilusão do poder experimentado. Esta forma de ilusão prevalece cada vez mais entre os discípulos e aqueles que tomaram as duas primeiras iniciações. Há hoje no mundo muitas pessoas que tomaram a primeira iniciação em uma vida anterior. Em algum período do atual ciclo de vida, que repete e recapitula os acontecimentos de seu desenvolvimento anterior, chegam novamente à etapa de realização que haviam alcançado antes. Percebem o significado de sua realização e o senso de sua responsabilidade e conhecimento. Novamente se superestimam, considerando a si mesmos e suas missões como algo excepcional entre os filhos dos homens. As demandas esotéricas e subjetivas para obter reconhecimento estragam aquilo que seria um serviço fecundo. Qualquer ênfase sobre a personalidade pode desfigurar facilmente a luz pura da alma, à medida que procura fluir para o eu inferior. Todo esforço para chamar a atenção para a missão ou tarefa que a personalidade tenha assumido desvirtua essa missão e restringe o homem em sua tarefa; isso leva a diferir o cumprimento até o momento em que o discípulo seja apenas um canal pelo qual o amor possa fluir e a luz brilhar. Esta afluência e brilho devem ser acontecimentos espontâneos, destituídos de toda referência à própria pessoa.

Esses dois exemplos de miragem e de ilusão mostrarão a vocês não apenas como o problema é sutil, como também a necessidade urgente de reconhecê-lo. Há hoje muitas pessoas manifestando essas duas qualidades da natureza inferior.

1. Miragem no Plano Mental – Ilusão.

Nesta seção do nosso debate consagraremos menos tempo ao exame da ilusão do que à miragem ou ao maya. A ilusão não é confrontada abertamente nem superada até que o homem tenha:

a. Mudado o foco de sua consciência para o plano mental.

- b. Empreendido uma tarefa bem definida e de serviço inteligente.
- c. Realizado o alinhamento com a sua alma, de maneira consciente e com facilidade e tenha estabelecido com firmeza a técnica de contato com ela.
- d. Tomado a primeira iniciação.

O termo ilusão é com frequência usado de maneira leviana para significar falta de conhecimento, opiniões instáveis, miragem, mal-entendidos, perplexidade psíquica, o domínio dos poderes psíquicos inferiores e muitas outras formas de ilusão do mundo. Mas chegou o momento em que a palavra deve ser usada com um senso discriminatório desenvolvido e em que o discípulo deve conhecer e compreender claramente a natureza desse miasma fenomênico no qual a humanidade se move. Para fins de clareza e para distinguir de maneira mais precisa e eficaz entre as formas de ilusão nas quais a alma se move e das quais deve se libertar, será necessário dividir a Grande Ilusão (em seus vários aspectos) em suas partes componentes no tempo e no espaço, e isso procurei fazer parcialmente quando defini para vocês as palavras Maya, Miragem, Ilusão e o Morador do Umbral. Quero que vocês mantenham muito claramente na mente essas distinções e estudem com cuidado a tabulação apresentada acima.

A ilusão, para os fins do nosso estudo, pode significar a reação da mente indisciplinada ao recém-contatado mundo das ideias. Este contato é estabelecido no momento em que o homem realizou o alinhamento e colocou a natureza inferior em contato com a superior. As ideias vêm a nós do plano da intuição. A alma ilumina o plano da mente e o plano da intuição de maneira que eles se revelam um ao outro e sua relação mútua fica então aparente. A mente do homem (que está se tornando lentamente o centro da sua consciência e a principal realidade da sua existência) se torna consciente deste mundo das ideias, novo e até então inexplorado; e ele se apodera de alguma ideia ou grupo de ideias e se esforça para torná-las suas. De início, a maioria das pessoas e, em especial, a de tipo místico comum, só tem uma apreciação muito vaga e nebulosa das ideias, que lhes chegam com frequência de um ângulo de segunda mão. A iluminação obtida graças a um contato fracamente estabelecido com a alma parece, para o neófito inexperiente, uma maravilha suprema e de importância vital. As ideias com que entra em contato lhe parecem maravilhosas, extraordinariamente incomuns e de vital necessidade para a humanidade.

Porém, a mente ainda é autocentrada, o contato fraco e o alinhamento incerto. Portanto, as ideias são percebidas apenas vagamente. Mas a singularidade da experiência realizada no conteúdo da mente do discípulo o leva às profundezas do reino da ilusão. A ideia, ou ideias que ele contactou são, pudesse ele compreender, apenas um fragmento de um Todo muito mais vasto e sua interpretação é inadequada. A ideia que emergiu em sua consciência, devido ao despertar parcial de sua intuição, será distorcida de várias maneiras em sua descida à consciência cerebral. O que ele traz para a materialização da ideia e para sua transformação em um esquema de trabalho prático ainda é totalmente inadequado. O instrumental que possui não é suficiente para garantir a precisão. As maneiras pelas quais essa distorção e essa atenuação da ideia ocorrem podem ser descritas da seguinte maneira: – *A passagem de uma ideia do plano da intuição para o cérebro.*

- I. A ideia é percebida pela mente, "mantida firme na luz da alma".

II. Ela desce aos níveis superiores do plano mental onde é revestida com substância desses níveis. Ela ainda é uma abstração, do ponto de vista da mente inferior, ponto que deve ser cuidadosamente observado pelo pretense intuitivo.

III. A alma projeta sua luz para o alto e para o exterior e a ideia, nebulosa e tênue, emerge na consciência do homem. Ela é revelada tal como um objeto é revelado quando o feixe luminoso de um potente holofote é lançado sobre ele. A mente, se esforçando para permanecer em contato consciente, firme e constante com a alma, capaz de ver no mundo superior por meio do "olho da alma amplamente aberto" registra a ideia com clareza cada vez maior.

IV. Revelada, a ideia se torna então um ideal para a mente atenta e, oportunamente, algo a ser desejado e materializado. A faculdade da mente de construir formas-pensamento entra então em ação; a energia da ideia atua sobre a "substância mental" vitalizada pelo reconhecimento da alma, e a ideia dá seus primeiros passos reais para a manifestação concreta. Um ideal é apenas uma ideia encarnada.

São estes os primeiros passos para a materialização. A manifestação concreta se torna possível. E assim a ilusão é produzida.

V. A distorção agora se produz, provocada por várias causas, que se enumeram como segue:

1. O tipo de raio do ego colore a interpretação que o homem dá à ideia. Colore a forma-pensamento emergente. Falando em termos simbólicos, a pura luz é transformada em luz colorida. A ideia é então "revestida de cor e com isso desce o primeiro véu."

2. O ponto de evolução que o homem alcançou também exerce seu efeito, além da qualidade da integração existente entre os três aspectos da personalidade e o alinhamento estabelecido entre alma-mente-cérebro. Esses elementos, sendo necessariamente imperfeitos, produzem uma imprecisão nas linhas gerais e, em consequência, na forma final. Portanto, temos:

- a. A integração imperfeita da personalidade.
- b. A imprecisão da forma-pensamento proposta.
- c. O material inadequado atraído, em consequência, para a construção da forma-pensamento.
- d. Um deslocamento do centro de atenção, devido ao caráter vago do ideal percebido.
- e. A instabilidade da relação entre a mente e a ideia percebida.

3. A qualidade do desenvolvimento do corpo mental do discípulo produz o "véu" seguinte que desce sobre a ideia. A ideia mudou sob a influência da cor do raio da alma e agora a mudança que a deforma ainda mais é proveniente do tipo de raio do próprio corpo mental, que em geral é diferente do raio da alma.

São esses os segundos passos para a materialização. A forma da manifestação concretizada reveste uma determinada qualidade. Assim se produz a ilusão.

VI. A ilusão geralmente se manifesta de sete maneiras:

1. *Pela percepção errada de uma ideia.* O discípulo não é capaz de distinguir entre uma ideia e um ideal, entre uma ideia e uma forma-pensamento ou entre um conceito intuitivo e um conceito mental. Esta é uma das maneiras mais comuns de produzir ilusão entre os

aspirantes. A atmosfera mental em que todos vivemos é uma atmosfera de ilusão. É também uma atmosfera ou área de contato consciente em que se encontram formas-pensamento de todo tipo. Algumas foram postas ali pela Hierarquia para que o homem as descubra; outras são formas-pensamento construídas em torno de ideias; outras ainda são ideais muito antigos já descartados, mas que ainda persistem como formas-pensamento; algumas são totalmente novas e, portanto, ainda não são potentes, mas são atrativas. Todas foram criadas pelo homem em uma ou outra etapa de seu desenvolvimento individual ou racial. Muitas delas são envoltórios de conceitos há muito descartados, outras são embrionárias e algumas estáticas e estáveis; muitas estão em processo de descer dos níveis intuitivos; poucas estão iluminadas pela clara luz da alma e prontas para se manifestar. Um grande número de outras formas-pensamento está em processo de desintegração. Algumas delas ou ideias encarnadas são de natureza destruidora, devido ao tipo de matéria de que são formadas. Outras são construtivas. Todas são matizadas por alguma energia de raio. Grande parte delas é necessariamente construída pela atividade no mundo da personalidade; outras estão em processo de construção pela alma, como também pela atividade conjunta de alma e personalidade. Portanto, a percepção correta é essencial para toda mente que funcione corretamente. Os aspirantes devem aprender a distinguir entre:

- a. Uma ideia e um ideal.
- b. Entre o que tomou forma e o que está em processo de tomar forma e o que está aguardando desintegração.
- c. Entre o que é construtivo e o que é destrutivo.
- d. Entre as formas e ideias antigas e novas.
- e. Entre as ideias e as formas de raio, à medida que colorem as apresentações superiores.
- f. Entre as ideias e as formas-pensamento e entre as que são criadas propositalmente pela Hierarquia e as que são criadas pela humanidade.
- g. Entre as formas-pensamento raciais e as ideias de grupo.

Seria possível enumerar muitas outras diferenciações, mas as mencionadas acima bastarão para demonstrar a necessidade de perceber corretamente e indicar as raízes do predomínio da ilusão mundial, produzido pela percepção errada.

A causa reside na mente não treinada e não iluminada.

A solução se encontra no treinamento segundo a técnica da Raja Yoga. Referido treinamento resulta na capacidade de manter a mente firme na luz, em alcançar uma percepção correta, obter uma perspectiva correta e chegar à atitude mental correta. O Buda se referiu a estas atitudes corretas quando descreveu o Nobre Caminho Óctuplo. Implica em alcançar uma altitude mental correta. Digo altitude, irmão meu, não atitude.

2. *Pela interpretação errada.* A ideia, uma entidade vital ou um germe vivo em potência é considerada por meio de uma visão parcial, distorcida pela inadequação do instrumental mental e muitas vezes reduz-se em inutilidade. O mecanismo para a correta compreensão está ausente, e embora o homem possa dar de si o mais elevado e o melhor e embora

possa manter a mente firme na luz em certa medida, o que oferece à ideia é ineficaz, na melhor das hipóteses. Isto leva à ilusão devido à má interpretação

A *causa* se deve à sobreavaliação dos próprios poderes mentais. O pecado por excelência do indivíduo mental é o orgulho, que colore todas as atividades nas primeiras etapas.

A *solução* é o desenvolvimento de uma disposição prudente.

3. *Pela apropriação errada das ideias.* A indevida apropriação de uma ideia se baseia na faculdade de dramatizar e na tendência da personalidade de impor seu pequeno eu. Isto leva um homem a se apropriar de uma ideia como se fosse sua, a creditar a si mesmo a formulação de tal ideia e a dar a ela, portanto, uma importância indevida porque a considera própria. Passa a construir a vida em torno da sua ideia, dá muita importância a seus objetivos e intenções, e espera que os demais reconheçam o seu direito de propriedade sobre a ideia. Esquece-se de que as ideias não pertencem a ninguém, mas, sendo provenientes do plano da intuição, são dom e posse universais e não propriedade de determinada mente. Sua vida como personalidade fica subordinada ao conceito que ele tem de uma ideia e ao seu ideal de uma ideia. A ideia se torna o agente decisivo do propósito autoimposto da sua vida, impulsionando-o de um extremo a outro. Isto produz ilusão pela indevida apropriação

A *causa* se deve à sobreavaliação da personalidade e à indevida impressão das reações da personalidade sobre a ideia percebida e sobre aqueles que procuram entrar em contato com a mesma ideia.

A *solução* consiste em procurar firmemente descentralizar a vida da personalidade e centrá-la na alma.

Há um ponto que gostaria de esclarecer. Raras vezes as ideias penetram na consciência mundial e na mente humana diretamente dos níveis intuicionais. A etapa atual do desenvolvimento humano ainda não o permite. Elas só podem provir dos níveis intuicionais quando há um contato com a alma altamente desenvolvido, um potente controle mental, uma inteligência treinada, um corpo emocional purificado e um bom instrumental glandular, conquistados como resultado dos requisitos acima. Reflitam sobre este conceito.

A maioria das ideias, quando de ordem muito elevada, é introduzida na consciência de um discípulo por seu Mestre e transmitida a ele por telepatia mental, como resultado de sua sensibilidade às "ondas de dons psíquicos", como esta faculdade é chamada nos ensinamentos tibetanos. As ideias também são percebidas na interação entre discípulos. Muitas vezes, quando discípulos se reúnem e assim estimulam reciprocamente as suas mentes, e centralizam a atenção concentrada de cada um, eles podem, juntos, fazer um contato com o mundo das ideias que, de outra forma, seria impossível, e trazer à tona os conceitos mais novos. Além disso, certas grandes ideias existem como correntes de energia no plano mental. Os discípulos podem entrar em contato com elas e forçá-las a se manifestar, graças à sua atenção treinada. Essas correntes de energia mental, coloridas por uma ideia básica, são colocadas ali pela Hierarquia. Quando então são descobertas e contatadas, o neófito tende a considerar este fato de maneira pessoal e a atribuir a ideia à sua própria sabedoria e poder. Vocês observarão a grande necessidade de correto entendimento e de correta interpretação do que é contatado.

4. *Por um direcionamento errado das ideias.* Deve-se ao fato de que o discípulo ainda não vê as coisas como são. Seu horizonte é limitado, sua visão é míope. Uma fração ou um fragmento de alguma ideia básica entra em sua consciência e ele a interpreta como pertencente a uma série de atividades com as quais pode não ter absolutamente nenhuma relação. Ele começa então a trabalhar com essa ideia, enviando-a para direções onde ela é totalmente inútil; começa a revesti-la de uma forma que não lhe convém em absoluto, corporificando-a de uma maneira em que sua utilidade é suprimida. Assim, desde o primeiro contato, o discípulo está sujeito à ilusão e, enquanto persiste nela, fortalece a ilusão coletiva. Esta é uma das formas mais comuns de ilusão e uma das primeiras maneiras como o orgulho mental do discípulo pode ser quebrado. Trata-se de uma ilusão por má aplicação inicial, que leva ao uso errado, ou ao direcionamento errado da ideia.

A *causa* é uma mente limitada e não inclusiva.

A *solução* é o treinamento da mente para torná-la inclusiva, bem abastecida e bem desenvolvida do ponto de vista da inteligência moderna.

5. *Pela integração errada de uma ideia.* Todo discípulo tem um plano para sua vida, um campo de serviço que ele escolheu. Do contrário, não é um discípulo. Pode ser o lar, a escola ou um campo maior, mas é um lugar definido onde expressa o que há nele. Em sua vida de meditação e por meio de seus contatos com os companheiros discípulos, ele toca alguma ideia importante, talvez para o mundo. Imediatamente ele se agarra a ela e procura integrá-la ao seu propósito e plano de vida. Talvez não tenha nenhuma utilidade definida para ele e não seja uma ideia com a qual ele deveria estar trabalhando. A atividade excessiva de sua mente provavelmente é responsável por ele ter se apoderado dessa ideia. Os discípulos não devem necessariamente trabalhar com todas as ideias que percebem e entram em contato, nem sempre as compreendem. O discípulo se apodera da ideia e procura integrá-la em seus planos, ele procura trabalhar com energias para as quais o seu temperamento não está preparado. Ele impõe uma corrente de energia ao seu corpo mental com a qual não é capaz de enfrentar e segue-se o desastre. Muitos bons discípulos demonstram uma mente super ativa e super fértil e não chegam a nenhum objetivo construtivo, a nenhuma atividade construtiva em sua vida. Apoderam-se de toda ideia que lhes chega, sem qualquer discriminação. Trata-se de ilusão oriunda do desejo de aquisição.

A *causa* é o apego egoísta ao pequeno, mesmo que não veja isso e o discípulo esteja sob a miragem da ideia de seus próprios interesses altruístas.

A *solução* é um espírito de humildade.

6. *Pela errada corporificação das ideias.* Trata-se sobretudo das dificuldades encontradas pelas almas evoluídas que realmente tocam o mundo da intuição, que intuem grandes ideias espirituais e que têm a responsabilidade de materializá-las em alguma forma, de maneira automática e espontânea, por meio de uma atividade treinada e rítmica da alma e da mente, atuando sempre em estreita colaboração. A ideia é contatada, mas é incorretamente revestida de matéria mental e, portanto, não inicia da maneira correta seu caminho para a materialização. Ela se encontra, por exemplo integrada a uma forma-pensamento de grupo cuja cor, nota fundamental e substância são inadequadas à sua correta expressão. Isso acontece com muito mais frequência do que podem imaginar. É a aplicação, em um plano elevado, do aforismo hindu: “Melhor vale o próprio dharma do que o dharma de outro”.

Trata-se da ilusão proveniente de uma discriminação errada no que diz respeito à substância.

A *causa* é a falta de treinamento esotérico na atividade criadora.

A *solução* é a aplicação dos métodos de quinto raio, que são os métodos do plano mental. Este tipo de erro raramente se aplica ao aspirante comum, pois diz respeito a uma ilusão que é o teste aplicado a muitos iniciados de grau bastante elevado. O discípulo comum, como você e outros membros deste grupo, raramente tocam uma ideia pura e, portanto, raramente precisam lhe dar uma forma.

7. *Por uma aplicação errada das ideias.* Quantas vezes o discípulo cai nesta forma de ilusão! Ele entra em contato com uma ideia pela intuição e também pela inteligência (observemos a distinção entre esses dois termos) e a aplica de maneira errada. Trata-se, talvez, de um aspecto da ilusão sintética ou ilusão do todo do plano mental, com a qual o homem moderno entra em contato. A ilusão varia de era para era, segundo o que a Hierarquia está procurando fazer ou segundo a tendência geral dos pensamentos dos homens. O discípulo, portanto, pode ser levado a uma atividade errada e a uma aplicação errada das ideias porque a ilusão geral (produzida pelos seis tipos de ilusão aos quais me referi acima) predomina em sua mente.

Eu poderia continuar me estendendo sobre as maneiras pelas quais a ilusão armadilha o discípulo incauto, mas bastará despertar em vocês a análise construtiva que conduz do conhecimento para a sabedoria. Observamos que as sete vias principais da ilusão são:

1. A via da percepção errada.
2. A via da interpretação errada.
3. A via da apropriação errada.
4. A via do direcionamento errado.
5. A via da integração errada.
6. A via da corporificação errada.
7. A via da aplicação errada.

Trata-se do terceiro estágio para a expressão. A forma da expressão também é qualificada. Assim se apresentam as sete vias da ilusão.

Delineei para vocês as causas e os vários tipos de ilusão aos quais o discípulo está sujeito. Em sua forma pura, esta ilusão tem que ser enfrentada e, algum dia, superada; tem que ser isolada e dissipada pelo iniciado. Foi esse o esforço final e bem-sucedido que levou Jesus na Cruz a dizer palavras de aparente angústia. Ele então, finalmente havia dissipado a ilusão da Divindade pessoal, objetiva. Naquele momento, Ele tomou consciência de que Ele próprio era Deus, e nada mais; que a teoria da unidade exposta por Ele no Evangelho de São João, no capítulo XVII, era, na verdade, um fato inalterável em Sua própria consciência. No entanto, nesse entendimento infinito e supremo, houve por um momento uma sensação de perda e negação, forçando Sua Personalidade moribunda a proferir aquela tremenda fala que deixou tantos perplexos e, ao mesmo tempo, confortados. Significou a superação da ilusão sintética última. Quando for dissipada, a ilusão, tal como a família humana a compreende, desaparecerá. O homem estará livre. A ilusão do plano mental não mais o induzirá em erro. Sua mente será um instrumento puro que refletirá a luz e a verdade. As miragens do plano astral não mais o dominarão e o próprio corpo astral se desvanecerá.

Vocês se lembrarão que no *Tratado sobre a Magia Branca* indiquei que o próprio corpo astral é uma ilusão. É a definição dada pela mente ilusória no plano mental do que chamamos de somatório dos desejos do homem em encarnação. Quando a ilusão e a miragem forem ambas superadas, o corpo astral se desvanece da consciência humana, pois não resta mais nenhum desejo para o eu separado. Kama-manas desaparece e o homem então é considerado como composto essencialmente de alma-mente-cérebro na natureza corpórea. Trata-se de um grande mistério e seu significado só pode ser compreendido quando o homem tiver controlado a sua personalidade e eliminado todos os aspectos da miragem e da ilusão. Isto se faz, fazendo. Esta maestria se alcança pela prática da maestria. Esta eliminação do desejo é impulsionada pela eliminação consciente. Ao trabalho, meus irmãos, e o esclarecimento do problema será inevitável.

O polo oposto da ilusão, como bem sabem, é a intuição. A intuição é o reconhecimento da realidade que se torna possível quando a miragem e a ilusão desaparecem. Ocorrerá uma reação intuitiva à verdade quando – em determinada linha de abordagem à verdade – o discípulo conseguiu aquietar as tendências da mente de criar formas-pensamento, para que a luz possa fluir diretamente e sem se desviar, dos mundos espirituais superiores. A intuição pode começar a fazer sentir sua presença quando a miragem não mais domina o homem inferior e os desejos do homem, baixos ou elevados, interpretados de maneira emocional ou autocentrada, não mais se interpõem entre sua consciência cerebral e a alma. Os verdadeiros aspirantes, durante a luta pela vida, têm esses momentos fugazes de liberdade elevada. Têm então um clarão intuitivo de entendimento. O esquema do futuro e a natureza da verdade irrompem, passando momentaneamente através de sua consciência, e a vida nunca mais volta a ser a mesma. Tiveram a garantia de que toda luta se justifica e que evocará sua adequada recompensa.

Como indicado na tabulação já apresentada, o que dissipa a ilusão e a substitui por uma real percepção espiritual e infalível é a contemplação – uma contemplação necessariamente realizada pela alma. Talvez possam compreender a sequência do desenvolvimento se entenderem que todo o processo de meditação (em suas três divisões principais) pode se dividir como segue:

1. O Aspirante	Caminho de Provação	Concentração	Maya.
2. O Discípulo	Caminho do Discipulado	Meditação	Miragem.
3. O Iniciado	Caminho da Iniciação	Contemplação	Ilusão.

A tabulação acima bastará para mostrar a conexão entre o processo de meditação, conforme delineado e ensinado na Escola Arcana e o problema que todos vocês têm de enfrentar.

A técnica de dissipação da ilusão, como o iniciado a usa, é a da contemplação. Mas qual é a utilidade de examinar isso com vocês, se não são iniciados? Vocês se beneficiariam com isso ou apenas satisfariam a curiosidade, se exponho os processos particulares empregados por uma alma em contemplação para penetrar e (por um ato da vontade treinada e por meio de algumas fórmulas de primeiro raio) dissipar a ilusão? Não vejo interesse para vocês.

Concluirei minhas observações sobre este ponto referente à ilusão do ângulo da sua condição evolutiva. A miragem é o seu problema, como é o problema do mundo nos dias de hoje. Alguns de vocês, cujo corpo mental está em processo de se organizar, poderão sofrer de ilusão em pequena medida, mas o seu principal problema – como grupo e como indivíduos – é a miragem. O seu campo de experiência diária se encontra nos níveis

superiores do plano astral. A sua tarefa é superar a miragem, cada um em sua vida individual e, como grupo, abordar a árdua tarefa de ajudar na dissipação da miragem do mundo. Isso poderão fazer mais tarde, se vocês se submeterem ao treinamento e, como indivíduos, entenderem e dominarem suas miragens pessoais. Assim que começarem a fazer isso, posso começar a usá-los, como grupo. Antes, porém, que possam trabalhar como grupo, e antes que possam cooperar na dissipação da miragem do mundo, vocês têm que entender melhor e dominar de maneira mais precisa as miragens e ilusões da sua personalidade. Chegou a hora para mim de ajudá-los a lidar de maneira mais drástica com esse problema da miragem, visando o serviço destinado ao grupo e não a sua liberação pessoal....

Peço que se ponham ao trabalho, portanto, com coragem renovada, com determinação e com nova compreensão, e que continuem por mais um ano. Vocês se esforçarão para cumprir a tarefa? Pois é de fato uma tarefa.

2. Miragem no Plano Astral – Miragem

Tratei do problema da ilusão ou miragem no plano mental. Tratei-o de maneira sucinta e breve, assinalando que não é o principal problema deste grupo de aspirantes, mas que – junto com o aspirante mundial, a humanidade – estão ocupados sobretudo com a miragem. Os aspirantes que se encontram na vanguarda da humanidade e aqueles cuja tarefa é enfrentar a miragem do mundo e forjar um caminho através dela têm a tarefa de liberar a energia da alma e a potência da mente. Entre essas almas pioneiras, você deve assumir sua posição, percebendo a magnitude da oportunidade e a iminência da hora da libertação.

Vocês estão à beira do discipulado aceito. Vale dizer que, muito em breve, terão que juntar à batalha contra a miragem a batalha contra a ilusão. São vocês fortes o suficiente para isso? Não se esqueçam de que um discípulo que está lidando com a aspiração de sua natureza e que também está lutando com os problemas que resultam da polarização mental e da conscientização, e com as energias que se tornam ativas por meio do contato com a alma, está rapidamente se tornando uma personalidade integrada. A tarefa não é fácil e exige uma atividade concentrada do melhor de si mesmo. Com esta frase quero dizer a alma e a personalidade animada pela aspiração.

Vocês já estão lutando de alguma maneira com a ilusão das ideias, tema de que tratei em minha última instrução. Portanto, estão começando a desenvolver aquela discriminação que os levará à escolha correta dos temas da vida. Nesta instrução, procuro lançar alguma luz sobre a miragem com que se depara o discípulo como indivíduo e também considerar o aspecto da miragem com o qual deve se ocupar como servidor mundial em treinamento.

Em termos simbólicos, diria que o corpo astral planetário (visto dos níveis da alma) está perdido nas névoas profundas que o circundam. Quando, à noite, olhamos para um céu claro, vemos as estrelas, os sóis e os planetas brilhando com um brilho frio e claro e com uma luz cintilante que penetra por muitos milhões de quilômetros (ou anos-luz, como são chamados) até que o olho humano os registre e grave a existência dessas estrelas brilhantes. Porém, se olhassem para o corpo astral do planeta, não veriam nenhuma luz clara e brilhante, mas simplesmente uma massa esférica turva de aparente vapor, neblina e névoa. Esta névoa é de tal densidade e espessura que parece não apenas impenetrável como também hostil à vida. E no entanto nós, os Instrutores do lado interno, entramos e

saímos e nesta névoa – vendo todas as coisas deformadas e distorcidas – trabalham os filhos dos homens. Alguns estão tão habituados à névoa e à densidade que permanecem alheios à sua existência, considerando-a correta e boa e o lugar imutável de sua vida diária. Outros tiveram vislumbres tênues de um mundo mais claro, onde formas e formatos mais perfeitos podem ser vistos e onde a névoa não esconde uma realidade pouco perceptível – embora não saibam o que essa realidade possa ser. Outros ainda, como vocês, veem diante de si um caminho aberto que leva à clara luz do dia. No entanto, vocês ainda não sabem que, ao trilharem o Caminho, devem, no próprio Caminho, trabalhar ativamente e inteligentemente com a miragem circundante, seguindo uma trilha traçada por aqueles que se libertaram das brumas circundantes e passaram para um mundo de horizontes claros. Uma grande parte do tempo passado no Caminho pelos discípulos consiste em um processo de imersão praticamente cíclica na miragem e na névoa, que se alterna com horas de clareza e visão.

Há quatro coisas que vocês que procuram trabalhar com a miragem precisam entender; quatro reconhecimentos básicos que, quando compreendidos, servirão para clarear e iluminar e, portanto, para retificar seu caminho:

1. Cada ser humano se encontra em um mundo circundante de miragem que é resultado:

a. De seu próprio passado, com sua maneira errada de pensar, seus desejos egoístas, a interpretação inadequada dos propósitos da vida. Ele não compreende, ou não compreendeu o propósito da vida como a alma a vê e não compreenderá até haver uma organização definida do corpo mental.

b. Da "vida de desejos" de sua família, tanto no passado quanto no presente. Isso se torna cada vez mais potente à medida que a evolução prossegue e a vida de desejos da unidade familiar se torna mais marcada e enfatizada, constituindo então tendências e características psicológicas herdadas.

c. Da miragem nacional, que é o somatório da vida de desejos, mais as ilusões, de qualquer nação. Chamamos isso de características nacionais e elas são tão persistentes e marcantes que normalmente são reconhecidas como incorporando traços psicológicos nacionais. Elas se baseiam, é claro, nas tendências de raio, na história passada e nas inter-relações mundiais, mas constituem, por si só, uma condição de miragem da qual toda nação deve se livrar à medida que avança em direção à realização da realidade (e sua identificação com esta realidade).

d. Do prolongamento da ideia acima no que chamamos de miragem racial, usando a palavra raça para significar a raça humana. Isso constitui uma miragem muito antiga ou quase uma série de miragens, de desejos arraigados, de aspirações potentes de algum tipo e formas definidamente criadas pelo homem que – fluídicas, envolventes e pulsantes com vida dinâmica – procuram manter a consciência da humanidade no plano astral. O dinheiro e seu valor material é um conceito, uma miragem deste tipo. Esse desejo que é uma miragem é como uma névoa densa e amplamente distribuída, cortando a visão da verdade e distorcendo um grande número de valores humanos.

2. Esta névoa, esta miragem que envolve a humanidade neste momento deve ser compreendida como algo substancial e definido, e como tal deve ser tratada. O discípulo ou aspirante que esteja procurando dissipar a miragem, seja em sua própria vida ou como um serviço prestado ao mundo, deve reconhecer que está trabalhando com substância, com a ruptura das formas que ela assumiu, e com a dissipação de uma substância material que a tudo envolve – material no mesmo sentido como as formas-pensamento

são coisas substanciais, mas (e aqui temos um ponto importante) de uma natureza menos substancial que as formas da miragem encontradas no plano astral. Estamos bastante dispostos a lembrar que “pensamentos são coisas” e que eles têm uma forma de vida e um propósito próprio. Mas eles têm uma existência de caráter mais específico e mais separativo, e são definidos mais claramente e têm contornos mais nítidos. As formas da miragem no plano astral são ainda mais substanciais, porém menos claramente definidas. As formas-pensamento são dinâmicas, penetrantes, bem definidas e delineadas. As miragens são sufocantes, vagas e envolventes. Nelas a pessoa fica imersa como em um oceano ou em um “mar de névoas.” Com as formas-pensamento, o indivíduo se vê confrontado ou diante delas, mas não imerso. Seria possível dizer quase que o corpo astral de uma pessoa passa a existir como parte da miragem geral do mundo; é difícil para ela diferenciar entre seu próprio corpo astral e as miragens que a afetam e a submergem. Seu problema no plano mental é definido de maneira mais clara, embora seja igualmente difícil.

3. A miragem astral é uma forma de energia, e de uma energia de grante potência em razão de três fatores:

a. É de ritmo tão antigo, inerente à própria substância astral, que fica muito difícil para um ser humano tomar consciência dela ou compreendê-la; é resultado de atividades imemoriais do desejo humano.

b. É uma parte intrínseca da própria natureza energética do homem e, portanto, constitui para ele a linha de menor resistência; faz parte de um grande processo mundial e, portanto, também faz parte do processo de vida individual que, em si, não é errado, mas que é apenas um aspecto da realidade. Essa percepção necessariamente complica o pensamento do homem sobre o assunto.

c. Da mesma maneira, é definidamente de natureza atlante, tendo sido levada a um ponto muito alto de desenvolvimento nessa raça. Portanto, só pode ser finalmente dissipada pela raça ariana usando a técnica correta. O indivíduo que está aprendendo a dissipar a miragem precisa fazer duas coisas:

1. Permanecer em um estado espiritual.
2. Manter a mente firme na luz.

Com isso ficará evidente que a energia do plano astral que se exprime na vida de desejo da raça produz as grandes miragens da humanidade e tal energia só pode ser dissipada, dispersada e combatida pela introdução da energia superior da mente, motivada pela alma.

4. As miragens que mantêm a humanidade em cativeiro são:

- a. A miragem do materialismo.
- b. A miragem do sentimento.
- c. A miragem da devoção.
- d. A miragem dos pares de opostos.
- e. As miragens do Caminho.

Permitam-me esclarecer agora essas miragens para vocês um pouco mais detalhadamente.

A *miragem do materialismo* é a causa de toda a angústia mundial atual, pois o que chamamos de problema econômico é simplesmente o resultado dessa miragem específica. Ao longo das eras, esta miragem manteve a raça cada vez mais interessada, ao ponto em que hoje o mundo inteiro foi arrastado pelo ritmo do interesse pelo dinheiro. Um ritmo que emana dos níveis da alma sempre existiu, tendo sido estabelecido por Aqueles que se liberaram do controle dos requisitos materiais, da escravidão do dinheiro e do amor pelas posses. Hoje este ritmo superior é proporcional à miragem rítmica inferior, o que explica que o mundo inteiro esteja em busca de um meio de sair do presente impasse material. As almas que se mantêm na luz no alto da montanha da liberação e aquelas que estão avançando, se elevando sobre as névoas das coisas materiais são agora em número suficiente para realizar um trabalho definido no sentido da dissipação desta miragem. A influência de seus pensamentos, de suas palavras e de suas vidas pode produzir e produzirá um reajuste dos valores e um novo padrão de vida para a raça, com base na clara visão, no correto senso de proporção e no entendimento da verdadeira natureza da relação que existe entre alma e forma, entre espírito e matéria. Aquilo que atenderá a uma necessidade que é vital e real está sempre presente no plano divino. Aquilo que é desnecessário à correta expressão da divindade e a uma vida plena e rica pode ser alcançado e possuído, mas somente sacrificando o que é mais real e renunciando ao essencial.

É preciso, porém, que os estudantes se lembrem de que o que é necessário varia de acordo com a etapa da evolução alcançada por um indivíduo. Para algumas pessoas, por exemplo, a posse daquilo que é material pode ser uma experiência espiritual tão grande e um instrutor tão potente na expressão da vida quanto as exigências mais elevadas e menos materiais do místico ou eremita. Somos avaliados em relação à ação e ao ponto de vista pela nossa posição na escada da evolução. Somos avaliados realmente pelo nosso ponto de vista e não pela exigência que fazemos da vida. O homem de orientação espiritual e o homem que colocou os pés no Caminho de Provação e que deixa de expressar aquilo em que acredita, será julgado de maneira tão rigorosa e pagará um preço tão alto como o materialista puro – o homem cujos desejos se centralizam em torno dos bens materiais. Tenham isso em mente e procurem não julgar nem desdenhar.

Em nossos dias a miragem do materialismo está diminuindo de maneira muito perceptível. Os povos do mundo estão entrando na experiência do deserto e descobrirão no deserto como é pouco o que é necessário para uma vida plena, uma experiência verdadeira e uma felicidade real. O desejo voraz pelas posses já não é considerado um desejo tão respeitável como antigamente, e o desejo por riquezas não está produzindo a mesma ganância como antes na história da humanidade. Bens e posses deslizam das mãos que antes os seguravam com firmeza e somente quando os homens estiverem com as mãos vazias e chegarem a uma nova ordem de valores poderão adquirir novamente o direito de ter e possuir. Quando não mais houver desejo e o homem não procurar nada para o eu separado, a responsabilidade das riquezas materiais podem novamente ser entregues a ele, mas o seu ponto de vista será então livre desta miragem particular, e as névoas do desejo astral estarão bem diminuídas. A ilusão, em muitas formas, ainda pode ser dominante, mas a miragem da materialidade terá desaparecido; será a primeira destinada a desaparecer.

Os estudantes bem fariam de se lembrar que todas as formas de posse e de todos os objetos materiais, sejam dinheiro, casa, quadros ou automóvel, têm uma vida intrínseca própria, uma emanção própria e uma atividade que é essencialmente a de sua própria estrutura atômica inerente (pois um átomo é uma unidade de energia ativa). Esta estrutura produz sua contraparte no mundo da vida etérica e astral, mas não no mundo

mental. Essas formas mais sutis e essas emanções particulares aumentam a potência do desejo mundial; contribuem para a miragem do mundo e são parte de um grande e poderoso mundo miasmático, que está no arco involutivo mas no qual a humanidade, no arco ascendente, está, no entanto, imersa. Por isso, os Guias da Raça sentiram a necessidade de aguardar sem intervir, enquanto as forças criadas pelo próprio homem se põem a despojá-lo e, assim, a libertá-lo para caminhar no deserto. Ali, naquilo que é chamado de circunstâncias difíceis, ele pode reajustar sua vida e mudar seu modo de viver, descobrindo que a liberdade das coisas materiais traz consigo sua própria beleza e recompensa, sua própria alegria e glória. Assim ele é liberado para viver a vida da mente.

A miragem do sentimento mantém as pessoas boas do mundo na escravidão e em uma densa névoa de reações emocionais. A raça alcançou um ponto em que os homens de boas intenções, de algum real entendimento e uma certa medida de emancipação do amor pelo ouro (maneira simbólica de falar sobre a miragem do materialismo), estão revertendo o desejo para o dever, as responsabilidades, o efeito que exercem sobre os outros e a compreensão sentimental da natureza do amor. O amor, para muitas pessoas, para a maioria, de fato, não é amor realmente, mas uma mescla de desejo de amar e desejo de ser amado, mais a disposição de realizar qualquer coisa para demonstrar e evocar este sentimento e, em consequência, para se sentir mais confortável em sua própria vida interna. O egoísmo das pessoas que desejam ser altruístas é grande. Portanto, diversos sentimentos se convergem em torno do sentimento ou desejo de demonstrar características amáveis e agradáveis, que evocarão a reciprocidade correspondente para o pretenso doador de amor ou servidor, que ainda está completamente envolto pela miragem do sentimento.

É aquele pretenso amor, baseado maiormente em uma teoria de amor e serviço, que caracteriza tantas relações humanas, como as que existem, por exemplo, entre marido e mulher e pais e filhos. Sob a miragem do sentimento por eles, e pouco sabendo do amor da alma, que é livre e também deixa os outros livres, vagueiam em uma densa bruma, muitas vezes arrastando com eles aqueles que desejam servir, esperando receber afeto recíproco. Estudem a palavra “afeto”, irmãos, e verão seu verdadeiro significado. Afeto não é amor. É aquele desejo que expressamos pela atividade do corpo astral, e essa atividade afeta nossos contatos; não é a ausência de desejo espontânea da alma que não pede nada para o eu separado. Esta miragem do sentimento aprisiona e confunde toda gente boa do mundo, impondo-lhes obrigações que não existem e produzindo uma miragem que oportunamente deve ser dissipada pela entrega do amor verdadeiro e desinteressado.

Estou falando apenas brevemente sobre essas miragens, pois cada um de vocês pode elaborá-las por si mesmo e, assim fazendo, descobrir onde se encontram no mundo da névoa e da miragem. Assim, com conhecimento, poderão começar a se liberar da miragem do mundo.

A miragem da devoção faz com que muitos discípulos probacionários vagueiem tortuosamente pelo mundo do desejo. Trata-se em essência de uma miragem que afeta sobretudo as pessoas de sexto raio e está especialmente potente neste momento, devido à longa atividade do sexto Raio da Devoção durante a Era de Peixes, que está passando rapidamente. É hoje uma das potentes miragens dos aspirantes realmente devotados. São devotados a uma causa, a um instrutor, a um credo, a uma pessoa, a um dever ou a uma responsabilidade. Reflitam sobre isso. Este desejo inofensivo, ligado a alguma linha do idealismo que os confronta, torna-se prejudicial tanto para eles mesmos como para os outros porque, por meio dessa miragem da devoção, eles entram no ritmo da miragem do

mundo, que é essencialmente a névoa do desejo. Um desejo potente, de qualquer natureza, quando bloqueia a visão mais ampla e fecha o homem em um círculo minúsculo de seu próprio desejo de satisfazer seu sentimento de devoção, é tão prejudicial quanto qualquer outra miragem, e é ainda mais perigoso por causa da bela coloração que a névoa resultante assume. O homem se perde em uma névoa sedutora criada por ele mesmo, que emana de seu corpo astral e que é feita do sentimentalismo de sua própria natureza sobre seu próprio desejo, sua devoção pelo objeto que atraiu a sua atenção.

Em todos os verdadeiros aspirantes, devido ao aumento da potência de suas vibrações, esse sentimento devocional pode ser particularmente difícil e causar um longo aprisionamento. Ilustra isso o sentimento de devoção que os discípulos probacionários, completamente enlevados, vertem sobre os Mestres de Sabedoria. Esses discípulos criam, em torno dos nomes dos Membros da Hierarquia e em torno de Sua obra e da obra dos iniciados e dos discípulos disciplinados (observem esta frase) uma densa miragem que impede os Mestres de chegar aos discípulos ou esses aos Mestres. Não é possível penetrar na densa miragem da devoção, que vibra da vida de êxtase dinâmica que emana da energia concentrada dos discípulo, ainda trabalhando por meio do plexo solar.

Para esta miragem, há regras muito antigas: Entrar em contato com o Eu maior por meio do Eu superior e, assim, perder de vista o pequeno eu, suas reações, seus desejos e suas intenções. Ou então: O puro amor da alma que não é personalizado de nenhuma maneira e que não busca reconhecimento pode ser então vertido no mundo da miragem que circunda o devoto, e as brumas de sua devoção (da qual ele se orgulha) se extinguirão.

No Caminho Probacionário, ocorre uma mudança dinâmica, registrada conscientemente, entre os pares de opostos, até que o caminho do meio seja avistado, até que apareça. Esta atividade produz *a miragem dos pares de opostos*, que é de natureza densa e nebulosa, às vezes colorida com alegria e bem-aventurança e às vezes colorida com tristeza e depressão, à medida que o discípulo oscila entre as dualidades. Esta condição se mantém enquanto a ênfase recai no sentimento – sentimento esse que pode variar entre uma alegria intensa, quando o homem procura se identificar com o objeto de sua devoção ou aspiração, ou quando não consegue fazê-lo e, portanto, sucumbe ao desespero mais sombrio e à sensação de fracasso. Tudo isso, porém, é de natureza astral, do mundo da sensibilidade e não tem nada a ver com a alma. Os aspirantes ficam anos, e às vezes muitas vidas, aprisionados por esta miragem. A liberação do mundo dos sentimentos e a polarização do discípulo no mundo da mente iluminada dissiparão esta miragem, que é parte da grande heresia da separatividade. No momento em que o homem divide a sua vida em triplicidades (o que inevitavelmente deve fazer quando trata dos pares de opostos e se identifica com um deles) ele sucumbe à miragem da separação. Talvez esse ponto de vista ajude, talvez permaneça um mistério, pois o segredo da miragem do mundo está oculto no pensamento de que esta tríplice diferenciação encobre o segredo da criação. O próprio Deus produziu os pares de opostos – espírito e matéria – e também produziu o caminho do meio que é aquele do aspecto consciência ou aspecto alma. Reflitam profundamente sobre este pensamento.

A triplicidade formada pelos pares de opostos e o estreito caminho do equilíbrio entre os dois, o nobre caminho do meio, é o reflexo no plano astral da atividade de espírito, alma e corpo; da vida, consciência e forma, os três aspectos da divindade – todos igualmente divinos.

Quando o aspirante aprende a se liberar das miragens que acabamos de tratar, ele descobre outro mundo de névoas e brumas pelo qual o Caminho parece atravessar e no qual ele deve penetrar e assim se liberar das miragens do Caminho. Que miragens são essas, irmãos? Estudem as três tentações de Jesus, se quiserem saber com clareza quais são elas. Estudem o efeito que as escolas que pregam a repetição de afirmações positivas, que enfatizam a divindade (empregadas no sentido material) exercem sobre o pensamento do mundo; estudem as falhas dos discípulos por meio do orgulho, do complexo de salvador do mundo, do complexo do serviço e todas as diversas distorções da realidade que o homem encontra no Caminho, que impedem seu progresso e corrompem o serviço que ele deveria estar prestando aos outros. Insistam, em suas mentes, na espontaneidade da vida da alma e não a debilitem com a miragem da alta aspiração interpretada de maneira egoísta, o egocentrismo, a autoimolação, a autoagressividade, a autoafirmação no trabalho espiritual – que são algumas das miragens do Caminho.

A seguir vamos analisar a miragem no plano etérico e o tema do Morador do Umbral e, assim, concluir as grandes linhas do nosso problema que a primeira parte destes ensinamentos pretendia transmitir.

Antes de abordar esse assunto em detalhes, gostaria de acrescentar algo à nossa consideração anterior sobre o problema da miragem. Na última instrução que lhes passei⁴ discorri um pouco sobre o tema dos vários tipos de miragem e deixei com vocês o conceito da grande importância que elas exercem em suas vidas individuais. O campo de batalha (para o homem que está se aproximando do discipulado aceito ou que está no caminho do discipulado, no sentido acadêmico) é principalmente o da miragem. É este o principal problema, cuja solução é iminente e urgente para todos os discípulos e aspirantes seniores. Portanto, ficará evidente para vocês porque foi enfatizada, na era ariana, a necessidade do estudo da Raja Yoga e de se submeter à disciplina que ela estipula. Somente por meio da Raja Yoga pode um homem se manter firme na luz, e somente por meio da iluminação e pela obtenção de uma clara visão podem se dissipar, finalmente, as névoas e os miasmas da miragem. Somente quando o discípulo aprender a manter a mente “firme na luz”, quando os raios da luz pura forem vertidos de sua alma, a miragem poderá ser descoberta, discernida e reconhecida pelo que essencialmente é, e assim fazer com que desapareça, da mesma maneira como as névoas da Terra se dissolvem ante os raios do Sol nascente. Portanto, aconselho-os a prestar mais atenção à meditação, a cultivar sempre a capacidade de refletir e a assumir a atitude de reflexão – mantendo-a firmemente durante todo o dia.

Vocês descobrirão todo o mérito de uma reflexão profunda sobre os propósitos pelos quais a intuição deve ser cultivada e a mente Iluminada desenvolvida, perguntando-se se esses propósitos têm o mesmo objetivo e se devem ser realizados ao mesmo tempo. Descobrirão, então, que seus objetivos diferem e que os efeitos de seu pronunciado desenvolvimento sobre a vida da personalidade também são diferentes. A miragem não é dissolvida por meio da intuição, nem a ilusão é eliminada pelo uso da mente Iluminada.

A intuição é um poder superior ao da mente e uma faculdade latente na Tríade espiritual; é o poder da razão pura, uma expressão do princípio búdico, e se encontra além do mundo do ego e da forma. Somente quando o homem se torna um iniciado, é possível para ele exercer normalmente a verdadeira intuição. Com isto quero dizer que a intuição

⁴ N. do T.: O Mestre faz referência a determinada instrução transmitida aos seus discípulos. Consulte o *Discipulado na Nova Era*.

poderá atuar tão facilmente quanto o princípio mental no caso de uma pessoa que possua a inteligência ativa. No entanto, a intuição se fará sentir muito antes em casos extremos ou de demanda urgente.

Iluminação é o que a maioria dos aspirantes, como os que fazem parte deste grupo, deve buscar. Devem cultivar o poder de usar a mente como um refletor da luz da alma, dirigindo-a aos níveis da miragem e, portanto, dissipando-a. A dificuldade está, irmãos, em fazê-lo em meio às agonias e aos engodos produzidos pela miragem. É preciso ser capaz de se retirar calmamente no mental e ali manter os pensamentos e os desejos ao abrigo do mundo onde a personalidade atua normalmente; é preciso centrar a consciência no mundo da alma, para ali aguardar os desenvolvimentos, silenciosa e pacientemente, sabendo que a luz brilhará e que a iluminação virá, oportunamente.

Quando as reações à própria vida e condições ambientes provocam a crítica, o espírito de separatividade ou o orgulho, é importante adotar em relação a elas uma atitude de extrema desconfiança. As qualidades enumeradas acima são definidamente geradoras de miragem. Em linguagem oculta, são "as características da miragem". Reflitam sobre isso. Se um homem conseguir se libertar dessas três características, ele estará no caminho certo para renunciar e dissipar toda a miragem. Estou escolhendo minhas palavras com cuidado, em um esforço para prender sua atenção.

A ilusão é dispersada, rejeitada e eliminada por meio do uso consciente da intuição. O iniciado se isola do mundo da ilusão, das formas ilusórias e dos impulsos da atração da personalidade. Assim – por meio da incomunicação – entra em contato com a realidade em todas as formas, oculta até então pelo véu da ilusão. Temos nisso um dos paradoxos do Caminho. Isolamento e incomunicação do tipo certo levam às relações corretas e aos contatos certos com o real; produzem a oportuna identificação com a realidade, por meio do isolamento de si mesmo em relação ao irreal. É esta a ideia que está por trás dos ensinamentos dados no último livro nos Yoga Sutas de Patanjali. Esses Sutas foram muitas vezes interpretados erradamente, seu significado foi distorcido, vendo neles, aqueles de tendências separatistas e que buscam fins egoístas, uma tese em favor do tipo errado de isolamento.

É a própria alma que dispersa a ilusão, pelo uso da faculdade da intuição. É a mente iluminada que dissipa a miragem.

Gostaria de assinalar que muitos aspirantes bem intencionados fracassam neste ponto, em razão de dois erros:

1. Eles deixam de discriminar entre a ilusão e a miragem.
2. Eles se esforçam para dissipar a miragem pelo que acham que é o método correto – isto é, apelando para a alma quando, na realidade, precisam usar a mente corretamente.

Para aquela pessoa que se encontra em meio a névoas e miragens, é muito mais fácil sentar-se e fazer crer a si mesmo, por autossugestão, que está "apelando para a alma" e não submeter a própria natureza astral e emocional aos efeitos diretos e penosos da reflexão, usando a mente como o instrumento que permite dissipar a miragem. Pode parecer estranho, mas "fazer apelo à alma" para agir diretamente sobre a miragem pode levar (e leva com frequência) a uma intensificação da dificuldade. A mente é o meio pelo qual a luz pode ser aplicada em todas as condições de miragem, e os estudantes bem fariam em manter esse pensamento constantemente em sua consciência. O processo

consiste em vincular a mente com a alma e, em seguida, se focalizar conscientemente e com precisão na natureza mental, isto é, no corpo mental e não na natureza alma, na forma egoica. Em seguida, por meio da análise, da discriminação e do correto pensar, passar a tratar do problema da miragem. O problema é que os discípulos geralmente não reconhecem a condição como sendo miragem e é difícil dar uma regra clara e infalível que traga esse reconhecimento. É possível afirmar, porém, que sempre há miragem quando encontramos:

1. Críticas, quando uma análise cuidadosa mostraria que nenhuma crítica realmente se justifica.
2. Críticas, onde não há responsabilidade pessoal envolvida. Com isso quero dizer que não é o lugar nem o dever do homem criticar.
3. Orgulho do que alcançou, ou satisfação de ser um discípulo.
4. Todo senso de superioridade ou tendência separatista.

Poderíamos dar muitas outras indicações que permitam reconhecer a miragem, mas se todos vocês prestarem atenção nas quatro sugestões acima, liberariam a vida de maneira bastante perceptível da influência da miragem e em consequência poderiam servir melhor aos seus semelhantes. Procurei aqui lhes dar uma ajuda prática nesta difícil batalha entre os pares de opostos, que é a principal causa da miragem.

3. Miragem nos Níveis Etéricos – Maya

Chegamos agora ao exame dos meios pelos quais é possível pôr fim ao maya e o discípulo se liberar da influência da força do plano físico. Na afirmação acima, podemos encontrar toda a história do maya. E podemos acrescentar também (de maneira talvez não inteiramente correta, mas suficiente para justificar referida afirmação) de que o maya, como efeito reconhecido, só é vivenciado por alguém que esteja no Caminho, no início do Caminho de Provação ou de Purificação. A pessoa está sempre em meio a forças. Porém, maya só começa a se tornar um problema quando é reconhecido como tal, reconhecimento que não é possível nas primeiras etapas da evolução. No Caminho, o indivíduo começa a observar e a descobrir os efeitos da força; ele se vê conscientemente vítima das correntes de força; o indivíduo é levado a algum tipo de atividade por forças descontroladas, e o mundo da força se torna uma realidade percebida conscientemente pelo aspirante que luta. Por esta razão disse que o maya é uma dificuldade predominantemente do corpo etérico, pois em relação ao maya estamos tratando com forças que são vertidas pelos sete centros do corpo (por todos ou por alguns), provocando reações e efeitos que são desejáveis ou desastrosos.

Naturalmente é necessário compreender que toda manifestação em todos os níveis é uma expressão de força, mas as forças a que me refiro aqui sob o termo maya são as energias não controladas, aqueles impulsos não direcionados que emanam do mundo do prana e da força latente na própria matéria. Eles levam o homem a atuar de maneira errada e o envolvem em um turbilhão de efeitos e de condições em que ele fica totalmente indefeso. Ele é vítima de uma força coletiva, de massa, oculta na natureza animal ou no mundo e em circunstâncias ambientais em que se encontra. Quando ao poder de maya se somam as condições de miragem e também as ilusões do discípulo avançado, é necessário haver uma perfeita diferenciação entre os três tipos de “deturpação”. Devemos lembrar que ao usar o termo deturpação queremos dizer

deturpação do ângulo da alma. O aspirante tem que aprender a permanecer livre da ilusão, da miragem e do maya; para isto tem que compreender os meios de se liberar, que são: Intuição, Iluminação e Inspiração.

O problema de maya é complicado dado o fato de que no plano físico (como no plano astral, embora isto ainda seja pouco compreendido) é travada a batalha dos pares de opostos. Referidos pares de opostos são de natureza um tanto diferentes em alguns aspectos em relação aos que se encontram no plano astral. No plano físico (e com isso me refiro aos níveis etéricos do plano físico, no qual o poder enganador de maya se faz sentir) se congregam as forças do mundo subjetivo da personalidade e as antigas energias da própria matéria, trazidas como sementes latentes de um sistema solar anterior.

Talvez fique mais claro para sua percepção se eu formular a verdade sobre maya da seguinte maneira:

Os impulsos latentes da vida da personalidade quando estão separados da alma, e não sob o controle dela, se mesclam com os fluidos prânicos que se encontram na periferia da esfera de influência da personalidade, e se tornam então potentes correntes de forças dirigidas, que procuram vir à manifestação física por intermédio dos sete centros do corpo físico. Tais forças ou impulsos, e mais o prana disponível, constituem o corpo etérico do homem não evoluído e, muitas vezes, do homem comum. Ficará evidente, pois, o quanto o homem não evoluído é vítima da energia de massa de tipo inferior, porque seu corpo etérico responde e extrai energia de um tipo de prana geral ambiental, até chegar o momento em que uma definida direção e um controle mais elevado – seja por meio da aspiração orientada e da disciplina mental ou, posteriormente, como resultado do condicionamento da alma, para usar uma frase de cunho psicológico.

Esta energia etérica, enfocada no corpo etérico de um indivíduo passa por duas etapas antes do período do disciplinado:

1. A etapa em que assimila a segunda força a que fiz referência – a força latente na forma física densa, a energia da substância atômica, dessa maneira produzindo uma definida mescla e fusão. Isto faz com que a natureza animal responda inteiramente aos impulsos internos que emanam do mundo de prana, no que diz respeito ao homem não desenvolvido, ou do astral inferior, no que diz respeito ao homem um tanto mais desenvolvido ou homem comum.

2. Contudo, no momento em que ocorre a orientação interna para o mundo dos valores superiores, a força etérica ou vital entra em conflito com o aspecto mais inferior do homem, o corpo físico denso, e é travada a batalha dos pares de opostos inferiores.

É interessante observar que, durante esta etapa, a ênfase recai sobre as disciplinas físicas e fatores de controle, tais como total abstinência, celibato, vegetarianismo, higiene e exercícios físicos. Por meio deles, o controle da vida da matéria, a expressão inferior do terceiro aspecto da divindade, pode ser contrabalançado e o homem é liberado para a verdadeira batalha dos pares de opostos. Esta segunda batalha é o verdadeiro Kurukshetra e é travada na natureza astral, entre os pares de opostos característicos do nosso sistema solar, assim como os pares de opostos físicos são característicos do sistema solar anterior. De um ângulo interessante, a batalha entre os opostos que é empreendida em uma volta inferior da espiral, no que diz respeito ao corpo físico em seus dois aspectos, pode ser visto em desenvolvimento no reino animal. Neste processo, os

seres humanos atuam como os agentes disciplinadores, e os animais domesticados, forçados a se adaptarem ao controle humano, estão lutando (embora inconscientemente do nosso ponto de vista) com o problema dos pares de opostos inferiores. A batalha é travada por meio do corpo físico denso e das forças etéricas, e dessa maneira uma aspiração superior é trazida à expressão. Isto produz neles a experiência que denominamos “individualização”, em que é semeada a semente da personalidade. No campo de batalha humano, o Kurukshetra, o aspecto superior da alma começa a dominar, produzindo o processo da integração humano-divina que chamamos de “iniciação”. Reflitam sobre isto.

Quando um aspirante alcança o ponto na sua evolução em que se torna necessário e urgente o controle da natureza física, ele recapitula em sua própria vida a batalha anterior com os pares de opostos inferiores, e começa a disciplinar a sua natureza física densa.

Fazendo uma ampla e completa generalização, seria possível dizer que para a família humana como um todo, este conflito do corpo físico denso-etérico foi travado na Guerra Mundial, que foi a imposição de uma tremenda prova e disciplina. Vamos lembrar que os nossos testes e disciplinas são autoimpostos e surgem das nossas limitações e oportunidades. O resultado desse teste foi a entrada no Caminho de Provação de um grande número de seres humanos, devido à depuração e purificação a que foram submetidos. Este processo de purificação os preparou, em certa medida, para o prolongado conflito no plano astral que os aspirantes têm pela frente antes da conquista da iniciação. É a “experiência de Arjuna”. É um ponto interessante sobre o qual refletir, e explica grande parte do mistério e das dificuldades que se apresentam no desenvolvimento humano. O aspirante individual é propenso a pensar apenas em termos de si mesmo e em suas provas e testes individuais. Ele precisa aprender a pensar nos acontecimentos em termos coletivos e no efeito preparatório no que diz respeito à humanidade. A Guerra Mundial foi o ponto culminante do processo de “desvitalização” do maya mundial. Muita força foi liberada e esgotada e muita energia foi exaurida. Em consequência, muito foi aclarado.

Muitas pessoas hoje estão ocupadas, em suas próprias vidas, com exatamente o mesmo processo e o mesmo conflito. Em escala reduzida, o que ocorreu na Guerra Mundial está ocorrendo em suas vidas. Estão ocupadas com o problema de maya e por isso vemos hoje uma crescente ênfase nas culturas físicas, disciplinas e treinamentos físicos, tais como são impostos no mundo dos esportes, nos exercícios atléticos e no treinamento militar. Apesar de todas as motivações erradas e dos terríveis e malignos efeitos (generalizando amplamente), o treinamento do corpo e a direção física organizada da juventude do mundo de hoje em todos os países, em especial nos países militarizados de Europa, estão preparando a via para que milhões de seres entrem no Caminho de Purificação. É uma verdade muito dura, meus irmãos? A humanidade está na direção certa, embora (durante um breve interlúdio) possa não compreender bem o processo e aplicar motivos errados a atividades corretas.

Todos esses pontos serão abordados com mais detalhes quando chegarmos à terceira seção e começarmos a estudar os modos de acabar com a miragem, a ilusão e o maya. No momento, estou tratando apenas em lhes dar uma visão geral e uma pequena formulação da tabulação encontrada na página 23. Estude-a com cuidado e, se possível, memorize-a, pois a correta compreensão dessa tabulação lhe trará muita utilidade real.

Com relação ao problema de maya, gostaria de assinalar que um dos primeiros passos a dar para tratá-lo corretamente é alcançar uma boa coordenação física; é esta a razão da

ênfase hoje na educação das crianças e a aplicação e uso de um processo similar denominado “alinhamento” quando tratamos do trabalho de meditação e do esforço para induzir um controle crescente da alma. Os estudantes bem fariam em manter isto em mente e refletir sobre as seguintes frases:

1. Coordenação física.
2. Orientação astral.
3. Direção mental.
4. Alinhamento da personalidade

São todos eles esforços para expressar o processo de “correta atividade no Caminho de Retorno”. Este retorno é o objetivo da família humana e a meta culminante dos quatro reinos da natureza. Poderíamos ampliar o conceito expressando a verdade da seguinte maneira:

Processo	Correspondência	Obstáculo
1. Coordenação física	Reino mineral	Maya
2. Orientação astral	Reino vegetal	Miragem
3. Direção mental	Reino animal	Ilusão
4. Alinhamento da personalidade	Reino humano	O Morador do Umbral

Estes processos têm, portanto, equivalentes em todos os reinos e levam:

1. Ao desabrochar da consciência divina, o que começa no reino mineral.
2. À expressão da alma, o que está tipificado no reino vegetal, com sua utilidade e beleza.
3. À manifestação do Cristo, que é a meta reconhecida do reino animal que trabalha por sua individualização.
4. À revelação da glória de Deus, que é o objetivo que a humanidade tem diante de si.

4. Miragem nos planos mentais superiores – O Morador do Umbral.

Vamos agora tratar sucintamente do problema do Morador do Umbral. O Morador é considerado com frequência como um horror a ser evitado e um mal último que chega ao seu ponto culminante. Entretanto, lembraria que o Morador é “aquele que está diante do portal de Deus”, que mora na sombra do portal da iniciação e enfrenta o Anjo da Presença com os olhos abertos, como diz a antiga escritura. O Morador pode ser definido como o somatório das forças da natureza inferior, segundo se expressam na personalidade, antes da iluminação, da inspiração e da iniciação. A personalidade, nesta etapa, é muito potente e o Morador personifica todas as forças psíquicas e mentais que, no transcurso das eras, o homem desenvolveu e nutriu com cuidado. Pode ser considerado como a potência da tríplice forma material antes de se consagrar e se dedicar à vida da alma e ao serviço à Hierarquia, a Deus e à humanidade.

O Morador do Umbral é tudo o que um homem é, fora do seu Eu espiritual superior; é o terceiro aspecto da divindade, segundo se expressa por meio do mecanismo humano. Este terceiro aspecto, com o tempo, deve ficar subordinado ao segundo aspecto, a alma.

As duas grandes forças que se opoem, o ANJO e o MORADOR, se encontram frente a frente e tem lugar o conflito final. Além disso, vocês observarão que se trata de um

encontro e uma batalha entre outro par de opostos mais elevado. O aspirante, então, tem que tratar de três pares de opostos, à medida que vai avançando para a luz e a liberação.

Os Pares de Opostos

1. No Plano Físico . . . O denso e o etérico.

Conflito travado no Caminho da Purificação.

2. No Plano Astral . . . As bem conhecidas dualidades.

Conflito travado no Caminho do Discipulado

3. No Plano Mental . . . O Anjo e o Morador.

Conflito travado no Caminho da Iniciação.

Entendo que já lhes dei o suficiente para refletir; concluiria, porém, assinalando a vocês o lado muito prático do que lhes comuniquei e aconselharia a descobrirem em sua própria experiência prática a natureza da batalha que cada um de vocês tem que travar. Nesse sentido, vou ajudá-los de maneira bem precisa.

Será útil para vocês se eu lhes indicar – a cada um de vocês – os raios que regem a sua tríplice personalidade. Assim vocês ficarão em posição de conduzir a si próprio com mais sabedoria, de identificar mais facilmente as causas das dificuldades e de estudar de maneira mais inteligente o efeito que podem exercer uns sobre os outros e sobre as pessoas com as quais têm contato na vida diária. Abordarei em detalhes o treinamento que deve ser dado a cada um dos três corpos, tomando um dos veículos de cada vez e explicando o problema que cada um de vocês enfrenta em relação àquele veículo específico, e alocando uma meditação que lhes permitirá lidar (com maior facilidade) com a personalidade a partir desse ângulo específico.

Do exposto acima, observarão que minha intenção é lhes dar um treinamento mais cuidadoso e intensivo. Vocês vão se beneficiar com isso? Nesse ínterim, e para que possam captar a verdade do que lhes direi mais à frente, queiram se estudar com cuidado durante os próximos seis meses para que vejam se o que sugerirei mais tarde não é verdade. Nesta autoanálise, como guia, usem as informações dadas no *Tratado sobre os Sete Raios*. Lembraria a vocês que os raios regem os três corpos na seguinte ordem:

- | | |
|-----------------------------------|----------------|
| 1. Raios que regem o corpo mental | Raios 1, 4, 5. |
| 2. Raios que regem o corpo astral | Raios 2, 6. |
| 3. Raios que regem o corpo físico | Raios 3, 7. |

Observarão que todos os raios exercem seu papel no mecanismo do homem, fazendo de todas as circunstâncias oportunidades e de todas as condições, meios de desenvolvimento. Esta formulação sobre os raios regentes é uma formulação de uma regra infalível, salvo no caso dos discípulos aceitos.

Durante a leitura e o estudo, será muito útil refletir sobre as seguintes perguntas e responder a elas:

1. Qual é a relação da *intuição* com o problema da *ilusão*?
2. De que maneira a *iluminação* pode dissipar a miragem e como isso pode ser viabilizado?

3. Defina *maya* e formule o seu entendimento sobre a *inspiração* como um fator para dissipá-lo.

Propositadamente, não elucidei essa técnica, pois queria que extraíssem suas próprias ideias. Recomendo que continuem com a meditação de grupo, com todo cuidado, que é de profunda importância para o grupo no interesse da integração e da real cooperação espiritual. O trabalho de Lua Cheia também aumentará de importância. Mais tardes vocês reconhecerão e registrarão com mais facilidade a natureza da miragem a dissipar e terão mais habilidade para perceber o processo de distribuição de luz.

CAPÍTULO 2

AS CAUSAS DA MIRAGEM

1. O Desenvolvimento da Miragem na Raça e no Indivíduo

Agora vamos empregar este termo "miragem" para designar todos os aspectos das aparências enganosas, ilusões, mal-entendidos e interpretações erradas que se colocam diante do aspirante a cada passo do caminho, até que ele chegue à unidade. Gostaria que observassem este termo "unidade," pois ele contém o segredo da eliminação da ilusão, como este processo de liberação da miragem foi denominado em termos ocultistas. Ficará claro para vocês (se tiverem estudado com atenção essas instruções) que a causa da miragem tem como base principal o senso de dualidade. Se referida dualidade não existisse, não haveria miragem alguma; e essa percepção da natureza dual de toda manifestação está na raiz do problema ou problemas com os quais a humanidade se depara – em tempo e espaço. Esta percepção passa por várias etapas e é o grande problema da entidade consciente. Trata-se de uma condição que é uma dificuldade no reino da consciência em si, não é inerente à substância ou à matéria. O morador no corpo percebe de maneira errada: ele interpreta incorretamente o que é percebido; ele passa a se identificar com aquilo que não é ele mesmo; ele transfere sua consciência para um reino de fenômenos que o envolve, ilude e aprisiona até o momento em que fica inquieto e infeliz com a sensação de que alguma coisa está errada. Acaba por reconhecer que ele não é o que parece ser e que o mundo fenomênico da aparência não é idêntico à realidade como havia suposto até então. A partir desse momento, ele chega ao senso de dualidade, ao reconhecimento da "alteridade" e à percepção de que seu senso de dualismo deve ser encerrado e que um processo de unificação e uma tentativa de alcançar a unificação devem ser empreendidos. A partir desse momento, os problemas do homem em evolução começam a ser observados por ele e confrontados conscientemente, e ele enfrenta um longo período de "extirpação da miragem e a entrada naquele mundo em que somente a unidade é conhecida". As etapas a partir de então podem ser enumerados da seguinte maneira:

Primeira: A etapa em que o mundo material é reconhecido e avaliado. Temporariamente, torna-se a meta de toda atividade e o homem, recusando-se a reconhecer a diferença que existe entre ele e o mundo material e natural, procura se identificar com ele e encontrar satisfação em prazeres e atividades puramente físicos. Esta etapa se divide em duas partes:

a. A etapa em que o homem busca satisfação na reação quase automática aos instintos físicos, ao sexo, alimento e calor, aspectos que se sobressaem em sua consciência. A natureza animal do homem se torna o centro da tentativa de produzir algum senso de unidade. Como o homem interno e sutil ainda exerce um "impacto fraco" (como se diz em termos esotéricos), ocorre temporariamente uma unificação física, que serve para aprofundar a miragem e retardar o progresso para a liberação.

b. A etapa em que busca satisfação e senso de unidade no reino das posses materiais, no estabelecimento de um centro de beleza e conforto na vida do plano físico. Ali ele pode estar em casa e alheio a um crescente senso de dualismo que, dia após dia, fica cada vez mais forte. Essa etapa só ocorre muito tempo depois, quando o aspirante está prestes a se reorientar para a verdade e a dar os primeiros passos rumo ao Caminho Probacionário. É a que corresponde entre o final do Caminho da Evolução e a etapa mencionada acima, mas o homem que a experimenta é uma pessoa muito diferente daquela que agora busca a síntese na materialização da beleza no plano externo. O homem sutil está agora se tornando dominante.

Segunda: A etapa em que o homem, antes de tudo, se torna consciente da dualidade que pode ser expressa pelas palavras "o homem e as forças". Ele desperta para o fato de que ele e toda a humanidade são vítimas de forças e energias sobre as quais não exercem controle algum e que levam os homens para lá e para cá. Torna-se também consciente de forças e energias dentro de si mesmo sobre as quais igualmente não exerce controle e que o forçam a agir de várias maneiras, tornando-o muitas vezes vítima de suas próprias desordens, seus próprios atos e energias dirigidas de maneira egoísta. Nesta altura o homem descobre (inconscientemente no início e depois de maneira consciente) a dualidade inicial – o corpo físico e o corpo vital ou etérico. Um é o mecanismo de contato no plano físico, o outro é o mecanismo de contato com as forças internas, energias e mundos do ser. Esse corpo vital controla e galvaniza o corpo físico em uma atividade quase automática. Fiz referência a esta dualidade em uma instrução anterior. Esta etapa é de grandes dificuldades para o homem, como indivíduo, e para a humanidade como um todo. Os homens ainda são tão ignorantes da "realidade que brilha sob o envelope que a envolve" – como diz o Antigo Comentário – que uma percepção real é difícil e, no início, quase impossível. De maneira cega e ignorante, os homens têm de lidar com esse primeiro par de opostos. É isso que estamos vendo acontecer no mundo neste momento. As massas estão despertando para a percepção de que são vítimas e intérpretes de forças sobre as quais não têm controle e não compreendem. Gostariam de assumir o controle sobre elas e estão determinadas a fazê-lo sempre que possível. É esse o maior problema hoje no campo econômico e no campo da vida diária e do governo.

A tensão mundial atual se deve ao fato de que a força física e a energia etérica estão em conflito. Não nos esqueçamos do que disse anteriormente, de que a força etérica está estreitamente relacionada com a Mônada, o aspecto espiritual mais elevado. É a própria vida que está a ponto de se exteriorizar. Daí a ênfase hoje sobre o espírito da humanidade, sobre o espírito de uma nação e sobre o espírito de um grupo. Tudo isso é resultado da batalha que é travada entre esse par de opostos, no campo dos assuntos humanos e no campo da vida humana individual comum. No entanto, é esse conflito – travado até o ponto da síntese e da unificação – que produz a reorientação da raça e do indivíduo para os valores mais verdadeiros e para o mundo da realidade. É esse conflito – travado com sucesso – que coloca o homem, como indivíduo, e a massa, como um todo, no Caminho da Purificação. Quando há a unificação dessas energias no plano físico, temos então uma atividade unidirecionada e uma determinação de seguir em uma direção

específica. Segue-se a recombinação⁵ (observemos essa palavra e seu uso) da dualidade em uma unidade.

No estágios iniciais, essa recombinação resulta (no que diz respeito ao aspirante comum), em uma unidade astral temporária e, em seguida, emerge o devoto unidirecionado. Nós o encontramos em todos os campos – da religião, da ciência, da política ou em qualquer outro departamento da vida. Sua unidade etérica, que produz a reorientação – cujo resultado é uma clara visão, uma compreensão da verdade e uma imagem do caminho imediato a seguir – serve temporariamente para produzir no homem o espelhismo por meio da sensação de realização, de segurança, de poder e de destino.

Ele segue em frente de maneira cega, furiosa e implacável até que, de repente, se depara com uma mudança das condições e reconhece outra situação muito mais difícil. Os pares de opostos no plano astral o confrontam, e ele se torna Arjuna no campo de batalha. Todo o seu senso de unificação, de direção, de satisfação segura e, muitas vezes, presunçosa desaparece e ele se vê perdido nas brumas e miragens do plano astral. É essa a situação de muitos discípulos bem-intencionados neste momento, e é sobre ela que devo me deter por um momento, porque esse grupo, quando consegue trabalhar como grupo, tem como tarefa a dissolução de uma parte da miragem mundial. Algum dia (e esperemos que isso ocorra em breve) esse grupo e outros grupos semelhantes devem trabalhar, como grupo e sob a direção de seus respectivos Mestres, para romper a miragem do mundo e deixar entrar um pouco de luz e de iluminação para que os homens possam, a partir de então, trilhar mais verdadeiramente o Caminho com toda segurança.

Portanto, escolhi para participar deste trabalho vários aspirantes cuja tendência é sucumbir à miragem, embora dois deles sejam menos propensos a isso do que os outros. Sua relativa liberdade em relação à miragem foi um dos motivos pelos quais os escolhi. São eles D.L.R. e D.P.R. Que esses dois mantenham suas vidas livres de qualquer tendência à miragem se quiserem servir corretamente a seus irmãos, conforme desejo. Darei indicações de sua tendência nessa direção em suas instruções pessoais. Os outros membros do grupo são prontamente propensos à miragem, o que é um sofrimento para eles. No entanto, isso pode se transformar rapidamente em um trunfo. Como a miragem do mundo pode ser dissipada, a não ser por aqueles que a reconhecem pelo que é e que já lutaram contra ela em sua vida diária? Como pode haver sucesso na remoção da miragem do mundo por meio da iluminação, a menos que essa iluminação seja promovida por aqueles que aprenderam a lançar o projetor da alma nos lugares escuros e na miragem que os rodeia, como indivíduos, e depois vê-los desaparecer? Não desaminem com essa "fraqueza que vem da miragem", mas considerem seu esforço para entender o problema e sua capacidade de chegar à solução em suas próprias vidas como parte da contribuição que podem dar a esse que é o mais assombroso dos problemas mundiais. Resolva sua miragem habitando na luz e mantendo a mente firme nessa luz e aprendendo a lançar essa luz nas névoas da miragem no plano astral. Não tentem resolvê-lo, como alguns aspirantes fazem com tanta frequência, dizendo: "Agora eu entendo", enquanto tudo o que fazem (e muitos de vocês fazem o mesmo) é reagir a um lugar comum ocultista evidente.

Terceira: Esta etapa da miragem é muitas vezes chamada de Experiência de Arjuna. Hoje o Arjuna mundial está enfrentando os pares de opostos, como também o discípulo individual, que estará pronto – quando esses pares tiverem sido transmutados em uma unidade – a trilhar o Caminho do Discipulado.

⁵ N. do T.: no original em inglês a palavra é “resolution”

É possível destacar que:

1. Em todos os países, as massas estão lutando contra o primeiro par de opostos, aquele no plano físico. Quando a "recombinação" ocorrer, essas massas entrarão no Caminho da Purificação. Isso está se produzindo rapidamente. Poderíamos acrescentar que se trata de um processo longo e lento porque a consciência, nesta etapa, não é a percepção inteligente do homem que pensa, mas a consciência cega do homem físico, mais as próprias forças da natureza.

2. O cidadão educado comum de todas as terras está enfrentando hoje a experiência de Arjuna e os pares de opostos no plano astral. Daí o intenso sentimento que existe no mundo; daí também a busca pela iluminação por meio da educação, da religião e das muitas agências de instrução mental, com o conseqüente crescimento do conhecimento, da sabedoria e das corretas relações. Essas pessoas normalmente se enquadram em duas classes:

a. Aquelas que estão cientes da necessidade de decisão e discriminação no pensamento e na escolha, mas que ainda não estão verdadeiramente cientes das implicações nem das indicações. É a chamada "fase de perplexidade do dilema de Arjuna" e, à miragem racial, nacional e individual, acrescentaram uma miragem espiritual que intensifica a névoa.

b. Aquelas que saíram dessa condição e estão se conscientizando de seu problema. Veem os pares de opostos e estão entrando na "etapa de reconhecimento da libertação de Arjuna". Veem a Forma de Deus e a Realidade que mora dentro dessa Forma e estão chegando à decisão de deixar o Guerreiro dar continuidade à luta. Elas então (quando a decisão e a escolha corretas tiverem sido feitas) "se levantarão e lutarão" e se encontrarão não mais no Caminho da Purificação, mas no Caminho do Discipulado.

Todos vocês estão familiarizados com esse estágio, e aspirantes como os encontrados nesse grupo de estudantes não precisam de instruções minhas sobre como trilhar o caminho da miragem para a luz. As regras são bem conhecidas: as miragens às quais vocês são suscetíveis são igualmente bem conhecidas; as miragens às quais a humanidade é propensa, vocês as reconhecem bem. Resta a vocês seguir o antigo caminho da Raja Yoga e trazer a mente como uma agência de dissipação e, assim, aprender a permanecer na "luz" entre os pares de opostos e, por meio dessa "luz", alcançar a liberdade trilhando o nobre caminho do meio. Às vezes, meus irmãos, sinto que vocês sabem tanto teoricamente, mas que trabalharam relativamente tão pouco. Eu me pergunto se não estou assumindo uma responsabilidade excessiva ao lhes dar mais instruções. Mas lembro-me de que escrevo para outros, assim como para vocês, e que meu tempo é curto para esse serviço específico.

A recombinação dessas dualidades ocorre quando a alma, o verdadeiro homem espiritual, não mais se identifica com nenhum dos opostos, mas permanece livre nesse caminho do meio; o discípulo então vê o "Caminho iluminado à frente", ao longo do qual aprende a seguir sem ser arrastado para os mundos da miragem que se estendem de cada lado. Ele caminha direto para a sua meta.

3. A etapa em que o homem inteligente e que pensa, seja ele discípulo ou aspirante bem-intencionado, ou um iniciado do primeiro e segundo grau, precisa aprender a distinguir entre a verdade e as verdades, entre o conhecimento e a sabedoria, entre a realidade e a

ilusão. Quando essa etapa é ultrapassada, leva à terceira iniciação, na qual a personalidade (que é propensa a maya, miragem e ilusão) fica livre. Mais uma vez experimenta um senso de unificação, o que se deve ao desenvolvimento do senso da intuição que coloca nas mãos do discípulo um instrumento infalível com o qual discriminar e discernir. Sua percepção vai se tornando precisa e ele fica relativamente livre de enganos, identificações e interpretações erradas.

Vocês devem ter notado como a carreira do homem passou, pois, de uma crise de dualidade para uma de relativa unidade, apenas para ter esse senso de unificação perturbado por um novo reconhecimento de uma dualidade mais elevada e mais profunda. Essa dualidade produz temporariamente outra cisão na vida de um homem e, assim, reinicia um processo torturante de transpor ou de "curar ocultamente" essa ruptura na continuidade da consciência espiritual. Lembraria a vocês que essa sensação de paz ou percepção de cisão é, por si só, uma ilusão e tem a natureza de miragem, e se baseia no senso ilusório de identificação com aquilo que não é o eu, a alma. Todo o problema pode ser solucionado se a consciência desviar a identificação com as formas inferiores de experiência para a identificação com o homem real e verdadeiro.

4. Etapa por etapa, o homem avançou de um estado de ilusão ou miragem para outro similar, de um ponto de oportunidade e de discernimento para outro, até desenvolver em si mesmo três capacidades principais:

1. A capacidade de manejar força.
2. A capacidade de trilhar o caminho do meio entre os pares de opostos.
3. A capacidade de usar a intuição.

Ele desenvolveu essas capacidades pela recombinação dos pares de opostos nos planos físico, astral e mental inferior. Agora ele enfrenta sua solução culminante, dotado desses poderes. Ele toma consciência dessas duas grandes entidades aparentemente opostas (com as quais ele se identifica conscientemente) – o Anjo da Presença e o Morador do Umbral. Por trás do Anjo ele sente vagamente, não outra dualidade, mas uma grande Identidade, uma Unidade viva, que – por falta de uma palavra melhor – chamamos de PRESENÇA.

Ele então descobre que a saída, nesse caso, não está no método de manejar força ou de deixar para trás os dois pares de opostos, nem do reconhecimento correto por meio da intuição, mas que esse Morador e esse Anjo devem ser reunidos; a entidade inferior deve ser "apagada" na "luz" ou "forçada a desaparecer na radiância". É essa a tarefa da mais elevada das duas entidades, com a qual o discípulo ou o iniciado, consciente e deliberadamente, se identifica. Trataremos desse processo mais à frente. Esse é o problema que o iniciado enfrenta antes de tomar as três últimas iniciações.

É preciso ter em mente que nenhuma dessas três etapas é, na realidade, separada uma da outra por linhas claras de demarcação, nem que se seguem em uma sequência clara. Elas ocorrem com muita sobreposição e, muitas vezes, com uma simultaneidade parcial. Somente quando o discípulo enfrenta certas iniciações ele desperta para o fato dessas distinções. Portanto, podemos afirmar que:

1. Na primeira iniciação o discípulo prova que recombina as dualidades do plano físico e pode impor corretamente a energia etérica (a mais elevada das duas) à energia física.
2. Na segunda iniciação, o iniciado demonstra que é capaz de escolher entre os pares de opostos e prosseguir com decisão no seu "caminho do meio".

3. Na terceira iniciação, o iniciado é capaz de empregar a intuição para a correta percepção da verdade; e nesta iniciação ele tem o primeiro vislumbre real do Morador do Umbral e do Anjo da Presença.

4. Na quarta iniciação, o iniciado demonstra sua capacidade de estabelecer uma unificação completa entre o aspecto superior e o aspecto inferior da alma em manifestação e vê o Morador do Umbral se fundir com o Anjo da Presença.

5. Na quinta iniciação – e aqui as palavras não conseguem expressar a verdade – ele vê o Morador do Umbral e o Anjo da Presença se fundirem em uma síntese divina.

Surge a pergunta sobre o que produz essa miragem e essa ilusão. O tema é tão vasto (abrangendo todo o campo da história planetária) que pouco mais posso fazer além de indicar algumas das causas. Até agora, poucas delas foram passíveis de correção, exceto no caso de indivíduos. Isso significa que, quando os indivíduos atingem o ponto evolutivo em que podem se identificar com seu aspecto superior, a alma, e podem então trazer a energia da alma para compensar, subjugar e dominar as forças inferiores da personalidade, a correção se torna então possível e ocorre inevitavelmente. Portanto, quando chegar o momento em que um número muito grande de pessoas se conscientizar da condição da miragem mundial (descobrindo-a e lidando com ela em suas próprias vidas), teremos uma abordagem grupal para o problema. Teremos então um ataque definitivo à miragem do mundo e, quando isso acontecer – falando em termos esotéricos – "será feita uma abertura que deixará passar a luz do orbe solar. As névoas desaparecerão lentamente, vencidas pela radiância solar, e os peregrinos encontrarão o CAMINHO iluminado que leva do coração da névoa diretamente para a porta da luz".

É com a intenção de descobrir até onde os aspirantes e discípulos do mundo chegaram em seu entendimento e em sua maneira de lidar com esse problema que um experimento como o que está sendo realizado nesses grupos foi empreendido e permitido.

2. As Causas que Produzem a Miragem Mundial

As causas que produzem a miragem mundial podem ser divididas em três grupos:

A. Causas planetárias.

B. Causas iniciadas pela própria humanidade.

C. Causas provocadas por indivíduos que, no entanto, são fundadas e baseadas nos dois grupos de fatores condicionantes acima.

A. *Causas planetárias.* São duas em número e estão além da compreensão finita de vocês. Eu apenas as apresento, pedindo que as aceitem como especulações razoáveis e hipóteses possivelmente exatas:

1. Causas inerentes à própria substância. Os átomos dos quais todas as formas são feitas foram herdados de um universo ou sistema solar anterior e, portanto, estão tingidos ou coloridos pelos resultados dessa grande manifestação criadora. Os efeitos produzidos nesta expressão de existência divina constituem fatores predisponentes ou causas iniciadoras neste sistema solar e vida planetária. Esses fatores condicionantes e herdados não podem ser evitados. Eles determinam a natureza do impulso vital, a tendência do desenvolvimento evolutivo e as tendências inatas que todas as formas possuem, como a capacidade de crescer e se desenvolver, de orientar a espécie e de expressar no tempo e

no espaço o arquétipo ou modelo, e de delinear e determinar a estrutura dos reinos em que a ciência divide o mundo natural. São essas apenas algumas das características inatas e inerentes da própria substância, herdadas e condicionantes da nossa atual manifestação de vida divina.

2. A vida ou manifestação do Logos planetário, "Aquele em que vivemos, nos movemos e temos o nosso ser" é determinada por Sua própria Natureza. Para nós, esta grande Vida encarna a perfeição e as qualidades que O distinguem são aquelas para as quais direcionamos a nossa aspiração mais elevada. Porém, do ângulo daquelas Vidas Que estão mais avançadas do que Ele no caminho cósmico (estou falando em termos simbólicos e da experiência humana) Ele está entre os "Deuses imperfeitos". Essas imperfeições entravam o desenvolvimento ou a perfeita expressão da energia divina quando combinadas com as qualidades e tendências herdadas das substâncias por meio das quais Ele deve expressar Sua vida, Seus propósitos e intenções, produzem as "sementes da morte e da decadência" que caracterizam a nossa evolução planetária em todos os quatro reinos da natureza. Elas criam obstáculos, obstruções e entraves contra os quais a alma em todas as formas criadas deve lutar, assim adquirindo força e entendimento e alcançando, afinal, a liberação.

São essas as duas grandes causas planetárias. Elas não podem finalmente impedir a alma de se emancipar, mas podem atrapalhar e atrasar. É inútil que os homens especulem sobre essas hipóteses dado seu atual instrumental e tipo de cérebro inadequados. Não chegariam a nada e não ficariam mais sábios.

B. *Causas iniciadas pela própria humanidade.* Pouco a pouco, passo a passo, a humanidade criou e intensificou aquela condição de consciência nascida da miragem que chamamos de plano astral. Toda a miragem é produzida pela junção de uma ou mais correntes de energia que produzem um redemoinho temporário de energias e, do ponto de vista do homem – o observador e participante – produzem uma condição de escuridão, um estado de perplexidade que dificulta a escolha clara e a discriminação correta e, nos estágios iniciais, faz com que sejam impossíveis. Cria uma aura que hoje é de natureza tão geral e tão abrangente que todos estão, falando em termos figurados, imersos nela. Essa aura, na infância da raça, envolvia apenas as pessoas mais avançadas. Para entender o que quero dizer com essa afirmação, gostaria de chamar sua atenção para o fato de que pessoas pouco inteligentes, aquelas que estão entre os tipos humanos mais baixos e aquelas que são pouco mais do que animais ativos, governadas principalmente pelos instintos, são capazes de lidar de forma muito simples e direta com os fatos da existência com os quais se deparam e que, para elas, são de suma ou única importância – os fatos da fome, do nascimento e da morte, da autoproteção e da perpetuação. Há pouca miragem real em sua reação à vida e ao viver, e sua simplicidade, como a de uma criança, as salva e protege de muitos dos males mais sutis. Suas emoções não são sutis e suas mentes não estão despertas. Mas, à medida que a humanidade evoluiu e os níveis mais elevados da consciência racial se tornaram mais sutis e o fator mente lentamente se tornou mais ativo, a miragem e a ilusão se desenvolveram muito rapidamente.

Os primeiros indícios da miragem surgiram quando os discípulos e os aspirantes do mundo lemuriano (cujo problema era a correta compreensão, o correto funcionamento e o controle do corpo físico) começaram a se diferenciar entre eles próprios como seres autoconscientes e as forças físicas e vitais. Isso imediatamente estabeleceu uma tremenda atividade no centro da garganta, que é o aspecto superior do centro sacro (o centro do sexo) levando assim ao início da miragem e ao primeiro reconhecimento e consideração bem definidos do impulso sexual, da atração sexual e – para o iniciado

daquele período – da necessária transmutação do sexo. Isso se produziu em paralelo com a Yoga mais antiga, ou o culto ao corpo físico com o objetivo de seu controle pela alma e a consequente fusão de consciente e subconsciente.

Em torno dos aspirantes daquela época era possível ver as primeiras nuvens e névoas de miragem se acumulando, embora a ilusão ainda não estivesse presente. O primeiro reconhecimento do plano das emoções, do plano astral, foi evocado na consciência dos grupos em preparação para a primeira iniciação, que era a iniciação mais elevada possível naquela época. A razão do lento despertar da consciência astral no aspirante daquela época, polarizado fisicamente, deveu-se ao fato de que um dos segredos da iniciação consiste na compreensão e no uso corretos da consciência que está ciente e é capaz de atuar em um plano mais elevado do que aquele em que a humanidade como um todo está vivendo em um determinado momento. Portanto, nos tempos lemurianos, o homem centrado fisicamente que estava prestes a ser admitido no Caminho era consciente do seguinte:

1. Da dualidade física em que sua consciência estava acostumada a atuar normalmente e do conflito entre o corpo físico em si e o corpo etérico vital.
2. De uma consciência mais elevada vagamente percebida, que se distinguia pela qualidade e senciência. Isso era tudo o que ele podia contatar naquele momento no plano mais familiar para nós hoje, o plano astral.
3. De um crescente senso de identidade própria que era a alma ou o eu que despertava, do Mestre que o conduziria da consciência puramente física para a etapa divina seguinte, a consciência astral. Não nos esqueçamos, devido à familiaridade e ao cansaço que o conflito produz, que cada etapa do desenvolvimento é divino.

Assim, se o que foi dito acima reflete de fato a verdade, ficará claro que a miragem teve origem no reconhecimento desses fatores na consciência e que foi o resultado das reações do homem às complexidades de sua própria constituição e à energia de sua própria alma.

Com o passar do tempo, toda a família humana se conscientizou do novo dualismo emergente que existia entre a constituição física e o plano astral, além da atividade do centro no próprio homem, centro que, nessa etapa, apareceu como consciência e percepção inata – e naquela época sem faculdade de raciocínio – de um impulso para uma vida mais elevada ou de uma tendência para uma atividade inferior. Esta consciência nebulosa se desenvolveu a certa altura no que chamamos de Voz da Consciência. Quando isso aconteceu, a complexidade e as dificuldades da vida aumentaram muito e a miragem ficou definitivamente estabelecida na Terra. Era aquilo que envolvia e enfatizava demais o inferior em detrimento do superior e servia para desviar a atenção do aspirante da realidade. Deveria eu enfatizar novamente que, nessa etapa inicial, a miragem só era produzida e reconhecida pelas pessoas altamente evoluídas daquele período?

Depois a raça lemuriana foi se extinguindo lentamente e a raça atlante passou a existir. Durante os milhões de anos em que essa raça floresceu na Terra, houve um grande número de pessoas que ainda tinham a consciência lemuriana, assim como hoje, nesta moderna raça ariana, há muitos, muitos milhões de pessoas que expressam a consciência atlante e são polarizadas em seus corpos astrais, vítimas das emoções e da consequente miragem.

Na raça atlante, a dualidade física foi então recombinação, e o corpo físico e o corpo etérico constituíram uma unidade e, na pessoa saudável, ainda assim é. O senso de dualidade mudou então para um crescente reconhecimento do conflito no reino da qualidade e para o campo do que hoje chamamos de "pares de opostos" – o bem e o mal, a dor e o prazer, o certo e o errado, o que tem sentido e o absurdo, e a multiplicidade de opostos com os quais o aspirante se depara hoje.

Cada um desses períodos históricos da raça vê o estabelecimento de um senso de unidade temporário nas etapas iniciais, quando a cisão anterior é curada e a dualidade inicial é dissolvida em uma unidade. Em seguida, há um reconhecimento crescente de um novo campo de escolha, com base no surgimento de valores mais elevados e, finalmente, um período de conflito na consciência do indivíduo e da humanidade como um todo, à medida que é feita a tentativa de resolver essa dualidade mais elevada com a qual o homem ou a raça se confronta.

Essa solução é obtida quando um aspecto mais elevado da consciência é vagamente percebido e os homens se tornam conscientes de si mesmos como seres mentais. Há, então, uma demanda crescente para que essa natureza mental seja desenvolvida e colocada em ação no esforço de resolver o problema dessa categoria de opostos no plano astral.

Ao mesmo tempo, o senso de autoidentidade ou a consciência de que "eu sou" vai crescendo constantemente, e o iniciado desta época enfrenta o esforço de se libertar da escravidão dos sentidos no plano astral, da densa miragem em que sua percepção sensorial o lançou, e de estabelecer sua liberdade por meio de um controle completo do corpo astral. Por fim, ele faz isso desenvolvendo o poder de passar entre os pares de opostos, sem ser afetado por nenhum deles, e assim deixá-los para trás. Ele consegue isso usando a mente como um distribuidor da luz que revela o "caminho do meio" e que dissipa a miragem com seu brilho e radiância.

Essa miragem tem se aprofundado e intensificado regularmente, à medida que mais e mais pessoas conseguem resolver a cisão física inicial e se centralizam na consciência astral. Hoje, a magnitude dessa miragem e o sucesso do processo evolutivo são tão grandes que a humanidade, como um todo, está vagando nas névoas e nos miasmas do mundo da consciência senciente. Quando uso a palavra "senciente", não estou me referindo ao mecanismo sensorial do sistema nervoso físico, mas à consciência senciente do Eu, que hoje está tão imerso na miragem que a maioria dos homens está inteiramente identificada com o mundo do sentimento, da qualidade, das interações afetivas e das reações emocionais, com suas simpatias e antipatias e sua autopiedade dominante. A autopiedade é uma das principais miragens do homem avançado e sensível. São as pessoas avançadas que mais contribuem para a miragem do mundo. A principal miragem é a reação do aspirante à verdade, à realidade, quando ele se torna consciente do que está além do plano astral. Ele interpreta tudo o que sente e vê em termos de miragem, de compreensão emocional, de um fanatismo sentimental. Ele se esquece de que a verdade está totalmente além do mundo dos sentimentos, não é afetada por ele e só pode ser percebida em sua pureza quando o sentimento é transcendido e transmutado. A segunda principal miragem é a autopiedade.

O mundo de hoje está dividido em três grupos, todos eles sujeitos a certos aspectos da miragem:

1. Aqueles que são de consciência atlante e, portanto, estão completamente sob a miragem de:

- a. O que é material e objeto do desejo.
- b. O que sentem em todo tipo de relações
- c. O que acreditam ser o ideal, verdadeiro ou justo, baseados nas reações que neles despertam os pensadores da época, mas que não compreendem mentalmente.
- d. O que exigem de beleza e conforto emocional.
- e. O que lhes produz bem-estar espiritual no campo da religião e da aspiração religiosa. Observem esta frase.

2. Aqueles que são de consciência mais definidamente ariana. Significa que o fator mente está despertando, constituindo assim uma dificuldade, e que as ilusões do plano mental agora se agregam às miragens do plano astral. Estas ilusões são de natureza teórica e intelectual.

3. Um grupo que está se liberando desse grupo submetido à miragem e à ilusão, e que está atento à Voz do Silêncio e às demandas da alma.

A complexidade do problema psicológico moderno reside no fato de que a nossa raça e época vislumbram a síntese de todas as miragens e o aparecimento das ilusões no plano mental. Atualmente temos aspirantes em todas as etapas de desenvolvimento, e as massas estão recapitulando as distintas etapas do caminho evolutivo, sendo o estrato mais inferior da raça humana definidamente de consciência lemuriana, embora, em termos relativos, sejam muito poucos.

A ilusão está aumentando rapidamente, à medida que o poder mental da raça se desenvolve, pois ilusão é sucumbir às potentes formas-pensamento que os pensadores da época e da era imediatamente anterior formularam e que, no momento de sua criação, constituíam a esperança da raça. Elas incorporavam as ideias novas e emergentes por meio das quais a raça pretendia progredir. Essas formas, quando velhas e cristalizadas, tornam-se uma ameaça e um obstáculo para a vida em expansão. Somente dentro de alguns séculos a ilusão será realmente entendida, quando a raça tiver se liberado da miragem, quando haverá poucas pessoas com mentalidade atlante no planeta e quando não haverá pessoas com a consciência lemuriana. Entretanto, à medida que a evolução avança, as coisas se aceleram muito, e o momento em que a humanidade será predominantemente caracterizada pela consciência ariana não está tão distante quanto se supõe. Consultem a Tabela abaixo. Não estou falando em termos de raça ariana como ela é geralmente entendida hoje nem em suas implicações germânicas.

Raça	Dualidade	Problema	Método	Objetivo
Lemuriana	Força física contra energia vital	Maya	Controle do astral	1ª iniciação
			Hatha Yoga: Aspirantes	<i>Inspiração</i>
			Laya Yoga: Discípulos	

Atlante	Pares de Opostos	Miragem	Controle mental	do 2ª iniciação
	Qualidade		Bhakti Yoga: Aspirantes	Iluminação
	Sensibilidade		Raja Yoga: Discípulos	
Ariana	Morador do Umbral	Ilusão	Controle da alma	3ª iniciação
	Anjo da Presença		Raja Yoga: Aspirantes	Intuição
			Agni Yoga: Discípulos	

C. *Causas provocadas pelo indivíduo.* Se vocês estudaram o exposto acima com o cuidado necessário, ficará claro que o homem individual entra na encarnação já prejudicado pela miragem existente de origem muito antiga e totalmente além de seu poder de controle nessa etapa. Ela é de grande potência. Uso a palavra "prejudicado" deliberadamente, por falta de um termo melhor. Gostaria, no entanto, de salientar que o verdadeiro significado da situação está no fato de que essas condições oferecem ao homem a oportunidade de evocar o entendimento e o ponto de vista da alma, pois oferecem os meios pelos quais adquirir uma certa experiência. Essa experiência levará a alma, por fim, a assumir o controle do mecanismo, a personalidade e, assim, dar a essa alma um campo definido de serviço. Os veículos por meio dos quais a alma está buscando experiência e expressão são normal e naturalmente sujeitos às miragens mundiais e às miragens e à ilusão da humanidade. O fato de que a alma, nas primeiras etapas da experiência, seja dominada por maya, pela miragem e, a certa altura, pela ilusão, deve-se a que a alma se identifica com essas formas e, portanto, com a miragem circundante, não conseguindo se identificar consigo mesma. À medida que a evolução prossegue, a natureza do problema torna-se evidente para a alma em encarnação, iniciando-se então um processo pelo qual a alma se libera das consequências da identificação errada. Toda alma encarnada que consegue liberar sua consciência do mundo da ilusão e da miragem está certamente servindo à raça e ajudando a liberar a humanidade do seu antigo e potente cativeiro.

É preciso ter em conta que quando o homem se aproxima da etapa de consciência em que tanto o corpo astral como o corpo mental estão ativos e atuantes, ele próprio se converte em criador de miragem. Luta contra as forças que se encontram dentro de si mesmo e do mundo em que vive, e o crescente poder da afluyente energia da alma (que entra em conflito com as forças da personalidade) produz gradualmente em torno dele um campo de miragem e um ambiente de ilusão, que ativa plenamente esta terceira categoria de miragem.

Tais miragens dependem da forma em que se expressam as diferentes forças que constituem a natureza inferior do homem, das quais ele se torna cada vez mais consciente; elas atravessam as etapas em que são reconhecidas e se expressam poderosamente, chegando a ser violentas quando estão em conflito, até que a alma que

luta se detém – como fez Arjuna – em meio às duas forças antagônicas (as forças da personalidade e a energia da alma) perguntando-se:

1. O que é o correto, isto ou aquilo?
2. Como posso saber qual é meu dever ou minha responsabilidade?
3. Como posso sair desta situação desconcertante?
4. O que posso fazer para que o Guerreiro controle, de maneira que os dois grupos de forças que estimo possam se converter em uma unidade?
5. Como posso sair deste impasse?
6. Por que devo ferir o que estimo, através do qual me expressei durante eras?
7. Como posso me tornar consciente dessa iluminação mental que revelará o “caminho do meio” entre os pares de opostos?
8. Como posso ver a Deus, ou pelo menos a Forma de Deus?

Muitas perguntas semelhantes se colocam na mente do aspirante. Indicam dilema, perplexidade, consciência da miragem circundante, uma etapa de ilusão e uma condição de impotência. Todas as forças de sua natureza, como também as de toda a humanidade e as planetárias, lutam contra o discípulo. Sente-se perdido, inerte, frágil e desesperançado. Sequer consegue ver o caminho de saída. Resta apenas uma realidade clara, a realidade da Alma, da Identidade imortal, o Guerreiro por trás das cenas, o Auriga, Krishna, o Cristo interno.

A Bhagavad Gita pode ser lida inteiramente do ponto de vista da luta que o discípulo trava contra a miragem, e assim os estudantes sensatos deveriam estudá-la.

As miragens individuais das quais o discípulo se torna consciente se caracterizam por cinco tipos de força. Quando entram em atividade simultaneamente, produzem as miragens que o próprio homem inicia e cria. São elas:

1. As forças de sua natureza física densa e do corpo vital que, mais tarde, atuando através da natureza física densa, produzem uma condição de maya ou de energia descontrolada.
2. As forças da natureza astral, baseadas no desejo e nas sensações que, nesta etapa, se dividem em dois grupos denominados pares de opostos. Sua potência é acentuada neste período da história individual porque o discípulo, na maioria dos casos, está polarizado em seu corpo astral e, portanto, sujeito às miragens produzidas pela interação dos opostos, além da condição de maya mencionada acima.
3. As forças da natureza mental inferior, chitta ou substância mental que compõem o corpo mental, estando matizadas por atividades passadas, como também está a substância de que são compostos todos os veículos. Isto agrega ilusão ao maya e à miragem.
4. Surge em seguida o raio da personalidade, que intensifica esses três aspectos em que se expressa a força, produzindo oportunamente seu trabalho de síntese. Temos depois a condição chamada de “tríplice estado de miragem”, que se reduz a uma só miragem importante.

5. O raio ou energia da alma durante todo este tempo está incrementando constantemente sua potência rítmica, procurando impor seu propósito e vontade sobre a personalidade. Esta relação unida e sua interação é o que impulsiona o homem – quando chegou a um ponto de equilíbrio – para o Caminho Probacionário ou para o Caminho do Discipulado e até o portal da Iniciação. Ali, ante o Portal, reconhece a última dualidade que aguarda combinação, o Morador do Umbral e o Anjo da PRESENÇA.”

A natureza dessas miragens difere de pessoa para pessoa, pois a qualidade de raio determina o tipo de miragem ou ilusão ao qual um homem sucumbirá facilmente e o tipo de miragem que ele criará com mais facilidade. Os discípulos precisam aprender a diferenciar entre:

1. A miragem ou as miragens já existentes no seu ambiente, aquelas às quais é atraído mais facilmente ou que atrai com facilidade, pois são a linha de menor resistência.
2. A miragem que ele cria à medida que aborda a vida por meio de um tipos particular de instrumental, que é colorido pelas experiências das encarnações passadas e pela qualidade do raio sob o qual veio à existência.

Esse tema é tão complexo que não será útil entrar em detalhes minuciosos. Posso indicar as principais miragens (e sob esse termo incluo os vários mayas e ilusões) aos quais os tipos de raios predispõem o homem. Se vocês aplicarem isso aos três veículos de manifestação, bem como à personalidade e à alma, observarão como o problema é complicado. No entanto, lembrem-se disso:

A questão é certa e determinada, pois, nesse sistema solar, o triunfo da alma e seu domínio e controle finais são uma conclusão inevitável, não importa o quanto a miragem seja grande ou o quanto feroz seja a luta. Portanto, a verificação (pelo aspirante) da influência de seu raio é um dos primeiros passos para compreender a natureza de seu problema e o método de liberação. A psicologia do futuro direcionará a atenção para a descoberta dos dois raios que regem a alma e a personalidade. Depois de fazer isso por meio de um estudo do tipo físico, das reações emocionais e das tendências mentais, a atenção será direcionada para a descoberta dos raios que regem os veículos especializados. Quando esses cinco raios (egoico, personalidade, físico, astral e mental) tiverem sido aproximadamente determinados, os seguintes fatores precisarão ser considerados:

1. A natureza, a qualidade e a estabilidade do sistema glandular.
2. O ponto de evolução alcançado. Isso será feito por meio de uma análise cuidadosa dos centros e das glândulas e das relações entre eles.
3. O reconhecimento dos pontos de cisão ou de separação que possam existir na personalidade. Podem se encontrar:
 - a. Entre os corpos etérico e físico, que provoca uma falta de vitalidade, uma fraqueza física, obsessões e muitas formas de dificuldades.
 - b. No corpo astral sensível, que leva a um grande número de problemas e de complicações psicológicas causadas por uma sensibilidade exagerada, pela reação às miragens do ambiente, pelas tendências inatas à miragem no instrumental ou resultantes de sensibilidade às miragens de outras pessoas.

c. No corpo mental, a imposição de ilusões mentais de vários tipos, como o controle por formas-pensamento autocriadas, a sensibilidade às formas-pensamento existentes no mundo, no país ou no ambiente de qualquer escola de pensamento, a ideia fixa, o senso do dramático ou da importância, ou uma adesão fanática a grupos de ideias herdadas do passado, ou reações mentais de natureza puramente pessoal.

d. Entre quaisquer desses grupos de forças que chamamos de corpos:

Entre o corpo etérico e o corpo astral.

Entre o corpo astral e o corpo mental.

Há, por exemplo, uma correspondência definida entre a condição de negatividade em relação à vida no plano físico, que é o resultado de uma falta de integração entre os corpos físico e etérico, e a falta de interesse e a incapacidade de lidar com a vida no plano físico que o pensador em níveis abstratos e científicos evidencia com tanta frequência. Esses dois grupos não conseguem se manifestar de maneira definida e decisiva no plano físico, ambos falham ao lidar com os problemas da vida no plano físico de maneira clara e satisfatória, ambos são não-positivos fisicamente, mas as causas que produzem essas condições relativamente semelhantes são totalmente diferentes – embora similares em seus efeitos.

4. A compreensão do Caminho da Vida de um indivíduo, por meio de um estudo de suas indicações astrológicas. Nesse contexto, é necessário examinar o signo solar no qual um homem nasceu como indicativo das tendências de sua personalidade e como o que incorpora as características que ele herdou do passado. Também convém considerar o signo ascendente como indicativo do caminho que a alma deste homem gostaria que ele seguisse.

Muitos outros fatores merecem cuidadosa atenção. O problema do indivíduo se complica devido a certas tendências herdadas, de natureza familiar, nacional e racial que influenciam fortemente o corpo físico nos dois aspectos e produzem miragens de vários tipos. Certas ideias herdadas de abordagem à verdade que são as formas-pensamento incorporadas da família, do ambiente nacional e racial também exercem efeito, elas produzem potentes ilusões, às quais o homem sucumbe com facilidade. Há também forças convergentes oriundas do signo em que o sol possa estar passando, como as condições que encontramos no mundo hoje, devidas ao fato de que o nosso sol está passando para um novo signo do zodíaco. Portanto, energias novas e potentes estão atuando sobre a humanidade, produzindo efeitos em todos os três corpos. Elas estão evocando miragens na natureza emocional e ilusões na natureza mental. Aqueles que se sujeitam facilmente à miragem tornam-se, nesse momento, conscientes de uma dualidade aumentada. O assunto, como poderão constatar, é vasto, e a ciência das influências psicológicas e dos resultados de seu impacto sobre o mecanismo humano ainda está nos primeiros passos. Entretanto, indiquei o suficiente para despertar o interesse e iniciar a investigação nesse novo campo de atividade psicológica..

Voltemos à consideração das muitas miragens que são produzidas e relacionadas a determinados tipos de raios:

RAIO I

A miragem da força física.

A miragem do magnetismo pessoal.

A miragem da autocentralização e da potência pessoal.

A miragem do "um no centro".

A miragem da ambição pessoal egoísta.
A miragem do líder, do ditador e do controle ilimitado.
A miragem do complexo messiânico no campo da política.
A miragem do destino egoísta, do direito divino que os reis exigem de forma pessoal.
A miragem da destruição.
A miragem do isolamento, da solidão, do distanciamento.
A miragem da vontade imposta – sobre outros e sobre grupos.

RAIO II

A miragem do amor de ser amado.
A miragem da popularidade.
A miragem da sabedoria pessoal.
A miragem da responsabilidade egoísta.
A miragem de uma compreensão muito completa, que impede a ação correta.
A miragem da autopiedade, a miragem básica deste raio.
A miragem do complexo messiânico, no mundo da religião e da necessidade mundial.
A miragem do medo, baseado em uma sensibilidade indevida.
A miragem do autossacrifício.
A miragem do altruísmo egoísta.
A miragem da autossatisfação.
A miragem do serviço egoísta.

RAIO III

A miragem de estar ocupado.
A miragem da colaboração com o Plano em forma individual e não grupal.
A miragem do planejamento ativo.
A miragem do trabalho criador, sem motivo verdadeiro.
A miragem das boas intenções, que são basicamente egoístas.
A miragem da “aranha o centro”.
A miragem do “Deus na máquina”.
A miragem da manipulação dissimulada e contínua.
A miragem da própria importância, do ponto de vista do conhecimento e da eficiência.

RAIO IV

A miragem da harmonia, buscando conforto e satisfação pessoais.
A miragem da guerra.
A miragem do conflito, com o objetivo de impor a retidão e a paz.
A miragem de uma vaga percepção artística.
A miragem da percepção psíquica em vez da intuição.
A miragem da percepção musical.
A miragem dos pares de opostos, em seu sentido superior.

RAIO V

A miragem da materialidade, do excesso de ênfase na forma.
A miragem do intelecto.
A miragem do conhecimento e da definição.
A miragem de estar totalmente certo, com base em um ponto de vista estreito.
A miragem da forma que oculta a realidade.
A miragem da organização.
A miragem do externo, que oculta o interno.

RAIO VI

A miragem da devoção.
A miragem da adesão às formas e às pessoas.
A miragem do idealismo.
A miragem das lealdades e dos credos.
A miragem da resposta emocional.
A miragem do sentimentalismo.
A miragem da interferência.
A miragem dos pares de opostos inferiores.
A miragem de Salvadores e Instrutores do Mundo.
A miragem da visão estreita.
A miragem do fanatismo.

RAIO VII

A miragem do trabalho mágico.
A miragem da relação dos opostos.
A miragem dos poderes subterrâneos.
A miragem daquilo que une.
A miragem do corpo físico.
A miragem do misterioso e secreto.
A miragem da magia sexual.
A miragem do surgimento de forças manifestadas”.

Enumerei aqui muitas miragens. Mas elas são muitas, e de modo algum esgotei as possibilidades ou o campo da miragem.

Um dos grupos com os quais trabalhei tinha certas características e dificuldades, e talvez fosse útil mencioná-las aqui.

Esse grupo teve uma história curiosa em relação a outros grupos, porque seu pessoal mudou várias vezes. Em todas as vezes, a pessoa que deixou o grupo estava nele por direito cármico e antiga relação comigo ou com os membros do grupo e, portanto, tinha merecido a oportunidade de participar dessa atividade. Em todas as vezes, elas falharam, e em todas elas por motivos de personalidade. Faltava-lhes a compreensão grupal e estavam enfaticamente ocupadas consigo mesmas. Faltava-lhes a visão nova e mais ampla. Assim, eliminaram a si próprias dessa atividade inicial da nova era. Estou explicando isso, pois é importante que os discípulos compreendam o fato de que a relação cármica não pode ser ignorada e que a oportunidade grupal deve ser oferecida, mesmo que isso atrase o funcionamento do serviço grupal.

Vários membros do grupo ainda estavam lutando contra a miragem e seria necessário um período de tempo mais longo para que se ajustassem a reconhecê-la quando encontrada. A principal tarefa desse grupo era dissipar parte da miragem universal por meio de uma meditação unida indicada. Alguns dos membros do grupo também estavam enfrentando ou tiveram grandes ajustes em suas vidas, e levou um pouco de tempo para que o ritmo subjetivo necessário fosse estabelecido. Mas todos trabalharam com compreensão, perseverança e entusiasmo, e não demorou muito para que o trabalho em grupo fosse iniciado.

Seria útil considerar as seguintes perguntas:

1. Qual é o método pelo qual as ideias são desenvolvidas a partir do momento em que há impressão na mente de algum intuitivo?

Em termos gerais, elas passam pelas seguintes etapas, como já lhes foi dito muitas vezes:

- a. A ideia . . . baseada na percepção intuitiva.
- b. O ideal . . . baseado na formulação mental e na distribuição.
- c. O ídolo . . . baseado na tendência da manifestação física a concretizar.

2. Que miragens vocês acham que são particularmente dominantes no mundo atual e por quê?

3. Falei muitas vezes sobre o trabalho que este grupo e alguns outros grupos pretendem fazer para dissipar a miragem mundial. Vocês têm alguma ideia de como isso deve ser feito ou o que será exigido de vocês?

3. Os Contrastes entre as Miragens Superiores e as Miragens Inferiores.

Na parte anterior desta seção, consideramos (de maneira breve e muito superficial) algumas das causas da densa miragem que envolve a humanidade. O fato de essa miragem ser muito antiga, poderosamente organizada e ser a característica dominante do plano astral ficou muito claro, assim como o fato das três principais causas subsidiárias que são predisponentes:

- 1. As miragens induzidas pela vida planetária e inerentes à própria substância.
- 2. As miragens iniciadas pela humanidade, como um todo e intensificadas em um longuíssimo passado.
- 3. A miragem gerada pelo próprio indivíduo, seja no passado, em razão da sua participação na miragem mundial, seja iniciada nesta vida.

Todo ser humano está propenso a elas e durante muitas vidas é vítima inerte daquilo que, em determinado ponto, descobre como falso e enganoso. Aprende que não deve ser dominado indolentemente pelo passado – astral, emocional e ilusório – mas que está adequadamente equipado para superá-lo e que existem métodos e técnicas por meio dos quais pode vencer a ilusão, dissipar o espelhismo e dominar maya. Trata-se da revelação inicial e quando compreende as implicações disso e se propõe a dominar a condição indesejável é que ele chega, mais tarde, ao reconhecimento de uma dualidade essencial que não é, por ora, uma ilusão. Descobre a relação que existe entre ele mesmo, como personalidade, o verdadeiro Morador do Umbral e o Anjo da PRESENÇA – que guardam o portal da iniciação. Isso marca um momento crítico na vida do discípulo, pois indica o momento em que ele pode começar a trilhar o Caminho da Iniciação, se assim desejar e possuir a resistência necessária.

Em última análise, a subjugação parcial da miragem e a liberação da completa escravidão da ilusão são indicações para a Hierarquia observadora de que um homem está pronto para os processos de iniciação. Até que ele não esteja mais completamente enganado e até que esteja mentalmente um tanto livre, não é possível que ele se coloque diante do Anjo que o aguarda e passe pelo portal. Uma coisa que eu gostaria de salientar: depois

de passar pelo portal da iniciação, o discípulo retorna sempre de novo para assumir suas tarefas nos três mundos de atividade; ele reconstitui os processos anteriores – brevemente e com compreensão – e depois disso passa a dominar os fundamentos da lição iniciática seguinte. Estou colocando aqui uma grande quantidade de informações em uma forma muito condensada, mas isso é tudo o que é possível neste momento.

Por muito tempo, o senso de dualismo permeia o ser do discípulo e faz com que sua vida pareça ser um conflito incessante entre os pares de opostos. A batalha dos contrários é travada conscientemente na vida do discípulo. Ele alterna entre as experiências do passado e uma imagem mental muito viva da experiência de iniciação pela qual passou, com ênfase, em primeiro lugar, nas experiências anteriores; mais tarde, na grande experiência final que está colorindo tão profundamente sua vida interna. Ele tem momentos prolongados em que é o discípulo perplexo, lutando contra a miragem, e breves momentos em que é o iniciado triunfante. Descobre em si mesmo as fontes da miragem e da ilusão e a sedução de maya, até que chega o momento em que novamente se coloca diante do portal e enfrenta a maior dualidade em seu pequeno cosmo particular – o Morador e o Anjo. No início, ele teme o Anjo e teme a luz que flui do semblante do Anjo, porque ela revela a natureza do Morador, que é ele mesmo. Ele percebe, como nunca antes, a formidável tarefa que tem pela frente e o verdadeiro significado do empreendimento com o qual se comprometeu. Pouco a pouco, duas coisas emergem com surpreendente clareza em sua mente:

1. A significação de sua própria natureza, com seu dualismo essencial.
2. O reconhecimento da relação entre os pares de opostos que ele, como discípulo, tem que trabalhar.

Quando ele compreende a relação da principal dualidade inferior (entre a personalidade e a alma), ele está então preparado para passar para a realidade superior, a do Eu integrado (personalidade e alma) e sua relação com a PRESENÇA. Nessa declaração, vocês encontrarão, em poucas e concisas palavras, o resultado das três primeiras iniciações e das duas finais. Reflitam sobre isso.

Creio que será de real valor relatar, para seu benefício, as várias características contrastantes do homem inteligente e do discípulo, usando a palavra "discípulo" para abranger todas as etapas de desenvolvimento, daquela do discípulo aceito até a do Mestre. Nada mais existe além da Hierarquia, termo que denota um progresso contínuo de um estado de ser e de consciência inferior para um superior. Esse é, em todos os casos, o estado de consciência de um certo Ser, limitado, confinado e controlado pela substância. Observem que digo "substância" e não "forma", pois na realidade é a substância que controla o espírito por um longo, muito longo, ciclo de expressão; não é a matéria que controla, pois a matéria grosseira é sempre controlada pelas forças que são esotericamente consideradas de natureza etérica e, portanto, como substância, não forma. Tenham isso sempre em mente, pois contém a pista para o verdadeiro entendimento da natureza inferior.

Estudaremos, portanto, os contrastes essenciais básicos que o discípulo deve captar intuitivamente e com os quais deve se familiarizar. Dividiremos o que temos a dizer em quatro partes, abordando cada uma delas de maneira sucinta, mas acredito que útil:

- a. O Contraste entre Ilusão e seu oposto, Intuição.
- b. O Contraste entre Miragem e seu oposto, Iluminação.

- c. O Contraste entre Maya e seu oposto, Inspiração.
- d. O Contraste entre o Morador do Umbral e seu oposto, o Anjo da PRESENÇA.

Vocês perceberão que se trata de um assunto extenso e que aborda o principal problema do discípulo. Neste ponto, eu os remeteria ao que já disse sobre esses quatro aspectos da miragem e pediria que consultassem com atenção os vários gráficos e tabulações que lhes foram apresentados periodicamente.

- a. O Contraste entre Ilusão e Intuição.

Escolhi esse como o primeiro contraste a ser tratado, pois ele deveria ser a principal miragem dos membros deste grupo (embora provavelmente não seja). Infelizmente, a miragem emocional ainda domina e, para a maioria de vocês, o segundo contraste, entre miragem e iluminação, pode ser o mais útil e o mais construtivo.

A ilusão é o poder de alguma forma-pensamento mental, de algum ideal e de algum conceito – percebido, apreendido e interpretado em forma mental – de dominar os processos mentais do indivíduo ou da raça e, conseqüentemente, de produzir a limitação da expressão individual ou do grupo. Essas ideias e conceitos podem ser de três tipos, como entendo que vocês devem saber:

1. Podem ser ideias herdadas, como no caso daqueles que acham tão difícil se ajustar à nova visão da vida mundial e da ordem social, conforme expressas nas ideologias mais recentes. São fortemente condicionados por sua maneira de ser, sua tradição e sua formação.
2. Podem ser as ideias mais modernas que são, em última análise, a reação do pensamento moderno às condições e situações mundiais, e a elas muitos outros aspirantes são naturalmente propensos, em especial se viverem no vórtice de força que chamamos de Europa moderna. Essas ideias modernas são hoje interpretadas em grandes correntes e ideologias dominantes, e a elas toda pessoa inteligente deve inevitavelmente reagir, embora se esqueça de que essa reação se baseia na tradição ou na predisposição nacional ou internacional.
3. Elas podem ser as ideias mais recentes e pouco perceptíveis que têm em si o poder de condicionar o futuro e conduzir a geração moderna das trevas para a luz. Nenhum de vocês percebe ainda realmente essas novas ideias, embora em momentos de alta meditação e realização espiritual possam reagir a elas de maneira vaga e breve. Essa reação pode ser real apenas na medida em que condiciona, nitidamente, o serviço aos seus semelhantes. Vocês podem reagir corretamente e fazê-lo cada vez mais se preservarem a integridade de sua alma e sem desânimo com a batalha e a febre do ambiente no campo de serviço que escolheram.

Uma ilusão mental pode ser descrita, talvez, como uma ideia, encarnada em uma forma ideal, que não dá espaço nem margem para qualquer outra forma de ideal. Impede, portanto, a capacidade de contactar ideias. O homem fica preso ao mundo dos ideais e do idealismo. Não consegue se afastar dele. Esta ilusão mental amarra, limita e aprisiona o homem. Uma boa ideia pode, por conseguinte, tornar-se uma ilusão com grande facilidade e revelar-se um fator condicionante desastroso na vida do homem que a registra.

Poderiam perguntar aqui se a própria Hierarquia não está condicionada por uma ideia e, portanto, ser ela mesma uma vítima da ilusão geral e generalizada. Para além do fato de que os Diretores da Hierarquia e os Guardiões do Plano nunca poderiam exercer tais funções enquanto não estivessem livres do incentivo da ilusão, gostaria de lembrar a vocês que todas as ideias fluem para a consciência planetária através do canal dos sete raios. Assim, a Hierarquia está aberta, em qualquer caso, aos sete grupos principais de ideias que são a IDEIA de Deus para qualquer ponto específico no tempo, expressa de sete formas principais – todas elas igualmente corretas e servindo à sétupla necessidade da humanidade. Cada uma destas sete formulações da Ideia de Deus tem a sua contribuição específica a dar; cada uma delas é uma ideia verdadeira que tem o seu papel a desempenhar no serviço humano ou planetário; e cada uma delas está tão inter-relacionada com as outras seis expressões da mesma Ideia divina, exprimindo-se como ideais no plano mental, que não pode haver estreitamento a uma só ideia com as suas ramificações, como acontece entre os homens. Há, pelo menos, sensibilidade a sete grupos de ideias e aos seus ideais resultantes e – nem que fosse só por isso – a Hierarquia é, ao que sabemos, fluida e maleável. Mas há muito mais do que isso, pois, para os membros da Hierarquia, a ideia e os seus efeitos não são apenas interpretados em termos de formas-pensamento humanas e idealismo humano, mas também devem ser contatados e estudados em sua relação com a Mente do Próprio Deus e com os reinos planetários. Estas ideias vêm e emanam do plano búdico, que raramente está aberto à consciência do discípulo comum e certamente não está aberto ao contato do idealista comum. Gostaria de lembrar a vocês que poucos idealistas estão pessoalmente em contato com a ideia que deu origem ao idealismo. Eles estão apenas em contato com a interpretação humana da ideia, conforme formulada por algum discípulo ou intuitivo – uma coisa muito diferente.

Podemos, pois, definir a ilusão como a consequência de uma ideia (traduzida em um ideal) considerada completa em si, considerada como toda a apresentação, como a história ou solução completa e como separada e visionada independentemente de todas as outras ideias – tanto de natureza religiosa como aparentemente sem qualquer relação com a religião. Nesta afirmação está a história da separação e da incapacidade do homem de relacionar as várias implicações de uma ideia divina umas com as outras. Quando se vê e se capta de uma maneira estreita e separatista, há fatalmente uma distorção da verdade, e o discípulo ou aspirante compromete-se inevitavelmente com um aspecto parcial da realidade ou do Plano e não com a verdade, na medida em que pode ser revelada, ou com o Plano tal como os Membros da Hierarquia o conhecem. Esta ilusão evoca no discípulo ou no idealista uma reação emocional que imediatamente alimenta o desejo e, em consequência, se desloca do plano mental para o astral; evoca-se, assim, o desejo de um ideal parcial e inadequado e, portanto, a ideia não pode chegar a uma expressão plena, porque o seu expoente vê apenas esse ideal parcial como toda a verdade e não é capaz, portanto, de compreender as suas implicações sociais e planetárias e cósmicas.

Quando há uma verdadeira compreensão da ideia no seu todo (o que é raro), não pode haver ilusão. A ideia é tão maior do que o idealista que a humildade o salva da estreiteza. Onde há ilusão (o que é habitual e banal) e uma vaga reação interpretativa a uma ideia, vemos o surgimento de fanáticos, de idealistas vagos, de sádicos aplicadores da ideia como homens e mulheres unidirecionados e estreitos, procurando expressar sua própria interpretação da ideia de Deus, e visionários estreitos e limitados. Essa representação ilusória da realidade e essa exibição visionária da ideia têm sido tanto o orgulho quanto a maldição do mundo. É um dos fatores que levou o nosso mundo moderno ao seu triste estado, e é devido a este mau uso da faculdade divina de tocar a ideia e transformá-la em

ideal que o mundo está sofrendo hoje – provavelmente de maneira inevitável. A imposição dessas ideias interpretadas humana e mentalmente sob a forma de ideologias limitadas tem exercido um efeito lamentável sobre os homens. Eles precisam aprender a penetrar na verdadeira ideia que está por trás do seu ideal e a interpretá-la com exatidão à luz da sua alma, e além disso a empregarem os métodos que têm a garantia e a sanção do AMOR. Por exemplo, a ideia que se exprime pela afirmação de que "todos os homens são iguais" não é uma ilusão; é um fato que deve ser enfatizado. Isso foi entendido pelas pessoas de tendências democráticas. Trata-se, na realidade, do enunciado de um fato, mas quando não se admite também as ideias igualmente importantes da evolução, dos atributos raciais e das características nacionais e religiosas, a ideia fundamental recebe apenas uma aplicação limitada. Daí os sistemas ideológicos impostos dos nossos tempos modernos e atuais, e o rápido crescimento das ilusões ideológicas, que, no entanto, e sem exceção, se baseiam em uma ideia verdadeira. Também não é ilusão pensar que o desenvolvimento da consciência cósmica seja o objetivo da família humana, mas quando esta ideia é interpretada em termos de religião autoritária e por aqueles em quem a consciência cósmica ainda não está desenvolvida, torna-se simplesmente um conceito agradável e muitas vezes um incentivo obscuro, entrando assim imediatamente no campo da ilusão.

Cito este dois exemplos, entre muitos outras possíveis, para que possam compreender como surgem as ilusões, como se desenvolvem e como têm que desaparecer, oportunamente; assim, poderão ter pontos de comparação que lhes permita compreender o valor relativo do verdadeiro e do falso, do que é temporal e do que é a eternidade básica do real.

Ficará, portanto, muito claro para vocês que os níveis inferiores ou concretos do plano mental terão adquirido ou acumulado – ao longo das eras – um grande número de ideias, que foram formuladas como ideais, revestidas de matéria mental, nutridas pela vitalidade daqueles que reconheceram a parte de verdade da ideia que eram capazes de expressar e que deram a esses ideais a ênfase da sua faculdade de construir formas-pensamento e da sua atenção dirigida, o que implica necessariamente na energização do ideal limitado e formulado, porque – como sabem – a energia segue o pensamento.

Essas formas-pensamento se tornam objetivas em relação à realidade subjetiva que o homem procurar atingir e com a qual se identifica durante longos períodos de tempo; ele se projeta nelas, as vitalizam e lhes dão dia e continuidade. Tornam-se parte dele; condicionam as suas reações e atividades; alimentam a sua natureza do desejo e, conseqüentemente, assumem uma importância indevida, criando uma barreira (de densidade variável, de acordo com a extensão da identificação) entre o homem em encarnação e a realidade que é o seu verdadeiro Ser.

Não preciso enumerar aqui nenhuma destas formas-pensamento dominantes nem certos aspectos da ilusão intelectual e mental. Não quero que pensem nem por um momento que a ideia encarnada, que chamamos de ideal, seja em si mesma uma ilusão. Ela assim se torna quando é considerada como um fim em si mesma, em vez de ser o que é essencialmente, um meio para atingir um fim.

Um ideal, corretamente apreendido e utilizado, fornece uma ajuda temporária para a realização da realidade imediata e iminente que é o objetivo do homem ou da raça alcançar, em qualquer momento dado. A ideia perante a raça hoje é o restabelecimento (em uma volta superior da espiral) daquela relação espiritual que caracterizava a raça no seu estado infantil, na sua condição primitiva. Sob a sábia orientação e a atitude

paternalista da Hierarquia e dos sacerdotes-iniciados da época, os homens sabiam que eram uma só família – uma família de irmãos – e chegaram a este conhecimento por meio do sentimento e de uma percepção sensível desenvolvida. Hoje, sob o nome de *Fraternidade*, a mesma ideia procura uma forma *mental* e o estabelecimento de uma relação espiritual renovada (a ideia) por meio da preparação dos homens em corretas relações humanas (o ideal). É esta a meta imediata da humanidade.

Este resultado será obtido inevitavelmente pelo ciclo de necessidades pelo qual estamos passando agora e a ideia vagamente percebida – como resultado de uma necessidade extrema – imporá o seu ritmo à raça de tal maneira que todos os homens chegarão à realização do verdadeiro Ser. Se for feito um estudo minucioso sobre o fundamento básico de todas as ideologias, sem nenhuma excessão, descobrir-se-á que esta ideia de relações integrais (muitas vezes distorcidas na apresentação e ocultas sob métodos errados), de objetivos espirituais e de uma atividade fraterna positiva e definida está por trás de todas as formas externas. Tomei a situação atual como ilustração da *ideia* que toma forma como o *ideal* e que, infelizmente, muitas vezes se torna o *ídolo* e o objetivo fanático, incompreendido e sobrevalorizado das massas, sob a orientação de um idealista fervoroso. Um ideal é uma expressão temporária de uma ideia básica; não se destina a ser permanente, mas simplesmente a servir uma dada necessidade e a indicar uma saída do passado para um futuro mais adequado. Todos os ideais presentes, que se expressam através das ideologias atuais, servirão o seu propósito e acabarão por passar, como todo o resto passou na história da raça, e darão lugar, oportunamente, a uma relação espiritual reconhecida, uma irmandade subjetiva, como uma fraternidade definida e expressa. Por sua vez, estas produzirão, quando suficientemente desenvolvidas e compreendidas, uma forma de controle e de orientação e um tipo de governo que, neste momento, nem mesmo os pensadores mais avançados conseguem captar.

Quando os ideais e os conceitos mentais e as formas-pensamento formuladas dominam a mente de um indivíduo, de uma raça ou da humanidade em geral, excluindo qualquer perspectiva ou visão e excluindo toda realidade, eles constituem uma ilusão enquanto controlarem a mente e o método de vida. Impedem o exercício da intuição, com o seu poder real de revelar o futuro imediato; muitas vezes excluem de sua expressão o princípio básico do sistema solar, o Amor, impondo algum princípio secundário e temporário; podem, assim, constituir uma "nuvem escura e hostil" que esconde da visão a "nuvem das coisas cognoscíveis" (a que Patanjali se refere no seu último livro) – aquela nuvem de sabedoria que paira sobre o plano mental inferior e que pode ser aproveitada e usada pelos estudantes e aspirantes através do exercício da intuição.

Consideremos agora a intuição, que é o oposto da ilusão, lembrando que a ilusão aprisiona o homem no plano mental e o envolve inteiramente com formas-pensamento criadas pelo homem, impedindo-o de escapar para os reinos mais elevados da consciência ou para o serviço amoroso que deve ser prestado nos mundos inferiores onde o esforço se cumpre conscientemente.

O grande ponto que gostaria de insistir aqui é que a intuição é a fonte ou a dispensadora da revelação. Por meio da intuição são reveladas e progressivamente entendidas as vias de Deus em relação ao mundo e em bem da humanidade. É pela intuição que são sucessivamente compreendidas a transcendência e a imanência de Deus e que o homem pode penetrar naquele conhecimento puro, na razão inspirada que o habilitarão a compreender não apenas os processos da natureza em sua expressão quádrupla divina como também as causas subjacentes desses processos, mostrando que se trata de efeitos e não de eventos iniciatórios; pela intuição o homem chega à experiência do reino de Deus e descobre a natureza, o tipo de vidas e de fenômenos e as características dos

Filhos de Deus quando entram em manifestação. Pela intuição, certos planos e propósitos que se revelam nos mundos criados e manifestados são levados à atenção do homem, e é mostrado a ele, como ele próprio e o restante da humanidade podem cooperar com o propósito divino e acelerar seu cumprimento. Pela intuição, as leis da vida espiritual, que são as leis que regem o próprio Deus, que condicionam Shamballa e que guiam a Hierarquia se colocam progressivamente à sua atenção, à medida que ele se mostra capaz de compreendê-las e implementá-las.

Quatro tipos de indivíduos estão sujeitos à revelação por meio do despertar da intuição:

1. Aqueles que se encontram na via dos salvadores mundiais. Estes tocam e sentem o plano divino e estão comprometidos com o serviço e o trabalho para a salvação da humanidade. Eles se expressam em diferentes e variados graus de realização, que vão desde o homem que procura revelar a divindade na sua própria vida e no seu pequeno círculo imediato (por meio das mudanças e efeitos operados na sua vida pessoal) até os grandes Intuitivos e Salvadores do mundo, como o Cristo. Os primeiros são motivados, com toda a probabilidade, por alguma crise intuitiva que os remodelou inteiramente e lhes deu um novo sentido de valores; os outros podem, à vontade, se elevar ao mundo da percepção intuitiva e dos valores e ali apurar a vontade de Deus e uma visão ampla do Plano. Esses grandes representantes da Deidade têm a liberdade da Cidade Santa (Shamballa) e da Nova Jerusalém (a Hierarquia). São, portanto, únicos em seus contatos e, até agora, são relativamente poucos.

2. Aqueles que se encontram na via dos profetas. Estes tocam o Plano em elevados momentos de intuição e sabem o que o futuro imediato reserva. Não me refiro aqui aos profetas hebreus, tão conhecidos no Ocidente, mas a todos aqueles que veem claramente o que deve ser feito para conduzir a humanidade das trevas para a luz, começando com a situação tal como ela é e olhando para a frente, para um futuro de consumação divina. Têm uma imagem clara em suas mentes do que é possível realizar, e o poder de indicá-la às pessoas do seu tempo. Situam-se necessariamente daqueles que têm uma visão relativamente clara do quadro cósmico e dos objetivos até aqueles que simplesmente veem o passo seguinte à frente para a raça ou a nação. Isaías e Ezequiel foram os dois únicos profetas hebreus que tiveram uma verdadeira visão profética e cósmica. Os outros eram homens modestos, mas inteligentes, que a partir da análise e da dedução, avaliavam o futuro imediato e indicavam possibilidades imediatas. Não tinham uma intuição reveladora direta. No Novo Testamento, João, o discípulo amado, teve o privilégio de obter uma imagem cósmica e uma verdadeira visão profética, que ele expôs no Apocalipse, mas ele foi o único que conseguiu isso e conseguiu porque amou profundamente, de maneira muito sábia e inclusiva. A sua intuição foi evocada por meio da profundidade e intensidade do seu amor – assim como foi com o seu Mestre, o Cristo.

3. Aqueles que são os verdadeiros sacerdotes. Trata-se de sacerdotes por vocação espiritual e não por escolha. Foi a incompreensão da atribuição e dos deveres do sacerdote que levou todas as Igrejas (no Oriente e no Ocidente) à sua desastrosa posição autoritária. O amor de Deus e o verdadeiro estímulo espiritual que reconhece Deus imanente em toda a natureza e que exprime de maneira peculiar essa divindade no homem estão ausentes na maior parte dos sacerdotes de todas as religiões do mundo; o amor não é o guia, o indicador e o intérprete. Daí o dogmatismo do teólogo, as suas ridículas e profundas convicções quanto à interpretação correta, e sua crueldade muitas vezes encoberta por sua proclamação de princípios corretos e boas intenções. Mas o verdadeiro sacerdote existe e se encontra em todas as religiões. Ele é o amigo e o irmão de todos e, porque ama profundamente, a sabedoria está nele e (se for de tipo e formação mental) a sua intuição é despertada e a revelação é a sua recompensa.

Reflitam sobre isto. O verdadeiro sacerdote é raro e não se encontra apenas nas chamadas "ordens sagradas".

4. Aqueles que são os místicos ou os ocultistas práticos. Em razão de uma vida disciplinada, uma aspiração ardente e um intelecto treinado, eles conseguiram evocar a intuição e estão, portanto, pessoalmente em contato com a verdadeira fonte da sabedoria divina. É sua função interpretar e formular sistemas de conhecimento temporários. Há muitos deles trabalhando pacientemente hoje no mundo, sem que sejam reconhecidos e sendo ignorados pelos que não pensam. A necessidade atual para eles é a de se "reunirem" nesta hora de necessidade mundial e fazerem que a sua voz seja claramente ouvida. Estas pessoas estão combinando o sentido da dualidade em uma unidade consciente, e a sua preocupação com a realidade e o seu profundo amor pela humanidade liberaram a intuição. Quando esta liberação acontece, já não há barreiras e o verdadeiro conhecimento, como resultado da sabedoria revelada, é o dom que essas pessoas têm a oferecer à sua raça e ao seu tempo.

São esses os quatro grupos que estão operando a passagem de ilusão para intuição. É a recombinação inicial dos pares de opostos, pois tal recombinação não pode ser feita sem a ajuda do intelecto, porque o intelecto – pela análise, a discriminação e o correto raciocínio – indica o que deve ser feito.

b. O Contraste entre Miragem e Iluminação.

Um dos símbolos mais adequados para se ter uma imagem da natureza da miragem é imaginar o plano astral em três dos seus níveis (o segundo, o terceiro e o quarto, contando de cima para baixo) como uma zona envolta em uma espessa névoa de densidades variadas. A luz comum do homem comum, semelhante aos faróis de um carro e ao seu resplendor autossuficiente, serve apenas para intensificar o problema e não consegue penetrar nas brumas e na névoa. Limita-se a pôr a névoa em relevo, para que a sua densidade e os seus efeitos intimidantes se tornem mais evidentes. A condição da névoa é revelada – mas isso é tudo. Assim é no plano astral em relação à miragem; a luz que está no homem, autoinduzida e autogerada, falha sempre em penetrar ou dissipar a escuridão e as condições miasmáticas e nebulosas. A única luz capaz de dissipar as brumas da miragem e evitar seus efeitos nocivos na vida é a da alma que – como foco de luz pura e dissipadora – possui a curiosa e singular qualidade de revelar, dissipar imediatamente e iluminar. A revelação concedida, diferente daquela da intuição, revela o que a miragem vela e oculta, sendo uma revelação peculiar do plano astral e condicionada por suas leis. Esta utilização específica da luz da alma toma a forma de uma concentração da luz (que emana da alma, através da mente) sobre a condição de miragem – particular ou específica, ou geral e mundial – de modo que a natureza da miragem seja revelada, sua qualidade e origem sejam descobertas, e o seu poder chegue ao fim por meio de um período de concentração constante e prolongado, consagrado à dissipação da condição.

Na nossa próxima seção, trataremos detalhadamente da técnica deste uso científico da luz e, por isso, não vou desenvolver o tema neste momento. Tratarei apenas da parte que lhes permitirá, como grupo, começar o seu trabalho, há muito esperado, sobre o problema de dissipar a miragem do mundo atual – pelo menos em alguns dos seus aspectos. Não vou definir a miragem neste momento nem dar exemplos da sua atividade como fiz no caso da ilusão e da sua correspondência contrastante, a intuição, porque cobri o terreno muito minuciosamente na seção anterior, e basta consultá-la para encontrar tudo o que estou preparado para lhes dar neste momento.

No entanto, vou dar uma breve definição do que significa *iluminação*, pedindo-lhes que tenham em conta que não estamos tratando aqui da iluminação que revela a Realidade ou a natureza da alma, ou que torna clara a visão que vocês têm do reino da alma, mas da iluminação que a alma lança no mundo do plano astral. Implica no uso consciente da luz, primeiro como farol que esquadrinha o horizonte astral e localiza a miragem que está causando dificuldades e, segundo, na forma de distribuição de luz enfocada, dirigida intencionalmente para a área do plano astral em que se determinou realizar um esforço para dissipar a bruma e a névoa concentradas ali.

Portanto, são necessárias algumas premissas básicas, que podem ser enunciadas como segue:

1. A qualidade e principal característica da alma é luz. Portanto, para que o discípulo e o trabalhador usem essa luz e expressem essa qualidade, antes de tudo devem estabelecer e reconhecer o contato com a alma por meio da meditação.

2. A qualidade do plano astral – e sua principal característica – é a miragem. É o campo onde deve ser travada a grande batalha dos pares de opostos, que são a expressão de um antigo desejo – oriundo da miragem, enganador e falso – em um caso e, em outro caso, de uma elevada aspiração espiritual pelo que é real e verdadeiro. Aqui devemos lembrar que o desejo astral, as emoções erradas e egoístas e as reações astrais aos fatos da vida diária não são parte da natureza da alma e oportunamente constituem uma condição que serve para velar a verdadeira natureza do homem espiritual.

3. Em seguida é preciso estabelecer uma relação entre a alma e o plano astral, por meio do corpo astral do discípulo, o qual deve considerar referido corpo astral como seu mecanismo de resposta ao mundo das sensações e o único instrumento através do qual a sua alma pode contactar esse nível de expressão – por mais temporário e não duradouro que seja. O discípulo deve, pois, estabelecer contato com a alma, fazendo-o de maneira consciente e com a necessária ênfase, de maneira a transportar a luz da alma para o seu próprio corpo astral; deve aprender a focalizá-la no centro do centro plexo solar e, a partir desse ponto de realização, passar a trabalhar no plano astral, na árdua tarefa de dissipar a miragem.

4. Quando este contato foi estabelecido e alma, corpo astral e plano astral se encontram em estreita relação, o discípulo deve transportar a luz focalizada no plexo solar (onde foi temporariamente localizada) para o centro do coração. Ele deve manter a luz firmemente neste elevado centro e dali trabalhar de maneira consistente e com perseverança. Parafraseio aqui uma antiga instrução para discípulos, que pode ser encontrada nos Arquivos da Hierarquia e que se refere a este processo em particular. Apresento uma breve e um tanto inadequada paráfrase desta antiga formulação simbólica:

"O discípulo se ergue e, dando as costas para as névoas da miragem, olha para o Oriente, de onde a luz deve fluir. No seu coração, ele reúne toda a luz disponível e, a partir desse ponto de poder entre as omoplatas, a luz flui."

5. O discípulo deve abandonar todo senso de tensão ou de esforço e deve aprender a trabalhar com pura fé e amor. Quanto menos ele sentir e quanto menos estiver preocupado com os seus próprios sentimentos ou com o sentimento de êxito ou de fracasso, mais provável será que o trabalho prossiga com eficácia e que a miragem seja lentamente dissipada. Neste trabalho não há pressa. Aquilo que é muito antigo não pode

ser dissipado imediatamente, não importa o quanto a intenção seja boa nem o quanto a necessária técnica seja captada com precisão.

Ficará evidente para vocês que este trabalho comporta elementos de perigo. A menos que os membros do grupo sejam extremamente prudentes e cultivem o hábito da observação atenta, podem sofrer uma estimulação excessiva do plexo solar, até que dominem o processo de transferir rapidamente a luz da alma, enfocada no plexo solar, e a luz inata do corpo astral, também localizada naquele centro, para o centro do coração, entre as omoplatas. Por isso, advirto a todos e a cada um de vocês para que procedam com o máximo cuidado e que, se sofrerem alguma perturbação do plexo solar ou se perceberem em vocês mesmos uma crescente instabilidade emocional, não se perturbem indevidamente. Peço a vocês que considerem o fenômeno da perturbação como simplesmente uma dificuldade temporária, incidente no serviço que estão procurando prestar. Se prestarem esta atenção inteligente ao assunto e nada mais, recusando-se a ficar angustiados ou perturbados, não sentirão nenhum efeito nocivo.

Com relação ao trabalho de grupo que vocês se propõem a fazer nestas linhas, continuem com a meditação de grupo já indicada em outra parte (Discipulado na Nova Era, Volume I), e em seguida, ao chegarem à Etapa III da meditação grupal – trabalhem juntos da seguinte maneira:

1. Depois de se vincularem aos seus irmãos de grupo, cumpram conscientemente as indicações dadas em termos simbólicos naquele antigo documento que parafraseei para vocês acima.

- a. Façam conscientemente a ligação com a sua alma e compreendam esta vinculação como um fato.

- b. Em seguida, dirijam a luz da alma, graças ao poder da imaginação criativa, diretamente para o seu corpo astral e, dali, para o centro plexo solar – que é a linha de menor resistência.

- c. Em seguida, transfiram a luz da alma e a luz inerente ao corpo astral do centro plexo solar para o centro do coração, por um ato decisivo da vontade.

2. Em seguida, pela imaginação, fiquem de costas para o mundo da miragem e concentrem o olho da mente na alma, cuja natureza é AMOR.

3. Façamos uma pausa de alguns minutos para nos estabilizarmos para o trabalho e concentremos de maneira precisa e consciente a luz disponível, de todas as fontes, no centro do coração. Imaginemos este centro entre as omoplatas como um sol radiante. Eu poderia aqui salientar que isto é, no indivíduo, a correspondência microcósmica do "coração do Sol" que é sempre dirigido pelo "Sol central espiritual", localizado na cabeça. Coloquem esta imagem claramente na sua consciência, pois ela envolve a atividade dual, embora sintética, da cabeça e do coração.

4. Depois vejam um feixe de luz branca pura, amplo e brilhante, sendo vertido do centro do coração, entre as omoplatas, para a miragem localizada com a qual vocês, como grupo, estão tratando. O que é essa área localizada, revelarei em breve.

5. Quando isto estiver claramente definido na sua mente e inspirado pelo seu desejo e força, e quando tiverem visualizado todo o quadro simbólico claramente, vejam então o

seu raio de luz particular se misturando com os raios de luz que os seus irmãos de grupo estão projetando. Assim, uma grande torrente de luz direcionada, vinda de vários aspirantes treinados (e vocês estão treinados, irmãos?), será vertida sobre aquela área de miragem com a qual estarão, tratando.

6. Façam este trabalho durante cinco minutos de atenção sustentada e, em seguida, procedam como indicado na Etapa IV do seu esquema de meditação.

Ao definir a *iluminação* como a antítese da miragem, é evidente que minhas observações devem necessariamente se limitar a determinados aspectos da iluminação e só dirão respeito às maneiras de trabalho dirigidas e às apresentações do problema que se referirão ao uso da luz no plano astral e, em especial, em conexão com o trabalho que vocês se comprometeram a fazer. Há muitas outras definições possíveis, porque a luz da alma é como um imenso farol, cujos feixes podem se dirigir para muitas direções e se focar em diversos níveis. No entanto, aqui estamos tratando apenas do seu uso especializado.

A iluminação e a luz do conhecimento são tidas como termos sinônimos; muitas miragens podem ser dissipadas e dispersadas quando submetidas à potência da mente que informa, pois a mente é essencialmente o que vence a emoção, mediante a apresentação de um fato. O problema consiste em induzir o indivíduo, a raça ou a nação que esteja atuando sob a influência da miragem para que invoque o poder mental de analisar a situação e submetê-la a um sereno e frio exame. A miragem e a emoção exercem efeito mútuo, e a emotividade em geral é tão intensa em relação à miragem que acaba sendo impossível levar a luz do conhecimento com facilidade e eficácia.

A iluminação e a percepção da verdade também são termos sinônimos, mas é preciso lembrar que a verdade, neste caso, não é a verdade existente nos planos abstratos, mas a verdade concreta e cognoscível – verdade que pode ser formulada e expressa em termos e formas concretas. Quando a luz da verdade entra, a miragem desaparece automaticamente, ainda que apenas durante um breve período. Novamente, porém, surge uma dificuldade, porque poucas pessoas se interessam em enfrentar a verdade real, pois implica em que terão de abandonar a tão apreciada miragem, adquirir a capacidade de reconhecer o erro e admitir os equívocos, o que o falso orgulho da mente não permitirá. Além disso, posso lhes assegurar que a humildade é um dos fatores mais potentes para liberar o poder iluminador da mente, à medida que reflete e transmite a luz da alma. Enfrentar de maneira determinada a vida real e reconhecer decididamente a verdade – fria, serena e desapaixonadamente – facilitará muito o apelo à afluência de luz que bastará para dissipar a miragem.

Como estamos tratando do problema da miragem e da iluminação, pode ser útil aqui se eu tratar da miragem específica que eu gostaria de pedir ao grupo que ajudasse a dissipar. Refiro-me à miragem da separatividade. Trabalhar nessa linha resultará em implicações muito práticas e muito benéficas, pois nenhum de vocês (como descobrirão) será capaz de trabalhar com eficácia nesta questão se tiver qualquer sentimento de separatividade; referida reação separatista pode se expressar como ódio, como uma repulsa dinâmica ou como crítica – e talvez, em certos casos, nas três formas. Há forças que vocês podem considerar pessoalmente como separatividade ou como causa de separação. Lembraria que os pontos de vista habituais e as convicções favoritas daqueles aos quais vocês se opoem mentalmente (muitas vezes em razão de uma firme adesão ao que vocês consideram como princípios corretos) são igualmente corretos para aqueles que os possuem; eles acham que seus pontos de vista são errados e os consideram

como separatistas em seus efeitos e como a base dos problemas. Eles são, por seu lado, tão sinceros como vocês são e tão zelosos em alcançar a atitude correta quanto vocês se sentem ser. Isso costuma ser esquecido muitas vezes e eu gostaria de lembrá-los. Também ilustraria este fato assinalando que o ódio ou a repulsa (se ódio é uma palavra muito forte) que qualquer um de vocês possa sentir pelas atividades do governo alemão e pela linha que tomaram contra o povo judeu, poderia se voltar com quase a mesma justificativa contra os próprios judeus. Os judeus sempre foram separatistas e se consideraram como "os escolhidos do Senhor" e nunca se mostraram passíveis de assimilação em nenhuma nação. O mesmo se pode dizer dos alemães, e para muitos eles evocam a mesma reação como diante dos judeus, mas sem chegar à perseguição física. Nenhuma dessas atitudes, como bem sabem, é justificável do ponto de vista da alma; ambas são igualmente erradas, e esse é um ponto de vista que judeus e antijudeus devem chegar a entender e, pelo entendimento, encerrar.

Menciono isso porque vou pedir que tratem dessa antiga e mundialmente difundida miragem – a miragem do ódio ao judeu. Nesse grupo, há aqueles que são, pelo menos em seus pensamentos, violentamente antialemães; há outros que são definitivamente, embora de maneira inteligente, antijudeus. Gostaria de pedir aos que pertencem a esses dois grupos que reconheçam o problema que estão enfrentando. Trata-se de um problema tão antigo e tão profundamente enraizado na consciência da raça que é muito maior do que o indivíduo pode imaginar; o ponto de vista individual é, em consequência, tão limitado que sua utilidade construtiva fica bastante prejudicada. Afinal de contas, irmãos, o ponto de vista do "oprimido" não é necessariamente o único a merecer consideração nem o que está sempre certo. Tanto os alemães quanto os judeus merecem nosso amor impessoal, em especial porque ambos são culpados (se é que posso usar esse termo) dos mesmos erros e falhas básicos. Os alemães têm uma forte consciência racial, e os judeus igualmente. Os alemães são separatistas em sua atitude em relação ao mundo; os judeus igualmente. Os alemães insistem hoje na pureza racial, algo em que os judeus insistem há séculos. Um pequeno grupo de alemães é anticristão, um número igualmente pequeno de judeus também. Eu poderia continuar a acumular as semelhanças, mas o que foi dito acima será suficiente. Portanto, sua aversão a um grupo não é mais justificada do que sua recusa em reconhecer qualquer justificativa para as atividades e atitudes do outro. O semelhante frequentemente repudia e se afasta do semelhante, e os alemães e os judeus são curiosamente parecidos. Assim como muitos britânicos – a maioria da raça britânica – são romanos reencarnados, muitos alemães são judeus reencarnados. Daí a semelhança de seus pontos de vista. É uma briga de família e não há nada mais terrível do que isso.

Vou lhes pedir que levem os alemães e os judeus para a meditação em grupo e vertam seu amor grupal sobre essas duas divisões de irmãos na família humana. Antes de iniciarem a meditação, certifiquem-se de que se libertaram – emoções e mente – de quaisquer antagonismos latentes, de quaisquer ódios, de quaisquer ideias preconcebidas de certo ou errado, mas que simplesmente recorram ao amor de suas almas, lembrando-se de que tanto os judeus como os alemães são almas como vocês e são idênticos em origem, objetivo e experiência de vida.

Ao verterem a corrente de pura luz branca (como a Estapa III os instrui), certifiquem-se de que ela flua através de vocês com pureza e clareza como uma única corrente. Em seguida, vejam-na se dividir em quantidades ou proporções iguais – uma corrente de luz viva e amor indo para os judeus e a outra para os alemães. A qualidade de seu amor contará e não tanto a precisão de sua análise ou a perfeição da sua técnica.

c. O Contraste entre Maya e Inspiração.

Aqui entramos definidamente no reino da substância material. Trata-se essencialmente e de maneira característica, do reino da força. Maya é predominantemente (para o indivíduo) o agregado das forças que controlam seus sete centros de força, com exceção, eu enfatizaria, da energia dominante da alma. Portanto, vocês verão que a maior parte da humanidade – e o homem até que esteja no Caminho Probacionário – está sob o controle de maya, pois um homem sucumbe a maya quando é controlado por qualquer outra força ou forças que não sejam aquelas energias que vêm diretamente da alma, e que condicionam e controlam as forças inferiores da personalidade, como algum dia e inevitavelmente devem fazer e farão.

Quando um homem está sob o controle de forças físicas, astrais e mentais, ele se convence, naquele momento, de que elas são, para ele, as forças corretas. É aí que reside o problema de maya. Essas forças, no entanto, quando controlam um homem, determinam nele uma atitude separatista e produzem um efeito que alimenta e estimula a personalidade e não traz a energia da alma, a verdadeira Individualidade. Essa análise deveria ser esclarecedora para vocês. Se os homens e as mulheres submetessem suas vidas a um exame mais minucioso do verdadeiro homem interior ou espiritual e pudessem, assim, determinar qual combinação de energias condiciona as atividades de sua vida, eles não continuariam a agir – como fazem agora – de maneira tão cega, tão inadequada e tão ineficaz.

É por essa razão que o estudo e a compreensão dos motivos são tão valiosos e importantes, pois esse estudo determina intelectualmente (se devidamente investigado) que fator ou fatores inspira(m) a vida cotidiana. Temos aqui uma declaração que merece um estudo atento. Perguntaria a vocês: qual é o principal motivo que os leva a agir? Pois, seja qual for, ele condiciona e determina a tendência dominante da sua vida.

Muitas pessoas, em especial as massas pouco evoluídas, são inspiradas apenas pelo desejo – material, físico e temporário. A maioria é controlada pelo desejo animal de satisfazer os apetites animais, o desejo material de posses e de usufruir os luxos da existência, o anseio por "coisas," que assegurem conforto e segurança – nos campos econômico, social e religioso. O homem está sob a influência da forma mais densa de maya, e as forças de sua natureza se concentram no centro sacro. Outros são motivados por certas formas de aspiração ou ambição – aspiração por algum paraíso material (e a maioria das religiões retrata o céu desta maneira), ambição de poder, desejo de satisfação dos apetites emocionais ou estéticos ou de posse de realidades mais sutis e anseio por conforto emocional, estabilidade mental e a certeza de que os desejos mais elevados serão satisfeitos. Tudo isso é maya em sua forma emocional, o que não é a mesma coisa que miragem. No caso da miragem, as forças da natureza do homem estão assentadas no plexo solar. No caso de maya, estão assentadas no centro sacro. A miragem é sutil e emocional. Maya é tangível e etérica.

São essas as forças de maya que atuam, motivam e energizam a vida do homem comum. Sob sua influência, ele fica desamparado, pois elas inspiram todo o seu pensamento, toda a sua aspiração e desejo e toda a sua atividade no plano físico. Seu problema é duplo:

1. Colocar todos os seus centros sob a inspiração da alma.
2. Transferir ou transmutar as forças dos centros inferiores que controlam a personalidade nas energias dos centros acima do diafragma, as quais repondem automaticamente à inspiração da alma.

É nisso que reside a potência e o valor simbólico dos exercícios respiratórios. O motivo é o controle pela alma e, embora os métodos empregados sejam (em muitos casos) absolutamente indesejáveis, a tendência que se desenvolve na vida do pensamento se mostrará inevitavelmente determinante e condicionante. Os métodos usados podem não salvar o corpo físico despreparado de certos resultados maléficos e desastrosos, mas, a longo prazo e em última análise, podem condicionar a experiência futura (provavelmente em outra vida) de tal maneira que o aspirante se encontrará mais apto a atuar como alma do que poderia ser o caso.

Antes de encerrar essa instrução específica sobre a miragem, gostaria de chamar a atenção do grupo para as frases ocultas que dei a D.L.R. antes de ele deixar o grupo. Elas têm uma relação direta com o trabalho grupal e eu gostaria que vocês as considerassem e estudassem cuidadosamente. O Antigo Comentário, ao falar sobre o trabalho daqueles cujo dharma é dissipar a miragem do mundo, usa as seguintes frases iluminadoras:

Eles chegam e permanecem. Em meio a formas rodopiantes – algumas de rara beleza e outras de horror e desespero – eles permanecem. Não olham para cá ou para lá, mas, com o rosto voltado para a luz, permanecem. Assim, através de suas mentes, a luz pura flui para dissipar as névoas.

Eles chegam e repousam. Eles cessam suas atividades externas, parando para fazer um trabalho diferente. Em seu coração há repouso. Não correm para cá e para lá, mas constituem um ponto de paz e repouso. Aquilo que na superfície vela e oculta o real começa a desaparecer e, do coração em repouso, um feixe de força dissipadora se projeta, mistura-se com a luz brilhante e, então, as névoas criadas pelo homem desaparecem.

Eles chegam e observam. Possuem o olho da visão; da mesma forma, possuem a direção correta da força necessária. Eles veem a miragem do mundo e, vendo, percebem por trás dela tudo que é verdadeiro, belo e real. Assim, pelo olho de Buddhi, vem o poder de afastar as miragens ocultas e rodopiantes desse mundo cheio de miragens.

"Eles permanecem, repousam e observam. Assim é a vida deles e assim é o serviço que prestam às almas dos homens."

Recomendo que reflitam cuidadosamente sobre essas linhas. Elas transmitem a vocês não apenas o campo de serviço do seu grupo, mas também a atitude desejada para a vida pessoal de cada membro do grupo.

Gostaria também, neste momento, de abordar um fator de real importância para este trabalho e repetir minha advertência anterior: Vocês se lembrarão de que o esforço para se libertarem da irritação ou do que é chamado na Agni Yoga de "imperil" (uma palavra singular, mas satisfatória, meus irmãos) é essencial para esse grupo? A irritação está muitíssimo corrente nestes dias de tensão nervosa e compromete nitidamente o progresso e retarda os passos do discípulo no Caminho. Pode produzir uma tensão perigosa para o grupo se estiver presente em qualquer um de vocês, e essa tensão induzida no grupo pode interferir no esforço do poder e da luz que vocês devem usar, mesmo quando os outros membros do grupo permanecem inconscientes desta fonte de emanção. A irritação definitivamente gera um veneno que se localiza na região do estômago e do plexo solar. A irritação é uma doença, se posso usar esta palavra, do centro plexo solar e é absolutamente contagiosa em medida quase alarmante. Portanto,

irmãos, observem-se com cuidado e lembrem-se que, na medida que possam viver na cabeça e no coração, extinguirão a doença do imperil e ajudarão na transferência das forças do plexo solar para o centro do coração.

d. O Contraste entre o Morador do Umbral e seu oposto, o Anjo da Presença.

Todo o tema do Morador e sua relação com o Anjo (uma maneira simbólica de indicar uma grande relação e possibilidade, e um grande fato em manifestação) somente agora é passível de consideração. Somente quando o homem é uma personalidade integrada surge verdadeiramente o problema do Morador, e só quando a mente está alerta e a inteligência organizada (como claramente está ocorrendo hoje em grande escala) é possível para o homem perceber, de maneira inteligente e não apenas misticamente, o Anjo e, assim, intuir a PRESENÇA. Somente então assume vastas proporções toda a questão referente aos obstáculos que o Morador personifica e as limitações que coloca ao contato e à realização espirituais. Somente então é possível examiná-los de maneira útil e tomar as medidas para induzir a ação correta. Somente quando há uma fusão adequada na humanidade como um todo, aparece o grande e humano Morador do Umbral como uma entidade integrada, ou aparece o Morador em sentido nacional ou racial, propagando e vitalizando a miragem nacional, racial e planetária, fomentando e nutrindo as miragens individuais e evidenciando inequivocamente todo o problema. Somente então a relação entre a alma da humanidade e as forças geradas de sua antiga e potente personalidade assumem proporções que exigem uma drástica atividade e cooperação inteligente.

Essa hora já chegou, e nos dois livros, *Os Problemas da Humanidade* e *O Reaparecimento do Cristo*, como também nas Mensagens de Wesak e de Lua Cheia de junho, tratei desta situação muitíssimo prática e urgente, que é em si mesma a garantia do progresso humano para sua meta destinada, assim como a comprovação dos principais obstáculos à realização espiritual.

As seções que vamos ab ordar agora são de importância essencial para todos aqueles que estão se treinando para a iniciação. Digo "estão se treinando," irmão; não digo que vocês poderiam tomar a iniciação nesta vida. Pessoalmente não sei se tomarão ou não; a questão está em suas mãos e no destino projetado para vocês – planejado por suas almas. O seu problema é essencialmente aprender a lidar com o Morador do Umbral e determinar os procedimentos e processos pelos quais a monumental atividade de fusão pode acontecer. Por meio dessa fusão o Morador "desaparece e não é mais visto, embora ele atue ainda no plano externo, o agente do Anjo; a luz absorve o Morador, e neste obscurecimento – radiante e no entanto magnético – esta antiga forma de vida se dissolve, embora ainda conserve a sua forma; ela permanece e trabalha, mas não é mais ela mesma." São essas as afirmações paradoxais do Antigo Comentário.

Já defini para vocês nos termos mais simples possíveis a natureza do Morador. Gostaria porém de me estender em um ou dois pontos e lhes fazer novas sugestões que – por razões de clareza e para uma compreensão mais rápida – esquematizarei da seguinte maneira:

1. O Morador do Umbral é essencialmente a personalidade; é uma unidade integrada, composta de forças físicas, energia vital, forças astrais e energias mentais, sendo o somatório da natureza inferior.

2. O Morador toma forma quando o homem reorienta conscientemente sua vida, sob a impressão da alma; toda a personalidade então fica teoricamente direcionada à liberação pelo serviço. O problema é converter a teoria e os fatos da aspiração em experiência.

3. Durante um tempo muito longo, as forças da personalidade não constituem o Morador. O homem não está no umbral da divindade nem tem percepção consciente do Anjo, sendo suas forças incipientes. Atua de maneira inconsciente em seu ambiente, e aparentemente é vítima das circunstâncias e de sua própria natureza, sob a atração e o impulso do desejo pela atividade e a existência no plano físico. Porém, quando a vida do homem é regida do plano mental, mais o desejo e a ambição e é controlada, pelo menos em certa grande medida, pela influência mental, o Morador começa a tomar forma como uma força unificada.

4. As etapas em que o Morador do Umbral é reconhecido, submetido a uma disciplina aplicada com discriminação e finalmente controlado e dominado, são basicamente três:

a. A etapa em que a personalidade domina e rege a vida, ambições e metas do esforço da vida do homem. O Morador controla.

b. A etapa em que se produz uma crescente ruptura na consciência do discípulo. O Morador ou personalidade é então impulsionado em duas direções: uma, para a busca das ambições e desejos pessoais nos três mundos; outra, onde o Morador faz o esforço (observem esta expressão) para permanecer no umbral da divindade e diante do Portal da Iniciação.

c. A etapa em que o Morador busca conscientemente a colaboração da alma e, embora em si mesmo constituindo essencialmente uma barreira para o progresso espiritual, é cada vez mais influenciado pela alma do que por sua natureza inferior.

5. Quando alcança a etapa final (e hoje muitos já a estão alcançando) o discípulo luta com maior ou menor êxito para estabilizar o Morador (aprendendo a “manter a mente firme na luz”, assim controlando a natureza inferior). Dessa maneira, a constante instabilidade e fluidez do Morador é gradualmente superada; efetua-se sua orientação para a realidade e para longe da Grande Ilusão, e o Anjo e o Morador são lentamente levados a um estreito relacionamento.

6. Nas primeiras etapas do esforço e das tentativas de controle, o Morador é positivo e a alma é negativa nos efeitos nos três mundos do empenho humano. Depois vem um período de oscilação, que leva a uma vida de equilíbrio, em que não predomina nenhum dos dois aspectos; depois rompe-se o equilíbrio e a personalidade vai se tornando paulatinamente negativa e a influência da alma ou psique torna-se dominante e positiva.

7. As influências astrológicas podem exercer efeitos potentes sobre essas situações e – falando em termos gerais e dentro de certos limites esotéricos – é possível observar que:

a. Leão controla o Morador quando está positivo.

b. Gêmeos controla os processos de oscilação.

c. Sagitário controla o Morador quando está negativo.

Poderíamos acrescentar que três signos – Escorpião, Sagitário, Capricórnio – levam finalmente para a fusão de Morador e Anjo.

8. O raio da alma domina e condiciona a atividade do Anjo e seu tipo de influência sobre o Morador. Exerce efeito sobre o carma e os tempos propícios.

9. O raio da personalidade controla o Morador em todas as primeiras etapas e até o momento em que o raio da alma começa a exercer um efeito crescente de maneira constante. O raio da personalidade, como sabem, é uma combinação de três energias que produzem o quarto raio ou raio da personalidade, e isto por meio de suas relações recíprocas em um longo período de tempo.

10. Portanto, os cinco tipos de energia que lhes indiquei como importantes em suas próprias vidas, quando lhes dei indicações sobre a natureza dos seus cinco raios que os controlam, também regem a relação entre o Morador e o Anjo, tanto no indivíduo como na humanidade como um todo. Esses cinco raios são os raios do corpo físico, o raio do astral, o raio do mental, o raio da personalidade e o raio da alma.

11. Os raios que regem e que condicionam a humanidade e o problema atual do mundo são os seguintes:

a. O raio da Alma	2°	A humanidade deve expressar amor
b. O raio da personalidade	3°	O desenvolvimento da inteligência para transmutá-la em amor-sabedoria
c. O raio do corpo mental	5°	Realização científica
d. O raio do corpo astral	6°	Desenvolvimento do idealismo
e. O raio do corpo físico	7°	Organização. Negócios.

O raio da alma controla durante todo o período de uma vida. Os raios da personalidade dados acima referem-se à Era de Peixes que está começando a passar; mas eles condicionaram a humanidade de maneira definida e irrevogável.

Vocês observarão também que o primeiro Raio da Vontade ou Poder está ausente, como também o quarto Raio da Harmonia através do Conflito. Este quarto raio está sempre ativo, pois controla de maneira singular a quarta Hierarquia criadora e podemos considerá-lo como o raio fundamental da personalidade da quarta Hierarquia criadora. O que foi mencionado acima é um raio transitório e fugaz de uma encarnação menor.

12. Ao longo da Era de Aquário, que está entrando rapidamente, o Morador apresentará forças da personalidade ligeiramente diferentes:

Raio da personalidade	5°	Fundamental e determinante
Raio do corpo mental	4°	Efeito criador
Raio do corpo astral	6°	Incentivos que condicionam
Raio do corpo físico	7°	Raio que entra

13. Cada grande ciclo do zodíaco corresponde a uma encarnação da família humana e cada grande raça é um evento similar; no entanto, este evento tem mais importância no que diz respeito à compreensão e à consciência humana. A analogia se dá com as poucas encarnações importantes na vida da alma, em contraste com as muitas encarnações sem importância e que se sucedem rapidamente. Entre as encarnações importantes, há três que são especialmente importantes: as raças lemuriana, atlante e ariana.

14. Cada raça produziu seu próprio tipo de Morador do Umbral que foi enfrentado no final do ciclo espiritual (não do ciclo físico, que se cristaliza) quando a maturidade foi alcançada e uma determinada iniciação se tornou possível para a humanidade avançada.

15. Quando uma encarnação racial e um ciclo zodiacal se sincronizam (o que nem sempre é o caso) há uma significativa e importante concentração da atenção do Morador no Anjo e vice-versa. Isto está acontecendo neste momento, ao término da era de Peixes e quando a raça ariana alcançou a maturidade e um grau relativamente alto de desenvolvimento. Discipulado significa maturidade, e porque chegou à maturidade esta raça deve enfrentar o Morador. A raça ária está pronta para o discipulado.

16. O desenvolvimento da sensibilidade no indivíduo e na raça indica a iminência do reconhecimento do Anjo sob o ângulo da visão e da oportunidade imediata. Essa oportunidade de fusão ativa nunca foi tão real como agora.

17. As linhas de demarcação existentes entre as áreas de influência reconhecidas entre o Morador e o Anjo estão mais claras do que nunca na história da raça. O homem sabe a diferença entre o certo e o errado e agora deve escolher o caminho que deve seguir. Na crise racial atlante (que também foi uma crise humana completa), cuja história foi perpetuada para nós na *Bhagavad Gita*, Arjuna – símbolo do discípulo daquele tempo e discípulo mundial – estava completamente desorientado. Isso não é tão verdadeiro agora. Os discípulos do mundo e o discípulo mundial veem as questões hoje com relativa clareza. Vencerá o oportunismo ou o Morador será sacrificado com amor e compreensão em favor do Anjo? É este o problema maior.

Pedirei a vocês, irmãos, que façam duas coisas: estudem as ideias acima à luz da atual crise mundial e à luz do seu próprio problema alma-personalidade.

A humanidade avançada permanece, como o Morador, no limiar da divindade. O Anjo permanece na expectativa – absorvido na PRESENÇA, mas pronto para absorver o Morador. A humanidade avançou em consciência aos limites do mundo dos valores espirituais e ao reino de Luz e de Deus. O Anjo "veio à Terra" na expectativa de ser reconhecido – um evento cuja vinda do Cristo há dois mil anos foi o símbolo e o precursor. Nesta situação se encontram todos os aspirantes avançados. Pode ser a sua. Essa é a situação também no que diz respeito à humanidade como um todo e à Hierarquia que se aproxima. A consciência da humanidade, do ponto de vista superior e espiritual, funciona hoje por meio de um grupo cada vez maior de servidores mundiais, aspirantes mundiais e discípulos mundiais – em número realmente grande.

A humanidade hoje é o Morador, enquanto que a Hierarquia das almas é o Anjo e, por trás se encontra a PRESENÇA da própria Deidade, intuída pela Hierarquia e vagamente percebida pela humanidade, mas proporcionando assim essa tríptica síntese que constitui a divina manifestação na forma.

Os três produzem potentes emanções (ainda que a emanção da PRESENÇA, proveniente de Shamballa, tenha sido sabiamente restringida desde que a raça humana veio à existência). Os três possuem auras, se as denominarmos assim, e hoje, nos três mundos, a do Morador é a mais poderosa, assim como na vida do aspirante sua personalidade constitui o fator que predomina e predispõe. Essa poderosa emanção humana constitui a principal miragem na vida da humanidade e do discípulo individual. É uma síntese de miragem, fusionada e mesclada pelo raio da personalidade, mas precipitada pelo efeito da crescente influência do raio da alma. É a sombra ou distorção

da realidade, percebida agora pela primeira vez, em ampla escala, pela raça humana e posta em evidência pela luz que brilha no Anjo, e que transmite a energia da PRESENÇA.

Assim permanecem, a Humanidade e a Hierarquia. Assim permanecem vocês, personalidade e alma, livres para caminhar e penetrar na luz ou permanecer passivos, se assim o determinarem, sem aprender nada nem ir a lugar algum; também são livres para voltar a se identificar com o Morador, afastando a influência do Anjo e a iminente oportunidade e postergando – até um ciclo muito posterior – sua opção determinante. Isto é verdade, tanto para vocês como para toda a Humanidade. Dominará a atual situação a personalidade materialista de terceiro raio da humanidade ou a sua alma amorosa se tornará o fator mais poderoso, manejando a personalidade e seus pequenos assuntos, conduzindo-a a uma correta discriminação e ao reconhecimento dos verdadeiros valores, para introduzir, assim, a era em que controlará a alma ou a Hierarquia? O tempo dirá.

Não lhes darei mais nada hoje. Desejo ardentemente que todos vocês compreendam bem essas poucas declarações essenciais antes de iniciarmos a Seção III. Também desejo ardentemente que as instruções gerais do grupo, que vocês receberam recentemente, tomem muito de seu tempo, interesse e atenção. Os ajustes internos do grupo e o estabelecimento mais firme das relações grupais são urgentemente necessários, e peço que trabalhem para isso. Assim como em tudo na manifestação, há uma personalidade grupal e uma alma grupal; devemos aprender a distinguir claramente entre as duas e deslocar todo o peso da sua influência, desejo e pressão em favor do Anjo Grupal. Desta maneira poderia acontecer esse maravilhoso reconhecimento para o qual a iniciação prepara o postulante: a revelação da PRESENÇA.

CAPÍTULO 3

O FIM DA MIRAGEM

Chegamos agora às considerações da terceira seção relativa à miragem mundial. É difícil escrever com clareza sobre esta questão porque estamos em meio à sua manifestação mais concentrada – a pior que o mundo já viu porque a miragem, incidente em séculos de cobiça e egoísmo, de agressão e materialismo, esteve enfocada em três nações. Portanto, é muito fácil vê-la e está em manifestação de maneira muito efetiva. Três nações expressam os três aspectos da miragem mundial (ilusão, miragem e maya) de maneira assombrosa, e seu poderoso atentado sobre a consciência da humanidade depende não só da resposta de Alemanha, Japão e Itália a este antigo miasma, como também ao fato de que toda nação – tanto as Nações Aliadas como as Nações Totalitárias – estão contaminadas por esta condição universal. A liberdade do mundo depende em consequência e em grande medida das pessoas de todas as nações que (dentro de si mesmas) saíram de uma ou outra destas “ilusões tingidas de miragem e de impressões de maya” da alma humana, passando para um estado de percepção consciente em que podem ver o conflito em suas dimensões mais amplas, isto é, nas que existem entre o Morador do Umbral e o Anjo da PRESENÇA.

Estas pessoas são os aspirantes, os discípulos e os iniciados do mundo. Estão cientes do dualismo, do dualismo essencial do conflito, e não são tão eminentemente conscientes da natureza tríplice e da condição diferenciada da situação que está subjacente ao dualismo realizado. Sua abordagem ao problema é, portanto, mais simples e, devido a isto, a direção do mundo, neste momento, recai em grande parte em suas mãos.

Foi neste ponto em que a religião, como um todo, se equivocou. Refiro-me à religião ortodoxa. Esteve preocupada com o Morador do Umbral e os olhos dos teólogos se mantiveram no aspecto material, fenomênico da vida, pelo medo e suas consequências, e pelo fato de que o Anjo tem sido uma teoria e uma crença vaga. O equilíbrio está sendo ajustado pelas atitudes humanitárias que, em grande medida, estão assumindo o controle, independente de qualquer tendência teológica. Tais atitudes se apoiam na crença da inata retidão do espírito humano, da divindade do homem e da natureza indestrutível da alma da humanidade. Isto leva inevitavelmente ao conceito da PRESENÇA, do Deus Imanente, e é resultado da necessária reação à crença em um Deus Transcendente. Esta revolução espiritual foi inteiramente um processo de equilíbrio e não deve gerar preocupação, pois Deus Transcendente existe eternamente, embora só possa ser visto, conhecido e corretamente abordado pelo Deus Imanente – imanente no homem individual, nos grupos e nações, nas formas organizadas e na religião, na humanidade como um todo e na própria Vida planetária. A humanidade hoje está (como esteve há eras) combatendo a ilusão, a miragem e o maya. Os pensadores avançados, aqueles no Caminho de Provação, no Caminho do Discipulado e no Caminho da Iniciação, chegaram a uma etapa em que o materialismo e a espiritualidade, o Morador do Umbral, o Anjo da presença e o dualismo básico da manifestação podem ser visto de maneira claramente definida. Devido a esta clareza de demarcação, as questões subjacentes aos acontecimentos mundiais atuais, os objetivos da presente luta mundial, os modos e métodos para restabelecer o contato espiritual tão prevalecente nos dias atlantes e há tanto tempo perdidos, e o reconhecimento das técnicas que podem introduzir a nova era mundial e sua ordem cultural, podem ser claramente observados e apreciados.

Toda generalização é passível de erro. No entanto, é possível dizer que a Alemanha enfocou em si a miragem mundial, a mais potente e expressiva dos três aspectos da miragem. O Japão manifesta a força de maya, a forma mais crua da força material. A Itália, individualista e polarizada mentalmente, expressa a ilusão mundial. As Nações Aliadas, com todas as suas falhas, limitações, debilidades e nacionalismos, estão enfocando o conflito entre o Morador e o Anjo; deste modo, aparecem simultaneamente as três formas da miragem e a forma final do conflito entre o ideal espiritual e seu oposto material. As Nações Aliadas, porém, estão gradual e decididamente pondo todo seu esforço e aspiração em favor do Anjo, assim restaurando o equilíbrio perdido e lentamente estabelecendo, em escala planetária, os atributos e as condições que, oportunamente, dispersarão a ilusão, dissiparão a miragem e desvitalizarão o maya predominante. Assim estão fazendo pelo aumento do pensamento claro do grande público de todas as nações, unidas para vencer as três potências do Eixo, por sua crescente capacidade de conceber ideias em termos do todo, em termos de uma ordem ou federação mundial desejável, e por sua capacidade de discriminar entre as Forças da Luz e as potências do mal ou materialismo.

O trabalho que estão realizando aqueles que veem o cenário mundial como o campo onde se desenvolve o conflito entre o Morador do Umbral e o Anjo da presença poderia ser pautado como:

1. A instauração das condições mundiais pelas quais as Forças da Luz possam vencer as Forças do Mal. Isto fazem pela supremacia de suas forças armadas, mais a sua clara visão.
2. A educação da humanidade na distinção entre:

- a. Espiritualidade e materialismo, assinalando as diferentes metas das forças combatentes.
- b. Partilha e ganância, delineando um mundo futuro no qual prevalecerão as Quatro Liberdades e todos terão o necessário para atender corretamente aos processos da vida.
- c. Luz e trevas, demonstrando a diferença entre um futuro iluminado de liberdade e oportunidades e um sombrio futuro de escravidão.
- d. Solidariedade e divisão, indicando uma ordem mundial em que ódios raciais, distinções de casta e diferenças religiosas não formarão nenhuma barreira para o entendimento internacional, e a ordem do Eixo baseada em raças dominantes, atitudes religiosas determinadas e povos escravizados.
- e. O todo e a parte, assinalando que se aproxima o momento (sob o impulso evolucionário do espírito), em que a parte ou o ponto de vida assume a responsabilidade pelo todo, e o todo existe para o bem da parte.

O aspecto tenebroso foi produzido por eras de miragem. A luz está sendo evidenciada pelos aspirantes e discípulos do mundo que, por suas atitudes, atos, escritos e palavras estão levando a luz aos lugares escuros.

3. A preparação do caminho para as três energias espirituais que impulsionarão a humanidade para uma era de compreensão, levando ao esclarecimento mental enfocado das mentes dos homens em todo o mundo. Estas três energias iminentes são:

- a. A energia da intuição, que gradualmente dispersará a ilusão mundial e produzirá automaticamente um grande aumento do número de iniciados.
- b. A atividade da luz que dissipará, pela energia da iluminação, a miragem mundial e levará milhares ao Caminho do Discipulado.
- c. A energia de inspiração que, por sua potência impulsionadora, produzirá a desvitalização ou remoção, como uma rajada de vento, do poder de atração de maya ou substância. Isto liberará incontáveis milhares para o Caminho de Provação.

4. A liberação no planeta de um vida nova por todos os meios possíveis. O primeiro passo para esta liberação é a comprovação de que o poder do materialismo se rompeu pela completa derrota das Potências do Eixo e, em segundo lugar, pela habilidade das Nações Aliadas de demonstrar (quando isto tiver sido feito) a potência dos valores espirituais por suas atividades construtivas visando restaurar a ordem mundial e assentar as bases que garantirão um modo de vida melhor e mais espiritual. Estas atitudes e tarefas construtivas devem ser assumidas individualmente por toda pessoa e pelas nações como unidades coletivas. A primeira está sendo empreendida neste momento. A segunda ainda resta por fazer.

5. Esclarecendo as nações do mundo sobre as verdades ensinadas pelo Buda, o Senhor da Luz, e pelo Cristo, o Senhor do Amor. Assinale-se, a este respeito que, basicamente:

- a. As Nações do Eixo têm que compreender o ensinamento do Buda conforme Ele enunciou nas Quatro Nobres Verdades; precisam compreender que a causa de todo sofrimento e dor é o desejo, o desejo pelo material.

b. As Nações Aliadas têm que aprender a aplicar a Lei do Amor como foi enunciada na vida do Cristo e a expressar a verdade de que “nenhum homem vive para si mesmo” como também nenhuma nação, e que a meta de todo esforço humano é compreensão amorosa, fomentada por um programa de amor pelo todo.

Se as vidas e os ensinamentos destes dois grandes Avatares puderem ser compreendidos e forjados novamente na vida dos homens, no mundo dos assuntos humanos, no âmbito do pensamento humano e no campo da vida diária, a presente ordem mundial (que na atualidade é, em grande medida, desordem) pode ser de tal maneira modificada e alterada que um novo mundo e uma nova raça de homens gradualmente possam surgir. A renúncia e o uso da vontade sacrificial deveriam ser a nota-chave no período do pós-guerra, prévio à instauração da Nova Era.

Os estudantes devem se lembrar que todas as manifestações e todos os pontos de crise estão contidos no antigo símbolo de um ponto dentro do círculo, o centro do poder dentro de uma esfera de influência ou aura. O mesmo ocorre hoje com todo o problema de eliminação da miragem e da ilusão mundiais que fundamentalmente se encontram por trás desta grave situação e da catástrofe mundial. A possibilidade de tal dispersão e dissipação está definidamente centrada nos dois Avatares, o Buda e o Cristo.

No mundo da miragem – o mundo do plano astral e das emoções – apareceu um ponto de luz. O Senhor da Luz, o Buda, se encarregou de concentrar em Si Mesmo a iluminação que, oportunamente, possibilitará a dissipação da miragem. No mundo da ilusão – o mundo do plano mental – apareceu o Cristo, o próprio Senhor de Amor, que personificou em Si o poder da vontade atrativa de Deus. Tomou a Seu cargo a dissipação da ilusão, atraindo até Si próprio (mediante a potência do amor) os corações de todos os homens, afirmando esta determinação nas palavras: “Eu, se for elevado da Terra, atrairei todos a Mim” (João 12:32). No ponto que eles terão alcançado então, o mundo de percepção espiritual, de verdade e de ideias divinas ficará revelado. O resultado será o desaparecimento da ilusão.

O trabalho combinado destes dois grandes Filhos de Deus, concentrado por meio dos discípulos mundiais e de Seus iniciados, destruir a ilusão e dissipar a miragem, o que inevitavelmente fará – uma pelo reconhecimento intuitivo da realidade pelas mentes sintonizadas com ela, e a outra pela afluência da luz da razão. O Buda fez o primeiro esforço planetário para dissipar a miragem mundial, o Cristo fez o primeiro esforço planetário para dispersar a ilusão. Este trabalho agora deve ser implementado de maneira inteligente pela humanidade, já bastante cônica para reconhecer seu darma. Os homens estão rapidamente saindo da ilusão e, em consequência, verão com mais clareza. A miragem mundial está sendo firmemente removida dos caminhos dos homens. Estes dois desenvolvimentos foram produzidos pela entrada de novas ideias, enfocadas por meio dos intuitivos do mundo e lançadas ao grande público pelos pensadores do mundo. Também foram muito ajudados pelo reconhecimento por parte das massas, virtualmente inconsciente, mas não menos real, do verdadeiro significado das Quatro Nobres Verdades. Despojada da ilusão e da miragem (se posso usar tal termo) a humanidade espera a próxima revelação. Esta revelação será ensejada pelos esforços combinados do Buda e do Cristo. Tudo que podemos prever ou vaticinar com relação a essa revelação é que certos resultados, potentes e de longo alcance, serão alcançados pela fusão de luz e de amor e pela reação da “substância iluminada ao poder atrativo do amor”. Nesta frase dei, àqueles que podem compreender, um profundo e útil indício sobre o método e o propósito da tarefa que foi organizada para a Lua Cheia de junho de 1942. Dei também uma chave para o verdadeiro entendimento do trabalho destes Avatares – algo que até

agora não foi reconhecido. Acrescente-se que quando houver uma apreciação do significado das palavras “transfiguração de um ser humano”, virá o entendimento de que quando “o corpo está cheio de luz”, “naquela luz veremos a LUZ”. Vale dizer que quando a personalidade tiver alcançado um ponto de purificação, de dedicação e de iluminação, o poder de atração da alma (cuja natureza é amor e compreensão) poderá atuar, e ocorrerá a fusão das duas. Foi isso que o Cristo provou e demonstrou.

Quando a obra do Buda (ou ou o princípio búdico corporificado) for consumada no discípulo que aspira e em sua personalidade integrada, a plena expressão da obra do Cristo (o princípio de amor encarnado) também poderá ser consumada, e estas duas potências – luz e amor – encontrarão uma expressão irradiante no discípulo transfigurado. O que é válido para o indivíduo também é válido para a humanidade como um todo e a humanidade hoje (tendo alcançado a maturidade) pode “entrar na realização” e conscientemente tomar parte do trabalho de iluminação e de atividade espiritual, amorosa. Os efeitos práticos deste processo serão a dissipação da miragem e a liberação do espírito humano da escravidão da matéria; produzirá também a dispersão da ilusão e o reconhecimento da verdade tal como existe na consciência daqueles que estão polarizados na “consciência do Cristo”.

Necessariamente, não se trata de um processo rápido, mas de um procedimento ordenado e regulado, seguro em seu êxito final, mas relativamente lento também no estabelecimento e processo sequencial. Este processo foi iniciado no plano astral pelo Buda e no plano mental quando o Cristo se manifestou na Terra. Indicou a proximidade da maturidade da humanidade. O processo foi lentamente tomando impulso, à medida que estes dois grandes Seres reuniam em torno de Si os discípulos e iniciados ao longo dos últimos dois mil anos. Alcançou um ponto de grande utilidade na medida em que o canal de comunicação entre Shamballa e a Hierarquia se abriu e ampliou e o contato entre estes dois grandes centros e a Humanidade se estabeleceu de maneira mais sólida.

Na Lua Cheia de junho de 1942, foi feito o primeiro teste da objetividade da comunicação entre o Centro onde rege a Vontade de Deus, o Centro onde rege o Amor de Deus e o Centro onde há espera inteligente. O meio do teste foi o esforço unido do Cristo, do Buda e daqueles que responderam à Sua influência combinada. Este teste teve que ser realizado em meio ao terrível ataque dos poderes do mal e se estendeu por duas semanas, começando no dia da Lua Cheia (30 de maio de 1942) e terminando em 15 de junho de 1942. Houve uma grande concentração das Forças Espirituais naquela oportunidade e o uso de uma Invocação especial (a qual a humanidade não pode usar), mas o êxito ou o fracasso do teste foi, em última análise, determinado pela própria humanidade.

Talvez sintam, embora erradamente, que não há pessoas em número suficiente que conheçam ou compreendam a natureza da oportunidade ou do que está se tornando público. Porém, o êxito desse teste não depende do conhecimento esotérico dos poucos, dos relativamente poucos, aos quais foram transmitidos em parte os fatos e as informações. Depende também da tendência dos muitos que inconscientemente aspiram pelas realidades espirituais, buscam um modo de vida novo e melhor para todos, desejam o bem do todo, e cujo veemente anseio e desejo repousam em uma verdadeira experiência de bem, de corretas relações humanas e de iniciativa espiritual entre os homens. São muitos mesmo e se encontram em todas as nações.

Quando a Vontade de Deus, expressa em Shamballa e enfocada no Buda, o Amor de Deus, expresso na Hierarquia e focado no Cristo, e o desejo inteligente da humanidade, focado nos discípulos e aspirantes do mundo e dos homens de boa

vontade, estiverem alinhados – consciente ou inconscientemente – uma grande reorientação poderá acontecer, e acontecerá. Trata-se de um acontecimento que pode acontecer.

O primeiro resultado será a iluminação do plano astral e o começo do processo que dissipará a miragem; o segundo resultado será a irradiação do plano mental, a dispersão de todas as ilusões passadas e a gradual revelação das novas verdades das quais todos os ideais passados e as chamadas formulações da verdade foram apenas uma sinalização. Reflitam sobre esta declaração. Uma sinalização indica o caminho a seguir; não revela a meta. É indicativa, mas não conclusiva. E assim é com toda verdade até o momento atual.

A necessidade é, pois, de conhecedores e daqueles de mente e coração abertos, livres de ideias preconcebidas e fanaticamente sustentadas, e de antigos idealismos, que só devem ser reconhecidos como indicações parciais de grandes verdades incompreendidas – verdades que podem ser compreendidas em grande medida e pela primeira vez, se as lições da presente situação mundial e da catástrofe da guerra forem devidamente aprendidas e se a vontade sacrificial for posta em ação.

Fiz esta aplicação prática e ilustração direta do ensinamento referente à miragem, à ilusão e ao maya porque todo o problema do mundo atingiu hoje um ponto de crise e porque a clarificação dele será o tema relevante de todo progresso – educacional, religioso e econômico – até 2025 d.C.

Na seção que nos interessa agora, consideraremos as maneiras práticas pelas quais a ilusão, a miragem e o poder de maya podem ser eliminados da vida do indivíduo, oportunamente da vida das nações e, afinal, do mundo. Sempre devemos começar com a unidade da vida, o Microcosmo; depois, tendo compreendido o processo e o progresso em relação ao indivíduo, a ideia pode ser estendida ao grupo, à organização, à nação e à humanidade como um todo. Assim, gradualmente, nos aproximaremos da grande Ideia à qual damos o nome de Deus, o Macrocosmo.

Nesta seção trataremos das técnicas que podem ser resumidas como segue:

1. A Técnica da Presença. Por meio desta técnica, a alma assume o controle da personalidade integrada e de suas relações, horizontais e verticais. Esta técnica implica na germinação da flor da intuição, na dispersão da ilusão, na revelação do Anjo, na indicação da Presença e na abertura, para o discípulo, do mundo das ideias e da porta das iniciações superiores. Tendo captado e aplicado essas ideias divinas ou pensamentos-semente, o discípulo se torna o iniciado e a terceira iniciação passa a ser possível como meta imediata. A intuição é o poder de transfiguração aplicado. Esta técnica tem a ver com a yoga pouco conhecida chamada Agni Yoga ou yoga do fogo.

2. A Técnica da Luz. Por meio desta técnica, a mente iluminada assume o controle sobre o corpo astral, o emocional, e dissipa a miragem. O afluxo de luz faz desaparecer a miragem. A iluminação domina e é possível ter a visão da realidade. Esta técnica está relacionada à Raja Yoga e sua meta é a segunda iniciação; ela dá a capacidade de trilhar o Caminho do Discipulado e habilita o homem a "viver uma vida iluminada pela divindade." A iluminação é o poder de transformação aplicado.

3. A Técnica da Indiferença. Por meio desta técnica, maya é eliminado, pois o controle do veículo astral purificado é posto em atividade de maneira consciente e técnica,

provocando a liberação das energias do corpo etérico do controle da matéria ou força-substância e levando um grande número de homens para o Caminho Probacionário. Quando há a "divina indiferença" à atração da matéria, a inspiração se torna possível. Esta técnica se relaciona com a Carma Yoga em sua forma mais prática e com o uso da matéria com total impessoalidade. O objetivo desta técnica é a primeira iniciação, que habilita o homem a "viver uma vida inspirada por Deus." A inspiração é o poder de transmissão aplicado.

1. A TÉCNICA DA PRESENÇA

Ao começarmos o estudo deste tema, o estudo deve manter três coisas em mente: a existência da Intuição, a realidade da Ilusão e a Presença sobrepairante. Esta Presença se revela pela intuição, por intermédio do Anjo e, quando é revelada e reconhecida, põe um fim na ilusão.

A ilusão não deve ser confundida com a miragem; a ilusão tem a ver com todo o processo de revelação. A miragem pode estar relacionada, e muitas vezes está, com a distorção do que foi revelado, mas é preciso ter em mente que a ilusão tem a ver principalmente com a reação da mente à revelação que vai se manifestando, à medida que a alma a registra e procura imprimi-la no aspecto mais elevado do eu pessoal inferior. A ilusão é, portanto, a incapacidade da mente de registrar, interpretar ou traduzir corretamente o que foi transmitido e, em consequência, é um pecado (se vocês admitem essa palavra) das pessoas inteligentes e altamente desenvolvidas, daquelas que se encontram no Caminho e que estão em processo de se tornar corretamente orientadas; é também um pecado dos discípulos aceitos à medida que procuram expandir a consciência em resposta ao contato com a alma. Quando eles tiverem "visto através da ilusão" (e uso esta frase no sentido esotérico) eles então estão prontos para a terceira iniciação.

O nosso tema, pois, é o tema da revelação e gostaria de fazer alguns observações de cunho geral sobre o assunto porque esclarecerão o problema da ilusão mundial e, a propósito, também da ilusão individual.

O desenvolvimento da consciência humana foi gradual ao longo das eras e dependente de dois fatores relacionados entre si:

1. O fator do desenvolvimento gradual da mente humana pelos próprios processos da evolução. Poderíamos considerá-lo como a capacidade inata daquilo que chamamos de mente, chitta, ou substância mental, de se tornar cada vez mais sensível ao impacto do mundo fenomênico e de exercer impressão dos mundos superiores do ser. A mente é o instrumento que registra o processo de "se tornar" mas é também – nas últimas etapas do desenvolvimento humano – capaz de registrar a natureza ou a função de ser. O "tornar-se" se revela por meio do intelecto; o Ser, por meio da intuição. Em todo o estudo da ilusão, a natureza instrumental da mente deve ser mantida presente, assim como seu poder de registrar com precisão, de interpretar e transmitir o conhecimento proveniente do mundo dos fenômenos e da sabedoria do reino da alma.

2. O fator do método pelo qual a humanidade se torna consciente do que não é imediatamente aparente. Trata-se do método ou processo do que é chamado "revelação imposta" ou a impressão transmitida às mentes aptas a receber aquelas ideias, estados de ser, planos e propósitos que existem nos bastidores, por assim dizer, e que são (em última análise) os fatores que determinam e condicionam o processo do mundo. Referidas

revelações ou impressões subjetivas e vitais são reveladas pela intuição e não têm nada a ver com os conhecimentos, as impressões e os impactos relativos aos três mundos da evolução humana, salvo na medida em que (quando captados e apreendidos) transformaram gradualmente a maneira de viver do homem, revelaram a ele suas metas e indicaram sua verdadeira natureza. As revelações feitas ao longo das eras e impressas nas mentes daqueles treinados para recebê-las tratam das grandes universalidades, ocupam-se do todo e levam a uma apreciação desenvolvida da unicidade da vida e da expressão hilozoística.

Dois processos paralelos produziram a humanidade e sua civilização: um é o processo evolutivo em si, por meio do qual a mente do indivíduo se desenvolveu gradualmente até se tornar o aspecto dominante da personalidade; ao mesmo tempo, uma série de revelações graduais e sabiamente transmitidas levaram a humanidade como um todo para mais perto da inevitável compreensão do estado de ser; estes processos evitaram que a humanidade se identificasse de maneira constante com a forma, levando-a aos estados de consciência que são supranormais do ângulo humano comum, mas totalmente normais do ângulo espiritual.

Colocando este conceito especificamente na terminologia ocultista: a Individualidade levou ao constante aperfeiçoamento da mente com sua percepção, entendimento, análise e interpretação, enquanto a iniciação, por meio do desenvolvimento da intuição, levou (quando o processo de aperfeiçoamento mental alcança um grau relativamente alto de desenvolvimento) ao entendimento do mundo dos valores espirituais, do ser unificado e da compreensão intuitiva, o que implica no consequente deslocamento do ponto de enfoque individual do mundo dos fenômenos para o mundo da realidade. O uso da mente inferior e de seus processos de desenvolvimento produziram a ilusão, enquanto que o desenvolvimento da mente superior e, posteriormente, o uso dela como transmissora da intuição e da revelação superior produzirá a transfiguração dos três mundos de fenômenos no mundo do ser.

A ilusão é muitas vezes uma percepção mental da verdade mal interpretada e mal aplicada. Não tem nada a ver com a fase mental da miragem, embora a ilusão possa descer ao mundo do sentimento e se tornar miragem. Quando isso acontece, sua potência é extremamente grande, porque uma forma-pensamento se tornou uma entidade, com poder vital e o poder magnético do sentimento se soma à fria forma do pensamento. Reflitam sobre isso. Porém, na etapa que estamos tratando agora, que é a da ilusão pura, trata-se de uma revelação que foi precipitada no plano mental e – devido à incapacidade de apreendê-la e interpretá-la corretamente ou de aplicá-la de maneira útil – ela se transformou em uma ilusão e entrou em uma via de engano, cristalização e desinformação.

O tema desta técnica, portanto, se relaciona principalmente a:

1. O processo de revelação. Esse processo foi e é hoje o principal testemunho e garantia da existência, nos bastidores da vida fenomênica, de um Grupo ou Agente revelador cuja tarefa é de natureza tripla:

a. Avaliar o desenvolvimento da consciência humana e atender ao seu constante apelo e demanda por mais luz e conhecimento.

b. Julgar qual é a revelação seguinte necessária e que forma ela deve tomar, por qual meio ela deve emergir e onde e quando deve aparecer.

c. Verificar com quais obstruções, obstáculos e ideias preconcebidas a nova revelação que está chegando terá de lutar.

2. A realidade da Presença. Referida Presença é a força motora por trás de toda revelação e, na realidade, é Deus imanente, sempre se esforçando para se fazer reconhecer, levado a isso pela realidade do Deus Transcendente.

3. A influência do Anjo, que é a semente individualizada da consciência por meio da qual, após o devido crescimento necessário e a resposta adequada do eu pessoal inferior virá a revelação da Presença. Toda verdadeira revelação diz respeito à glória da divindade que se mostra em algum campo de expressão, assim testemunhando a Presença latente e oculta.

4. A reação dos intuitivos de todo o mundo a esta revelação e à forma pela qual elas a apresentam aos pensadores do mundo, que são sempre os primeiros a apreciar e a se apropriar da nova verdade. Os intuitivos apresentam a fase seguinte da verdade em uma forma relativamente pura, mesmo se no momento da apresentação ela possa estar velada em termos simbólicos.

5. A resposta dos homens do mundo que pensam à verdade apresentada. É neste ponto que a ilusão aparece e que ocorrem a falsa interpretação e a deturpação, sendo que as interpretações falsas da verdade revelada, quando duram o suficiente e adquirem impulso, aumentam a ilusão geral e se tornam parte dela, alimentando e sendo alimentadas pela ilusão mundial. Trata-se da forma-pensamento ilusória acumulada, desenvolvida ao longo dos tempos, que controla grande parte da crença das massas. Quando a revelação chega a essa etapa, ela toca as massas dos homens que reconhecem a ilusão como verdade; consideram essa ilusão como realidade; não conseguem compreender o significado da revelação velada e apresentada em termos simbólicos, mas a confundem com a apresentação ilusória e, assim, a revelação percebida intuitivamente se torna uma doutrina deformada e distorcida.

As interpretações e os dogmas teológicos fazem parte desta categoria e segue-se uma reencenação do antigo drama do cego guiando o cego, ao qual o Cristo fez referência quando teve diante de Si os teólogos do Seu tempo.

As afirmações acima são válidas em relação a todas as revelações que emanam do centro de luz, sejam elas referentes à chamada verdade religiosa, às descobertas científicas ou ao grande padrão de valores espirituais por meio dos quais a humanidade avançada de ambos os hemisférios procura viver e que, periodicamente, avançam um passo em significado e importância.

a. A intuição dissipa a ilusão individual

Chegamos hoje a uma crise no campo da apreensão humana e podemos entrar em uma nova era em que a ilusão pode ser dissipada e os pensadores podem começar a registrar com precisão e sem equívocos aquilo que os intuitivos lhes transmitem. Essa afirmação ainda não se aplica ao público em geral. Levará muito tempo até que ele responda sem ilusão, pois a ilusão se baseia na atividade de construção de formas-pensamento da mente inferior. As massas estão apenas começando a usar essa mente inferior e a ilusão é, portanto, para elas, uma etapa necessária de teste e treinamento, pelo qual devem passar ou perderão muita experiência valiosa, deixando seus poderes de discriminação não desenvolvidos. Esse é um ponto que todos os instrutores de ocultismo devem ter em

mente. Consequentemente, é essencial que as massas aprendam o significado da ilusão e sejam treinadas para ver e escolher o núcleo da verdade pura em qualquer apresentação da verdade com a qual possam ser confrontadas. Da mesma forma, é essencial que os intuitivos do mundo aprendam a usar, controlar e compreender a faculdade da percepção espiritual, do isolamento divino e da resposta apropriada que caracteriza a intuição. Eles podem fazer isso por meio da prática da Técnica da Presença, mas não da forma como ela é normalmente ensinada e apresentada.

Talvez eu me faça compreender melhor se disser que essa técnica se enquadra em certas linhas científicas ou modos de trabalho, para os quais grande parte do treinamento dado nas escolas de verdadeira meditação e nos sistemas de Raja Yoga prepararam o aspirante. Essas etapas começam onde as fórmulas habituais terminam e pressupõem a facilidade de abordar o Anjo ou a alma e a capacidade de elevar a consciência a um ponto de fusão da alma. Vou relacionar os processos ou etapas como segue:

1. A evocação da etapa de tensão. É básico e essencial. Trata-se de uma tensão obtida pelo pleno controle do eu pessoal que, assim, fica "preparado para entrar em contato com o real".
2. O estabelecimento de um estado de fusão com a alma ou Anjo que guarda o acesso ao Caminho da Evolução Superior.
3. A sustentação da mente firme na luz da alma. É a atitude do eu inferior durante todo o período do trabalho restante, mantida no ponto de tensão pela alma e não por um esforço da personalidade. A alma assume esse controle quando o eu pessoal tiver feito o máximo para alcançar a tensão desejada.

São esses as três etapas preliminares para as quais a prática do alinhamento deve ter preparado o estudante para os mistérios superiores. Referidas etapas devem preceder todo esforço para desenvolver a intuição, e deve tomar vários meses, ou mesmo vários anos de sérias preparações. O fogo é o símbolo da mente e são essas as três primeiras etapas da disciplina da Agni Yoga ou yoga do fogo para a qual a Raja Yoga preparou o estudante.

Em seguida, vêm mais seis etapas da Técnica, que devem ser completamente compreendidas e formar a base de uma reflexão prolongada e inteligente, realizada enquanto as ocupações e os deveres diários vão sendo executados e não em determinados momentos. O intuitivo ou discípulo treinado vive sempre a vida dual de atividade mundana e de intensa e simultânea reflexão espiritual. Será essa a característica marcante do discípulo ocidental, ao contrário do discípulo oriental, que foge da vida e se refugia em lugares silenciosos, longe das pressões da vida diária e do contato constante com os outros. A tarefa do discípulo ocidental é muito mais árdua, mas o que ele provará para si mesmo e para o mundo como um todo será ainda maior, o que é de se esperar se o processo evolutivo tem algum sentido. As raças ocidentais devem avançar em direção à supremacia espiritual, sem obliterar a contribuição oriental, e a atuação da Lei do Renascimento contém a pista para isso e demonstra essa necessidade. A onda de vida se move do Oriente para o Ocidente, assim como o sol, e aqueles que, nos séculos passados, deram o tom do misticismo oriental devem dar e estão dando o tom do ocultismo ocidental. Portanto, as etapas posteriores devem suceder as três anteriores. Continuaremos com a enumeração como foi dada, pois o que sugiro aqui é uma fórmula para uma atitude de meditação mais avançada. Eu não disse uma forma de meditação.

4. Esforço definido e sustentado para perceber a Presença em todo o Universo, em todas as formas e em todas as apresentações da verdade, o que poderia ser expresso nas palavras: "o esforço para isolar o germe ou a semente da divindade que trouxe todas as formas ao estado de ser". Gostaria de salientar que não se trata de assumir uma atitude amorosa e uma abordagem sentimental em relação a todas as pessoas e circunstâncias. Temos aí a via mística e, embora não deva ser negada na vida do discípulo, não é usada neste momento no processo de abordagem eficaz. Trata-se do esforço primordial para ver na luz que o Anjo irradia, o ponto de luz por trás de todas as aparências fenomênicas. É portanto, a transferência da visão mística para níveis mais elevados de consciência. Não é a visão da alma, mas a visão ou a percepção espiritual daquilo que a luz da alma pode ajudar a revelar. A luz cintilante da alma no eu pessoal permitiu que o discípulo tivesse a visão da alma e, com essa luz, alcançasse a união com a alma, mesmo que apenas temporariamente. Agora, a luz maior da alma torna-se focalizada como um sol radiante e revela, por sua vez, uma visão ainda mais estupenda – a da Presença, da qual o Anjo é a garantia e a promessa. Assim como a luz da Lua é a garantia de que a luz do Sol existe, a luz do Sol é a garantia, pudessem vocês saber, de uma luz ainda maior.

5. Tendo então sentido a Presença – não teoricamente, mas em resposta vibrante à sua Existência – vem a etapa de apurar o Propósito. A esperança de identificação com o propósito está muito à frente, mesmo para o iniciado comum, sob o estatuto de Mestre. Não estamos ocupados com essa etapa inatingível (para nós). Mas estamos ocupados com o esforço de alcançar uma compreensão daquilo que, por meio da forma, está procurando encarnar o elevado propósito em qualquer ponto específico do ciclo evolutivo. Isso é possível e tem sido alcançado ao longo dos tempos por aqueles que se abordaram corretamente o Caminho da Evolução Superior e refletiram devidamente sobre ele. Esse Caminho é revelado ao discípulo, mesmo que não diga respeito à mensagem intuitiva que ele possa trazer de sua grande aventura.

6. Ele então adota algum problema mundial, algum projeto que sua mente desenvolveu ou que seu coração desejou para ajudar a humanidade, para o que é esotericamente chamado de "a luz tripla da intuição". Essa luz é formada pela combinação da luz do eu pessoal, focalizada na mente, da luz da alma, focalizada no Anjo, e da luz universal que a Presença emite; isso, quando feito com facilidade por meio de concentração e longa prática, produzirá dois resultados:

a. De repente, a mente expectante do discípulo (que ainda permanece como o agente de recepção) receberá a resposta para o seu problema, a pista para o que é necessário para trazer alívio à humanidade, a informação desejada que, quando aplicada, abrirá alguma porta no campo da ciência, da psicologia ou da religião. Essa porta, quando aberta, trará alívio ou liberação para muitos. Como já lhes disse antes, a intuição nunca se ocupa dos problemas ou indagações individuais, como muitos aspirantes egocêntricos pensam. Ela é puramente impessoal e só se aplica à humanidade em um sentido sintético.

b. O "agente intruso de luz" (como o *Antigo Comentário* denomina esses intuitivos aventureiros) é reconhecido como alguém a quem pode ser confiada alguma revelação, alguma nova transmissão da verdade, alguma expansão significativa de uma semente da verdade já dada à raça. Ele então tem uma visão, ouve uma voz, registra uma mensagem ou – a forma mais elevada de todas – torna-se um canal de poder e luz para o mundo, uma Encarnação consciente da divindade ou um Guardião de um princípio divino. Essas formas constituem a verdadeira revelação, transmitida ou encarnada; elas ainda são raras, mas se desenvolverão cada vez mais na humanidade.

7. Em preparação para a revelação, as etapas seguintes são assim denominadas:

- a. A renúncia ao Caminho Superior.
- b. A volta ao Anjo ou o reenfoque na alma.
- c. Uma pausa ou interlúdio para um pensamento construtivo, sob a influência do Anjo.
- d. A orientação da mente para a formulação das formas-pensamento que devem encarnar a revelação.
- e. Em seguida, mais uma pausa que é denominada de "a pausa que precede a apresentação".

8. A apresentação da revelação ou da verdade transmitida e sua precipitação no mundo da ilusão é o que vem a seguir. Neste mundo da ilusão, ela é submetida à "prova de fogo" em que "parte do fogo dentro do que é revelado retorna à fonte de onde veio; parte dele atua para destruir o revelador e parte para queimar aqueles que reconhecem a revelação". Temos aqui uma frase da Agni Yoga que, como podem ver, reserva-se apenas àqueles aptos a penetrarem além do Anjo, ali "onde mora o fogo" e onde Deus, a Presença, atua como fogo consumidor e espera a hora da total revelação. Eis uma representação simbólica de uma grande verdade. No caso do iniciado individual, a terceira iniciação, a Transfiguração, assinala o coroamento do processo. Somente a glória pode então ser vista: somente a voz da Presença é ouvida e a união com o passado, o presente e o futuro é alcançada.

9. A revelação sucumbe diante da ilusão predominante, desce ao mundo da miragem e desaparece em seguida como revelação, aparecendo como doutrina. Mas, nesse meio tempo, a humanidade foi ajudada e levada adiante; os intuitivos continuam a trabalhar e o influxo daquilo que deve ser revelado não cessa nunca.

Esta técnica básica subjaz às revelações primárias e secundárias. No caso das primeiras, o ciclo de tempo é longo; no caso das segundas, o ciclo de tempo é curto. Um exemplo muito bom deste processo está demonstrado por um dos pontos secundários de revelação em conexão com os ensinamentos emanados da Hierarquia (a Guardiã das revelações secundárias, sendo Shamballa das primárias) há cinquenta anos atrás e que tomou a forma de *A Doutrina Secreta*. H.P.B. foi o "intuitivo que penetrou, percebeu e se apropriou". A revelação que ela comunicou seguiu a rotina habitual de toda revelação secundária, da Fonte ao plano externo. Ali, a mente dos homens, sob o véu da ilusão e ofuscada pela miragem, formulou esta revelação em uma doutrina inflexível, não reconhecendo nenhuma revelação posterior e sustentando com obstinação – como vários grupos teosóficos – que *A Doutrina Secreta* era a revelação final e que nada mais podia ser reconhecido além desta obra e que nada poderia ser reconhecido como correto a não ser as interpretações daquele livro. Se eles estiverem certos, a revelação evolucionária está encerrada e a situação da humanidade é realmente difícil.

No caminho da intuição, até mesmo o neófito pode começar a desenvolver em si mesmo a faculdade de reconhecer aquilo que a mente inferior é incapaz de lhe dar. Alguns pensamentos com poder revelador, podendo ser usados em bem de muitos, podem chegar à sua mente; uma nova luz sobre uma verdade muito, muito antiga pode penetrar, liberando a verdade dos grilhões da ortodoxia, dessa maneira iluminando a sua consciência, que ele deve usar para todos e não somente para si. Pouco a pouco,

descobre o caminho para o mundo da intuição; dia após dia e ano após ano, torna-se mais sensível às ideias divinas e mais apto a se apropriar delas com sabedoria, em bem dos seus semelhantes.

A esperança do mundo e a dispersão da ilusão residem no desenvolvimento e no treinamento consciente de intuitivos. Há muitos intuitivos naturais, cujo trabalho é uma mescla de psiquismo superior com lampejos de verdadeira intuição. É preciso haver um treinamento para que se tornem verdadeiros intuitivos. Em paralelo à resposta intuitiva e ao esforço de precipitar a intuição no mundo do pensamento humano, deve haver também um firme desenvolvimento da mente humana, de maneira que possa captar e apreender aquilo que é projetado, e nisso também está a esperança da raça.

b. A Intuição Grupal dissipa e Ilusão do Mundo

Hoje, o mundo está cheio de ilusões, muitas delas veladas sob a forma de idealismos; está cheio de pensamentos e planejamentos vãos carregados de desejos e, embora grande parte deles esteja corretamente orientada e expresse a determinação fixa da intelligentsia de criar melhores condições de vida para toda a população do mundo, levanta-se a pergunta: Há no somatório desses pensamentos carregados de desejos vividade dinâmica e essencial suficiente que os levarão à realização prática e efetiva no plano físico, assim atendendo verdadeiramente às necessidades humanas? Assinalaria que os dois maiores Agentes de revelação que vieram à Terra ao longo da história moderna fizeram para a humanidade as simples revelações a seguir:

1. A causa de todo sofrimento humano é o desejo e o egoísmo pessoal. Renunciem ao desejo e estarão livres.
2. Há uma via de liberação que leva à iluminação.
3. De nada adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma.
4. Todo ser humano é um Filho de Deus.
5. Há uma via de liberação, é a via do amor e do sacrifício.

As vidas desses Reveladores foram representações simbólicas daquilo que ensinaram, e o restante de seus ensinamentos foi apenas uma extensão de seus temas centrais. Sua contribuição foi parte integrante da revelação geral das eras que conduziu os homens do estado primitivo da existência humana ao complexo estado da civilização moderna. Essa revelação geral pode ser chamada de Revelação do Caminho que leva da forma ao Centro de toda a vida; a pureza dessa revelação foi preservada ao longo das eras por um pequeno grupo de discípulos, iniciados e verdadeiros esoteristas que sempre estiveram presentes na Terra – defendendo a simplicidade desse ensinamento, buscando aqueles que pudessem responder e reconhecer o germe ou a semente da verdade e treinando os homens para tomar o lugar deles e trilhar o caminho da percepção intuitiva. Uma das principais tarefas da Hierarquia é procurar e encontrar aqueles que são sensíveis à revelação e cujas mentes são treinadas para que possam formular as verdades emergentes de tal maneira que elas cheguem aos ouvidos dos pensadores do mundo relativamente inalteradas. Toda revelação, entretanto, quando colocada em palavras e formas verbais, perde algo de sua clareza divina.

Grande parte da revelação do passado veio de acordo com o impulso religioso e, como a ilusão se aprofundou e cresceu com o tempo, a simplicidade original (como foi transmitida por seus Reveladores) foi perdida. Todas as revelações básicas são apresentadas nas formas mais simples. Acréscimos e mais acréscimos foram surgindo; as mentes dos homens tornaram o ensinamento complexo por meio de suas dissertações mentais, até que foram construídos os grandes sistemas teológicos que chamamos, por exemplo, de Igreja Cristã e sistema budista. Seus fundadores teriam muita dificuldade em reconhecer os dois ou três fatos ou verdades divinos fundamentais que Eles procuraram revelar e enfatizar, tão grande é o manto de ilusão que foi lançado sobre os simples pronunciamentos do Cristo e do Buda. As grandes catedrais e as pomposas cerimônias das igrejas ortodoxas estão muito distantes do modo humilde de viver do Cristo, o Mestre de todos os Mestres e Instrutor de anjos e homens, e da simplicidade de Seu modo de vida presente, enquanto Ele observa e espera o retorno de Seu povo ao modo simples de realização espiritual.

A ilusão foi tão grande que hoje, no Ocidente, fala-se do "poder temporal da Igreja Católica"; as Igrejas Protestantes estão divididas em facções beligerantes; a Igreja da Ciência Cristã é conhecida por sua capacidade de acumular dinheiro e de ensinar seus adeptos a fazê-lo e a obter uma temporária boa saúde; a Igreja Ortodoxa Grega foi completamente corrompida e somente a fé simples dos incultos e dos pobres preservou qualquer semelhança com a verdade em sua forma simples original. Eles não têm habilidade para discussões teológicas de alto nível, mas acreditam que Deus é amor – simplesmente isso – que há um caminho que leva à paz e à luz e que, se negarem seus próprios desejos materiais, estarão agradando a Deus. Sei que estou generalizando muito, irmãos, pois sei também que há cristãos e religiosos sábios e bons dentro dos sistemas teológicos; esses, porém, não gastam seu tempo em discussões teológicas, mas em amar seus semelhantes, e fazem isso porque amam a Cristo e tudo o que Ele representa. Eles não estão interessados em construir grandes igrejas de pedra e mármore e em reunir o dinheiro necessário para seu sustento; estão interessados em reunir aqueles que formam a verdadeira Igreja no plano espiritual interno e ajudá-los a caminhar na luz.

A ilusão de poder, a ilusão de superioridade, não os mancham. Depois que a crise mundial terminar, os membros da Igreja de toda parte não descansarão até que possam descobrir como penetrar na ilusão da doutrina e do dogma que os envolve e encontrar o caminho de volta para o Cristo e Sua mensagem simples, que tem em si o poder de salvar o mundo, se reconhecida e praticada.

Grande parte da verdadeira revelação desde a época do Cristo chegou ao mundo pela linha da ciência. Por exemplo, a demonstração da substância material (cientificamente comprovada) como sendo essencialmente apenas uma forma de energia foi uma revelação tão grande quanto qualquer outra dada pelo Cristo ou pelo Buda. Ela revolucionou completamente o pensamento dos homens e foi – por mais surpreendente que possa lhes parecer – um grande golpe contra a Grande Ilusão. Ela relacionou a energia à força, a forma à vida e o homem a Deus e continha o segredo da transformação, transmutação e transfiguração. As revelações da ciência, quando básicas e fundamentais, são tão divinas quanto as da religião, mas ambas foram degradadas para atender à demanda humana. Está próxima a era em que a ciência fará todos os esforços para curar as feridas da humanidade e construir um mundo melhor e mais feliz.

As revelações da ciência, embora muitas vezes apresentadas por um homem ou uma mulher, são mais especificamente o resultado do esforço de um grupo e da atividade de

um grupo treinado do que as assim chamadas revelações da religião. A revelação, portanto, ocorre de duas maneiras:

1. Por meio do esforço, da aspiração e da realização de um homem que está tão próximo da Hierarquia e tão imbuído de divindade consciente que é capaz de receber a mensagem diretamente da Fonte divina central. Ele se juntou às fileiras dos Grandes Intuitivos e trabalha livremente no mundo das Ideias divinas. Ele conhece claramente sua missão; escolhe sua esfera de atividade com deliberação e isola a verdade ou verdades que considera apropriadas para a necessidade do momento. Ele surge como Mensageiro do Altíssimo, leva uma vida de serviço dramática e impressionante e simboliza em Seus eventos de vida certas verdades básicas que já foram reveladas, mas que Ele reencena pictoricamente. Ele sintetiza em Si mesmo as revelações do passado e acrescenta a elas Sua própria contribuição da nova revelação que é Sua função específica apresentar ao mundo.

2. Por meio do esforço de um grupo de buscadores, como os pesquisadores científicos de todos os países, que juntos estão procurando luz sobre os problemas da manifestação ou algum meio de aliviar o sofrimento humano, surge uma revelação. O esforço desse grupo muitas vezes eleva nas asas de sua aspiração irrealizada um homem que pode então penetrar no mundo das Ideias divinas e lá encontrar a cura ou a chave há muito procurada, descobrindo assim intuitivamente um segredo há muito buscado. A descoberta, quando de primeira classe, é uma revelação tão grande quanto as verdades apresentadas pelos Instrutores Mundiais. Quem dirá que a afirmação de que Deus é Amor tem mais valor do que a afirmação de que Tudo é Energia?

O caminho que a revelação segue é o mesmo nos dois casos, e a ilusão toma conta de ambas as formas de revelação, mas – e aqui está um ponto sobre o qual pediria que refletissem – há um pouco menos de ilusão em torno das revelações da ciência do que em torno das revelações do que a humanidade chama de verdades mais definidamente espirituais. Uma das razões está no fato de que a última grande revelação espiritual, dada pelo Cristo, data de dois mil anos, e o desenvolvimento da mente do homem e sua capacidade de resposta à verdade aumentaram muito desde aquela época. Mais uma vez, as revelações da ciência são, em grande parte, resultado de uma tensão grupal, que acaba se concentrando em um receptor intuitivo, e a revelação é assim protegida.

Hoje, enquanto a humanidade aguarda a revelação que incorporará os pensamentos, os sonhos e o objetivo construtor da Nova Era, a demanda vem pela primeira vez de um grande grupo de pessoas intuitivamente inclinadas. Eu não disse que são intuitivas. Esse grupo é agora tão grande e seu foco é agora tão real e sua demanda tão alta que está conseguindo focalizar a intenção maciça das pessoas. Portanto, qualquer revelação que possa surgir no futuro imediato será mais bem "protegida pelo espírito de compreensão" do que qualquer outra anterior. Esse é o significado das palavras do *Novo Testamento*, "todo olho O verá"; a humanidade como um todo reconhecerá o Revelador. No passado, o Mensageiro do Alto só era reconhecido e conhecido por um mero punhado de homens, e foram necessárias décadas e, às vezes, séculos para que Sua mensagem penetrasse no coração da humanidade.

A pressão dos tempos também e o desenvolvimento do senso de proporção, além de um retorno forçado à simplicidade das necessidades da vida podem impedir que a revelação vindoura caia rápido demais no fogo da Grande Ilusão.

Com base no exposto, ficará evidente que o modo de tratar os assuntos mundiais, os estados de consciência e as condições nos três mundos é aquele em que o discípulo e o iniciado trabalham de cima para baixo. O método é, na realidade, uma repetição do arco involutivo no qual – como fez o Criador, dirigindo de um ponto exterior – a energia, a força e as forças são direcionadas para o mundo dos fenômenos e produzem efeitos precisos sobre a substância dos três planos. Esse ponto deve ser lembrado com muito cuidado; e é por essa razão que a Técnica da Presença deve ser sempre empregada antes de todas as outras técnicas. Ela estabelece contato com o Agente espiritual que o dirige e habilita o discípulo a assumir a atitude do Observador desapegado e de um colaborador do Plano. Quando essa técnica é seguida corretamente, ela coloca a intuição em ação e o mundo do significado (que está por trás do mundo dos fenômenos) é revelado, dissipando assim a ilusão. A verdade, como ela é, é vista e conhecida. As formas no mundo externo dos fenômenos (externo do ponto de vista da alma e, portanto, abrangendo os três mundos de nossa vida diária bem conhecida) são vistas como símbolos de uma Realidade interna e espiritual.

2. A TÉCNICA DA LUZ

Vamos agora considerar o desenvolvimento subsequente e o serviço a ser pretendido por meio de uma outra técnica.

Esse tema da Luz é tão vasto e há tantos textos em todas as Escrituras do mundo, em comentários e dissertações teológicas, que a verdade simples e alguns princípios básicos se perdem de vista em uma turbilhão de palavras.

Em meus diversos livros, dei muito material sobre esse tema e, no livro *A Luz da Alma*, que escrevi em colaboração com A.A.B., foi feito um esforço para indicar a natureza da luz da alma. A chave para essa técnica pode ser encontrada nas palavras: Naquela Luz veremos a LUZ. Uma paráfrase simples dessas palavras aparentemente abstratas e simbólicas poderia ser dada da seguinte forma: Quando o discípulo tiver encontrado aquele centro iluminado dentro de si mesmo e puder caminhar em sua luz radiante, ele estará então em uma posição (ou em um estado de consciência, se preferirem) em que se tornará consciente da luz dentro de todas as formas e átomos. O mundo interno da realidade fica visível para ele como substância-luz (uma coisa diferente da Realidade, revelada pela intuição). Ele pode então se tornar um cooperador eficiente do Plano porque o mundo do significado psíquico se torna real para ele e ele sabe o que deve ser feito para dissipar a miragem. Seria possível afirmar que o processo de levar luz aos lugares escuros compreende, naturalmente, três etapas:

1. A etapa em que o principiante e o aspirante se esforçam para erradicar a miragem de sua própria vida, pelo uso da luz da mente. A *luz do conhecimento* é o principal agente dissipador nas primeiras etapas da tarefa, eliminando eficazmente as diversas miragens que velam a verdade ao aspirante.
2. A etapa em que o aspirante e o discípulo trabalham com a luz da alma. É a *luz da sabedoria*, resultado da interpretação de uma longa experiência, que aflui e se mescla com a luz do conhecimento.
3. A etapa em que o discípulo e o iniciado trabalham com a *luz da intuição*. Mediante a fusão da luz do conhecimento (luz da personalidade) com a luz da sabedoria (luz da

alma), a Luz é vista, conhecida e apreendida. Esta luz apaga as luzes menores por meio da pura irradiação de seu poder.

Temos, portanto, a luz do conhecimento, a luz da sabedoria e a luz da intuição, que são três estados ou aspectos definidos da Luz Una. Correspondem ao Sol físico, ao coração do Sol e ao Sol Central Espiritual. Nesta última frase temos a pista e a chave da relação entre o homem e o Logos.

Essas etapas e suas técnicas correspondentes podem ser mal compreendidas se o estudante não se lembrar de que entre elas não há linhas reais de demarcação, mas apenas uma sobreposição constante, um desenvolvimento cíclico e um processo de fusão que é muito confuso para os iniciantes. Assim como o resultado da reação inata ao ambiente produz o aparelho necessário para entrar em contato com esse ambiente, os poderes desenvolvidos por estas técnicas produzem certos modos de contato com a alma e com o ambiente espiritual. Cada uma dessas técnicas está relacionada a um novo ambiente; cada uma delas acaba desenvolvendo poder no iniciado ou discípulo que pode ser usado a serviço da humanidade e em esferas mais elevadas de atividade divina; cada uma está relacionada às outras técnicas e cada uma libera o discípulo para um relacionamento consciente com um novo ambiente, novos estados de consciência e novos campos de serviço. Por exemplo:

1. A Técnica da Presença, quando utilizada com êxito, permite o afluxo da intuição que sucede as atividades da mente racional e que dissipa a ilusão, colocando em seu lugar ideias divinas formuladas em conceitos que chamamos de ideais. Devemos lembrar que os Mestres só usam a mente em duas atividades:

a. Para chegar até as mentes dos Seus discípulos e atrair aspirantes por meio de um instrumento similar à mente do discípulo.

b. Para criar formas-pensamento nos níveis concretos que possam encarnar as ideias divinas. O Agente diretor, o Anjo da Presença, produz o poder de criar desta maneira e a isso chamamos de resultado da intuição – a ideia ou a verdade, sua percepção e sua reprodução.

2. A Técnica da Luz é a mais estreitamente relacionada à mente e significa o método pelo qual a iluminação que flui da alma (cujas natureza é luz) pode irradiar não apenas ideais, mas vida, circunstâncias e eventos, revelando a causa e o significado da experiência. Quando o discípulo adquiriu o poder de iluminar, ele deu o primeiro passo para a dissipação da miragem. Do mesmo modo como a técnica da Presença torna eficaz no plano mental, esta técnica produz poderes que podem se tornar eficazes no plano astral e, oportunamente, dissipar este plano, fazendo-o desaparecer.

3. A Técnica da Indiferença torna ineficaz ou neutraliza o domínio da substância sobre a vida ou o espírito, podendo operar nos três mundos, pois a alma é a evidência da vida.

No que diz respeito a esta segunda técnica, gostaria de tomar algumas palavras da Bíblia, empregando a palavra “luz” em vez da palavra “fé”. Darei a vocês esta definição: *A luz é a substância das coisas esperadas e a evidência das coisas não vistas*. Esta é talvez uma das definições da luz mais ocultas dada até agora, e prevê-se que seu verdadeiro significado seja revelado nas duas próximas gerações. A palavra “fé” é um bom exemplo do método de “velar” algumas antigas verdades para que sua significação não seja revelada prematuramente. Luz e substância são termos sinônimos. Alma e luz também

são, e nesta igualdade de ideia – luz, substância, alma – temos a chave da fusão e da unificação que o Cristo expressou tão plenamente para nós em Sua vida na Terra.

Portanto, quando os estudantes e aspirantes tiverem feito progresso no contato com a alma, eles terão dado um dos primeiros passos importantes para a compreensão da luz e dos seus usos. No entanto, eles devem ter cuidado para não confundir a luz que podem trazer para a vida, as circunstâncias, os eventos e o ambiente com a intuição. A luz com a qual estamos nos ocupando se expressa nos três mundos e revela formas e formas, suas reações e efeitos, sua miragem e apelo atrativo e seu poder de iludir e aprisionar a consciência. A luz em questão é a luz da alma, que ilumina a mente e traz a revelação do mundo das formas no qual a vida está imersa.

A intuição nada tem a ver com o que pertence aos três mundos da experiência humana, mas apenas com as percepções da Tríade espiritual e com o mundo das ideias. A intuição está para o mundo de significados, como a mente está para os três mundos da experiência. Produz entendimento, da mesma maneira como a luz da alma produz conhecimento, por meio dessa experiência. O conhecimento não é uma reação puramente mental, mas sim algo que se encontra em todos os níveis, e é instintivo de alguma forma em todos os reinos. Isto é incontestável. Os cinco sentidos trazem conhecimento do plano físico; a sensibilidade psíquica traz conhecimento do plano astral; a mente traz percepção intelectual, mas os três são aspectos da luz do conhecimento (que vem da alma) à medida que vai compenetrando seus veículos de expressão no vasto e tríplice ambiente em que a alma escolhe se aprisionar para fins de desenvolvimento.

Em uma volta superior da espiral, a intuição é a expressão da tríplice Tríade espiritual, colocando-a em relação com os níveis superiores da manifestação divina, sendo resultado da vida da Mônada – uma energia que traz revelação do propósito divino. É no mundo desta revelação divina onde o discípulo, oportunamente, aprende a trabalhar, e no qual o iniciado atua de maneira consciente. A vida ativa nos três mundos é uma expressão distorcida desta experiência superior, constituindo também o campo de treinamento no qual a capacidade de viver a vida de percepção intuicional do iniciado e de serviço ao Plano se desenvolve lentamente. É preciso considerar estas distinções com atenção (em tempo e espaço, porque todas as distinções são parte da grande ilusão, embora sejam necessárias e inevitáveis quando a mente controla). Os discípulos alcançarão um ponto de desenvolvimento em que saberão se estão reagindo à luz da alma ou à percepção intuicional da Tríade. Chegarão depois ao ponto em que compreenderão que a percepção intuitiva – como a chamam – é apenas a reação da personalidade iluminada à tendência de identificação da Tríade. Esses conceitos, porém, estão além da capacidade de compreensão do homem comum, porque fusão e identificação não são absolutamente a mesma coisa.

As regras da Técnica da Luz foram adequadamente estabelecidas no sistema de Raja Yoga de Patanjali, do qual as cinco etapas de Concentração, Meditação, Contemplação, Iluminação e Inspiração são ilustrativas; essas etapas, por sua vez, devem ser acompanhadas pela aplicação das Cinco Regras e dos Cinco Mandamentos. Gostaria de pedir que os estudassem. Eles, por sua vez, produzem os muitos resultados na sensibilidade psíquica, dos quais o contato hierárquico, a iluminação, o serviço e a disciplina são descritivos e, finalmente, a etapa de "unidade isolada", que é o termo paradoxal usado por Patanjali para descrever a vida interna do iniciado.

A maior parte do que eu disse acima é bem conhecida de todos os aspirantes, quer estudem os ensinamentos da Raja Yoga da Índia ou a vida de misticismo prático

conforme estabelecido por místicos como Meister Eckhart e pelos esoteristas modernos mais polarizados mentalmente. Esses últimos foram além da visão mística, chegando à fusão. Não preciso me estender sobre isso. É a etapa mais elevada de unificação da qual todos os verdadeiros místicos dão testemunho.

O que nos ocupa aqui é a maneira como a luz é reconhecida, apropriada e usada para fins de dissipar a miragem e prestar ao mundo um serviço profundamente esotérico. Seria possível dizer que a luz interna é como um farol que esquadrinha o mundo da miragem e da luta humana, a partir daquilo que um Mestre denominou de “o pedestal da alma e a torre ou farol espiritual”. Esses termos transmitem a ideia da altitude e da distância que são tão características da abordagem mística. O poder de usar esta luz como meio de dissipação só se obtém quando já não se tem em conta tais símbolos e o servidor começa a se considerar como luz e centro de irradiação. Neste ponto reside a razão de determinados elementos técnicos da ciência ocultista. O esoterista sabe que em cada átomo do seu corpo há um ponto de luz. Ele sabe que a natureza da alma é luz. Durante éons, o homem caminha ajudado pela luz engendrada em seus veículos, pela luz da substância atômica do seu corpo, sendo, portanto, guiado pela luz da matéria. Mais tarde ele descobre a luz da alma e, mais adiante ainda, aprende a fusionar e mesclar a luz da alma com a luz da matéria. Brilha então como um portador da Luz, a luz purificada da matéria e a luz da alma estando fusionadas e enfocadas. O uso desta luz enfocada, à medida que dissipa a miragem individual, ensina ao discípulo as primeiras etapas da técnica que eliminará a miragem grupal e, oportunamente, a miragem mundial, e este é o ponto que vamos tratar a seguir.

O tema que estamos tratando – a luz da alma à medida que dissipa a miragem nos três mundos – é o mais prático, útil e necessário para estudo que podemos encontrar hoje: diz respeito ao plano astral, e o serviço a ser prestado é vital e oportuno. A libertação do mundo do indivíduo e do mundo da humanidade como um todo da miragem que a tudo envolve e mantém a humanidade em cativeiro é um requisito essencial para a raça. A nova era que se abrirá diante da humanidade no final da guerra se distinguirá por sua polarização mental e consequente liberdade da miragem; a ilusão então controlará por algum tempo até que a intuição esteja mais plenamente desenvolvida. Essa ilusão produzirá resultados muito diferentes daqueles que ocorrem quando os homens vivem e trabalham em meio à miragem. A segunda característica da nova era será a abordagem científica de todo o problema da miragem, que será então reconhecida pelo que é e será cientificamente dissipada pelo uso das mentes iluminadas de grupos que trabalham em uníssono exatamente para esse propósito.

A proposta, portanto, que estou apresentando a vocês (que são os aspirantes e os discípulos do mundo) é a possibilidade de um serviço mundial preciso. Oportunamente serão formados grupos daqueles que estão trabalhando na dissipação da miragem em suas vidas individuais e que o fazem não tanto para alcançar sua própria liberação, mas com o objetivo especial de livrar o plano astral de suas significativas miragens. Eles trabalharão em conjunto em alguma fase importante da miragem mundial pelo poder de suas mentes individuais iluminadas; em conjunto, eles acenderão "o farol da mente que reflete a luz do sol, mas ao mesmo tempo irradia sua própria luz interna sobre as névoas e nevoeiros da Terra, pois neles todos os homens tropeçam. Na esfera iluminada da luz radiante concentrada, a realidade sairá triunfante".

É interessante observar que a oração mais antiga do mundo faz referência aos três aspectos da miragem e é em relação a eles que as três técnicas devem ser usadas para

possibilitar a liberação e o progresso. Como sabem, referida oração é a seguinte (Brihadaranyaki Upanishad I, 3, 28):

"Conduze-nos, Ó Senhor, das trevas para a luz; do irreal para o real; da morte para a imortalidade."

"*Conduze-nos das trevas para a luz*" refere-se à mente que oportunamente se torna iluminada pela luz da intuição; esta iluminação é fomentada por meio da Técnica da Presença, de Quem a luz brilha. É o fator mediador que produz a Transfiguração da personalidade e um centro de luz irradiante no plano mental. Essa afirmação é válida, quer se esteja falando de um indivíduo ou daquele ponto focal de luz formado pela unidade mental e pelo pensamento claro dos homens avançados, os quais, pelo poder de suas mentes unidas, conseguirão livrar o mundo de alguns aspectos da Grande Ilusão.

"*Conduze-nos do irreal para o Real*" diz respeito especificamente com o plano astral e suas oníabarcantes miragens. Essas miragens incorporam o irreal e o apresentam aos prisioneiros do plano astral, levando-os a confundi-las com a Realidade. Esse aprisionamento pela miragem pode ser encerrado pela atividade da Técnica da Luz, utilizada por aqueles que trabalham – em formação de grupo – para a dissipação da miragem e para o surgimento na consciência dos homens de uma concepção clara e do reconhecimento da natureza da Realidade.

Este trabalho particular de dissipação é nosso tema imediato. É de importância vital que aqueles que reconhecem a porta aberta para o futuro e pela qual os homens devem passar que se lancem nesse trabalho. Somente assim é possível ajudar a humanidade a deixar para trás os erros, as miragens e os fracassos do passado. É esta técnica que livra das miragens e que é capaz de transformar a vida humana e, assim, instaurar a nova civilização e cultura. Os discípulos de todas as partes do planeta podem empreender esta dissipação, ajudados pelos aspirantes do mundo; no entanto, será primordialmente o trabalho daqueles cujo foco de raio faz de sua vida astral a linha de menor resistência e que aprenderam ou estão aprendendo a dominá-la pelo poder do pensamento e da luz mental. São eles, em primeiro lugar, os indivíduos de sexto raio, ajudados pelos aspirantes e discípulos de segundo e quarto raios.

Em tempo e espaço, essa tarefa será primeiramente instituída e controlada em formação de grupo apenas por aspirantes cujos raios da alma ou da personalidade sejam o sexto ou por aqueles cujos corpos astrais sejam condicionados pelo sexto raio. Quando tiverem compreendido a natureza do trabalho a ser feito e "adotado fanaticamente a técnica da luz a serviço da raça", seu trabalho será completado por discípulos de segundo raio, trabalhando nos Ashrams dos Mestres que aceitam discípulos. O trabalho realizado por esses dois grupos será finalmente revelado (e em uma data muito posterior) por aqueles aspirantes e discípulos que farão uma mudança dinâmica para a atividade astral quando o quarto raio começar a se manifestar novamente. Portanto, o trabalho de dissipação da miragem é empreendido por aqueles que se manifestam ao longo das linhas de energia que incorporam o segundo, o quarto e o sexto raios. Enfatizo isso porque os discípulos muitas vezes assumem tarefas para as quais não estão particularmente qualificados e cujos raios não os ajudam a realizar e, às vezes, impedem essa realização.

Todo o tema está relacionado à consciência, ao segundo aspecto, e diz respeito às formas pelas quais a humanidade se torna progressivamente consciente. A miragem é causada pelo reconhecimento daquilo que o próprio homem criou e, como foi dito

ocultamente, "o homem só se torna consciente da realidade quando destrói aquilo que ele mesmo criou". Essas formas se dividem em dois grupos principais:

1. As formas que são de origem muito antiga e resultado da atividade humana, do pensamento humano e do erro humano. Elas abrangem todas as formas que a natureza do desejo do homem criou ao longo das eras e são a substância nebulosa da miragem – nebulosa do ponto de vista físico, mas densa do ponto de vista do plano astral. Elas são aquilo que fornece o incentivo por trás de todo esforço e atividade no plano externo, à medida que o homem procura satisfazer o desejo. O aspirante individual precisa sempre se livrar dessas formas para passar depois disso através daquele portal que chamamos de segunda iniciação e entrar em uma consciência mais ampla.

2. Aquelas formas que estão sendo constantemente criadas e incessantemente produzidas em resposta à natureza aspiracional da humanidade e que fornecem os atrativos que conduzem o homem em direção à alta realização pessoal, em primeiro lugar, e à realização espiritual, mais tarde. Elas têm em si as indicações do novo e do possível. Da mesma maneira (por mais estranho que possa parecer), elas constituem uma miragem, pois são temporárias e ilusórias e não se deve permitir que ocultem o Real. Essa Realidade se precipitará no momento certo quando a luz superior fluir. Elas são indicativos do Real e muitas vezes são confundidas com o Real; estão em conflito com os antigos pensamentos e desejos do passado e devem, por fim, dar lugar à presença efetiva do Real. Elas proporcionam (em tempos de crise) o grande teste para todos os aspirantes e discípulos, evocando o tipo mais sutil de discriminação; mas, uma vez que esse teste tenha sido superado com êxito, a tarefa de dissipar esses dois tipos de miragem pode ser dada ao discípulo e aspirante, com ênfase na necessidade imediata ou em qualquer miragem mundial específica e atual.

Ficará evidente para vocês, portanto, que os grupos que trabalham conscientemente no serviço de dissipação da miragem terão as seguintes características:

1. Serão compostos de aspirantes e discípulos de sexto raio, auxiliados pelos trabalhadores espirituais de segundo raio.

2. Serão formados por aqueles que:

a. Estão aprendendo ou aprenderam a dissipar suas próprias miragens individuais e podem trabalhar com compreensão nessa tarefa.

b. Estão concentrados no plano mental e, portanto, têm algum grau de iluminação mental. Estão aprendendo a dominar a Técnica da Luz.

c. São conscientes da natureza das miragens que estão procurando dissipar e estão aptos a usar a mente iluminada como farol.

3. Contarão entre seus membros aqueles que têm (falando em termos ocultistas) os seguintes poderes em processo de rápido desenvolvimento:

a. O poder não apenas de reconhecer a miragem pelo que é, como de discriminar entre os diferentes tipos de miragens.

b. O poder de se apropriar da luz, absorvê-la em si e então, de maneira consciente e científica, projetá-la no mundo da miragem. Os Mestres, os iniciados de alto grau e os

discípulos do mundo fazem isso sozinhos, se necessário for, sem ter necessidade da proteção do grupo nem da ajuda da luz dos membros do grupo.

c. O poder de usar a luz não apenas pela absorção e projeção, como também pelo uso consciente da vontade, dirigindo a energia pelo feixe de luz projetada. A isso agregam um foco persistente e sustentado. Esse feixe, assim projetado, tem um uso duplo: ele funciona de forma expulsiva e dinâmica, da mesma maneira como um vento forte sopra ou dissipa uma névoa densa ou como os raios de sol secam e absorvem a névoa. Ele também atua como um feixe ao longo da qual aquilo que é novo e faz parte da intenção divina pode entrar. As novas ideias e os ideais desejados podem chegar "pelo feixe", assim como o farol direcional traz os aviões para o local de pouso desejado.

a. A Dissipação da Miragem Individual

Consideremos primeiro a maneira como o aspirante individual pode chegar a dissipar as miragens que, há eras, condicionaram sua vida nos três mundos. Ele foi dominado pelo desejo durante quatro quintos de sua experiência em encarnação. Em seguida começou a transmutar seu desejo em aspiração e a buscar – com toda a devoção, emoção e anseio de que é capaz – a realização. É então que ele se torna consciente da natureza terrível das miragens nas quais caminha automática e normalmente. A miragem surgiu quando o homem reconheceu e registrou o desejo como um incentivo, demonstrando assim sua humanidade e sua distinção do animal, porque é a mente que revela a existência do desejo. O esforço instintivo para satisfazer o desejo – inato e inerente à natureza inferior – deu lugar a esforços sistemáticos para satisfazer o desejo, envolvendo o uso diretor da mente. Assim, a linha de demarcação entre o animal e o humano tornou-se cada vez mais aparente, e a primeira e básica expressão de puro egoísmo surgiu há eras. Mais tarde, à medida que a evolução prosseguia e o desejo mudava de uma satisfação para outra, ele começou a assumir um aspecto menos físico e os homens buscavam prazer na experiência emocional e em sua dramatização. Isso levou ao estabelecimento do drama como sua primeira expressão artística. Por esse meio, ao longo dos tempos, o homem acrescentou à emotividade e ao drama da sua vida individual uma substituição na qual submergia, exteriorizando-se assim e alimentando seus dramas, desejos e objetivos pessoais com aqueles que tinham se desenvolvido pela imaginação criativa. Estabelecia assim a base para o reconhecimento – inteligente e real – da parte em relação ao todo. Assim, desde os primeiros tempos da Atlântida, foi lançado o alicerce para o desenvolvimento do senso de dualidade mística por meio das várias etapas de um reconhecimento antropomórfico da divindade até o reconhecimento do real no próprio homem, chegando finalmente à proposta que o discípulo deve enfrentar. Em seguida, o Morador do Umbral fica frente ao Anjo da Presença e o último e maior conflito é travado.

Esta consciência dualista culmina no momento da terceira iniciação, na batalha final entre os pares de opostos e com a vitória triunfante do Anjo – a encarnação das Forças do Bem no indivíduo, no grupo e na humanidade. Em seguida, o dualismo e o desejo de tudo que é material, do que não é ele mesmo (tal como identificado com o Todo) chega ao fim. A unidade e a "vida mais abundante" são alcançadas.

O processo seguido pelo discípulo que está trabalhando conscientemente na dissipação da miragem em sua vida pode ser dividido em quatro etapas, que se definem da seguinte maneira:

1. A etapa do reconhecimento da miragem ou miragens que ocultam o Real. Referidas miragens dependem do raio da personalidade, em toda crise específica da vida.

2. A etapa do enfoque da consciência do discípulo no plano mental e do acúmulo de luz neste ponto de enfoque para que a iluminação seja clara, o trabalho a fazer seja visto com clareza e o farol da mente seja direcionado para a miragem que deve ser dissipada.

3. A etapa da direção. Implica em verter luz de maneira sustentada (sob direção inteligente) nos locais escuros do plano astral, lembrando que a luz permitirá que o discípulo faça duas coisas:

- a. Dissipe a miragem – uma experiência satisfatória.
- b. Veja o Real – uma experiência aterrorizante, irmão.

4. A etapa da identificação com o Real à medida que é contatado após a dissipação da miragem. Na luz maior agora disponível, haverá um reconhecimento adicional de miragens ainda mais sutis que, por sua vez, devem ser dissipadas.

Este processo de reconhecimento, enfoque, dissipação e subsequente revelação ocorre continuamente a partir do momento em que o discípulo trilha o Caminho do Discipulado Aceito até a terceira iniciação.

A pista para todo o sucesso nesse processo está, portanto, ligada à meditação e à manutenção da mente firme na luz. Somente por meio da firmeza é que o feixe de luz pode ser formado, intensificado, focalizado e projetado e, então – no momento certo – retirado. Não posso entrar aqui em uma elucidação do processo de meditação, baseado no correto entendimento da natureza da concentração. Já escrevi muito sobre esse assunto e a disciplina da Raja Yoga é bem conhecida. A concentração e o controle mental são agora o tema comum de todas as instruções dadas por educadores e pais esclarecidos. É difícil para a pessoa comum de hoje perceber que houve um tempo em que frases como "Use sua mente" ou "Se você apenas pensasse" ou "Um pouco de controle mental de sua parte seria útil" eram totalmente desconhecidas porque a mente era pouco desenvolvida. Na época, ela só era reconhecida como um fator ativo por aqueles com consciência de iniciado. O Caminho de Evolução é, na realidade, o caminho dos reconhecimentos, levando à revelação. Todo o processo da evolução é de caráter iniciático e leva de uma expansão de consciência para outra, até que os mundos do amorfo e da forma sejam revelados pela luz que gera o iniciado, e na qual caminha. Estas luzes são variadas e diversamente reveladoras. Temos:

1. A luz da matéria em si, que se encontra em todo átomo de substância

2. A luz do veículo vital ou etérico – reflexo da Luz Una, porque unifica os três tipos de luz dos três mundos.

3. A luz do instinto.

4. A luz do intelecto, ou a luz do conhecimento.

5. A luz da alma.

6. A luz da intuição.

Passamos de uma luz para outra, de uma revelação para outra, até que saímos do reino da luz e entramos no reino da vida que para nós, até agora, é plena escuridão.

Será óbvio para você que essa luz crescente traz consigo uma série de revelações em constante desenvolvimento que, como tudo o mais no mundo da experiência humana, revela diante dos olhos, em primeiro lugar, o mundo das formas, depois o mundo dos ideais e, em seguida, a natureza da alma, das ideias e da divindade. Estou escolhendo apenas algumas das palavras que incorporam a revelação e são de caráter simbólico. Mas todas essas revelações constituem uma grande revelação unificada que está se revelando lentamente diante dos olhos da humanidade. Todas estas revelações, porém, constituem uma grande revelação unificada que vai se abrindo lentamente diante dos olhos da humanidade. A luz do eu pessoal inferior revela ao homem o mundo das formas, da matéria, do instinto, do desejo e da mente; a luz da alma revela a natureza da relação entre estas formas de vida e o mundo sem-forma, e o conflito entre o real e o irreal. A luz da intuição revela, à visão da alma, dentro da personalidade, a natureza de Deus e a unidade do Todo. A inquietude que o desejo pelo material produz, ao procurar satisfação nos três mundos, a certa altura cede lugar à aspiração para estabelecer contato com a alma e alcançar a vida da alma. Reconhece-se isso, por sua vez, como um passo dado para as grandes experiências fundamentais, que chamamos de cinco iniciações maiores. Elas revelam ao homem o fato, até então incompreendido, de sua não-separação e da relação da sua vontade individual com a vontade divina.

Vamos agora estudar o modo pelo qual essas fases do trabalho são implementadas no plano astral: primeiro, o indivíduo aprende a usar a luz da mente, gerada pela alma à medida que ela se torna estreitamente relacionada à personalidade e impulsionada pela intuição. Por meio dessa luz, o discípulo aprende a dissipar suas miragens pessoais e particulares. Menciono isso porque gostaria que vocês compreendessem a dimensão da tarefa que um homem assume quando conscientemente começa a se livrar da miragem em preparação para um serviço mais extenso. Nesse momento, ele entra em conflito com toda a miragem de todo o plano astral e tende a ficar desalentado ao se dar conta do que está enfrentando. Essa é uma das causas da profunda depressão e dos profundos complexos de inferioridade que inibem totalmente algumas pessoas ou que acabam as levando ao suicídio. Suas próprias miragens pessoais as vinculam à miragem nacional ou planetária e, assim, condicionam a expressão de suas vidas e seus pensamentos. Gostaria de pedir que se lembrassem disso ao lidarem com as pessoas e as encontrarem fixadas em suas ideias e incapazes de ver a verdade como vocês a veem. Elas são como são porque sua miragem individual é alimentada pelas miragens maiores, e isso ainda é demais para elas.

Não é minha intenção tratar de miragens específicas, mas apresentar uma fórmula que – com pequenas mudanças e acréscimos – possa servir ao indivíduo e ao grupo na tarefa de erradicar a miragem. Eu começaria dizendo que a primeira necessidade é que o homem perceba que suas reações, ideias, desejos e experiência de vida, no que diz respeito à sua natureza emocional, são condicionados por uma ou mais miragens, que ele é vítima de várias miragens, engendradas ao longo de muitas vidas, profundamente enraizadas em sua história passada e às quais ele reage instintivamente. No entanto, chega o momento em que o discípulo probacionário se torna consciente dessas miragens instintivas e as reconhece logo que se apresentam, mesmo quando reage a elas; ele procura se libertar, trabalhando a princípio de maneira espasmódica, tentando usar a mente para racionalizar a si mesmo e alternando entre o sucesso temporário, quando ele consegue, com deliberação, agir como se estivesse livre da miragem, e longos períodos de derrota, quando fica sobrecarregado, não consegue ver luz em lugar algum e age como uma pessoa cega e desorientada. Isso indica que ele é atraído como por um ímã (a força acumulada da antiga miragem com seus efeitos cármicos) para as névoas da miragem que ele queria evitar. Posteriormente vem a etapa (como resultado deste

processo de alternâncias) em que a atração da alma começa a contrabalançar a atração das miragens: o homem aspira a se expressar livremente e a se liberar do controle do plano astral. Vem então o processo de equilíbrio.

É durante essa etapa que a meditação é instituída e o homem se torna consciente da luz da alma, à medida que ela se mistura com a luz inerente ao corpo mental, e essa luz combinada se intensifica continuamente, à medida que ele persiste no trabalho de meditação. Chega então o ponto em que o aspirante descobre que essa luz interna pode ser usada, e ele começa, timidamente e com sucesso desigual, a direcionar essa luz para os problemas da sua miragem particular. É também nesse ponto que começamos a empregar a Técnica da Luz, de modo que a técnica vaga e não científica do passado chegue ao fim. Esta técnica indicada é útil apenas para o homem que sabe algo sobre a luz da mente, a luz da cabeça e a luz da alma. A luz na cabeça é produzida pela união sistematicamente planejada da luz da alma com a luz da personalidade, focalizada no corpo mental e produzindo um efeito no cérebro. Esse processo de focalização se divide em três etapas:

1. A tentativa de focalizar a luz da mente e a luz da matéria no veículo mental.

Isso significa unir a luz da matéria e da substância (luz da matéria densa e luz etérica) com a luz da própria mente. Não há luz peculiar ou específica do corpo astral em si, pois se trata apenas de um agregado de formas, criadas pelo homem individual, pelas nações e pelas raças, que em conjunto constituem o plano astral e não possuem nenhuma luz inerente como as outras formas possuem. Elas não são criadas pelo Logos planetário como forma de expressão para determinadas vidas dinâmicas, e é esse o real significado do que já lhes disse, de que o plano astral na realidade não existe. Ele é a criação fantasmagórica do desejo humano ao longo das eras e sua falsa luz é um reflexo da luz da matéria ou da luz da mente. Este processo de focalização se dá pelo alinhamento e pelo esforço de levar a um ponto de iluminação a luz positiva da mente e a luz negativa do cérebro e se faz por meio do controle mental, desenvolvido pela meditação. Quando esses dois polos opostos estão em relação (por um ato de vontade da personalidade) esses dois aspectos da luz menor podem formar um minúsculo ponto de luz – como uma pequena lanterna – que revela determinada fase da miragem à qual o aspirante tende a responder mais facilmente. Este primeiro ponto de luz focalizada, por sua própria natureza, não pode fazer mais do que revelar. Não tem o poder de dissipar nem de desestabilizar a miragem. Ela só pode fazer com que o homem perceba, em sua consciência desperta ou cerebral, que a miragem o prende. Isso está relacionado à etapa de concentração no processo de meditação.

2. A segunda etapa do processo de focalização se dá pelo esforço de meditar. Na etapa anterior, a combinação das duas luzes materiais foi um processo inteiramente da forma, e o aspirante era movido inteiramente pelas forças e aptidões da sua personalidade. Temos uma ilustração desse processo e sua eficácia no homem que, por motivos puramente egoístas e por meio de uma intensa concentração, enfoca a mente para viabilizar a gratificação de seus desejos e alcançar os seus objetivos. Ele mata todas as reações emocionais e percorre um longo caminho para dissipar a miragem. Desenvolve a capacidade de recorrer à luz da própria matéria (matéria física e substância mental) e, assim, gera uma falsa luz da qual a luz da alma está rigorosamente excluída. É esse poder que, com o tempo, produz o mago negro. Ele desenvolveu a capacidade de extrair energia da luz da própria matéria e de concentrá-la de maneira tão potente e eficaz que se torna uma grande força de destruição. Foi o que deu a Hitler e aos seis homens maus que o cercavam o poder de destruir no plano material. Porém, no caso do aspirante, o

poder de meditar sobre as realidades espirituais e de entrar em contato com a alma neutraliza os perigos inerentes à focalização e ao uso exclusivo da luz da matéria; à luz menor da matéria se acrescenta a luz da alma e essas duas luzes combinadas ou aspectos da Luz Una, concentram-se no plano mental pelo poder da imaginação criativa. Isso habilita o homem a dissipar a miragem oportunamente e o libera do plano astral.

3. A terceira etapa é aquela em que a luz da matéria, a luz da mente e a luz da alma (como canal para a intuição) são combinadas, fusionadas e focalizadas conscientemente. O homem então gira esta luz combinada, sob a direção da alma, para o mundo da miragem e da miragem particular que o está ocupando naquele momento determinado. A falsa luz do plano astral desaparece nesta tríplice luz fusionada assim como o fogo pode desaparecer de vista quando exposto à plena luz do sol ou como uma lente de aumento, focalizando os raios do sol pode iniciar uma chama destruidora. É o uso de uma luz potente que pode extinguir uma luz menor e dissipar uma névoa.

Todo o exposto acima tem de ser realizado com compreensão e de maneira consciente como preparação para a técnica propriamente dita. De início o trabalho do aspirante será experimental e, oportunamente, será aplicado em termos científicos. Será baseado no reconhecimento da verdade – uma verdade que é encarada e aceita. Esse trabalho não é uma forma de racionalização, embora ela preceda o trabalho definitivamente científico que estou delineando; não é o cultivo de novos interesses de tipo mental e espiritual que substituem o desejo de maneira gradual e afastam a miragem. Tudo isso é uma preparação e leva a um desenvolvimento que prepara o aspirante para trabalhar cientificamente; não se trata de um processo de "matar o desejo", como ensinam algumas escolas de pensamento, mas de um processo de erradicação gradual do desejo por meio de disciplina estrita e um árduo trabalho de treinamento, e isso, a propósito, implica na dissipação da miragem. Foram essas as lentas técnicas do passado. Hoje, o processo deve ser modificado porque um número suficiente de pessoas atingiu um grau de compreensão adequado e é capaz de trabalhar com sabedoria e também cientificamente.

O processo que estou desenvolvendo para vocês é de dissipação rápida e eficaz e se baseia na aceitação da hipótese da luz, no reconhecimento do fato de que o plano astral não tem existência verdadeira, no uso treinado da imaginação criativa e no acompanhamento inquestionável das instruções, individualmente e em grupo.

É minha intenção lhes dar duas fórmulas – uma para uso individual e outra que os grupos podem usar ao contribuírem com seu esforço conjunto para a dissipação da miragem, seja da miragem grupal ou em relação a algum aspecto da miragem mundial predominante. Duas coisas ficarão evidentes para vocês:

Primeiro: aqueles que participam da erradicação da miragem devem ser capazes de distinguir entre a miragem e a realidade. Muitas vezes, elas se assemelham muito em um exame superficial. Eles devem estar em condições de reconhecer que uma condição emocional ou astral constitui um véu sobre a verdade e é uma distorção da apresentação ou da aparência da expressão da divindade do indivíduo ou do grupo. Devem, portanto, ser capazes de ter visão, pensamento claro e reconhecimento imediato do que está impedindo a materialização dessa visão e a recepção precisa da verdade. Devem também ser capazes de distinguir entre uma miragem maior e uma menor. Uma miragem menor, uma forma-pensamento passageira e evanescente de natureza facilmente reconhecível, não justifica o uso de nenhuma das fórmulas. Uma miragem menor seria um sentimento de autopiedade em um indivíduo ou a glorificação de algum indivíduo notável por um indivíduo, um grupo ou uma nação. O tempo e o bom senso são suficientes para

resolver essa situação. Uma miragem importante no mundo (antes da guerra) era a ênfase dada às posses e à crença de que a felicidade dependia das coisas, dos bens e do conforto material.

Segundo: que as três etapas da focalização, mencionadas acima, constituem um processo preparatório. Essas três etapas devem estar um tanto desenvolvidas para que o uso efetivo das fórmulas seja possível, e aqueles que pretendem trabalhar na tarefa de livrar o mundo da miragem devem se submeter constantemente a esses períodos de treinamento na arte da polarização, se assim posso chamá-la. Eles devem ter um entendimento do mecanismo do pensamento, da criação de formas-pensamento e da natureza do pensador. Eles devem ser polarizados emocionalmente, mas, no trabalho em grupo, devem estar relativamente livres do controle astral. Essa liberação astral deve, até certo ponto, controlar a escolha daqueles que trabalharão nas dissipações principais. No caso do indivíduo que está procurando acabar com a miragem em sua vida individual, ele deve estar polarizado mentalmente por decisão e esforço, mesmo que a natureza emocional seja para ele, na vida em questão, a linha de menor resistência. Aqueles que trabalham em formação de grupo terão alcançado um certo grau de foco mental, mas, para os propósitos do trabalho a ser realizado, eles se concentrarão consciente e deliberadamente no plano emocional por meio do controle de suas naturezas. Portanto, os trabalhadores devem ter praticado a meditação, refletido muito sobre a natureza do pensamento e seus usos e devem estar cientes da luz interna.

Quando essas três etapas estiverem estabelecidas como atividades relacionadas, hábitos e reações automáticas, e quando a intenção estiver fixada e a capacidade de se concentrar tiver se tornado uma reação quase instintiva, então um trabalho sólido e eficaz poderá ser realizado; a esse trabalho devem ser acrescentadas a persistência e a paciência. Não é necessário, devo acrescentar, ter alcançado a perfeição no processo antes de iniciar esse trabalho e serviço. Os discípulos e aspirantes devem cultivar a consciência de cooperação e a percepção de que, em um serviço como o proposto, eles estão definidamente participando de uma atividade hierárquica e, portanto, estão em posição de prestar ajuda, mesmo que não consigam – sozinhos e sem ajuda – alcançar os resultados desejados. Eles podem acelerar o processo com sua ajuda conjunta. O poder da união de esforços no plano físico está sendo realizado hoje em grande escala, e o esforço de guerra em todos os países acelerou muito essa compreensão. O poder da emoção coletiva (que muitas vezes se expressa no que é chamado de psicologia das massas) é reconhecido em toda parte e temido, bem como explorado. O poder do pensamento unificado ainda é pouco compreendido, e o poder inerente à luz de muitas mentes, tornando-as instrumentos eficazes nos assuntos mundiais, penetrando e dissipando a miragem e provando ser criativas no plano físico, provará ser uma parte dos novos modos de trabalho que serão empregados na nova era. O trabalho e o planejamento da Hierarquia foram dirigidos neste sentido e ela agora está pronta para testar a eficácia deste trabalho, organizando um ou vários grupos que trabalharão no problema da miragem.

Assim, podem ver que o que estou delineando é relativamente novo. No que diz respeito ao indivíduo, ele já registrou uma leve impressão da técnica que está por vir. Homens e mulheres em todos os lugares estão tentando se liberar da miragem pelo poder do pensamento claro, da disciplina estrita e do bom senso, e por um registro consciente de sua relação com o todo – o que os leva a eliminar de suas vidas tudo que possa atrapalhar os outros ou aumentar os aspectos enganosos do mundo por meio da miragem. A isso se somará (talvez como um aspecto da nova religião mundial que agora está a caminho de se exteriorizar) a percepção de que os grupos podem eliminar com

sucesso as miragens que obscurecem o caminho da humanidade para seu objetivo, por meio do poder do pensamento combinado e projetado.

A fim de dar o primeiro passo em direção à atividade de grupo dirigida neste sentido, apresento uma fórmula ou ritual de grupo que – se empregada por aqueles cujas vidas estão relativamente livres da miragem, que são realistas, e que são reconhecidos pelo grupo como sendo assim relativamente livres e que são animados por boa intenção – fará muito para acabar com certos aspectos da miragem mundial. Seus esforços, combinados com o de grupos similares, irão enfraquecer de tal maneira as antigas miragens que o "Dia do Esclarecimento" finalmente chegará.

Em primeiro lugar, porém, permitam-me oferecer rapidamente para uso do aspirante individual, uma fórmula pela qual ele pode ajudar na libertação de sua miragem ou miragens particulares. Vou esquematizar o processo, e o aspirante faria bem em segui-lo tal como dado, não tendo em mente nenhum sentido de tempo, e tendo disposição para fazer este trabalho regularmente por meses e, se necessário, por anos, até se libertar e a luz entrar no plano astral, por meio do seu corpo astral. Sugiro que nenhum aspirante tente atacar o problema da miragem como um todo, nem procure dissipar todas as miragens às quais é susceptível. Ele está lidando com um mal muito antigo, e com hábitos de miragem solidamente instalados. Eles estão relacionados com aspectos de sua vida diária, com sua vida sexual ou com suas ambições, com suas relações com outras pessoas, com seus ideais e ideias favoritos, seus sonhos e visões. Ele deveria escolher a miragem que é mais aparente, e a que mais atrapalha num dado momento (e sempre existe uma), e para a sua dissipação ele deveria trabalhar conscientemente, se quiser lançar as bases para um serviço efetivo de dissipação da miragem mundial.

FÓRMULA PARA A DISSIPAÇÃO DA MIRAGEM (Para o Indivíduo)

I. Etapas Preparatórias

1. Reconhecer a miragem a dissipar, o que envolve:

- a. A disposição de colaborar com a alma, no físico, astral e mental, a fim de facilitar o trabalho mais técnico. Reflitam sobre as implicações desta frase.
- b. O reconhecimento das diversas maneiras como esta miragem afeta a vida diária e todas as relações.

2. Empreender as três etapas de focalização:

- a. A etapa de focalização da luz da mente e da luz da matéria no veículo mental. Isso se faz por um processo de elevação, mescla e fusão e, para isso, a atividade da imaginação criativa é empregada.
- b. A etapa de meditação, que em seu devido tempo produz a fusão da luz da matéria, da luz da mente e da luz da alma no plano mental.
- c. A etapa em que se internaliza que estas três luzes são uma só luz unificada, um farol preparado para ser dirigido em qualquer direção necessária.

3. Reconhecer dois aspectos da etapa preparatória:

- a. O alinhamento da personalidade, para que os três aspectos da natureza inferior sejam vistos como elementos constituintes de uma personalidade atuante.
- b. O ato de integração, no qual a personalidade e a alma são vistas também como uma unidade. Isto se realiza pela dedicação da personalidade à alma e sua aceitação por esta.

Estas duas linhas de pensamento produzem um campo de pensamento magnético e de realização no qual se efetua todo o trabalho.

4. Uma pausa, na qual o homem se prepara para o trabalho a ser feito. Depois de ter dedicado toda a sua atenção à etapa do contato com a alma e à preparação inicial, ele enfoca a sua mente atenta na miragem a dissipar, o que não envolve ter consciência da miragem e de seu porquê e para quê. Significa que a atenção da personalidade integrada com a alma se volta para o plano astral e para a miragem específica e não para o corpo astral do aspirante que procura realizar este trabalho. Esta afirmação é de grande importância, porque ao destruir o tipo específico de miragem que lhe diz respeito, o aspirante ou discípulo começa a destruir a sua parte nela – Aquilo nele que o põe em contato com aquela miragem – ao mesmo tempo em que está se preparando para o serviço grupal na mesma linha. Não será uma tarefa fácil.

II A Técnica ou Fórmula

5. Por um ato da imaginação criativa, o trabalhador se esforça para ver ou ouvir a alma – a fonte de luz e poder nos três mundos – exalando o OM dentro da mente da personalidade atenta e expectante. Ali a luz e o poder da alma são retidos e mantidos pela personalidade positiva, pois uma atitude negativa não é desejável.
6. A luz e o poder retidos, combinados com a luz dual da personalidade (enfocada, como sabemos, no plano mental) se veem como que gerando uma forte luz que pode ser visualizada como um farol brilhante e intenso. Deve ser vista como uma esfera de luz brilhante e vívida, mas ainda não se irradiando nem se projetando externamente.
7. Quando se considerar que este ato de visualização foi realizado de maneira satisfatória, segue-se então uma pausa, na qual o aspirante concentra toda a vontade que possui, por trás da luz assim criada pela fusão das três luzes. Isto se refere à etapa da “mente mantida firmemente na luz”, mencionada por Patanjali. Ainda que o uso da vontade – a vontade da alma-personalidade seja dinâmica, nesta etapa há de ser passiva, não magnética nem irradiante.
8. Segue-se um processo em que a miragem a dissipar e o farol da mente são postos em relação por meio do poder do pensamento. A miragem e suas qualidades, o farol e seu poder, são reconhecidos como tais e o efeito ou os efeitos a se produzir por meio desta relação são cuidadosamente examinados. Isso não deve ser feito de tal maneira que os processos mentais e a luz e o poder possam fortalecer a miragem, que

já é potente por si mesma. Deve ser feito de tal maneira que, no final do processo, a miragem possa estar apreciavelmente debilitada e ser dissipada oportunamente. É importante que isso seja bem compreendido.

9. Tendo empreendido, na medida do possível, as necessárias concentração, compreensão e relação, o aspirante (por um ato de vontade e da imaginação criativa) dirige o farol e vê um vívido feixe de luz fluir e perfurar a miragem. É preciso que ele visualize um feixe de luz largo e brilhante que se projeta da mente iluminada para o plano astral. É preciso que ele acredite que assim é.
10. Vem, então, uma fase importante e difícil do trabalho, em que o trabalhador dá o nome da miragem e a vê em processo de dissipação. Ele ajuda no processo dizendo com tensão e inaudivelmente:

“O poder da luz impede o aparecimento da miragem (dizer o nome dela)
O poder da luz impede que a qualidade da miragem me afete.
O poder da luz destrói a vida que existe por trás da miragem.”

Verbalizar estas três frases é uma afirmação de poder e de propósito; devem ser ditas em um ponto de tensão, com a mente firme e uma orientação positiva.

11. Entoar novamente a Palavra Sagrada, com a intenção de produzir o que, em linguagem esotérica, chama-se um “Ato de Penetração”; vê-se, então, que a luz realiza três coisas:
 - a. Produz um impacto bem definido sobre a miragem;
 - b. Penetra na miragem e é absorvida por ela;
 - c. Dissipa-a lentamente; à medida que o tempo passa, a miragem não voltará a ser tão potente e, a seu tempo, desaparecerá por completo.
12. Segue-se um processo de retirada, no qual o aspirante, consciente e deliberadamente, retira o feixe de luz e se reorienta para o plano mental.

Devo ressaltar que a miragem nunca se dissipa imediatamente, pois sua origem é muito antiga. Mas o emprego persistente desta fórmula a debilitará, desvanecendo-se lenta e inevitavelmente, e o homem caminhará livre desse impedimento. Talvez esta fórmula lhes pareça um tanto extensa, mas apresentei-a de forma detalhada propositadamente, da maneira mais plena possível, para que o aspirante compreenda com clareza o que deve fazer. Depois da devida prática, e de ter seguido fielmente as condições requeridas, o aspirante a seguirá quase que automaticamente e tudo o que ele precisará será a fórmula reduzida ao breve delineamento a seguir:

Fórmula Abreviada

1. As quatro etapas preparatórias:
 - a. Reconhecimento da miragem a dissipar.
 - b. Focalização da luz da personalidade, uma luz dual.
 - c. Meditação e reconhecimento da luz maior.
 - d. Unificação da luz dual da matéria com a luz da alma, criando, assim, o farol da mente.

2. O processo de alinhamento e de integração definida.
3. A orientação deliberada do farol da mente para o plano astral.

A Fórmula

4. A atividade da alma e a retenção da luz.
5. A produção e a visualização do farol.
6. A evocação da vontade por trás do farol da mente.
7. A luz unificada que foi gerada é dirigida para a miragem pelo poder do pensamento.
8. A miragem é chamada pelo seu nome e a tríplice afirmação.
9. O Ato de Penetração.
10. O Processo de Retirada.

Vocês verão, irmãos, que na realidade o que estou fazendo é ensinar à futura geração como destruir aquelas formas-pensamento que mantêm a humanidade na escravidão e que, no caso da miragem, são as formas que tomaram o desejo, a emoção, a sensibilidade ao ambiente, a crescente aspiração e os antigos ideais, e que impedem que a luz da alma ilumine a consciência de vigília. As energias que tomam forma no plano astral não são emoção e sentimento puros, envoltos em matéria astral pura, porque não existe tal coisa. Trata-se de desejos instintivos, evocados pela substância do plano físico em evolução, substância que, na sua totalidade e pela atividade da família humana, está sendo redimida e elevada, até que um dia veremos sua transfiguração e a “Glorificação da Virgem Maria” – o Aspecto Mãe em relação à divindade.

Elas são também as formas-pensamento que o ser humano durante sua evolução cria sem cessar e que descem à manifestação, revestindo-as com a substância do desejo.

Quando as formas-pensamento que descem (um reflexo nos três mundos da vasta “nuvem de coisas conhecíveis” em processo de percepção, como Patanjali as chama, e que paira sobre o plano búdico, aguardando precipitação) e a massa ascendente de demandas instintivas do aspecto inferior da unidade humana, e da humanidade como um todo, se encontram em um ponto de tensão, temos então o aparecimento do que é conhecido como o plano astral – uma esfera de atividade criada pelo homem. Os reinos subumanos da natureza não conhecem o plano astral; os reinos supra-humanos já o superaram e descobriram o segredo das suas ilusões e não mais o reconhecem, exceto como um campo de experiência temporário, onde o homem vive. Naquela esfera ele aprende o fato que a realidade não é “nenhuma destas, mas somente o Um e o Outro em relação mútua”. Esta é uma das frases ocultas que o discípulo tem que aprender a compreender, e que descreve a manifestação.

b. A Dissipação da Miragem Grupal e da Miragem Mundial

O trabalho de grupo para dissipar a miragem do mundo deve ser realizado (como estará óbvio para vocês) por aqueles que estão trabalhando na dissipação da miragem em suas próprias vidas e aprenderam a usar a fórmula que acabei de apresentar. A maioria dos que estão trabalhando dessa maneira são aspirantes do sexto raio – aqueles que têm

personalidades de sexto raio ou cujo raio da alma é o sexto, além daqueles de todos os raios que têm potentes veículos astrais de sexto raio. São eles os trabalhadores mais eficientes do grupo, mas são sujeitos a uma importante dificuldade. Apesar da aspiração e da boa intenção, raramente têm consciência das miragens que os dominam. É particularmente difícil fazer com que o aspirante de sexto raio admita que ele está submetido a uma miragem, em especial quando se trata de uma miragem de caráter espiritual de ordem muito elevada. No caso deles, a miragem se intensifica pela energia da devoção que dá a ela mais consistência e traz uma qualidade que dificulta muito a penetração. Eles têm uma confiança absoluta que acaba sendo um sério obstáculo para realizar o trabalho com clara visão, pois tudo deve desaparecer antes que se possa empreender com êxito o trabalho de dissipação. As pessoas de primeiro raio podem superar a miragem com uma relativa facilidade, uma vez que percebam que se trata de uma limitação da personalidade. As pessoas de terceiro raio são tão suscetíveis à miragem com as de sexto raio e suas mentes desleais, tortuosas e planejadoras e a rapidez com que conseguem enganar a si mesmas (e muitas vezes tentam enganar os outros) dificultam muito seu trabalho de eliminação da miragem. A tendência acentuada de se tornarem vítimas da miragem fica evidente com a incapacidade do aspirante e do discípulo de terceiro raio de transmitirem com clareza o seu pensamento pela palavra. Durante muitas vidas eles se protegeram formando pensamentos e ideias de maneira tortuosa e raramente transmitem com clareza o que pensam. É por isso que as pessoas de sexto e terceiro raio se mostram quase inevitavelmente incapazes de ensinar. Essas pessoas, portanto, devem aprender a usar esta fórmula, elas acelerariam muito o processo de dissipação se obrigando a verbalizar ou a escrever seus pensamentos com clareza, nunca sendo ambíguas ou lidando com meias ideias, insinuações ou sugestões. Deveriam enunciar claramente as ideias com as quais podem estar lidando.

As pessoas do sétimo raio se deparam com a dificuldade de ser capazes de criar formas-pensamento extremamente claras e, portanto, as miragens que as controlam são precisas e definidas e, para elas, são compulsivas. Entretanto, elas se cristalizam rapidamente e morrem por si mesmas. Os aspirantes de segundo raio em geral são plenamente conscientes de qualquer miragem que possa querer mantê-las porque têm a faculdade inata de uma clara percepção. Seu problema está em suprimir nelas mesmas a rápida resposta à atração magnética do plano astral e suas muitas e disseminadas miragens. Não respondem com frequência a uma só miragem, mas a todas, de maneira relativamente temporária mas que retarda bastante o seu progresso. Devido à sua perspicácia, acrescentam a esta sensibilidade à miragem a capacidade de sofrer por ela e de considerar sua resposta como um pecado e um fracasso e assim custam a se liberar dela por uma atitude negativa de inferioridade e angústia. Muito se beneficiarão do uso constante da fórmula até chegar o momento em que se tornam conscientes da miragem ou miragens mas não são afetadas por elas.

As pessoas de quinto raio são as que menos sofrem de miragens, sendo vítimas sobretudo da ilusão. Para elas a Técnica da Presença é da maior importância, pois lhes traz um fator que a verdadeira pessoa de quinto raio tende a negar e se recusa a admitir, o fato do Eu Superior. Essas pessoas se sentem autossuficientes. Respondem com grande facilidade e com satisfação ao poder do pensamento; têm orgulho de sua competência mental e aí está seu pecado habitual. São determinadas em seus propósitos e interessadas no mundo do concreto e do intelectual. No momento em que o Anjo da Presença é uma realidade para elas, a resposta à ilusão enfraquece e desaparece. Seu maior problema não é tanto a negação do corpo astral, pois tendem a menosprezar seu apego, mas têm a maior dificuldade em reconhecer o que a mente tem a revelar – o Eu divino espiritual. A mente concreta inferior se interpõe entre elas e a visão.

As pessoas de quarto raio são especialmente sujeitas a cair no espelhismo e, assim, a produzir uma condição que é de extrema dificuldade. Definiria seu problema dizendo que elas tendem a fazer descer suas ilusões para o plano astral e ali revesti-las com miragem, e assim têm um problema duplo em mãos; deparam-se com a unificação de miragem e ilusão. São, porém, o grupo de almas que oportunamente revelará a verdadeira natureza da intuição, o que resultará de sua batalha no mundo das aparências contra a ilusão e a miragem.

Chegamos agora ao exame da fórmula a ser usada por aqueles que procuram servir a humanidade quebrando e dispersando as miragens que mantêm a raça na escravidão e que conhecem a necessidade de assim proceder em formação grupal. É essencial que os membros desses grupos tenham certas características individuais. Primeiro, devem ser capazes de trabalhar "sem apego" pelos resultados e de usar a fórmula durante um determinado período de tempo (por exemplo, uma vez por semana durante dois anos ou mais) sem esperar resultados; precisam compreender que nunca podem saber se têm êxito ou não, porque as miragens que estão procurando dissipar são tão difundidas e tão generalizadas que seus efeitos não podem ser captados por suas mentes individuais. Essas pessoas estão perto demais do cenário; sua perspectiva é necessariamente a da dinâmica imediata. Segundo, precisam ter uma apreciação inteligente do que é uma miragem mundial para que possam lhe "dar um nome" em sentido oculto e, assim fazendo, entrar em contato com ela. Terceiro, devem estar acostumadas com o trabalho de dissipação da miragem em suas próprias vidas; a necessidade de fazer isso e o êxito alcançado são fatores que indicam a aptidão para esta tarefa.

É preciso, enfim, que amem o próximo. Não como fazem as pessoas de sexto raio, como uma devoção privativa, mas como amam as pessoas de segundo raio – com uma apreciação geral da humanidade, um coração compreensivo, além de uma mente crítica, que ama de maneira inabalável, apesar dos erros vistos, com uma percepção clara dos pontos fortes e fracos de um indivíduo ou de uma raça. A capacidade de agir assim é um dos fatores que habilita o aspirante de sexto raio a se transferir do sexto raio, raio menor, e encontrar lugar no segundo raio, raio maior, como devem fazer todos os iniciados de sexto e quarto raios.

Um dos requisitos para este grupo de trabalho é a cuidadosa seleção dos participantes no trabalho, que devem ser escolhidos porque podem trabalhar juntos. Eles devem se conhecer muito bem e estar livres de atritos de personalidade ou devem ser relativamente desconhecidos como personalidades, mas atraídos entre si como colaboradores de alma nesse trabalho específico. Eles devem, na medida de suas possibilidades, se esforçar para trabalhar com regularidade, de modo que seja possível estabelecer um ritmo que leve a um impacto rítmico constante da luz sobre a miragem. Eles também devem aderir fielmente à fórmula dada, que é uma das fórmulas iniciais e é das mais potentes, pois é uma das primeiras a ser usada na dissipação da miragem em grupo. Todo esse procedimento é inteiramente novo no que diz respeito ao homem, e o trabalho a ser feito será necessariamente árduo, pois envolve uma situação interessante. Os grupos que farão esse trabalho de penetração nas miragens que obscurecem a visão da humanidade e de dissipá-las serão os primeiros grupos de não iniciados a trabalhar dessa forma no plano físico e a trabalhar em plena consciência e com um objetivo deliberado. Até o momento, o trabalho tem sido realizado por membros da Hierarquia, e apenas com a ideia de conter as miragens até que a humanidade esteja pronta para destruir o que criou. Miragens também já foram perfuradas antes por um esforço maciço empreendido por um longo tempo e, em geral, sem um entendimento consciente muito real. Um exemplo temos

no trabalho da Igreja de maneira vaga e difusa para dissipar a miragem do desejo material e dos bens materiais substituindo-os pela ideia do céu. O trabalho projetado agora é claro, dinâmico, empreendido conscientemente e específico em seu impacto. Trata-se de um método preciso de manejar e projetar a energia da luz com o objetivo de destruir os obstáculos de natureza emocional-mental que se encontra no Caminho de Retorno para Deus.

Se o grupo pudesse se reunir para utilizar a fórmula, o trabalho seria facilitado e poderia tomar uma forma mais concentrada. Porém, não sendo possível, os membros do grupo poderiam se organizar para trabalhar separadamente, mas mantendo firme a ideia de trabalho grupal e o reconhecimento sustentado dos membros que compõem o grupo. Isso é necessário tanto para o “armazenamento da luz” quanto para a proteção contra a miragem a ser atacada. Esse “armazenamento da luz” é um requisito importante e deve ser sempre lembrado. Sempre que possível, a regra deve ser que o trabalho seja feito em alguma reunião de grupo planejada e definida, mesmo que isso exija grandes sacrifícios por parte de alguns dos membros.

Recomendo que o grupo se ocupe primeiramente da miragem que todos os membros considerem ser o maior obstáculo ao progresso da humanidade. Também recomendaria que nas primeiras etapas do trabalho tratassem de uma miragem que incida sobre os aspirantes e que não procurassem tratar de miragens mais difundidas e mais profundamente enraizadas da raça como um todo. É preciso que eles desenvolvam a facilidade de lidar com algumas das miragens menores e mais fáceis de visualizar. Depois, com o passar do tempo e o trabalho ficando mais fácil, o grupo pode passar para tarefas mais difíceis e lidar com as miragens mais distantes de sua própria esfera de dificuldades. Certamente não é necessário assinalar que os membros do grupo sejam apenas aqueles que estão se esforçando para manter suas próprias vidas livres da miragem. Acrescentaria também que, se um membro do grupo estiver no meio da miragem e ocupado em lutar contra ela, deve se abster do trabalho em grupo até que tenha se libertado com a ajuda da fórmula para uso individual.

Aqueles que conseguem encarar a si mesmos com os olhos abertos e que veem a verdade como ela é, que conseguem encarar os mesmos fatos em relação à humanidade e que conseguem se manter serenos e destemidos diante do pior tipo de descobertas sobre si mesmos e sobre o mundo dos homens são os que empregarão essa técnica com mais sucesso. Também gostaria de lembrar a vocês que o grupo precisará se proteger da miragem ou miragens que está procurando dissipar. Sua tendência individual à miragem é o fator que lhes dá o direito de servir dessa maneira, mas também os expõe ao perigo, e para isso será necessário haver uma fórmula de proteção.

Referida fórmula se dividirá em três partes:

1. As etapas preparatórias.
2. O uso da fórmula de proteção.
3. A fórmula grupal para a dissipação da miragem.

O trabalho realizado pelo indivíduo que trata de seus problemas pessoais de miragem facilitará muito o trabalho preparatório do grupo.

Vocês observarão que, ao delinear este trabalho, não faço nenhuma alusão ao tipo de sala, à posição dos membros do grupo, à postura a assumir, ao uso de incenso ou a qualquer outro acessório aos quais vários grupos ocultistas dão tanta importância. A

observação de ritos físicos é hoje (do ângulo da Hierarquia) inteiramente obsoleta e destituída de importância quando se trata de discípulos e aspirantes avançados. Eles são valiosos para os pouco evoluídos, nos quais o senso de dramatização precisa ser desenvolvido e que necessitam de ajuda externa, e proporcionam um ambiente que auxilia a que os iniciantes mantenham o tema de seu trabalho e seu objetivo em vista. O único ritual que ainda é considerado valioso para a família humana como um todo – em especial para o indivíduo avançado – é o Ritual Maçônico. A razão está em que se trata de uma representação do processo de Criação, da relação entre Deus e o homem, do Caminho de Retorno e também das grandes iniciações por meio das quais o iniciado liberado passa para a Câmara do Conselho do Altíssimo. Com exceção deste ritual, os pequenos e insignificantes rituais relativos à posição e às atitudes físicas a tomar e à disposição dos assentos são considerados desnecessários e muitas vezes usurpam a atenção que deveria ser dada ao trabalho em questão.

É pressuposto que aqueles que usam essas fórmulas adquiriram alguma medida de polarização interna e são capazes de se retirar para seu centro espiritual em qualquer lugar e em qualquer momento. É o centro do pensamento aquietado no qual o trabalho é realizado.

Tudo o que se necessita como preâmbulo para este trabalho grupal são dez minutos de completo silêncio, durante os quais os membros do grupo procurarão estabelecer aquele campo magnético de atividade positiva e receptiva (observem aqui o paradoxo das ciências ocultistas) que viabilizará o resto do trabalho.

A pessoa encarregada de dirigir o grupo (escolhida alternativamente de maneira que todos os membros do grupo ocupem essa posição) começa o trabalho chamando os nomes dos membros do grupo e conforme cada nome é chamado, os outros membros do grupo olham diretamente nos olhos daquele chamado, que se levanta e por um minuto os encara. Desta maneira se estabelece uma conexão e relação, pois a força magnética diretiva de cada alma é sempre alcançada “olho a olho”. Este é o significado oculto das palavras "Podes me olhar nos olhos?" ou "Eles se entreolharam" e frases semelhantes. Tendo estabelecido esta relação interligada, o grupo se senta em silêncio durante dez minutos. Esta prática se faz para retirar a consciência de todos os assuntos pessoais e do mundo, centrando-a no trabalho a realizar. Ao término deste tempo, quem está dirigindo dá o nome da miragem com o qual o grupo vai se ocupar.

Não haverá discórdia em relação à miragem no momento da reunião do grupo porque os membros do grupo – fora das reuniões e durante um mês antes de assumirem a tarefa de dissipar a miragem – terão feito um estudo sobre ela, suas implicações, seu histórico e seus efeitos – psicológicos, individuais, grupais e nacionais – e também sua ampla influência sobre a humanidade como um todo. A experiência do grupo nesse tipo de trabalho determinará a natureza da miragem a ser tratada. Como já salientei anteriormente, o grupo inexperiente de trabalhadores começará lidando com uma das miragens que entravam os aspirantes e, a partir daí, passará a tratar de miragens mais potentes e mais amplamente dispersas que afligem a humanidade como um todo. Esse preâmbulo do trabalho é muitas vezes chamado de Ato de Nomeação, porque tanto os membros do grupo quanto a miragem são nomeados.

A etapa seguinte é similar às etapas preparatórias que contêm a fórmula para a dissipação da miragem para o indivíduo. Temos, portanto, o seguinte:

AS ETAPAS PREPARATÓRIAS

1. O Ato de Nomeação.

2. A Fórmula de Proteção

A Fórmula de Proteção é muito simples. Os membros do grupo dizem em uníssono:

"Como alma trabalho na luz e a escuridão não pode me alcançar.

Permaneço na luz.

Trabalho, e desse ponto não me movo".

Ao pronunciar estas palavras, cada membro do grupo faz o sinal da Cruz, tocando o centro da testa, o centro do peito e cada um dos olhos, formando assim a Cruz do Cristo ou da divina humanidade. A Cruz não é, como bem sabem, apenas um símbolo cristão. É o grande símbolo da luz e da consciência e significa a luz vertical e a luz horizontal, o poder de atração e o poder de irradiação, a vida e o serviço da alma. A Cruz como feita atualmente pelas Igrejas Católicas tocando a testa, o coração e os ombros é sinal da matéria. Significa, na realidade, o terceiro Aspecto. A Cruz que o grupo fará é a Cruz do Cristo e da consciência crística. Gradualmente, a Cruz do Cristo (a Cruz do Cristo Ressuscitado) substituirá a Cruz da matéria e do aspecto Mãe. Sua semelhança com a suástica é evidente e será uma das razões do seu desaparecimento.

3. As etapas preparatórias:

a. Focalização da dupla luz da personalidade, da matéria e da mente.

b. Meditação sobre o contato com a alma e reconhecimento da luz da alma.

c. Mescla e fusão das duas luzes menores e da luz da alma. Isso se faz como grupo, cada membro fazendo sua contribuição e procurando em sua consciência visualizar o processo de mescla da tripla luz que cada um contribui em uma esfera de luz.

4. Em seguida, o grupo diz em uníssono, a um sinal do dirigente:

"A luz é una e nessa luz veremos a luz.

É a luz que transforma a escuridão em luz do dia."

O M O M O M

Podemos considerar agora que os processos de alinhamento e integração individuais e grupais estão concluídos e quando corretamente cumpridos, cada reunião subsequente deveria ver uma integração e fusão mais rápidas e maior brilho da esfera de luz assim criada. A entoação do OM indica tanto a fusão como a esfera de ação, porque o OM é soado, antes de tudo, pela alma do grupo (a unidade realizada das almas de todos os membros de grupo) e em seguida como alma no plano mental e, finalmente, como alma pronta para atuar como portador da luz e distribuidor de luz no plano astral. São todas maneiras simbólicas de registrar a realidade interna e tentativa de exteriorizar força, pois é o que todos os símbolos e maneiras simbólicas de atuar são capazes de fazer; servem então para manter os trabalhadores em um ponto de tensão. Trata-se de um importante reconhecimento e devem evitar que os trabalhadores atribuam um poder indevido ao

aspecto forma do simples ritual e ajudá-los a concentrar a atenção no mundo do significado e da atividade espiritual subjetiva. Essas três etapas são denominadas:

1. O Ato de Nomeação.
2. O Ato de Proteção.
3. O Ato de Focalização da Luz.

Ficará evidente que muito depende da capacidade dos membros do grupo de visualizar claramente, bem como de pensar claramente. A prática tende naturalmente a aperfeiçoar ambos os processos. No final destas três etapas, os membros do grupo estão unidos como almas isolados do poder atrativo da miragem e unidos como almas com mente e cérebro mantidos com firmeza e positivamente na luz. Eles veem sua luz combinada como um grande farol cujos feixes são direcionados por um ato da vontade do plano mental para a miragem que existe no plano astral e que é posta em relação com o grupo pelo próprio ato de nomeá-la. Entro em pormenores neste assunto porque o trabalho é uma nova aventura e insisto para que o iniciem com uma compreensão clara de como a tarefa deve ser realizada. No final desta instrução, vocês encontrarão as duas fórmulas longas e as duas fórmulas curtas, para que sejam estudadas e apreendidas fora do seu contexto explicativo. Este trabalho inicial toma de início quinze minutos e posteriormente não mais de cinco (excluindo os dez minutos de preparação silenciosa que precedem o trabalho formal) para que os membros do grupo se acostumem a trabalhar juntos e atinjam em dado momento os objetivos do trabalho preparatório com grande rapidez.

A TÉCNICA OU FÓRMULA

5. Depois, em conjunto e em uníssono vocal, o grupo diz:

“Somos irradiação e poder. Permanecemos com nossas mãos estendidas, unindo os céus e a Terra, o mundo interno de significados e o mundo sutil da miragem.

Alcançamos a luz e a fazemos descer para atender a necessidade. Chegamos ao lugar silencioso e trazemos dali o dom da compreensão. Assim com a luz nós trabalhamos e transformamos a escuridão em dia claro.”

Enquanto diz isso, o grupo visualiza que o grande farol que criaram juntos com sua luz unificada se dirige para a miragem a ser dissipada, mantendo a luz com firmeza e realizando mentalmente o trabalho de dissipação que ele se destina a fazer. É o chamado Ato de Direção.

6. Segue-se uma pausa de alguns minutos, na qual o grupo procura lançar por trás do farol sua vontade ou intenção unida, direcionada e dinâmica; isso transporta ao longo do feixe de luz projetado a qualidade destruidora da vontade espiritual – destruidora de tudo que impede a manifestação da divindade. Isto se consegue por um ponto de tensão unido e pela dedicação da vontade individual e do grupo à vontade de Deus. É o chamado Ato de Vontade e é cumprido pelos membros do grupo silenciosamente e com um profundo entendimento de que todos são assim aceitos e que é a vontade de grupo que está sendo focalizada silenciosamente. Em seguida, dizem juntos:

"Com o poder sobre o seu feixe, a luz é concentrada na meta."

7. Vem depois o Ato de Projeção e a entoação das palavras de poder que – novamente nomeando a miragem específica que está sujeita à atenção e assim colocando-a conscientemente em relação com a luz concentrada – começa a tarefa de dissipação.

"O poder da luz unida impede o aparecimento da miragem de... (dar o nome)
O poder da nossa luz unida impede que a qualidade da miragem afete o homem.
O poder da nossa luz unida destrói a vida que se encontra por trás da miragem".

Estas palavras são quase as mesmas que as da fórmula individual e ganham força com a experiência do aspirante e com a sua familiaridade com o seu uso. É um Ato de Afirmação que é a segunda parte do Ato de Projeção.

8. Segue-se um importante aspecto do trabalho no qual os membros do grupo visualizam a dissipação e a dispersão graduais da miragem pela penetração da luz em sua escuridão. Esforçam-se para vê-la se desintegrando e a realidade emergindo, fazendo isso com a iniciativa da imaginação criadora. Cada um faz isso à sua própria maneira e de acordo com sua compreensão e capacidade. É o Ato de Penetração.

9. Seguem-se cinco minutos de silêncio e intensidade de propósito, enquanto o grupo espera que o trabalho instituído avance. Segue-se a retirada da consciência do grupo do plano astral e do mundo da miragem. Os membros do grupo voltam a concentrar a sua atenção, primeiramente, no plano mental e depois na alma, abandonando todo pensamento sobre a miragem, sabendo que o trabalho foi realizado com êxito. Eles se reorganizam como grupo em relação ao reino das almas e entre eles. Em termos ocultos, "o farol da alma é desligado." É o Ato de Retirada.

10. O OM é então entoado em formação grupal; em seguida, para enfatizar que o trabalho de grupo acabou, cada membro do grupo entoia o OM sozinho, dizendo:

"Que assim seja e que me ajude, em minha própria vida, a eliminar toda miragem e inverdade."

Os aspirantes precisarão de algum tempo para ter facilidade neste trabalho, mas é óbvio que para aprender o que é uma técnica de serviço inteiramente nova, cada etapa deve ser dominada e praticada por um bom tempo. Todo campo novo de estudo leva algum tempo para se tornar familiar e esse não seria exceção. Mas o esforço vale bem a pena do ponto de vista do indivíduo como um ato de serviço para a humanidade.

Que todos os grupos aprendam a atuar na luz e que as miragens desapareçam da vida de todos vocês para que caminhem livremente na luz e usem essa luz para os outros são os votos do meu coração para vocês.

FÓRMULA PARA A DISSIPAÇÃO DA MIRAGEM (Para o indivíduo)

Etapas preparatórias

1. Reconhecimento da miragem a ser dissipada, o que implica em:

- a. Uma disposição de cooperar com a alma.
- b. Entendimento da natureza da miragem específica.

2. As três etapas de focalização:

- a. Focalização usando a luz dual de matéria e mente no corpo mental.
 - b. Focalização, por meio da meditação, dessa luz dual e da luz da alma.
 - c. Focalização desses três luzes, criando assim o farol para a dissipação da miragem.
3. Prontidão por meio do alinhamento e da integração. Trata-se da produção de um campo de substância de pensamento magnética.
4. A projeção da atenção e do farol da mente para o plano astral.

A Fórmula.

5. A alma expira o OM para a personalidade que espera e a luz e o poder assim gerados são retidos para uso.
6. Uma intensa luz é gerada, lenta e conscientemente.
7. A vontade espiritual é invocada enquanto a mente é mantida firme na luz.
8. A miragem a ser dissipada e o farol da mente são postos em relação.
9. O farol é então acionado por um ato de vontade e um forte feixe de luz é projetado na miragem.
10. A miragem é nomeada e o aspirante diz inaudivelmente com tensão:
- "O poder da luz impede o aparecimento da miragem (dar o nome dela). O poder da luz frustra a qualidade da miragem de me afetar. O poder da luz destrói a vida por trás da miragem."
11. O aspirante entoia o OM, produzindo um Ato de Penetração, o que produz impacto, penetração e dissipação.
12. O aspirante, tendo feito este trabalho, retira-se conscientemente para o plano mental e o feixe de luz desaparece.

Forma Curta da Fórmula Individual.

1. As quatro etapas preparatórias:
- a. Reconhecimento da miragem a dissipar.
 - b. Focalização da luz dual da personalidade.
 - c. Meditação e reconhecimento da luz da alma.
 - d. Unificação das três luzes.
2. O processo de alinhamento e de integração reconhecida.
3. A projeção do farol da mente para o plano astral.

A Fórmula.

4. Atividade da alma e retenção da tríplice luz.
5. A geração e a visualização do farol.
6. A evocação da VONTADE por trás do farol da mente.

7. O farol da mente projeta-se sobre a miragem, direcionado pelo pensamento.
8. A nomeação da miragem e a tripla afirmação.
9. O Ato de Penetração.
10. O processo de retirada.

FÓRMULA PARA A DISSIPAÇÃO DA MIRAGEM MUNDIAL (Técnica para Grupo)

Etapas preparatórias.

1. A nomeação dos membros do grupo, seguida de um silêncio de dez minutos.
2. A Fórmula de Proteção: Os membros do grupo dizem em uníssono:

"Como alma trabalho na luz e a escuridão não pode me alcançar.
Permaneço na luz.
Trabalho, e deste ponto jamais me movo."

À medida que estas palavras são pronunciadas, cada membro do grupo faz o sinal da Cruz da Divindade.

3. As três etapas preparatórias:

- a. Focalização da luz dual da matéria e da mente.
- b. Meditação sobre o contato com a alma e reconhecimento da luz da alma.
- c. A fusão das duas luzes menores com a luz da alma

4. Ao sinal dado pelo dirigente do grupo, dizem todos juntos:

"A luz é una e nessa luz veremos a luz. É a luz que transforma a escuridão em luz do dia."

O M O M O M

A Fórmula.

5. Em seguida, os membros do grupo dizem juntos:

"Somos irradiação e poder. Permanecemos para sempre com nossas mãos estendidas, unindo os céus e a Terra, o mundo interno de significados e o mundo sutil da miragem.

Alcançamos a luz e a fazemos descer para atender à necessidade. Chegamos ao lugar silencioso e trazemos dali o dom da compreensão. Assim com a luz nós trabalhamos e transformamos a escuridão em dia claro."

À medida que dizem essas palavras, os membros do grupo visualizam o grande farol que criaram projetando a sua luz no plano astral.

6. Segue-se uma pausa e vem depois a invocação da vontade espiritual. Feito isso, o grupo diz:

"Com o poder contido nesse feixe, a luz é focalizada na meta."

7. A miragem a dissipar é nomeada e a luz é vertida sobre ela. As Palavras de Poder são pronunciadas:

"O poder da nossa luz unida impede o aparecimento da miragem de... (nomeá-la).

O poder da nossa luz unida impede que a qualidade da miragem afete o homem.

O poder da nossa luz unida destrói a vida que se encontra por trás da miragem."

8. Visualização da luz penetrando na miragem fazendo com que ela se enfraqueça e produzindo dissipação.

9. Cinco minutos de silêncio e intensidade de propósito enquanto se vê o trabalho prosseguir. Em seguida os membros do grupo voltam a se focar no plano mental, desviando sua atenção do plano astral. O farol da alma é desligado.

10. Cada membro do grupo entoia o OM individualmente e em voz alta.

Forma Curta da Fórmula de Grupo.

1. O Ato de Nomeação.
2. O Ato de Proteção.
3. O Ato de Focalização das Luzes.
4. O Ato de Direcionamento.
5. O Ato de Invocação da Vontade.
6. O Ato de Projeção e Afirmação.
7. O Ato de Penetração.
8. O Ato de Retirada.

O nosso exame sobre a miragem está chegando ao fim. Descrevemos o tema consecutiva e gradualmente, traçando o aspeto tríplice da ilusão do mundo, tal como aparece no plano mental e aí condiciona a intelligentsia do mundo; tal como aparece no plano astral, onde constitui a miragem a que as massas de homens sucumbem. Consideraremos agora o mundo de maya no qual nós, fisicamente, vivemos, nos movemos e temos o nosso ser.

Pergunto-me se aqueles que leem minhas palavras se dão conta da importância de todo esse tema ou se estão cientes do vasto campo de serviço que se abre, dando um sentido prático – como de fato dá – a toda a vida humana e indicando também as etapas em que a Realidade pode ser conhecida e fazendo desaparecer todas as formas que ocultam referida Realidade. Por trás dessas palavras: ilusão, miragem e maya, está a VERDADE. A verdade é a clara consciência do Ser, da Existência e da Realidade essencial, inicial. Foi por esta razão que o Cristo se manteve em silêncio diante de Pilatos, que simbolizava o intelecto humano; Ele sabia que nenhuma resposta poderia transmitir significado àquela mente inexpressa e limitada.

A ilusão é o modo pelo qual a compreensão limitada e o conhecimento material interpretam a verdade, a velam e ocultam por trás de uma novem de formas-pensamento. Referidas formas-pensamento se tornam então mais reais que a verdade que ocultam, e em consequência controlam a abordagem da homem à Realidade. Por meio da ilusão, ele toma ciência do mecanismo do pensamento, de sua atividade, expressa pela construção de formas-pensamento e do que ele vem a construir e que considera como a criação do

seu intelecto. No entanto, ele criou uma barreira entre ele mesmo e aquilo que é e até que tenha esgotado os recursos do seu intelecto ou tenha se recusado deliberadamente a utilizá-lo a sua intuição divina não poderá atuar. É a intuição que revela o verdadeiro Ser e que induz o estado percepção espiritual. É então que a técnica da PRESENÇA se torna um hábito bem estabelecido.

A miragem, por sua vez, vela e esconde a verdade por trás das névoas e brumas da reação sentimental e emocional; tem uma potência excepcional e terrível, em razão da força com a qual a natureza humana se identifica com a natureza astral e também se deve à natureza vital da própria resposta consciente e senciente. Como sabem e já lhes foi ensinado, a miragem só pode ser dissipada pela afluência de luz clara e direcionada; isto é válido para a vida do indivíduo ou da humanidade como um todo. A iluminação revela primeiramente a existência da miragem; proporciona os contrastes angustiantes com os quais todos os verdadeiros aspirantes se debatem e depois, e de maneira gradual, inunda a vida a tal ponto que oportunamente a miragem se extingue por completo. Os homens veem as coisas como são – uma fachada que esconde o bom o belo e o verdadeiro. Os opostos se dissolvem e a consciência é substituída por uma condição de realização – uma realização de Ser para a qual não temos um termo adequado. A técnica da LUZ se torna uma condição permanente.

3. A TÉCNICA DA INDIFERENÇA

Chegamos agora a um breve estudo do terceiro aspecto da ilusão, que chamamos de Maya, e à técnica para superá-lo. Trataremos em seguida da Técnica da Indiferença que diz respeito à distribuição da força da alma no plano físico, via o plano etérico e que leva à inspiração. Relaciona-se com a Ciência da Respiração.

O que é maya então? Não é fácil de definir, porque diz respeito à atividade de construção de forma do próprio Logos planetário. Contudo, um estudo da analogia existente entre o microcosmo e o Macrocosmo ajudará um tanto. A alma cria uma tripla expressão nos três mundos da vida humana, conhecida verdade oculta. A forma externa, o duplo corpo físico (denso e vital ou etérico) é produzido, criado, motivado, energizado e condicionado por determinadas energias e forças que emanam daqueles níveis onde a alma – certa ou erradamente – produziu uma reação de identificação. Observem essa frase, irmãos. Referidas energias e forças fazem do homem o que ele é; dão ele o seu temperamento, profissão e qualidades no plano físico; tornam o homem positivo ou negativo aos diversos tipos de energia que exercem impacto; dão a ele seu caráter e o fazem como parece aos outros; produzem sua cor, suas capacidades e sua personalidade. O homem comum se identifica com tudo isso; ele acha que é a forma, o meio pelo qual procura expressar seus desejos e suas ideias. Esta completa identificação com a criação transitória e com a aparência externa é maya. É preciso lembrar que o maya individual é uma fração do mundo das energias e forças que compõem a expressão de vida do Logos planetário, que condicionam a nossa vida planetária externa e fazem o nosso planetal tal como parece ser para os outros planetas.

A diferença entre o homem, o microcosmo, e o Logos planetário, o Senhor do Mundo, o Macrocosmo, reside no fato de que o Senhor do Mundo não se identifica com o maya que Ele criou, e cujo propósito é, a certa altura, produzir a liberação dos "prisoneiros do planeta." A este Maya, ELE é supremamente indiferente e foi esta indiferença divina que levou à grande ilusão teológica de uma Deidade antropomórfica e à crença (no Oriente) de que o nosso planeta é apenas o background ou o brinquedo dos Deuses. Foi esta indiferença cósmica que levou à miragem humana referente à "inscrutável vontade de

Deus" e à afirmação de que Deus está longe e não imanente em toda criatura e em todo átomo de que são feitas as criaturas. Temos aqui alguns aspectos das miragens e ilusões que devem ser dispersadas e dissipadas e, neste processo, vamos descobrir que a forma é apenas maya e pode ser desconsiderada, que as forças podem ser organizadas e direcionadas pela energia e que o mundo do pensamento, o campo da consciência sensível e o campo ativo das energias são algo distinto do Pensador, d'Aquele que sente e do Ator e do Intérprete dos muitos papéis que a Alma se compromete a desempenhar.

O discípulo aprende oportunamente a se conhecer, acima de tudo (quando encarnado), como o diretor das forças: ele as dirige da altura do Observador divino e através da obtenção do desapego. Muitas vezes já lhes falei dessas coisas antes. Estas verdades, para vocês, são apenas trivialidades do ocultismo, mas, se pudessem compreender o pleno significado do desapego e permanecer serenos, como o Diretor que observa, não haveria mais nenhuma ação inútil, nenhum erro e nem falsas interpretações, nenhum andar ocioso pelos atalhos da vida diária, não veriam os outros com uma visão distorcida e preconceituosa e – acima de tudo – no haveria uso impróprio da força.

Repetidamente, ao longo das eras, os Mestres disseram a Seus discípulos (como eu lhes disse) que o ocultista trabalha no mundo das forças. Todos os seres humanos vivem, se movem e se expressam no mesmo mundo de energias e através delas, energias sempre em movimento, sempre exercendo impacto, saindo e entrando. O ocultista, porém, trabalha ali; ele se torna um agente diretor consciente; ele cria no plano físico aquilo que deseja e o que ele deseja é o modelo das coisas, o projeto colocado pelo grande Arquiteto divino na mesa de trabalho da consciência espiritual. No entanto, ele não se identifica com o modelo nem com as forças que ele emprega. Ele se move no mundo de maya, livre de toda ilusão, sem estar impedido por miragem e sem estar controlado por forças de maya. Chega rapidamente, no que diz respeito ao seu próprio pequeno mundo, à mesma "indiferença divina" que caracteriza Sanat Kumara, o Senhor do Mundo; assim ele fica cada vez mais consciente do Plano, tal como existe na Mente Universal, e do Propósito que motiva a Vontade de Deus.

É esta indiferença divina que é responsável pelo fato de, na tentativa de descrever o "Ser Puro", Deus, e no esforço de chegar a alguma compreensão da natureza da divindade, se ter desenvolvido a fórmula da negação. Deus não é isto; Deus não é aquilo; Deus é nada; Deus não é tempo nem espaço; Deus não é sentimento nem pensamento; Deus não é forma nem substância. Deus simplesmente É. Deus É – fora de toda expressão e de manifestação como Aquele que manipula energia, o Criador dos mundos tangíveis e intangíveis, Aquele que compenetra a vida, que reside em todas as formas. Deus é AQUELE ÚNICO que pode se retirar e, ao se retirar, dispersa, dissipa e desvitaliza tudo que foi criado – usando esses termos em seu significado mais completo.

Ficará evidente para vocês, portanto, que nessas três atividades da Realidade que não se identifica com as aparências, a vontade de Deus, o aspecto Destruidor da Deidade está beneficentemente presente. O ato de abstração produz a dispersão do mundo ilusório do pensamento; a retirada da atenção divina dissipa o universo senciente e provoca o fim da miragem; a cessação da direção divina leva morte ao mundo físico. Todas essas atividades são evidências da vontade ou do primeiro aspecto – a vontade-para-o-bem que pode atuar e atuará à perfeição somente quando a boa vontade estiver, afinal, plenamente desenvolvida na Terra, através da ação da humanidade.

Vontade e respiração, irmãos, são sinônimos em termos ocultos. Nesta afirmação vocês têm a chave para o fim de maya.

As observações acima são prévias do nosso estudo da Técnica da Indiferença. É necessário assinalar as analogias e vincular os diversos aspectos do mesmo ensinamento para que seja possível desenvolver a verdadeira percepção. Vamos dividir a nossa reflexão sobre este assunto da seguinte maneira:

1. Atividade no plano etérico, isto é, o mundo das forças.

- a. Sua distribuição.
- b. Sua manipulação.

2. A Ciência da Respiração.

- a. A relação entre vontade e respiração.
- b. Inspiração.

3. A Técnica da Indiferença.

- a. Pela concentração.
- b. Pelo desapego.

Entramos agora no campo do ocultismo prático, que não é o campo da aspiração nem a esfera de um progresso deliberado para o que é superior e desejável. É, de certa maneira, uma atividade inversa. Do ponto alcançado na escala da evolução, o discípulo "permanece no Ser espiritual" (até onde ele estiver) e, de maneira consciente e deliberada, trabalha com as energias nos três mundos. Direciona-as para o corpo etérico do nível determinado que escolheu para trabalhar – mental, emocional ou do próprio plano vital em si. Assim faz em conformidade com alguma ideia visionada, algum ideal valorizado, algum modelo divino percebido, alguma esperança espiritual, alguma ambição consagrada ou algum desejo dedicado.

Como sabem, o corpo etérico do indivíduo é parte do corpo etérico da humanidade e esse, por sua vez, é um aspecto do corpo etérico do planeta, que da mesma maneira é uma parte intrínseca do corpo etérico do sistema solar. A propósito, nesta relação efetiva longo alcance, temos a base de todas as influências astrológicas. O homem se move, pois, num turbilhão de forças de todos os tipos e qualidades. Ele é composto de energias em todas as partes de sua expressão manifestada e não manifestada; portanto, está relacionado a todas as outras energias. A sua tarefa é de suprema dificuldade e implica na grande duração do ciclo evolutivo. Não podemos tratar aqui da massa das energias do mundo e das forças do sistema, vamos nos limitar a examinar o problema do indivíduo, aconselhando o estudante a se esforçar para ampliar a sua compreensão da situação microcósmica à macrocósmica.

a. Distribuição e manipulação da força no plano etérico.

Partiremos do princípio agora de que o aspirante está consciente da necessidade de estabelecer um ritmo novo e mais elevado na sua vida no plano físico, de organizar o seu tempo em obediência ao preceito do seu Eu Superior e de produzir, consciente e cientificamente, aqueles efeitos que – nos seus momentos mais elevados – são apresentados a ele como desejáveis. Ele tem agora uma certa bagagem de conhecimento quanto ao instrumental disponível para a sua tarefa e já domina alguns fatos relativos ao veículo etérico. Os pares de opostos lhe aparecem com clareza, mesmo que ainda esteja influenciado por um ou outro deles; está ciente do desacordo básico entre sua visão do bem e sua capacidade de expressar esse bem. Ele aprendeu que é um triplo reflexo de

uma Trindade superior e que referida Trindade é – para ele – a Realidade. Ele compreende que mente, emoções e ser físico destinam-se a manifestar oportunamente referida Realidade. Em última análise, sabe que se aquele aspecto intermediário de si mesmo, o corpo etérico, puder ser controlado e direcionado corretamente, a visão e a expressão coincidirão, afinal. Ele também sabe que o corpo físico denso (a aparência tangível externa) é apenas um autômato, que obedece às forças e às energias, sejam quais forem, que são os fatores controladores no homem subjetivo, condicionando-o. O corpo físico seria controlado pela força emocional, vertida do centro sacro e produzindo o desejo pela satisfação dos apetites físicos ou pelo plexo solar, levando à satisfação emocional de algum tipo? Seria responsivo à mente e trabalharia amplamente sob o impulso do pensamento projetado? Seria, talvez, dirigido por uma energia superior a todas aquelas, mas até então impotente aparentemente, a energia da alma como expressão do puro Ser? Seria levado à ação sob o impulso das reações sensíveis, ideias e pensamentos que emanam de outros seres humanos ou seria motivado e estimulado à ação sob a direção da Hierarquia espiritual? Para essas perguntas é preciso encontrar as respostas. A etapa da aspiração, do sonho e da autossugestão deve ser agora substituída pela ação direta e pelo uso cuidadosamente planejado das forças disponíveis, postas em atividade pela respiração, sob a direção do olho interno e controladas pelo homem espiritual. Que energias podem e devem então ser usadas? Que forças devem ser controladas? De que maneira podem ser controladas? Devem ser ignoradas e assim inutilizadas ou são forças necessárias para o grande trabalho de criação?

Ficará evidente para vocês que a primeira etapa que o investigador espiritual deve tomar é se assegurar – em verdade e à luz da sua alma – onde está exatamente o seu foco de identificação. Com isso quero dizer: O seu maior uso de energia provém do plano mental? É predominantemente emocional e utiliza a força do plano astral a maior parte do tempo? É capaz de entrar em contato com a alma e trazer energia da alma de tal maneira que anule ou contrabalance a força da personalidade? É capaz de viver assim, como uma alma no plano físico, via o corpo etérico? Se ele estudar seriamente esse problema, com o tempo descobrirá quais são as forças dominantes no corpo etérico e tomará consciência dos momentos e experiências que apelam aos recursos da energia da alma. Será preciso tempo e resultará de uma prolongada observação e séria análise dos atos e das reações sensíveis, das palavras e pensamentos. Estamos tratando aqui, como podem ver, de um problema intensamente prático que é, ao mesmo tempo, parte integrante do nosso estudo e que evocará mudanças básicas na vida do discípulo.

A essa observação e análise do poder da força ou forças empenhadas, o estudante acrescentará as condições que as farão entrar em ação, a frequência do seu aparecimento, que indicam se tratar de coisa nova ou hábito, e igualmente a natureza da sua expressão. Dessa maneira ele chegará a uma nova compreensão dos fatores condicionantes que atuam através do seu corpo vital e fazem dele – no plano físico – o que ele essencialmente é. Será para ele de profunda e significativa ajuda espiritual.

Este período de observação limita-se, porém, a uma observação mental e inteligente. É o background do trabalho a ser feito, dando segurança e conhecimento, mas deixando a situação como era. O passo seguinte é a tomada de consciência da qualidade das forças aplicadas; para isso, será necessário descobrir não só o raio da sua alma e o raio da sua personalidade, como também os raios do seu mecanismo mental e da sua natureza emocional. Se ainda não sabe quais são, isso levará necessariamente a outro período de cuidadosa investigação e observação. Quando digo que a esta informação o discípulo deve acrescentar um exame atento das potências das forças e energias que o atingem astrologicamente, veremos a que árdua tarefa ele se propôs. Não só tem de isolar as

energias dos seus cinco raios, mas também tem de considerar a energia do seu signo solar, à medida que condiciona a sua personalidade, e do seu signo ascendente, à medida que procura estimular esta personalidade a responder à alma, trabalhando assim o propósito da alma com a cooperação da personalidade.

Há, pois, sete fatores que condicionam a qualidade das forças que procuram expressão por meio do corpo etérico:

1. O raio da alma.
2. O raio da personalidade.
3. O raio da mente.
4. O raio da natureza emocional.
5. O raio do veículo físico.
6. A energia do signo solar.
7. A influência do signo ascendente.

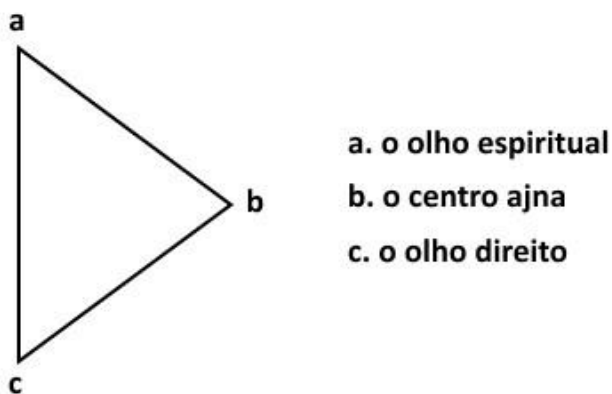
Uma vez, porém, que estejam verificadas e haja alguma certeza quanto à sua verdade efetiva, todo o problema começa a se esclarecer e o discípulo pode trabalhar com conhecimento e compreensão. Ele se torna um trabalhador científico no campo das forças ocultas. Sabe então o que está fazendo, com que energias deve trabalhar, e começa a sentir essas energias à medida que elas encontram o seu caminho para o veículo etérico.

Agora chega a etapa em que ele está em posição de descobrir a realidade e o trabalho dos sete centros que oferecem uma via de entrada e de saída para as forças e energias em movimento com as quais ele está imediatamente implicado nesta encarnação particular. Ele entra em um prolongado período de observação, de experimento e experiência e institui uma campanha de tentativa e erro, de sucesso e fracasso, que exigirá toda a força, coragem e resistência de que ele é capaz.

Em termos gerais, a energia da alma atua através do centro mais elevado da cabeça e é posta em atividade por meio da meditação e da aptidão aplicada no contacto. A energia da personalidade integrada é focalizada por meio do centro ajna, entre os olhos; e quando o discípulo consegue se identificar ali, e está também ciente da natureza e da vibração da energia da sua alma, pode então começar a trabalhar com o poder de direção, usando os olhos como agentes de direção. Há, como já perceberam nos estudos, três olhos de visão e direção à disposição do discípulo.

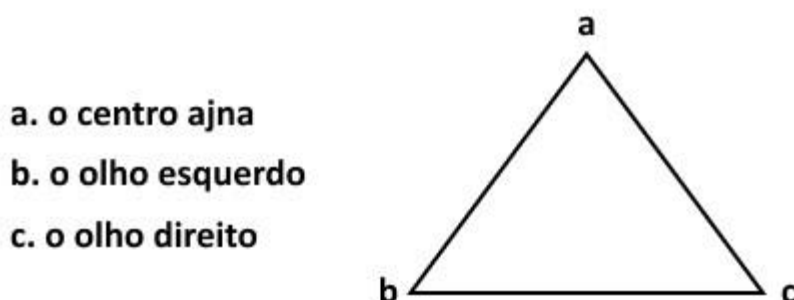
1. O olho interno, o olho único do homem espiritual. É o verdadeiro olho da visão e envolve a ideia de dualidade (daquele que vê e do que é visto). É o olho divino. É aquele através do qual a alma olha para o mundo dos homens e através do qual se dá a direção da personalidade.

2. O olho direito, o olho de budi, o olho que reage diretamente ao olho interno. Por meio desse olho a atividade superior da personalidade pode ser direcionada no plano físico. Temos nisso um triângulo de forças espirituais que o discípulo avançado e o iniciado podem impelir em uma atividade singular.



É por meio dessa triplicidade, por exemplo, que o iniciado treinado atua ao tratar com um grupo de pessoas ou com um indivíduo.

3. O olho esquerdo, o olho de manas, o distribuidor da energia mental controlada corretamente no que diz respeito aos propósitos da personalidade. Este olho também faz parte de um triângulo de forças disponível para uso do aspirante e o discípulo probacionário.



O olho interno ou divino está passivo e relativamente inativo, sendo apenas o órgão de observação no que diz respeito à alma e ainda não é – na maioria dos casos – um distribuidor da energia diretiva da alma. No entanto, o aspirante disciplinado e reorientado, integrado e concentrado em sua personalidade purificada, usa tanto a força búdica como a manásica; ele está começando a ser intuitivo e predominantemente mental. Quando estes dois triângulos estão sob controle e começam a atuar corretamente é que os sete centros do corpo etérico podem ser claramente dirigidos, tornam-se receptores do ritmo estabelecido pelo ser humano desenvolvido e, conseqüentemente, constituem um instrumento para a alma através do qual as energias apropriadas podem fluir e a organização e o propósito completos de um filho de Deus em atuação podem se manifestar na Terra.

Em seguida, vem o que chamamos de etapa da direção. A alma ou a personalidade integrada está no comando ou – em uma volta superior da espiral – a Mônada está no comando e a personalidade é simplesmente o agente do espírito. Por meio dos dois triângulos ou de ambos trabalhando de maneira sincronizada, os centros da coluna vertebral (cinco no total) são colocados sob controle rítmico. A energia é dirigida neles ou através deles; são gradualmente levados a uma organização de uma beleza que foi descrita como uma “vida inflamada por Deus”; é uma vida de aplicação espiritual e de serviço em que o triângulo superior é o mais potente.

Os três enunciados a seguir resumem a história da liberação do discípulo da Grande Ilusão:

Primeiro: À medida que a alma, atuando por meio do triângulo superior, se torna o agente diretor, a ilusão é dispersada. A mente fica iluminada.

Segundo: À medida que a personalidade (sob a crescente influência da alma) atua por meio do segundo triângulo, a miragem é dissipada. O controle da natureza astral é rompido.

Terceiro: À medida que o discípulo, atuando como alma e como personalidade integrada assume a direção da sua expressão de vida, maya ou o mundo das energias etéricas é desvitalizado e apenas as forças e energias que atendem à necessidade do discípulo ou iniciado são empregadas, à medida que ele cumpre a intenção divina.

Observarão que tudo isso está incluído e é viabilizado no sétuplo trabalho descrito acima, o qual se resume como segue:

1. O discípulo descobre o foco de sua identificação.
2. Ele determina a natureza das forças que tem o hábito de utilizar e que parecem estar sempre a levá-lo à ação.
3. Ele toma consciência da força e da frequência desta expressão de força.

Tudo isso ele realiza como observador mental.

4. Ele se torna consciente da qualidade das forças empregadas, sua relação de raio e seu significado astrológico.

Trata-se de uma atividade de sensibilidade e não tão mental basicamente como as três etapas anteriores.

5. Ele identifica os centros no corpo etérico e fica consciente de sua existência própria como agentes de força.

6. Os dois "triângulos de visão e direção" que se encontram na cabeça alcançam uma etapa de organização e se tornam:

- a. Mecanismos ativos e funcionais.

- b. Relacionados entre si e atuando como um só instrumento de expressão. É uma atividade objetiva e subjetiva.

7. A dinamização do corpo físico que é posto em atividade por meio dos agentes de direção que se encontram na cabeça e pelos centros ao longo da coluna vertebral.

A questão que se coloca agora é saber como isso deve ser feito, o que nos leva ao nosso segundo ponto.

- b. O uso da Ciência da Respiração.

Muita bobagem foi dita e ensinada sobre a Ciência da Respiração. Inúmeros grupos dão uma grande quantidade de instruções perigosas sobre a respiração – perigosas porque são baseadas em conhecimento livresco e seus expoentes nunca as praticaram extensivamente, e perigosas porque muitos grupos apenas exploram os despreparados, em geral para obter ganhos comerciais. Felizmente para a maioria dos aspirantes, as informações e instruções dadas são medíocres, imprecisas e muitas vezes inócuas, embora haja muitos casos de reações nocivas. Felizmente também, a intenção do aspirante comum é tão fraca que ele é incapaz de cumprir os requisitos de maneira perseverante, diária e imutável e não consegue manifestar a aplicação que seria a garantia de um sucesso duvidoso; portanto, nesses casos, não há perigo.

Muitos grupos ocultistas exploram o assunto para cercá-lo de mistério e atrair os incautos, ou dar aos seus adeptos algo para fazer e, assim, ganhar elogios para si mesmos como ocultistas eruditos e bem treinados. Qualquer pessoa pode ensinar exercícios de respiração. É basicamente uma questão de inspiração e expiração rítmicas, cronometradas e espaçadas de acordo com o desejo do instrutor. Quando há persistência no esforço, os resultados são alcançados e, em geral, são indesejáveis, porque o instrutor comum enfatiza a técnica da respiração e não as ideias que – com base na energia que essa respiração gera – devem tomar forma na vida do discípulo.

Toda a Ciência da Respiração repousa no uso da Palavra Sagrada, o OM, cujo uso deveria ser limitado aos aspirantes que estão sinceramente consagrados a trilhar o Caminho, mas que foi transmitido a outros; assim é que muitos instrutores inescrupulosos, em especial certos swamis provenientes da Índia, se fazem passar por Homens Santos e exploram as tolas mulheres nos países ocidentais. A Palavra é então usada sem nenhuma intenção espiritual, simplesmente como um som que, transportado pela respiração, produz resultados psíquicos que aos olhos do crédulo passam por efeitos de profunda espiritualidade. O problema é que a respiração está inevitavelmente ligada ao OM, mas os efeitos dependem do motivo e da intenção interna. O oriental, a menos que tenha alcançado a quarta ou quinta iniciação, não tem nenhuma compreensão real do ocidental nem de sua constituição e instrumental que, como resultado de toda uma civilização e modo de vida difere consideravelmente do que compõe o oriental. No Oriente, o problema do instrutor, o Guru, é tomar pessoas polarizadas negativamente e torná-las positivas. No Ocidente, as raças, em seu conjunto, são de atitude positiva e não precisam do treinamento que, por justo motivo, é dado ao oriental. O que quero dizer exatamente com isso? Quero dizer que, no Oriente, o fator vontade (qualidade do primeiro aspecto) está ausente. O oriental, em especial o habitante da Índia, carece de vontade, do incentivo dinâmico e da capacidade de exercer aquela pressão interna sobre si mesmo que produza resultados precisos. É por isso que esta civilização específica é tão pouco adaptável à civilização moderna e é por isso que as pessoas da Índia fazem tão pouco progresso nas linhas de uma vida municipal e nacional regulamentada, e é por isso que estão tão atrasados no que diz respeito à vida civilizada moderna. Generalizando, o ocidental é positivo, tem necessidade da força diretora da alma e é capaz de produzi-la com um mínimo de ensinamento. Na raça ária, produz-se atualmente uma fusão entre o aspecto vontade, a mente e o cérebro, o que não é o caso no Oriente, onde isso só vai acontecer mais tarde.

O único fator que faz a respiração ser eficaz é o pensamento, a intenção e o propósito que estão por trás. Com esta afirmação, vocês têm a chave para exercícios de respiração dinâmicos e úteis. A menos que haja uma clara apreciação do propósito, a menos que o discípulo saiba exatamente o que ele está fazendo ao praticar a respiração esotérica e a menos que o significado das palavras "energia segue o pensamento" esteja

entendido, os exercícios de respiração são pura perda de tempo e podem ser perigosos. Podemos concluir com isso que os resultados só podem ser possíveis quando há uma aliança entre respiração e pensamento.

Por trás disto há um terceiro fator ainda mais importante – a VONTADE. Portanto, a única pessoa que pode praticar com segurança e de maneira útil os exercícios de respiração é aquela cuja vontade esteja ativa – sua vontade espiritual e, portanto, a vontade da Tríade Espiritual. Qualquer discípulo que esteja em processo de construir o antahkarana pode começar a fazer uso, com cuidado, de exercícios de respiração dirigidos. Mas, em última análise, apenas os iniciados de terceiro grau e aqueles que estão entrando sob influência da Mônada podem usar, de maneira correta e com êxito, esta forma de direção de vida e alcançar resultados efetivos. Isto é fundamentalmente exato. Porém, é preciso começar e todos os verdadeiros discípulos estão convidados para este esforço.

Se considerarmos todas as implicações contidas no parágrafo acima, fica evidente que o discípulo deve – como etapa preliminar – estabelecer uma relação direta entre seu cérebro, sua mente e o aspecto vontade da Tríade Espiritual; em outras palavras, o receptor negativo do pensamento (o cérebro), o agente da vontade (a mente), e a própria Tríade têm que ser postos em contato recíproco via o antahkarana. Quando houver esta relação ou ela estiver começando a se estabelecer, os exercícios de respiração podem ser tentados com segurança e proveito. Vocês estão vendo, irmãos, apenas a vontade direcionada, usando a respiração rítmica organizada como agente, é capaz de controlar os centros e produzir um propósito de vida ordenado. Portanto, é a ideia dominante ou a linha de atividade mental com o que o discípulo deve se ocupar ao fazer o exercício de respiração. Essa ideia deve conter um certo propósito, certa atividade planejada e certa meta reconhecida para que a respiração que a projetará ou implementará seja gerada, ideada, enviada e, assim, se torne portadora de poder. Isso deve ser feito nas asas da intenção consciente, se posso falar de maneira simbólica. Recomendaria que lessem essas frases com frequência, pois se aplicam à Ciência da Respiração e contêm a chave do trabalho necessário. Esta ciência, antes de tudo e basicamente, trata das ideias que são formuladas em formas-pensamento e que, portanto, condicionam a vida do discípulo nos níveis etéricos e, daí, condicionam sua vida no plano físico.

Não tenho a intenção de dar nenhum exercício de respiração para uso de discípulos ou aspirantes – e, provavelmente, uso indevido. A primeira responsabilidade deles é que se tornem conscientes dos impulsos internos que poderiam estimular os centros e torná-los ativos e assim produzir condições e eventos no plano físico. Quando referidos impulsos estiverem claros e estabelecidos com firmeza na consciência mental dos discípulo, nada poderá impedir que se manifestem no devido tempo, à luz do dia. Porém eles devem seguir um processo ordenado de gestação e de aparecimento no tempo.

Quando há verdadeiro idealismo, correto pensamento e compreensão do veículo de expressão e do mundo das forças no qual a ideia deve ser lançada, o estudante pode seguir com segurança certos exercícios de respiração programados e a segunda fase ou o resultado da respiração rítmica sonora aparecerá. É a Inspiração.

Os exercícios de respiração, irmãos, exercem um efeito puramente fisiológico quando não são impulsionados ou motivados pelo pensamento direcionado, nem são resultado conquistado pelo aspirante ao alcançar e manter um ponto de tensão. Enquanto realiza o processo de inalação e exalação, é necessário manter uma linha clara de pensamentos constantemente ativos, a fim de que o alento (ao ser exalado) esteja qualificado e condicionado por alguma ideia. É neste ponto onde o aspirante comum fracassa com

tanta frequência. Em geral ele está tão intensamente preocupado com o processo de dirigir a respiração e com tanta expectativa de algum resultado fenomênico que se esquece do propósito vital da respiração, cujo objetivo é energizar e agregar qualidade à vida dos centros por meio de um pensamento projetado e apresentado, que expresse alguma ideia percebida e determinada. Quando não há esta estrutura de pensamento idealista, os resultados da respiração serão praticamente nulos ou – havendo resultados de algum tipo nessas circunstâncias – não terão nada a ver com pensamento, mas serão de natureza psíquica. Poderão produzir distúrbios psíquicos duradouros, pois a fonte da qual emanam é astral e a energia projetada se dirige para os centros que se encontram abaixo do diafragma. Nutrem assim a natureza inferior, enriquecem e fortalecem seu conteúdo astral e, portanto, aumentam e aprofundam a miragem. Também os resultados podem ser fisiológicos e estimular o corpo etérico, o que leva a fortalecer a natureza física, o que muitas vezes produz sérios resultados, pois o alento é levado a centros que deveriam estar em “processo de elevação”, como se diz esotericamente. Isso aumenta a potência física, nutre os apetites físicos e torna a tarefa do aspirante muito mais árdua, à medida que procura sublimar a natureza inferior e ancorar ou enfocar a vida dos centros acima do diafragma ou na cabeça.

Miragem e maya aumentam então e, durante toda a vida em que estes exercícios são mal aplicados, o aspirante permanece em uma condição estática e improdutivo. Quando respira ou inala, extrai o alento da sua própria aura, seu círculo áurico intransponível; assim alimenta a natureza inferior e estabelece um círculo vicioso dentro de si mesmo que se reforça a cada dia até que fica completamente enredado por miragem e maya, que ele constantemente produz e reproduz. Os centros inferiores são continuamente vitalizados e se tornam muito ativos; o aspirante trabalha a partir de um ponto de tensão que se encontra na personalidade, cujo enfoque não está focalizado em relação à alma. Estar consciente da singularidade da respiração especial e na expectativa de obter resultados fenomênicos impede todo pensamento, com exceção das reações inferiores da natureza kama-manásica; a emoção é estimulada e o poder do corpo astral aumenta consideravelmente; com frequência os resultados fisiológicos são consideráveis e notórios, tais como um grande desenvolvimento do tórax e o fortalecimento dos músculos do diafragma. Algo assim pode ser visto no caso dos cantores de ópera. O canto, tal como ensinado atualmente, é uma expressão de certos aspectos inferiores da respiração, e a maneira de respirar, no caso dos cantores mencionados, produz um grande desenvolvimento do tórax, intensifica o emocionalismo, produz instabilidade na expressão da vida (que muitas vezes recebe a denominação de conduta temperamental) e mantém o canto dentro da natureza astral.

Há um método de canto melhor e mais elevado que atua em outro ponto de tensão e envolve um processo de respiração que extrai a necessária energia do alento de fontes mais elevadas e muito mais extensas do que as normalmente usadas e que produzirá a inspiração que envolverá todo o homem e não apenas a sua reação emocional ao tema da canção e do seu público. Trará um novo método e tipo de canto e de respiração, com base em uma forma de respiração mental que transportará a energia e a consequente inspiração de fontes que se encontram fora da aura da personalidade. O momento para isto ainda não chegou. Minhas palavras serão hoje pouco compreendidas, mas no próximo século cantarão aqueles que souberem como extrair dos reservatórios da inspiração por meio de um novo método e técnica de respiração. Estas técnicas e exercícios serão ensinados nas novas e futuras escolas esotéricas.

A inspiração é o processo que qualifica, vitaliza e estimula a reação da personalidade e, por meio dos centros, leva ao ponto de tensão em que o controle da alma se faz presente

e evidente. É o modo pelo qual a energia da alma pode inundar a vida da personalidade, irromper através dos centros, expulsando tudo que atrapalha, liberando o aspirante de todos os espelhismos e maya remanescentes, aperfeiçoando um instrumento com o qual a música da alma possa ser ouvida e, posteriormente, a qualidade musical da Hierarquia. Não se esqueçam de que o som permeia todas as formas; o próprio planeta tem uma nota ou som próprio; cada diminuto átomo também tem seu som; cada forma pode ser evocada musicalmente e cada ser humano tem seu acorde característico, e todos os acordes contribuem para a grande sinfonia que a Hierarquia e a Humanidade estão executando, e executando agora. Cada grupo espiritual tem sua própria melodia, se posso empregar uma palavra tão inadequada, e os grupos que estão em processo de colaborar com a Hierarquia produzem música incessantemente. Este ritmo de som e esta miríade de acordes e notas se misturam com a música da própria Hierarquia, e é uma sinfonia que se enriquece continuamente; com o correr dos séculos, todos estes sons lentamente se unirão e fusionarão entre si até que, algum dia, a sinfonia planetária que Sanat Kumara está compondo estará concluída e a nossa Terra fará então uma notável contribuição aos grandes acordes do sistema solar – o que é uma parte intrínseca e real da música das esferas. Então, como diz a Bíblia, os Filhos de Deus, os Logos planetários, cantarão juntos. Tal será, irmãos, o resultado da correta respiração, do ritmo controlado e organizado, do verdadeiro pensamento puro e das corretas relações entre todas as partes do coro.

Reflitam sobre este tema como um exercício de meditação, e assim obterão inspiração.

c. A Técnica da Indiferença

Em meus outros livros dei muita informação sobre o corpo etérico e os centros – maiores e menores – que se encontram no seu raio. Entre os estudantes, há uma tendência de pensar que os centros se identificam com o corpo físico e não tão claramente com o corpo etérico. É um erro no que diz respeito à sua localização. Os aspirantes bem fariam em evitar toda concentração no corpo físico e aprender gradualmente a transferir o foco da atenção para o corpo etérico. Necessariamente o corpo físico está ativo e potente, mas é preciso considerá-lo cada vez mais como um autômato, influenciado e dirigido por:

1. O corpo vital e as forças de maya; ou pela inspiração que emana dos pontos de tensão espiritual.
2. O veículo astral e as forças da miragem; ou pelo amor sensível, consciente que emana da alma.
3. A mente e as forças da ilusão; ou pela iluminação, proveniente de fontes superiores à vida nos três mundos.
4. A alma, como veículo da impressão monádica, até que o antahkarana esteja construído – aquela ponte em matéria mental que, oportunamente, vinculará a Mônada com a personalidade.

Um dos problemas que os discípulos precisam resolver é a fonte do incentivo, dos impulsos, das impressões ou da inspiração que – por meio do corpo etérico – levam o veículo físico a entrar em atividade no plano físico, demonstrando, assim, a qualidade, o propósito e o ponto de tensão do homem encarnado e manifestando a natureza do homem como ele é em qualquer ponto específico da escada da evolução. De acordo com

as tensões e os impulsos indicados, assim será a atividade dos centros. Podemos ver, portanto, o quanto o que ensino é contrário aos procedimentos ocultos correntes. Não ensino nenhuma maneira de despertar os centros porque o impulso correto, a reação estável aos impulsos mais elevados e o reconhecimento prático das fontes de inspiração automaticamente, e de maneira segura, levarão os centros à atividade necessária e adequada. É o método de desenvolvimento mais sólido. É mais lento, mas não causa desenvolvimentos prematuros e sim equilibrados; habilita o aspirante a se tornar realmente o Observador e a saber com certeza o que está fazendo; leva os centros, um por um, a um ponto de capacidade de resposta espiritual e então estabelece o ritmo ordenado e cíclico da natureza inferior controlada. É exato e possível que exercícios de respiração encontrem lugar, a certa altura, no treinamento do discípulo, mas eles serão autoiniciados, como resultado de um viver rítmico e do uso correto e constante da Palavra Sagrada, o OM. Quando, por exemplo, um discípulo em meditação entoia o OM sete vezes, temos o equivalente a um exercício de respiração; quando ele é capaz de enviar a energia assim gerada pelas asas do pensamento organizado a um ou outro dos centros, ele provoca mudanças e reajustes no mecanismo que maneja força, e quando isso é executado com facilidade e com a mente mantida em um ponto de "tensão plena de pensamento", o discípulo estará bem no caminho de desviar todo o centro da atenção do mundo da ilusão, da miragem e do maya para o reino da alma, para o mundo da "luz clara e fria" e para o reino de Deus.

Quando a isso ele acrescenta um entendimento e a prática da Técnica da Indiferença, ele se torna livre, liberado e passa a ser, essencialmente e a todo momento, o Observador e o Usuário do mecanismo de manifestação.

O que é esta técnica? O que é indiferença? Eu me pergunto, irmãos, se vocês compreendem o significado desta palavra "indiferença". Na realidade, significa adotar uma atitude neutra para aquilo que se considera o não-eu. Implica em negar que haja similaridade; assinala o reconhecimento de uma distinção básica; significa a recusa de se identificar com tudo que não seja a realidade espiritual, até onde é percebido e sabido em um ponto dado em tempo e espaço. É, portanto, algo muito mais forte e vital do que normalmente se entende quando essa palavra é usada. É uma rejeição dinâmica, sem nenhuma concentração no que é rejeitado. Essa afirmação é importante e merece a cuidadosa atenção de vocês. Diz respeito ao ponto de tensão do qual o discípulo ou aspirante, aquele que observa, está trabalhando. O ponto de tensão se torna a fonte de emanção de algum tipo de energia, que é vertida no corpo etérico e através dele sem ser afetada de nenhuma maneira por maya nem pela concentração de diversas forças das quais o corpo etérico é sempre composto. A indiferença, tecnicamente entendida, significa a descida direta de um ponto para outro sem nenhum desvio nem distorção. A entidade que se manifesta, o discípulo, permanece firme e estável nesse ponto de tensão e seu primeiro passo é, portanto, verificar onde ele está, em que plano se encontra e qual é a força da tensão com que pode contar. O passo seguinte é descobrir se aquilo que ele busca transmitir ao corpo físico e, assim, produzir efeitos sobre o mundo externo de experimentos e experiências, está distorcido por qualquer tipo de ilusão, detido em sua expressão pela miragem ou passível de ser desviado por forças descontroladas e pelo maya que elas produzem. Isso ele determina não se identificando, etapa por etapa de descida, com os obstáculos e possíveis obstruções, mas intensificando seu ponto de tensão, pela constante reflexão sobre a verdade de que ele é o Eu e não o não-eu e por um processo de projeção; essa projeção é definida como o envio de energia, qualificada e reconhecida, do ponto de tensão direta e inequivocamente para o corpo vital, de onde pode se dirigir para os sete centros de controle.

É nesse ponto que ele aplica a técnica da indiferença, pois, se não o fizer, aquilo que está buscando se expressar pode ser retido e detido pela força etérica ou pelos véus de maya. Consequentemente, ele trabalha a partir de um ponto de intensa concentração; ele recusa qualquer “apego” a qualquer forma ou plano enquanto projeta a energia nos três mundos e através deles. Quando descobre qualquer impedimento ou desvio do progresso por meio da ilusão ativa ou da miragem, ele se “desapega” conscientemente desses contatos e se prepara para a etapa final de indiferença ou rejeição de todas as forças, exceto aquelas que ele – conscientemente e com propósito – está procurando usar no plano físico.

Em última análise, irmãos, o ponto de tensão para o discípulo comum estará nos níveis mentais, envolvendo a mente iluminada e um crescente contato com a alma:

- a. Ele então será capaz de "ver" com clareza à luz da alma e com um senso de valores desenvolvido; assim poderá dispersar a ilusão.
- b. Ele será capaz de projetar luz, conscientemente, no plano astral e poderá assim dissipar miragem.
- c. Ele será capaz de verter energia da luz pelo corpo etérico e ancorar referida luz ou energia nos centros apropriados, pois haverá completa indiferença pelo maya, nenhuma identificação com ele.

No que diz respeito ao iniciado, o processo é implementado, primeiro, de um ponto de tensão na alma e, posteriormente, de um ponto de tensão na Tríade Espiritual. Em todos os casos, porém, uma vez estando no círculo-não-se-passa dos três mundos, a energia direcionadora produz os resultados indicados neste livro e fomenta:

1. A dispersão da ilusão.
2. A dissipação da miragem.
3. A superação do maya.

Parece bastante simples e fácil de realizar quando o aspirante lê esses esclarecimentos bastante simples de um processo difícil, mas isso em si é uma ilusão. Uma identificação de eras com o aspecto forma da vida não se supera facilmente e o discípulo tem por diante uma longa e árdua tarefa, mas que promete êxito afinal, desde que haja um claro pensar, um sério propósito e um trabalho científico planejado.

CAPÍTULO 4

A TÉCNICA DA FUSÃO

Neste nosso último ponto, tratamos do controle – constante, incessante – da alma sobre a personalidade. Estamos tratando da etapa da iniciação que coloca um fim no caminho de evolução para a humanidade e instaura um ciclo de existência do qual não sabemos nada e não podemos saber nada, a não ser que o Mestre liberado começa então a atuar de maneira dual: como membro da Hierarquia, cooperando com o Plano e se ocupando da salvação da humanidade e, em segundo lugar, como discípulo de Sanat Kumara, cuja tarefa é, no que diz respeito aos Mestres, prepará-los para trilharem o Caminho da

Evolução Superior. Quando isto se torna possível, a "atenção" espiritual (uso esse termo inadequado por falta de um melhor) se desloca da alma e do Anjo da Presença para a misteriosa Presença em si; Presença que até agora só foi vagamente percebida. O Mestre – liberado dos três e cinco mundos da evolução humana e da chamada evolução super-humana – tem agora os dons plenos da onipresença e onisciência. Tem consciência da unidade subjacente, promovida pela natureza efetiva da Vida Una e do Ser que permeia toda manifestação; também dominou todas as técnicas, modos e métodos possíveis de atividade, de controle e de fusão. Mas, tendo desenvolvido essas capacidades, ele agora se torna vagamente consciente do que condiciona o Ser Uno e percebe energias e contatos que são extraplanetários e dos quais até então era totalmente inconsciente. Esse conhecimento lhe chega depois da quinta iniciação.

Diante Dele está a conquista de uma gama ainda maior de percepções e, para obter a recompensa desses possíveis contatos, Ele precisa dominar técnicas e métodos de desenvolvimento que O tornarão onipotente e, portanto, expressarão o mais elevado dos três aspectos divinos. Esse desenvolvimento colocará ao Seu alcance potências e experiências que só podem ser manipuladas e compreendidas por meio da atividade científica da VONTADE, e isso deve ser implementado a partir de um ponto de tensão, concentrado no que quer que seja significado pela palavra "Mônada". Sabem o que isso significa, irmãos? Tenho certeza que não. Apenas os Mestres de Sabedoria têm algum conhecimento desses desenvolvimentos finais e somente no sentido da aspiração dinamizada pela vontade, uma fase da aspiração que se caracteriza pela vontade consciente, tal como a aspiração do discípulo se caracteriza pelo desejo sublimado. Essas coisas, porém, estão além da compreensão do discípulo comum; único valor é retratar a oportunidade sem fim que se apresenta em cada etapa e ponto de crise no Caminho eterno.

O que nos ocupa atualmente é o importante ponto de crise com que o discípulo se depara quando procura recombina os pares de opostos finais, antes de determinadas iniciações maiores; quando a personalidade é confrontada pelo Anjo da PRESENÇA. Não é necessário que eu defina os dois aspectos da natureza do discípulo, pois é o que são essencialmente. Já lhes foi dito, e vocês sabem, que o Morador do Umbral é a personalidade integralmente desenvolvida – o somatório de todo o passado, o conjunto, no plano físico, de todos os problemas não resolvidos, de todos os desejos não confessos, de todas as características e qualidades latentes, de todos os aspectos do pensamento e da vontade do eu inferior, de todas as potencialidades inferiores e antigos hábitos de quaisquer dos três corpos (para o bem ou para o mal). Tudo isso, na totalidade, aflora à superfície da consciência, onde terá de ser tratado de maneira a romper seu controle. O discípulo fica então livre para tomar as iniciações finais. O processo não termina com uma única confrontação entre as duas forças antagonistas. É um processo tríplice, que cobre cada um dos três períodos anteriores às três primeiras iniciações ou (do ângulo da Hierarquia) antes das duas iniciações do umbral e a primeira iniciação maior, a Transfiguração.

Ao longo de muitas vidas, o discípulo fica no umbral. Ele próprio é o Morador. Por trás da porta que se abre lentamente, ele percebe vida, energia, manifestação espiritual e a realidade do Anjo. Entre ele e essa porta está o solo ardente; ele o enfrenta, e sabe que tem de cruzá-lo para poder passar pela porta. A questão para ele é saber se a sua vontade é forte o suficiente para que ele submeta o eu pessoal inferior aos fogos da purificação final. O eu pessoal agora está altamente desenvolvido; é um instrumento útil que a alma pode usar; é um agente muito bem treinado para o serviço; é um instrumento adequado e útil. Porém, tem seus pontos fracos que a qualquer momento podem suscitar

crises; da mesma maneira, tem seus pontos fortes que podem ser transmutados com relativa facilidade em pontos de tensão; no geral, é um instrumento confiável e que pode prestar um bom serviço. Esse eu pessoal poderia e deveria ser sacrificado para que (falando em termos esotéricos) a sua vida se perca e em seu lugar subsistam consagração e devoção? Problema difícil que todos os discípulos têm de resolver, compreender e levar à prática efetiva. Somente cruzando o solo ardente três vezes seguidas todos os impedimentos para o livre exercício da vontade são destruídos. A relação entre o Anjo e o Morador tem que chegar à plena expressão por meio da vontade. Refiro-me à vontade espiritual e aos seus três aspectos que devem ser acionados para que a vontade divina possa controlar. O discípulo une os dois aspectos de sua natureza em plena consciência e com clara intenção por meio de um planejado ato de vontade, e este ato produz um ponto de tensão no “centro do solo ardente onde os dois podem se encontrar”, tal como expressam os antigos Arquivos.

Gostaria de chamar a atenção de vocês para o fato de que a grande submissão do inferior para o superior ocorre em um “ponto do meio”. Isso não acontece quando o discípulo paira indeciso na periferia do solo ardente ou quando se encontra ante a porta, tendo deixado a experiência do solo ardente para trás. O ponto de crise essencial, que produz o necessário ponto de tensão, é resultado da “decisão invocadora” da personalidade que, com o tempo, produz uma “resposta evocadora” do Anjo. Os dois fatores envolvidos (e não se esqueçam, irmãos, que tudo isto acontece no campo da consciência do discípulo) andam juntos e um na direção do outro. Eles se encontram no centro do solo ardente, e a luz menor da personalidade (uma verdadeira luz em seu próprio direito) é absorvida na luz maior do Anjo ou alma. O Anjo, portanto, “apaga ocultamente” o Morador que é perdido de vista na radiante aura do Anjo. Isso foi retratado simbolicamente para nós no livro ilustrado dos céus quando, segundo as Festas católicas, ocorre a Assunção da Virgem e a constelação de Virgem se perde de vista na irradiação do sol. Temos nisso os três elementos:

1. A Virgem	forma material	personalidade	Morador.
2. O Sol	natureza espiritual	alma	Anjo.
3. A Terra	homem que aspira	o discípulo	

A personalidade permanece; ela ainda existe, mas não é mais vista como antigamente. A luz do Anjo a envolve; o solo ardente fez seu trabalho e a personalidade agora é nada mais nem menos que o envoltório ou forma purificada por meio da qual a luz, a radiância, a qualidade e as características do Anjo podem brilhar. É uma fusão de luzes, com a mais forte e poderosa extinguindo a menor.

Como isso se dá? Não me refiro à preparação do Morador do Umbral para este grande evento nem para os éons de disciplina, de preparação, de experimentação e experiências que, de vida para vida, propiciaram e asseguraram o sucesso desse evento. Os dois aspectos no homem só podem se encontrar com pleno poder, com intenção e finalidade quando a ilusão não puder mais controlar a mente, quando a miragem tiver perdido todo poder de encobrir e quando as forças de maya não puderem mais impedir. A discriminação, o desapego e a indiferença produziram a dissipação por meio da luz focalizada, da potência dissipadora da luz distribuída e do poder direcionador da energia da luz. Somente cinco reconhecimentos controlam agora o discípulo:

1. O fato da sua condição de discípulo.
2. A percepção do Anjo, dinâmico e que espera.
3. O apelo invocador do Morador do Umbral.

4. A necessidade de usar a vontade de maneira nova e diferente.
5. A necessidade de cruzar o solo ardente.

Lembraria a vocês que em todos esses processos, é o discípulo que, em plena consciência, atua. Ele mesmo inicia todos os processos. Não é o Anjo nem o Morador, mas o próprio homem espiritual que tem de empregar a vontade e empreender uma ação definida nesse sentido. Uma vez que o discípulo tenha dado os passos necessários e esteja avançando irrevogavelmente para a frente, a resposta do Anjo é certa, automática e a tudo envolverá. A total obliteração do eu pessoal nas três etapas sucessivas é o resultado imediato e normal. Foi a isso que João Batista se referiu quando disse "Convém que Ele cresça e eu diminua". Quando disse essas palavras, falou como discípulo, antes da segunda iniciação no umbral. Esse crescimento e diminuição ocultos são retratados para nós nas fases da lua e, do planeta como um todo, no signo de Gêmeos, onde a luz de um dos gêmeos está diminuindo lentamente e a luz do outro está aumentando em intensidade.

Quando esta "obliteração oculta" tiver acontecido, qual é então o destino do discípulo? Completo controle pela alma o que, na prática, conota realização grupal, trabalho grupal, serviço grupal e, oportunamente, iniciação grupal. Não tenho intenção de me estender sobre esses desenvolvimentos, pois já tratei muito dessas questões em meus outros livros. Aqui tratei deste curto esclarecimento dos efeitos que as substâncias e as forças substanciais que se encontram nos três mundos produzem no discípulo e como afetam o aspirante. Não considere o problema de miragem, ilusão e maya do ângulo do homem comum, que necessariamente está imerso neles, passando toda a vida sob seu constante impacto. É por eles que aprende. Ele ainda não chegou ao ponto em que procura se liberar deles como faz o homem no Caminho. Portanto, tratei do problema do ângulo dos discípulos e aspirantes.

Diante deles o CAMINHO se abre e para eles vem o reconhecimento consciente da luz. A necessidade do serviço de homens e mulheres liberados da ilusão e da miragem jamais esteve tão dramaticamente presente como hoje e é para esses servidores em potencial, que são desesperadamente necessários, que escrevo.

Que o Anjo da PRESENÇA faça sentir a Sua proximidade e os inspire a atravessar com coragem os fogos do solo ardente é a minha fervorosa oração. Que a realidade da PRESENÇA seja captada por vocês e os dirija a maior atividade – o solo ardente tendo sido transposto – são meus profundos votos para vocês. E que a luz brilhe no seu caminho, trazendo a consumação certa e segura de todo o trabalho e lutas que caracterizaram o seu modo de vida é o desejo do meu coração para vocês. Convoco-os a um labor mais ativo e sustentado.

O TIBETANO.

ASPECTOS DA MIRAGEM

Nome	Plano	Oposto	Objetivo	Campo de Batalha	Técnica
Ilusão	Mental	Intuição Percepção espiritual	Dispersão	Caminho de Iniciação Mundo das Ideias	Contemplação pela Alma
Miragem	Astral	Iluminação Lucidez Visão	Dissipação	Caminho do Discipulado	Meditação Manter a mente firme na luz
Maya	Etérico	Inspiração	Desvitalização	Caminho de Provação Purificação	Ocultismo Manipulação da força
Morador do Umbral	Físico Consciência cerebral	Anjo da Presença	Discriminação	Personalidade integrada	Unificação Fim da dualidade

Tabela das páginas 59-60

Raça	Dualidade	Problema	Método	Objetivo
Lemuriana	Força física contra energia vital	Maya	Controle do astral	1ª iniciação
			Hatha Yoga: Aspirantes	<i>Inspiração</i>
			Laya Yoga: Discípulos	
Atlante	Pares de Opostos	Miragem	Controle do mental	2ª iniciação
	Qualidade		Bhakti Yoga: Aspirantes	Iluminação
	Sensibilidade		Raja Yoga: Discípulos	
Ariana	Morador do Umbral	Ilusão	Controle da alma	3ª iniciação
	Anjo da Presença		Raja Yoga: Aspirantes	Intuição
			Agni Yoga: Discípulos	